Manoel da Silva Mattos
S. João, 116
PORTO

RB 197494

Presented to the

LIBRARY *of the*

UNIVERSITY OF TORONTO

by

Professor

Ralph G. Stanton

24750

Cale

OU

A FUNDAÇÃO DA CIDADE DO PORTO

POEMA

DE

João Peixoto de Miranda.

Eu desta gloria só fico contente,
Que a minha terra amei, e a minha gente.

FERREIR.

-PORTO-
TYPOGRAPHIA DE D. ANTONIO MÓLDES.
LARGO DA BATALHA N.º 41.
1850.

A TRINDADE DA CIDADE DO PORTO

POESIA

DE

Maria Amalia de Vasconcellos.

Ao bom Jesus pertence
Que o mundo veio dar, e a vida grata.

Tasso.

TYPOGRAPHIA DE D. ANTONIO MOLLER.
Rua do Almada n.° 11.
1838.

PRELIMINAR.

Expor á luz publica qualquer producção litteraria, o mesmo he expô-la á censura de todos, sabios, e ignorantes. Esta verdade, de que plenamente me acho convencido, não foi poderosa para me acobardár, desanimando-me; e he por isso, que eu talvez mais temerario, que prudente, me arrojo a franquear á luz do mundo huma producção, que se não poderá bem caracterizar, porque nem eu mesmo me atrevo a pratica-lo. Sim por ventura poderei caracteriza-la de poema épico? Ou de poema heroico? Ou finalmente de poema? Mas com que fundamentos? Não me podem sahir ao encontro, arguindo nesta producção a bem palpavel, e absoluta, falta d'aquellas perfeições, e bellezas, que só podem, e devem constituir, não digo já, huma epopéa, mas ainda mesmo hum simplissimo poema? Podem, e com justiça, por isso mesmo que em se correndo as numerosas linhas desta ajoujada producção, talvez que nem por acaso se depare com huma só dessas bellezas, que só podem caracterizar huma elevada, e verdadeira poesia.

Ora, se eu reconheço esta imperfeicção, qual razão no conceito dos Censores me poderia mo-

ver para eu lançar assim a base do meu proprio descredito, sem gloria minha, nem proveito da minha patria, criadora de genios privilegiados, a quem huma cobardia mal-fundada faz ter ferrolhadas talvez no silencio producções bem mais dignas de verem a luz publica, do que esta, que tão imprudentemente lhe patenteio? Nem eu mesmo a sei, a não ser a desse trivial axioma, de que a ignorancia foi sempre muito atrevida.

Todavia sejão quaes forem as arguições, e censuras, eu serei mais curto em responder d'antemão aos Censores, dando-lhes desde já a resposta nas ultimas palavras, com que o grande Affonso d'Albuquerque terminou a Carta, que antes de morrer escreveo ao Snr. Rei D. Manoel, dizendo = quanto ás cousas da India ellas fallarão por si, e por mim = Sim o mesmo digo eu quanto a esta minha producção: ella fallará por si, e por mim; e he quanto basta, pois como sensatamente diz o Satirico Francez.

Un Auteur à genoux dans un humble preface
Au Lecteur, qu'il ennuie, a beau demander grace,
Il ne gagnera rien sur ce Juge irrité,
Qui lui fait son procés de pleine autorité.

Boileau. Sat. 9.

Se o receio das censuras, e detracções bem, ou mal fundadas, fosse bastante a acobardar os Escriptores, certo, não gozaria hoje o mundo huma unica producção litteraria. Os milhares dellas, que

a imprensa tem vulgarizado só devem a sua existencia publica ao nobre, e louvavel arrojo, com que os seus Autores sobremontarão aquelle receio acanhador, na certeza, de que nenhum escripto, por mais bem trabalhado que seja, passará em salvo sem dentada de sabios, ou d'ignorantes; e senão notemos estes poucos exemplos. Apenas apareceo o pai, e principe da poesia, logo aparecerão os Zoilos mordazes, e os Aristarcos severos. Aparecem os dois elevados Cisnes de Mantua, e Venusa, e já a sorte lhes tem aparelhados os Bavios, e os Mevios. A armoniosa poesia da Jerusalem do grande Taço he qualificada pelo Satirico Francez em a sua 9.ª satir. de =clinquant= qualificação, que este Satirico apanhou de hum Escriptor Italiano (1) Milton, esse sublime Milton na censura de Lauder (2) plagiou huma grande parte dos seus versos d'hum Mazenio poeta latino, pouco notorio, e na do Satirico Francez não vemos no seu poema outro objecto,

Que le Diable toujours hurlant contre les cieux.

---

(1) O Cavalheiro Salviati, que diz no Infarina second. pag. 585 = *che la Gierusalemme liberata pareagli a punto un'orpello allato all' oro dell' Avarchide* = [Poema de Luiz Alamani].

(2) Esta censura vem na Colleç. que em 1750 fez Lauder das imitações dos Poetas modernos. Ao nosso immortal Camões não faltarão tambem censuras de nacionaes, e estrangeiros. Entre estes encontramos a Voltaire : entre aquelles a Ignacio Garcez Ferreira, e o bem conhecido José Agostinho de Macedo. O mesmo Gamacho o censura quando na sua viagem ao Parnaso disse de Luiz de Camoes

Poeta até ao embigo, os baixos prosa.

Assim não he por eu me considerar hum desses escriptores abalizados, que me arrojo na publicidade desta producção: hum só motivo me força, qual o de despertar esses estros largamente favorecidos das Musas, convidando-os a elevarem a esse meu berço, a essa eterna, e heroica Cidade hum monumento, mais digno da sua gloria, do que este, que o meu acanhado engenho lhe tributa; pois della se pode dizer sem hyperbole com o nosso Principe da poesia

Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro louvor mais alto se levanta.

Não tem os Criticos que desperdiçar o seu tempo, e erudição na censura deste poema, ou o quer que for, nem me cegão, e deslumbrão, tanto os devaneios do amor proprio, que deixe de me constituir o seu primeiro censor. Assim, se alguns Censores notarem nesta minha producção, que pareço desviar-me algumas vezes d'acção principal; que a fabula não conserva com a mesma acção aquelle vinculo estreito, sempre indispensavel em taes poemas, segundo as regras, e perceitos, do rigorismo épico; que atropelo em muitas partes as regras da epopêa, e em muitos versos as da versificação; que os episodios nem sempre derivão d'acção; e finalmente que nem a frase he sempre chêa, ellevada, e culta, [o que tudo junto seria o *non plus ultra* da perfeição poetica, encontrando-se em algum poema épico todas as referidas

qualidades exacta, e restrictamente desempenhadas] notaráõ o mesmo que eu noto; razão por que não me atrevo a caracterizar de epopêa esta producção. Fiz o que pude, e quem faz o que pode, ou dá o que tem, não he a mais obrigado.

Por tanto se do grande Homero disse o Lirico Latino, que elle dormitara algumas vezes; se do inimitavel Virgilio se sabe, que elle mesmo condemnara ao fogo os seis ultimos cantos da sua Encida; e se do nosso immortal Camões asseverou o seu mais decidido Apologista Manoel de Farja e Souza no Coment. ao 3. vers. da oit. 93. do cant. 8. das Lusiad. que as 6 oit. desde a 79, e as 7 desde a 90. deste cant. tinhão cahido da alteza do estillo deste grande Vate (4) que poderei eu esperar, que em respeito a tão altos, e sublimes genios nem mesmo posso dizer, como o elevado Estacio em respeito a Virgilio, fallando com a sua Musa,

Nec tu divinam Eneida tenta
Et sequere longe, et sempre vestigia adora?

Thebaid. Cant. 12.

Que poderei sim esperar, deparando com Censores ainda menos severos, do que forão Subligny,

(4) Assim diz o cit. Comentador = Yo no niego que las siete est. desde la 79. y estas seis desde la 90 son cahidas de la alteza de estilo de L. de C. = Depois de produzir algumas razões, que de alguma sorte podessem desculpar estas faltas, conclue = pero confieso, que lo pudiera haber tratado con mas alteza, y prisa. =

que só na Andromaca, huma das tragedias do grande João Racine, notou 400 erros de linguagem, e Geoffroi, que todas as tragedias de Voltaire achou pessimas, e detestaveis?

Assas reconheço pois as imperfeicções, desseminadas nesta minha producção, filhas dos meus curtos, e minguados talentos: o que he bastante fundamento para me não arrojar a dizer com huma emphatica filaucia

Pare a escutar seu éco a Selva Aonia,
Surja do antigo tumulo ignorado
Esse que a Lira tacteou Meonia,
D'estro Febeo nas azas levantado:
O que he de Mantua o tymbre, honra d'Ausonia
Pare a escutar-me o canto sublimado;
Veja o Tejo huma vez, qual o Tamiza
Cysne que espaços não trilhados piza.

Orient. Cant. 1. oit. 10.

A tanto não me atreveria, pois estou certo, de que nem a Selva Aonia, nem os manes d'Homero, e de Virgilio, surgião outra vez á luz do dia, para escutarem parados os meus cantos; e só por mui satisfeito me darei, se entre dez mil versos, ou mais, feitos ás martelladas de tempos a tempos em intervallos, roubados desde o anno de 1826 ás minhas indispensaveis occupações domesticas, e publicas, se encontrarem dois, ou tres, que o sejão, e mereção o nome de versos, não por terem só o numero, e a medida, mas sim por estarem

revestidos da elevação, e belleza poetica; sendo certo, não se fundar o merecimento dos mesmos grandes Vates em tudo quanto elles produzirão nos seus poemas, mas n'aquillo só, que as Musas sellarão com o cunho de huma bella, e imaginosa poesia.

Não foi por causa do heróe do Poema da Jerusalem libertada, mais semelhante a hum Padre, do que a hum heróe (5), não mostrando em todo o poema outros feitos assignalados, senão os da cantar as ladainhas em huma procissão para obter chuva, de ser ferido por huma mulher, e de dar a final a morte com bastante custo a hum só inimigo, que o grande Torquato Taço se acha na lista dos mais famosos Poetas; mas sim pela elevação, e belleza da sua armoniosa poesia, com que abrilhantou os bellissimos quadros, que o seu estro debuxou, e animou com as côres mais vivas, e salientes, e com que debuxarão, e animarão, os seus esses estros privilegiados, que as Musas mais favorecerão.

Finalmente, não tendo eu até hoje confiado á imprensa obra alguma minha, posto desde a idade de vinte annos principiasse a gravunhar letras em folhas de papel, acobardando-me sempre a razão, de que a imprensa só deve occupar-se em obras, dignas, e merecedoras, de verem a luz publica, he certo, que em menoscabo d'aquella po-

(5) Assim o qualifica o Padre Mambrum no seu Discurso sobre a poesia épica; Discurso alias judicioso, e erudito.

derosa razão me arrojo a publicar esta minha producção; pois se com o nome de versos virão a luz publica muitos de qualidade destes, sem fallar de outros muitos mais antigos,

Coração seu partia-se em fatias,
Vendo-se exposto a tantas tropelias.

Esta a cabeça tendo mui canhosa,
Em tuberculos face, e todo o corpo,
Lançava uma materia asquerosa
Cheirando, qual á mezes corpo morto &c.

porque se não poderão os meus tambem assim denominar, e correr mundo? Não valerão elles tanto como aquelles? Não valerão, não; e tal será o seu infortunio, que nem ainda igualados áquelles, mereção attenção alguma.

Fiz o que pude, torno a repetir; e no meio de tudo fica-me a consolação de que não escrevi no estylo de Lycophron, desenterrando por singularidade systematica vocabulos sepultados com o seculo 15.º só para affectar humia linguagem velha, e sediça, que o desuso aniquilou, e uso não autoriza: affectação, sensatamente censurada pelo nosso insigne Garção, e pelo benemerito Dezembargador Antonio Ribeiro dos Santos, ou Elpino Duriense (6). Assim, renunciando a linguagem

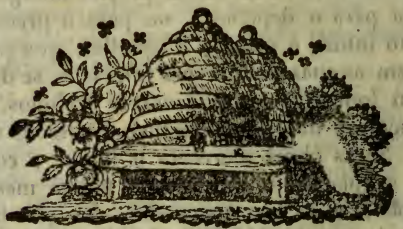
(6) Veja-se nas Obras poeticas de Garção, e de Elpino Duriense, a epistola d'aquelle ao Conde de S. Lourenço, e a deste a Alexis.

poetica, e patria do tempo de Gonçalo Hermiges, e d'Affonso Giraldes, só bôa, intelligivel, e corrente para o seu tempo, escrivi de modo que todos me podessem entender, sem ser preciso recorrer aò Diccionario de Bluteau, ou ao Elucidario de Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo. Sim só quem não souber ler, he que me não entenderá; e os que souberem ler, sem commentos me entenderáõ: que em quanto ao recondito, ou alegorico, pouco lhes custará entender-me; e, se assim mesmo me não entenderem, pouco, ou nada, perderáõ na falta dessa intelligencia.

He por tanto mais que bastante o que deixo ponderado em respeito a este poema (se assim se pode denominar) sem me ser preciso alongar mais, ou seja para o deprimir, ou para o preconisar; trabalho inutil, e ocioso, d'aquelles, que para inculcarem as suas producções litterárias se desmandão em longos, e interminaveis prologos, carregados sempre de frivolas, e bem-escusadas desculpas. Se as obras merecem o louvor, consideração, e aplauso publico, ellas por si mesmas o grangeão: se o não merecem, em vão laborão os seus Autores. Ahi vai pois esta obra tal, qual sahio mal-polida, e limada, da minha forja; e, ainda que seja indigna de aparecer ao lado das sublimes producções do insigne Autor das Cartas d'Eco a Narciso, das do sabio, e erudito Snr. Garret, e das de outros mais, que servem de brilhantismo, ornamento, e decoro ao Parnaso, e litteratura portugueza do seculo 19.°, assim mesmo po-

derá emparelhar com outras taes e quejandas, que a imprensa fez sahir á luz: do que eu em verdade me devia abster, lembrando-me, de que o Poeta Catulo diz, que os máos poetas empecem ao brilhantismo do seu seculo = *sæcli incommoda pessimi Poetæ.* = Assim terminarei com os seguintes versos do Poeta Inglez Owen.

Qui legis ista, tuam reprehendo si mea laudas
Omnia stultitiam; si nihil, invidiam.



ADVERTENCIA.

Dando eu principio a este poema pelo meado do anno de 1826, e reinando então o Augusto Heróe dos nossos tempos, o Snr. D. PEDRO IV, o comecei então com a dedicatoria, que nelle aparece; a qual não mudei, não obstante já não existir hoje, senão na perene lembrança dos corações verdadeiramente portuguezes, esse mesmo Agusto Monarca. Sim, ainda mesmo no tumulo he credor, de que Musas mais elevadas, do que a minha, lhe paguem o glorioso tributo, que elle conquistou com as famosas acções, que o mundo admirou, e sempre admirará; e se não pude fechar o poema com me dirigir de novamente ao mesmo Augusto Snr., reconheci, que substituindo-o tão dignamente, Sua Augusta Filha, a Senhora D. MARIA II, nossa Soberana, era do meu dever completar para com esta Augusta Senhora o vacuo, que a nunca assas chorada morte de seu Augusto Pai deixaria no meu poema; e assim o pratiquei. Faço esta advertencia a fim de poderem conciliar a dedicatoria do poema com a perorasão final delle.

Este poema, se acaso o he, (pois acreditando nós o P.e Bossu, (1) se a Lusiada, a Jerusalem Libertada, e o Paraizo Perdido, não podem ser considerados verdadeiros poemas épicos, muito menos o deverá ser este meu) estava concluido no anno de 1838, como testemunhou ao publico o meu particular amigo o Snr. *Antonio Leite Cardozo Pereira de Mello* em huma nota a hum soneto seu, filho mais de sua amizade, do que do meu merecimento, que elle me dirigio, colocando-o nas suas Obras Poeticas (2), primicias de huma joven Musa, que não deixará de dar mais elevados vôos, continuando a desferi-los. Advirto isto igualmente para os fins, que desta advertencia poderão pretender-se.

(1) Tract. do Poema Epico.

(2) Impressas na Cidade do Porto na Typographia Commercial no anno de 1838.

CALE

OU

A FUNDAÇÃO DA CIDADE DO PORTO.

Canto 1.º

1.

Aquelle, Musa, sou, q'entre as frondosas
Margens do Douro meu, tenho cantado
As Dórides gentis, q'as amorosas
Flamas no peito meu tem avivado.
E, já que vou calar vozes queixosas
D'amor, sempre molesto, ou malogrado,
Enxugarei de todo amante pranto
Só para á Patria dar mais alto canto.

2.

Ó Dêa, se com fausto, e ledo agouro
Na juvenil idade m'inspiraste,
Ensina-me a ferir com plectro d'ouro
A lyra, que tégora me vedaste:
Abre-me hoje de todo o teu thezouro,
Com que possa cantar, pois me animaste,
O Grego, que vencendo o mar, e ventos,
Lançou da nobre Cale os fundamentos.

3.

Essas pompas soberbas, que levanta
Dos mórtaes a vaidade outrora altiva,
Com desprezo hoje calca humana planta;
Do Tempo as derrocou mão destructiva.
Só a Fama, que feitos abrilhanta,
Perene existe sempre, e sempre viva,
Quando o Vate, cingindo-os d'alta gloria,
No templo os gravá da immortal Memoria.

4.

Ah vêde a Assiria, Persia, e Macedonia,
Em q'abismo cahirão tão profundo!
Procurai, mas em vão, a forte Ausonia
Ante a qual se curvou captivo o mundo.
Debalde indagareis de Babilonia
Os bronzes, os jardins, ou o jucundo,
Soberbo Mausoleo, que d'Artimisa
O casto, ardente, amor immortalisa.

5.

Buscai a forte Esparta, a grão Cartago,
De Thebas as cem portas populosas,
Que só encontrareis o fero estrago
Das injurias dos Evos rigorosas.
Mas o Tempo, q'affunde em fundo lago
As obras dos humanos mais famosas,
Sempre tem respeitado, e não carcome,
D'Homero, e de Virgilio o verso, e nome.

6.

És forte, és milagrosa, ó luz phebêa,
Quando a mente dos Vates illuminas!
O teu fulgor, se os estros senhorêa,
Salva as obras mortaes d'entre as ruinas.
Inflama pois, e guia, minha idêa,
Já que tão alta empreza me destinas;
Porque va esta acção, q'hirei cantando
Da lei do esquecimento libertando.

7.

A Vós, que sois do Tronco Bragantino
Ramo viçoso, augusto, e florecente,
Grande em acções, em dotes genuino,
Tão activo em reger, quão previdente;
A Vós, a quem d'assombro a fronte inclino,
Vendo enlaçais tão joven, quão prudente,
A virtude, a sciencia, a heroicidade,
Na grandeza do Throno, e Magestade.

8.

A Vós, què la nas plagas desse mundo,
Longo tempo encoberto á idêa humana,
Penhoraes o respeito mais profundo
Entre a mais alta fama, e soberana,
Ante quem se acobarda o furibundo
Marte Hispano, q' á gente lusitana
Junto a Monte-Video cede a victoria,
Sendo só vossa de tal feito a gloria.

9.

A Vós, que desse vasto, e novo Imperio
As rédeas governaes com sabio mando,
E que dos Ceos por divinal misterio
Em dois Sólios estaes hoje imperando,
A Vós, por quem de lá desse hemispherio
Ao nosso veio rápida voando
A justa liberdade, que segura
Sabia Constituição, que nos ventura.

10.

A Vós, que justo com igual balança
Aos bons o prêmio dais, aos máos a pena;
Cuja dextra sublime se não cança
De sobre todos se estender serena;
Que já co' a pluma, ou co' a mavórcia lança
Todo o universo á admiração condena,
Pois julga ver em Vós com pasmo grande
Outro novo Solon, outro Alexand'e.

11.

A Vós enfim, de quem o Nomê ovante
Ao Ganges voará do Tejo, e Douro,
E com brado immortal, alti-sonante,
Hade escutar o ultimo vindouro,
A mais alto Cantor, que de Vós cante,
Servindo já de venturoso agouro,
Com animo leal, d'affectos rico,
Este meu canto, Grão Senhor, dedico.

12.

Nao hē, por serdes Vós dos Reis da terra,
A quem não faltão nunca aduladores,
Que a minha Musa, q' o louvor não erra,
Puro encenso vos dá, tece louvores.
Se inacessivel sois, se moveis guerra
Aos vis Cameleões de varias cores,
Imprudente seria em adular-vos,
Pois com a adulação fôra insultar-vos.

13.

Eu vos devo louvar, porq' a grandeza
Das virtudes Reaes, q' em Vós contemplo,
Dest' orbe cinge a vasta redondeza,
Dellas todos os Reis tomando exemplo.
Eu vos devo louvar, e só me peza
Não vos poder seguir da gloria ao templo,
Onde, o vosso louvor melhor cantando,
Só comvosco me fosse eternisando.

14.

Se o Grego, de quem vou em grave metro
A empreza celebrar maravilhosa,
O Grego, q' empunhou d'Etólia o sceptro,
E veio cá fundar Cale famosa,
He digno d'ocupar o luso plectro,
Bem mais digno sois Vós, q' a generosa
Mão vossa he mais capaz de sublimalla,
Do q' a mão, que só soube edificalla.

15.

Se vivem nos annaes d'atrocidade
Caligula, e Neron, duro, e ferino,
Nas bençãos viveráõ da humanidade
Tito, Trajano, Aurelio, e Antonino.
Tal será vosso Nome em toda a idade,
Nome d'eterno bronze, e jaspe, dino,
Q' hade a Fama cançar-se em repetillo
Do Araxe ao Tibre, e desde o Tejo ao Nilo.

16.

Obra de vossas mãos, nossa ventura,
Abundosa de bens incalculaveis,
Que vossa Augusta Filha nos segura
Com os dotes, q' o Ceo lhe deo amaveis,
Já me ostenta á prevista conjectura
Da idade d'ouro os quadros deleitaveis,
Quando imperarão ca Saturno, e Rhèa,
Neste globo, q' a luz do Sol rodèa.

17.

Vermos em Maria Soberana
Hum dia, ao Throno avito recostada,
Fulgir essa virtude mais q' humana,
Que lhe embelleza a alma sublimada.
Será ditosa a gente lusitana,
Que tem de sempre ver maravilhada
A gloria reflectir com luz mais bella
De vossa Filha a Vós, de Vós a ella.

18.

Perdoai a tão baixa, esteril, Musa
Este seu temerario atrevimento,
Pois diante de Vós toda confusa
Já reconhece o seu abatimento:
Em cinco lustros só tem forte escusa;
Porem, se o Ceo lhe dilatar o alento,
Talvez que celebrar hum dia possa
Com epica trombeta a gloria vossa.

19.

Lançara o braço argivo alfim em terra
Os muros de Bardânia, e já, vaidoso
Da victoria, findara a brava guerra
Do prolongado cerco portentoso:
Descançavão no túmulo, que os encerra,
Achiles esforçado, e Heitor famoso,
Quando os Reis, q' este feito assignalarão,
Deixar os frigios campos concertarão.

20.

Retirão-se, e no mar naufrago, e feio,
Do Promontorio Caphareo temido
Mil baixeis precipita ao fundo seio
A vingança de Náuplio ressentido.
Tendo só fragil táboa por esteio
Da vida, o Grego, em trogos dividido,
Dos poucos lenhos, q' escapado havião,
Os remos a compasso o mar varrião.

21.

Diomedes, Rei d'Etólia, ao vento dando
Dos seus baixeis as vellas, q' infunava
Hum prospero galerno, fresco, e brando,
Pelas ondas do Egeo já navegava.
Vai os charos penates demandando:
Este desejo só o dominava,
Quando la na celeste Empirea Côrte
Se move huma contenda irada, e forte.

22.

Do excelso Olimpo a estancia magestosa
He diáfana toda, e cristalina,
De materia tão pura, e luminosa,
Q' excede em luz a luz diamantina.
Fragancia a mais suave, e deleitosa,
Difunde, exparze, ali aura divina:
A porta he de safira, e os ellevados
Tectos se formão d'orbes estrellados.

23.

Envolto todo em luz, e magestade,
Tem Jove, e Juno, o sólio, fabricado
De materia de tanta claridade,
Q' o sol ant' ella fica desmaiado.
Na base da perene Eternidade
O ultimo degrão he sustentado;
Onde se curvão do universo, e mundo,
O culto, adoração, temor profundo.

24.

D'hum lado, e d'outro, os Numens inf'riores
Tem assento, do sólio mais distante,
Onde Marte se via, e seus furores,
Palas armada, Phebo rutilante;
O Deos, q' impera aos ventos rugidores;
O q'em Lemnos trabalha ao fogo ondeante;
C'o verde thirso o filho de Semele,
Neptuno c'o tridente, e a grão Cibelle.

25.

Belona de semblante irado, e fero,
Vesta, do fogo eterno protectora,
Silenio c'os talares, e galero,
De Delia a bella Deosa caçadora,
Do negro Averno o Rei torvo, e severo,
E a Deosa de Cithera encantadora,
Q' erguendo-se, o dourado assento deixa,
E ao potente Saturnio assim se queixa.

26.

Alto Jove, se acaso inda mereço
Em ti achar piedoso acolhimento,
Contra os Gregos vingança só te peço,
Que assim se abrandará o meu tormento.
Não ma negues, pois vês, que desfalleço,
Que magoada estou d'hum mal violento;
Nem triunfe o mortal d'huã Deidade,
Ah saiba quanto pode a Divindade!

27.

Se vês do infeliz Priamo o destino
E da regia familia a sorte dura,
E se Eneas meu filho, filho dino,
Erra no mar entregue á desventura,
Porque razão o Grego, tão ferino,
Terá sorte melhor, ou mais ventura!
Ah conheça, q' hum Deos, quando offendido,
Sabe a offensa vingar, e ser temido.

28.

Porem, se he teu agrado os mais poupares
Não poupes, charo Pai, o Rei d'Etólia;
Ah seja, sem voltar aos patrios lares,
Victima nesse mar da furia Eólia.
Salva, salva, se he justo, dos desares
A, causa do meu mal, a gente Argolia;
Mas não esse mortal, de que offendida
E aggravada estou, como ferida.

29.

Pausa a Deosa aqui fez, pois a garganta
Repetidos soluços lhe anodarão,
Misturados c'o pranto em copia tanta,
Que seus olhos divinos se eclipsarão.
No rosto, com q' a Jove tanto encanta,
As bellissimas rosas desmaiarão,
E, enlaçando o Pai com terno abraço,
Lastimosa ficou no seu regaço.

30.

Muito pode, chorando, a formosura
N'aquelles corações, aonde impera!
Do sumo Jove a paternal ternura
No peito branda compaixão lhe gera.
Com as da Deosa as lagrimas mistura;
Hum triste luto cobre essa alta esfera,
Onde os Numens, q'a scena estão olhando,
Os vão no pranto, e mágoa, acompanhando.

31.

Só Juno, a quem n'alma ainda ardia
A raiva contra os miseros Troianos,
Que, prezando os seus Gregos, só nutria
Contra aquelles desejos inhumanos,
Temendo pezarosa, pois que via
Apiedados os Numens soberanos,
Q'Açidalia dos Gregos triunfasse,
E seus torvos desejos malograsse.

32.

O sceptro despejada maneando,
Em seus olhos accesa a chama da irá,
Com despeitosa voz foi arrancando
As palavras, q' o odio só lhe inspira.
Em quanto Jove a filha está animando,
Que chora, que soluça, e que suspira,
A consorte convulsa, e furiosa,
Assim fallou mais dura, que mimosa.

33.

Esposo, muito amado, quanto estranho,
Que Venus seductora te movesse,
Quando, perdendo a gloria, a dor só ganho
De ter huã rival, que me abatesse!
Assim ressentirei hum mal tamanho,
Que não sei como, e quando o merecesse,
Sendo, ó Jove, essa louca preferida
Á tua esposa enfim, mais offendida.

34.

Se outrora o teu favor já m'inclinaste,
Como, contrario a mim, desfavoreces
A minha justa causa, em que tomaste
A parte, que devias? Como esqueces,
Que por Esposa tua me abraçaste?
Dize, s'inda por Juno me conheces?
Ou se he digno de dita, e recompensa
Quem te offender a ti na minha offensa?

35.

Dos Gregos dessa Grecia abrazadora
Nenhum me servio tanto a meu contento
Como esse filho de Tydeo, que ora
Rasgando vai o liquido elemento.
Com a terrivel lança vencedora
O proprio Marte fere, e com mui tento
O Paládio roubou, ultima esp'rança,
Em q' Ilion punha toda a confiança.

36.

Só este salvarei, de mim prezado,
Que só este he credor do meu abrigo:
Juro sim pela Styge, q' amparado
Será sempre de mim em todo o p'rigo.
No transe, em que o vir mais apertado
Sobr'elle estenderei meu braço amigo:
Desta minha tenção ninguem me afasta;
Dos Deoses sou Rainha, e tanto basta.

37.

Bem não tinha fallado, o furioso
Marte, a fronte terrivel meneando,
E co' as plumas do elmo pavoroso
Do Olimpo os aureos tectos açoutando,
Da lança o braço move tão iroso,
Que fogo os olhos seus vem chamejando,
E com voz titubante, e mui pezada,
Taes palavras despede a Juno irada.

38.

Só eu.... só este braço armi-potente
De Venus tomará a causa justa:
Eu da guerra sou Deos, e mui patente
Assas co' a sua a minha ora se ajusta.
A esse, vil mortal, Grego insolente
Com esta lança, q' esse mundo assusta,
Moverei crua guerra, e no profundo
P'ra sempre o sumirei á luz do mundo.

39.

Quanto mal pode haver, e q' em mim cabe,
Eu sempre lhe farei a teu despeito:
Meu divino poder muito bem sabe
Vingar a sua injuria, e seu respeito.
Ou na terra, ou no mar, pereça, acabe,
A desgraças asperrimas sujeito....
Já parto; mas ao hir-se a Deosa irada
Lh' impede a marcha, e diz-lhe arrebatada.

40.

Ó tu desjuizado.... eis nisto Jove,
Vendo outra vez no Olimpo accesa a guerra,
O divino sobrolho irado move,
E de susto estremecem ceo, e terra.
Cesse, diz, não he justo, q' eu a aprove,
A discordia, q' a paz daqui desterra:
Á voz de Jove os Numens enfiarão,
E dos astros as luzes desmaiarão.

41.

Cesse sim (continua) porque o Fado
Mui altas cousas no seu cofre esconde,
Q' aos de Troia, e de Grecia em tempo dado
Reserva, mas não sei, nem quando, ou onde.
Pois se sobre o porvir he perguntado,
Ambiguo, e sempre escuro me responde:
Só julgo que d'Etólia o Rei valente
Hade fundar huã Cidade ingente.

42.

Esta, que vallará de fortes muros
N'huma terra dos seus muito apartada,
Do seio brotará costumes puros,
Valorosas acções, gente illustrada.
De brilhantes, e lúcidos futuros,
Tem-lhe o Fado huã têa aparelhada:
He tudo quanto sei, e o q' imagino,
Segundo alcança o meu saber divino.

43.

Calou-se, e os Deoses todos s' inclinarão
Ás de Jove palavras magestosas,
E subito serenas amostrarão
As suas bellas faces luminosas.
Só as tenções oppostas não pararão
Nessas tres Divindades orgulhosas,
Que ficavão comsigo imaginando
No modo d'empecer-se, e como, e quando.

44.

Entregue ao seu despeito, e sem socego,
Marte na propria ira se abrazava,
Vendo, q' o Fado guarda o nobre Grego
Para o feito, que Jove declarava.
D'huã raiva mortal, e d'odio, cego,
Vingativos projectos meditava,
Para o privar da gloria eximia, e pura,
Q' essa fadada empreza lhe assegura.

45.

Que! No mundo haverá sempre memoria
Do Grego com seu feito insigne, e claro!
Por elle alcançará famosa gloria,
Que destruir não hade o Tempo avaro!
Ou já na tradição, ou já na historia,
Sempre o seu nome brilhará preclaro;
Porque será da sua heroicidade
Pregoeira immortal essa Cidade!

46.

Não por certo.... não hade o Grego ousado
Chegar no mundo a tão excelso cume:
Que, se a tanto chegasse, endeosado,
Fôra, qual sou no Ceo, na terra hum Nume.
Não hade, não, chegar; e embora o Fado
Assim o tenha escripto em seu volume:
Minha justa vingança não tolera
Tanta dita, em quem tanto me offendera.

47.

Só comsigo, e com Venus despeitosa
Estas cousas fallava o Deos Mavorte:
O peito lhe revolve impetuosa
A raiva, qual tufão irado, e forte.
Mas a potente Juno, que gozosa
Olhava do seu Grego a aurea sorte,
Porque só estes Numens receava,
Em toda a parte os passos lh' espiava.

48.

No tempo, em que na Côrte soberana
Os tres malquistos Numens debatião,
Os Etolios, q' a idêa tanto engana,
Para o mar Jonio o curso derigião.
Já das gaveas d'armada, assas ufana,
Esse Cabo Tenário descobrião:
Para ali logo os lenhos aproárão,
Onde, amainando as velas, ancorárão.

49.

Era fama, q' ali do negro Averno
Huã das fauces jaz, antro horroso,
Que ao carcere da morte sempiterno
Conduz por hum caminho tenebroso,
Donde, voltando vencedor do Inferno,
Esse impávido Alcides valoroso
Por ali, se não mente, em outra era
Encadeado o Cérbero trouxera.

50.

D'hum bosque ali no temeroso seio,
De negra, e triste côr todo assombrado,
Entre rochas d'aspecto horrendo, e feio,
Esse profundo antro está cavado.
Deste bosque no lugubre rodeio
Não respira animal, q' envenenando
Todo o ar ali tem esse antro escuro
C' os vapores lethaes, que exhala impuro.

51.

Só Áspides crueis, só Basiliscos;
Viboras feras, rábidas Serpentes,
Nos seus nativos, horridos apriscos
Ali vivem, sem ver outros viventes.
Negras, como queimadas de córiscos,
Os troncos mostrão as ramosas frentes;
Pela árida terra, e penhas brutas,
Só crescem as lethiferas Cicutas.

52.

Perto se erguia hum Templo consagrado
Á memoria dos Bons, que se abrigavão
Nas Elisias mansões por aureo fado,
Onde gosto, sem pena, em paz gozavão.
Aqui hum Sacerdote venerado,
D'alvas, idosas, cans, que o adornavão,
Os Manes revocava á luz do dia
Co' a força das palavras, que dizia.

53.

Diomedes, q' ancioso desejava
Ver de seu Pai a imagem veneranda,
Os Manes abrandar, que receava,
Hum grave Arauto ao Sacerdote manda.
Parte, e rico presente lhe levava,
Expolio dessa Troia miseranda;
E, mal toca o Templo magestoso,
Ao Sacerdote o off'rece respeitoso.

54.

Envia-te o meu Rei este presente
A ti, q' alto poder dos Ceos reveste,
Assim falla, inclinando humilde a frente,
Coroada de funebre cipreste.
E pois do grão Tonante omnipotente
Sobrehumana virtude recebeste
De as almas arrancar la do profundo,
Volvendo-as outra vez á luz do mundo.

55.

Na mais pia intenção todo abrazado,
O morto Pai meu Rei saudar queria:
Quer sim propiciar o bando irado
Dos Manes, q' entregou á Parca impia.
Anue ao rogo seu, Varão sagrado:
De ti só isto anhela, e pertendia:
Da-me resposta, que levar-lha quero,
Em tudo favoravel, como espero.

56.

Agradeço ao teu Rei o dom subido,
D'hum animo real bem claro indicio:
Estou prompto a servillo agradecido,
Offerecendo ao Orco hum sacrificio.
Só com elle se torna embrandecido.
Ás nossas preces o infernal hospicio:
Nem os Manes, sem elle, cederião
Ás vozes, que debalde os chamarião.

57.

Em tanto que o Antiste ao Enviado
Do sacrificio a forma vai dizendo,
Assim ao seu exercito esforçado
O Rei fallava, os corações movendo:
Soldados, Vós, que sempre ao vosso lado
Me visteis com denodo combatendo,
Cujo valor na marcial insania
Abateo a soberba de Dardania.

58.

Já livres de fadigas trabalhosas,
De guerra, morticinios, e destroços,
Atravez dessas ondas marulhosas
Hides já repousar nos lares vossos.
La pois as nossas lides perigosas
Vós ledos narrareis, e os feitos nossos:
Quantos do bravo Heitor houverão morte:
Quantos do braço desse Achiles forte.

59.

Direis quantos meus aço reluzente
Soltou da vida em prematura idade:
Como por entre o ferro, e fogo ardente,
Segui o trilho só da heroicidade:
Como desse cavallo a móle ingente
Entrou dolosa na infeliz cidade:
Tudo, tudo narrai, e seja tudo
De vossos filhos o proficuo estudo:

60.

Instruidos assim, quando os ardores
Da juvenil idade os animarem,
Imitados serão, se imitadores
Dos vossos altos feitos se mostrarem.
Como de vós nascida entre os amores,
Se as Parcas longos annos vos fiarem,
Já huã forte geração contemplo,
Ensinai-lhe o valor co' vosso exemplo.

61.

Esses nossos successos memorando,
Vossos olhos fixados sobre a terra,
Com o couto da lança hireis traçando
Os sitios, os theatros desta guerra.
Aqui, direis, a Troia amiaçando
Estava o verde mar, que ronco berra:
Aqui o Simoônte arrebatado,
O Xantho ali, que flue socegado.

62.

Nesta parte de Priamo se erguia
O soberbo palacio torreado:
Por esta porta o bravo Heitor rompia
A combater os Gregos denodado.
Est' era o templo, ó negra acção impia,
Onde Achiles morreo atraiçoado;
Onde huã debil mão, q' hum Deos fez forte,
Ao mais valente Grego arroja a morte.

63.

Mas quem sabe, se os Manes malfadados,
Q' enviou nosso ferro ao Stigio lago,
Contra nós estarão agora irados
Orando aos Ceos vingança, e nosso estrago?
Quem preverá, se os Numens irritados,
Ou mo advinha o coração presago,
Punão nesta jornada, q' inda temos,
Em nós as diras mortes, que lhes demos?

64.

Em tanto cauteloso me disponho
A volvellos d' irados em propicios,
Já q' esta noite hum temeroso sonho
Me deo da sua ira alguns indicios.
Nada para este fim em guarda ponho,
Seja a vida, ou custosos sacrificios;
Não por mim, mas por vós, a quem me liga
O meu dever de Rei, q' a mais me obriga.

65.

Assim fallava o Rei, quando chegava
O nobre Arauto, q'enviado havia:
Já da pia embaixada conta dava,
E do Antiste a resposta repetia.
Vendo o Rei era tal, qual aguardava,
Não perde tempo algum d'aquelle dia:
Tudo logo dispoem, tudo prepara,
Segundo o Sacerdote lhe ordenava.

66.

Já metade do Ceo vingado tinha
No aureo coche Phebo luminoso,
E já d'Etólia a gente se encaminha
Para o dos Manes templo magestoso.
As espadas metidas na bainha,
E deposto o mais ferro sanguinoso,
Marchava coroada do cipreste,
Que da sombra da morte o monte veste.

67.

Engrinaldado, hum grande touro escuro,
Da mesma rama jovens seis puxavão:
Outros o leite, e mel, e vinho puro,
De prata em vasos limpidos levavão.
Logo com tardo passo mal-seguro
Trinta negras ovelhas caminhavão,
E cem roucas trombetas, resoando,
Hião na frente os montes atroando.

68.

Logo marchava o Rei, e apóz a armada,
Sem armas, nem broqueis, nem peitos d'aço,
Entoando com voz accentuada
Hum hymno marcial d'espaço a espaço.
Pelos oucos da serra alcantilada
Soava ao longe o compassado passo;
Com este aparatoso, e pio exemplo,
Salvarão o vestibulo do templo.

69.

No meio d'hum cortejo luctuoso
De verde-escuro teixo ornada a fronte,
Em habitos de dó o Antiste annoso
No topo os esperou do erguido monte.
Logo a hum parque os conduz bello, e frondoso,
Onde clara, sonora, e branda fonte,
D'huma urna marmórea derivada
Era do sacro templo separada.

70.

Nest' agoa ordena, as mãos todos banhassem;
Mandado, q'elles logo executarão,
Porque limpos, ao templo se voltassem;
Das nodoas, com q' em J'lion se mancharão.
Quiz o Antiste, se ali purificassem,
Que tal virtude as agoas alcançarão:
Salutar lustração, sem a qual fôra
Do templo a entrada pouco valedora.

71.

Cupula altiva, d'ouro marchetada,
No tecto forma orbicular figura,
Por huma, e outra parte, sustentada
Em columnas de dórica structura.
No centro sobre base cizelada
Huma espaçosa ara se segura:
De tal arte era o templo fabricado,
Todo de pário marmore acabado.

72.

Da fonte ao sacro templo já se voltão
Em ordem marcial todos dispostos:
Huns o soberbo peristilo escoltão,
Outros la dentro vão tomar seus postos.
As innocentes victimas, que soltão
Alguns balidos, com serenos rostos
Para dentro conduzem palpitantes
Do sumo Sacerdote os Ajudantes.

73.

Deitarão sobre o altar primeiramente,
Ao chão voltada a fronte, o joven touro,
E derramão sobr'elle o recendente
Almo, rubro licor c' hum vaso d'ouro.
Vapor odoro s'ergue, e transparente;
E o Sacerdote, vendo o grato agouro,
Ferro na mão rugosa alçou buido,
E taes palavras diz em tom dorido.

74.

Severo Rei do Tártaro medonho,
Inflexivel Plutão, feias Megeras,
Tu Morte, que com ar fero, e tristonho,
Dos terrores o mor no mundo geras;
E vós, a quem tambem propicios ponho;
Dragos, Cerastes, Parcas, e Chimeras,
Cocyto, Estige, e Acheronte escuro,
Ouvi-me dentro do abrazado muro.

75.

Furias, Minos, Eáco, e Rhadamanto,
Verdugos, e Juizes rigorosos,
Que nessa habitação do eterno pranto
La punis, e julgaes os criminosos,
Dobrai-vos sim á minha voz em quanto
Estes profiro versos poderosos;
E teu favor tambem tu me permitte,
Esposa triste do implacavel Dite.

76.

Tu Cérbero trinlingue, e carrancudo,
Q' os tenarios portões sempre vigias,
Barqueiro de carão mesto, e sanhudo,
Que surcas do Letheo as agoas frias,
Vós Hidras, vós Pithões, e Espanto mudo,
Vós tambem imanissimas Harpias,
Servi a meu intento, e sem demora
Seja a minha palavra valedora.

77.

Vós Manes de Tydeo, e os que cortara
De Tydides valente o aço irado,
Vinde, surgi á luz, que se prepara
O sacrificio, a vós so dedicado.
Eis com pujança, em tal idade rara,
Sobre o touro desfecha o golpe, e dado,
Muge, e do golpe o sangue rebentando
Em espadanas cáe, o chão regando.

78.

Mais vinte rezes logo ali traspassão,
Que os adobos c'o sangue avermelharão:
Que portento! Eis os Manes esvoação,
E do sangue em redor se rebanharão.
Sofregos huns aos outros se embaração,
E co' as bocas famintas o chuparão;
Prodigio, que notavão espantados
O Grego Capitão, e seus solados.

79.

Do desejo impellido, o Rei piedoso
Ao Sacerdote exclama transportado:
Qual destes, dize, ó homem poderoso,
Meu pai he, que de mim foi sempre amado?
Falla em meu coração amor ancioso;
Falla da natureza o forte brado:
Dize, qual delles he, quero acatallo,
Unillo ao peito meu, quero abraçallo.

80.

Aquelle, diz o Antiste, que o aspeito
Veste de triste veo, mas respeitavel,
He Tydeo, que se mostra ao meu conceito
Penetrado de dor inconsolavel.
Modera pois o ardor desse teu peito:
Dos Manes cada sombra he impalpavel:
Só lhe concede o Ceo o dom da falla,
Se algum privado seu vem conversalla.

81.

Lei do Fado não quer, que mão profana
Dos Manes manche a candida pureza:
Vê-los, se outorga só á vista humana
Por indulto, e mercê de grande alteza.
Se o amor filial tanto te afana,
Que fallar a teu pai ancêa, e preza,
Ei-lo; desprende a voz, abre teu peito,
Tributa-lhe esse amor, e teu respeito.

82.

Eis nisto o Capitão, movendo os passos,
Das leves Sombras a coborte fende,
E por impulso involuntario os braços
Abre a Tydeo, e ledo lhos estende.
Mas a Sombra lhe foge, e nos devassos
Ares librada, a mesta voz desprende:
Isto vendo, as mais Sombras, espantadas,
Ficarão mudas todas, e paradas.

83.

Charo filho, a que vens! Vens aumentar-me
A, que sinto por ti, fera amargura?
Com ver-te, vejo a idéa recordar-me
A sorte, que te espera, amarga, e dura.
Quizera, mas não posso declarar-me,
Expressando-te, filho, a desventura,
Que penso, o irado Ceo la te destina,
Q' assim de Troia lho suplica a ruina.

84.

La no seio do Elisio em recatada
Estancia, q' altos bosques tem por muros,
Está na mão do Tempo debuxada
A imensa, arcana téa dos futuros.
D'espiritos subtis só rodeada,
Nelles s'envolvem embriões escuros,
Q'hão de brotar no mundo á voz dos Fados
Com os successos seus ali pintados.

85.

Sabe pois, q' infortunios desastrosos
A quantos sobre Troia o braço alçárão
Em seus arquivos Fados justiçosos
Desde a origem dos seculos guardarão.
Os tão barbaros feitos sanguinosos,
Que por tão leve causa executarão,
Ao Ceo vingança clamão, que pertende
Esta offensa vingar, que tanto o offende.

86.

Por leis ocultas de superno fado
Nunca mais voltarás á patria terra,
E, já sulcando hum mar nunca sulcado,
O torvo mar, e ceo, te farão guerra.
He neste caso hum Deos muito empenhado,
Que raiva contra ti no peito encerra;
E posto q' outro Deos possa amparar-te,
Não me he dado mais nada declarar-te.

87.

Amado pai, se he força, que suporte
Males, q' o Fado tem apercebidos,
Dize, qual tem de ser a minha sorte,
Dando tregoas assim aos meus sentidos?
Embora seja desastrosa morte;
Sejão feros tormentos nunca ouvidos,
Ainda tem meu animo constante
Para tudo sofrer valor bastante.

88.

Saiba, qual tem de ser o meu destino;
Esse, que me aparelha o Fado iroso,
E seja, se o quereis, hum desatino
Ver já do mal o aspecto doloroso.
O Ceo não punirá quem se faz dino
De mover em seu pró o Ceo piedoso,
Resignado esperando a, que lh' ordena,
Merecida talvez, acerba pena.

89.

Assim fallava á Sombra veneranda
O filho, cujo voz mais a enternece,
Quando tôa hum trovão á esquerda banda;
E dos Manes a turba desparece.
O Rei feroz, que la no Averno manda,
Bem q' ao mundo volvellos lhe aprazesse,
D'inveja por mais tempo não queria,
Q' a luz gozassem, que elle la não via.

90.

Assim despareceo a Sombra amada,
Que só a segue a vista, e não alcança,
E o filho, vendo-a hir precipitada,
Como quem quer detella a mão lhe lança.
Nada toca, e su'alma rodeada
D'incerteza, de dor, e de esperança,
Pensativo ficou, triste, e confuso,
E da mental razão sem luz, nem uso.

91.

Como aquelle, que, entregue ao brando sono,
A paz delle, e da noite desfructando,
Sem ser senhor de si, e d'alma dono,
Leda, e triste, visão está sonhando.
Vendo-se levantado ao regio trono,
E logo ao cadafalso caminhando,
Q' alienado, indeciso, e dubio, acorda,
E da visão sonhada se recorda.

92.

Assim o Capitão, como acordado
D'hum sonho, que su' alma lhe ferira,
Avivando na idêa o som fadado,
Q' á mesta Sombra de seu pai ouvira.
Confuso fica; e logo, a si tornado,
Sem descobrir signaes de magoa, ou d'ira,
Ao Antiste, q' atonito se cala;
Com grave tom, e acatamento falla.

95.

Costumou sempre o Fado caprichoso
Molestar os Varões mais excelentes;
Mas sempre foi d'hum animo brioso
Não fraquear nos trances mais urgentes.
Com heroico despejo, e virtuoso,
O fogo, a terra, o mar, e os ceos patentes,
Afronta, e vezes mil a propria morte,
Que d'assustada até desvia o corte.

94.

Em alma, da razão enobrecida,
Que da virtude se deixa levar-se,
Sempre foi, apesar d'embravecida,
A lança do infortunio despontar-se.
Já tendo em menos-preço a propria vida,
Que deve á morte hum dia sujeitar-se,
Quando quer contrastar a inimiga sorte,
A vida he nada, huã illusão a morte.

95.

Sereno vou partir: não esmoreço;
O Ceo me dá valor, o Fado esp'rança:
Quanto obraste por mim eu te agradeço,
Que sempre ocupará minha lembrança.
Varão, em quem admiro, e reconheço,
O mais alto poder, que se alcança
Hum Numen, que de o ser se glorifica,
Acceita estes meus dons, e em paz te fica.

96.

Manda logo entregar-lhe as ricas taças,
D'argento, e ouro, com primor obradas,
Q' em numero, e valor, não sendo escassas,
Splendem com finas pedras engastadas.
De quem as conduzia as mãos já lassas
Ficarão n'hum momento aliviadas;
E, sobre a ara sacrosanta postas,
Ao templo os Gregos vão voltando as costas.

97.

Então o Velho venerando, abrindo
A porta á gratidão no nobre peito,
Para o átrio do templo vai sahindo
E la desata a voz com grave aspeito.
Diomedes vai marchando, e vai ouvindo
Quanto o Antiste profere a seu respeito,
A' voz do chefe seu de quando em quando
A muda armada, para ouvir, parando.

98.

Não desmaies, Varão, vai onde o Fado
Parece, já te acena, e já te chama,
Que tudo afrontará teu peito ousado,
A quem virtude heroica anima, inflama.
Tanto pode o Heróe, q' he malfadado,
Lucrar como o ditoso eterna fama,
Alvo, a q' aponta so hum'alma nobre
Quando os dons da virtude a nós descobre.

99.

Não sei q'inspiração me está dizendo,
Q' o Fado te destina hum'alta empreza,
Que na idêa parece, q' estou vendo
Abundante de gloria, e de grandeza;
E se infaustos successos revolvendo
Ora me vai a fantasia accesa,
Nada impedilla pode: a empreza he tua,
Q' o Fado ordena, e quer, que se conclua.

100.

Teu grande coração não se quebrante
Á vista das desditas agouradas:
Corre intrepido, opprime o pego undante
Com as affoutas vellas despregadas.
Vai com teus lenhos a paiz distante;
Á plagas d'outro Heróe nunca trilhadas:
Cumpre o decreto de immutavel Fado,
E lucra assim hum nome eternisado.

101.

Mais proseguira sim, mas, alongada,
Descendo á praia, a gente se retira,
E ainda com a idêa extasiada
Para o templo o Antiste se partira.
Já nesse tempo a lámpada sagrada
Do flavo Cinthio no horizonte expira:
O crespusculo doura as salvas vagas,
E o dia foge das desertas plagas.

Canto 2.°

1.

Já das trevas cahira a silençosa
Sombra, q' os medos vãos no mundo gera:
Calava tudo, e só na selva umbrosa
Hum' aura murmurante se estendera.
Bramia Doris na morada undosa,
E lá na ethérea sublimada esfera
Os astros, que brilhantes rutilavão,
Da Noite o lento coche acompanhavão.

2.

Ao doce, e brando, sono obedecendo,
A grega gente nos baixeis jazia,
E Favonio, suave discorrendo,
Puro tornava o ar, a terra fria.
O Rei na mente insomne está volvendo
Pensamentos, q' hum' alta idèa cria:
Velava, porque sempre ignavo sono
Inimigo he de Reis, dignos do trono.

3.

Em tanto a Cypria Deosa despeitosa,
Anhelando empecer ao Grego ousado,
Estorvar-lhe essa empreza gloriosa,
Que julga lhe destina a lei do Fado,
Baixa do ceo mais bella, e mais mimosa,
Que quando suspirava junta ao lado
Do seu querido Adonis amoroso
Tão meigo, tão gentil, quão desditoso.

4.

No leve, niveo, carro, que tiravão
Duas pombas alvissimas, procura
Esses humidos paços, q' abrigavão
As ondas na mais alta profundura.
Onde quer que os lançava, derramavão
Seus olhos doce amor, doce ternura,
Que sentia o nadante, equoreo, povo
De prazer animado, estranho, e novo.

5.

Mal que pizou o cérulo elemento,
Onde o Neptunio Jove exerce o mando,
Tritão pelo seu côncavo instrumento
Aos Deoses vai a nova alegre dando.
Com peito d'ira pleno ao aposento
Do maritimo Rei vai caminhando
A formosa Acidália, que ali pede
Licença para entrar, q' o Deos concede.

6.

Na parte a mais central, a mais interna,
Do dilatado mar se vê formada
Huma gruta vastissima caverna
De pedras multi-côres fabricada.
A parte desta gruta mais superna
Está de varias conchas adornada,
De rúbidos coraes, das cristalinas
Gotas das lácteas perolas mais finas.

7.

N'amplidão desta grande, e magestosa
Gruta se encerra o paço neptunino:
Talhada em forma d'arco, a entrada airosa
Ostenta frisos d'ouro puro, e fino:
Em torno a cinge a prole numerosa
Das mil plantas, que nutre o humor marino:
Pendem dos altos corucheos brilhantes
Algas limosas, sempre gotejantes.

8.

Dentro com Amphitrite o Rei potente
Goza de juro o mais destincto assento;
Por sceptro empunha, e alça hum grão tridente,
Respeitado do túmido elemento.
Tem prompto sempre ali o deligente
Mancebo negro, feio, e corpulento,
Que teve de Salácia, e q' he trombeta
Das soberanas ordens, que decreta.

9.

Sempre Neptuno ali mostra o aspeito
Indignado, e feroz: nos encovados
Olhos jamais surrio o doce effeito
De brandos movimentos delicados.
Desce-lhe espessa barba até ao peito:
Na cabeça cabellos tem nevados:
Hirsutas sobrancelhas carregadas
Lhe assombrão sempre as faces arrugadas.

10.

Hum cortejo lhe formão numeroso
Os maritimos Deoses, prole chara
Do fecundo Nereo, que o mar undoso
De Deoses, e de Ninfas povoara.
Tem este ali assento decoroso
Com a formosa Doris, q' esposara,
E Glauco peixe, e homem, juntamente,
Q' as aéreas mansões agoura á gente.

11.

Ali o Padre Oceano venerando
Com Thetis, a bellissima consorte,
Das Nereidas a turba comandando,
De Neptuno tambem compõem a côrte.
Ali tambem Proteo, que, variando
Sem cessar de figura, em prizão forte
Comprimido fatidico relata
Tudo quanto o porvir em si recata.

42.

C'o filho d'Athamante á mesta Esposa
Q' em Deosa os pios Deoses converterão,
Quando se lança na morada undosa,
Ali tambem lugar decente derão.
Igual entrada neste paço goza
Phorco, de quem a vida receberão
Medusa, Estenio, Euriale, deformes
Monstros horriveis, barbaros, enormes.

43.

D'huma concha a mais grande, alva, e luzente,
Que o prolifico mar gerou no seio,
Formou Neptuno o trono preheminente,
Da regia sala o não menor aceio.
Tirão-no sobre rodas velozmente
Na planura do mar, mordendo o freio,
Dois bipedes cavallos animosos,
Brancos na côr, nas caudas escamosos.

44.

Ante este sólio, plaustro magestoso,
Em que passêa o Nume os largos mares,
Já Citherea está, e no formoso
Rosto lhe correm lagrimas a pares:
Tem triste o gesto, o peito doloroso:
De suspiros, e d'ais, povôa os ares:
Tres vezes quer fallar, mas a dôr grave
Lh' embarga na garganta a voz suave.

15.

Mal que recobra o abatido alento,
Apartando os cabellos d'ouro fino,
Q' ondeavão com lindo movimento,
Osculando-lhe o peito alabastrino,
Assim ao Rei do reino turbulento
Fallou penosa, e triste, em tom divino,
Envolto vindo na queixosa falla
Sentidissimo som, q'a alma abala.

16.

A ti, altó Monarca, e Rei potente,
Q' imperas no elemento o mais instavel,
Aonde só com esse azul tridente
Ora tranquilo o pôens, ora indomavel,
Já q' huma acerba dor meu peito sente,
Pungida d'huma afronta insuportavel,
Venho aflicta pedir, queiras valer-me,
Vingar-me, ou na vingança proteger-me.

17.

Esse Etólio, que vai ora cortando
Teu reino com seus lenhos vencedores,
He o mortal, q' está desafiando
Minha ira, e vingança, e meus rancores.
Aqui verás a dor hir-me finando,
Se me negas, ó Nume, os teus favores:
D'aqui não partirei, sem me jurares,
De com teu braço forte o castigares.

18.

Sim precipita neste abismo fundo,
Por tormenta feroz despedaçado,
O lenho, que o conduz, e á luz do mundo
Não surja mais, de todo soçobrado.
Dando o ultimo arranco no profundo,
Exulte assim meu peito magoado;
Q'em quanto vivo fôr a meu despeito
Verei morto o prazer sempre em meu peito.

19.

Devem punir os Deoses soberanos
A temeraria audacia, que os insulta:
Baco pune hum Pentheo, Jove os insanos
Gigantes, que fulmina, e que sepulta.
Eu seria o ludibrio dos humanos,
Se a minha offensa atroz ficasse inulta:
Tu mesmo já de Troia te vingaste,
Quando o Rei fraudulento castigaste.

20.

Bem sabes, q'esse Grego, que detesto,
Com sacrilega mão, de ferro armada,
Impio golpe m'abrio, e tão molesto,
Que sinto a dor da offensa exacerbada.
Vingar-me quero sim: o justo aresto
Com que seja a vingança executada,
De ti somente pende, em quanto o Grego
Sujeito ao sceptro teu sulcar o pego.

21.

Darás neste castigo hum desafogo
Ao estado cruel do meu despeito:
Attende pois, Senhor, ao justo rogo,
Se alguma compaixão cabe em teu peito.
Só te lembre esse doce, amante, fogo
Q' eu já nos corações por teu respeito
Accendi d'Amphitrite, Lisianassia,
Hipothea, Chione, e mais Salacia.

22.

Cala-se a Deosa, e redobrada a mágoa,
Que n'hum vivo tormento rebentava,
De seus olhos formosos o mar d'agoa
Outro no rosto em perolas formava.
Da raiva, e do despeito a ardente fragoa
Com mais violencia o peito lhe queimava:
Seus gemidos, seus ais, e queixas ternas,
Enchem de dor as humidas cavernas.

23.

Suspenso hum' pouco esteve o Deos sanhudo,
Pela estendida barba a mão passando,
Até que assim lhe diz: outorgo tudo
Quanto, Venus gentil, m'estás rogando.
Confia em mim, que de tenção não mudo:
A piedade me está já dominando:
Pela Stigia lagoa venerada
Aqui te juro, que serás vingada.

24.

Ao Monarca dos ventos, que desate
Das prizões d'aço as foras tempestades,
Vou já pedir: o horrido combate
Vejão com susto as mesmas Divindades.
Mais o castigo enfim se não dilate
Hum dia, hum' hora; punão-se as maldades
D'hum mortal, que sacrilego se atreve
Aos Deoses, q' adorar, e temer, deve.

25.

Eis carrega o sobrolho, e ardendo em ira
Os cavallos açouta; e já, sahindo
Do seu profundo paço, ao mar se atira,
Pelas ondas veloz carreira abrindo.
Então a Páphia Deosa se retira,
Ao Ceo ligeira, e rápida, sobindo:
Parou na parte oriental tão bella
Qual de manham a coruscante estrella.

26.

Já lucida, e gentil, a destrançada
Tithonia o ar azul purpureava,
E, vestida de côr auri-rosada,
Acidalia nos Ceos acompanhava.
Nos balcões do oriente debruçada,
Bella se ria, e de prazer chorava,
E o ledo pranto em perolas cahia
No mundo, que tambem de gosto ria.

27.

Diomedes, vendo, de prazer tocado,
Assomar no horizonte o claro dia,
Manda levar o ferro mergulhado,
Que nas rochas tenaz unha prendia.
Incha Favonio o pano despregado;
Sôa a celeuma o grito d'alegria:
Movem-se as náos, e com presteza suma
Rompendo logo vão cachões d'espuma.

28.

A armada, que vogava mui serena,
Se promettia prospera viagem:
Mostra o quadro do mar planice amena,
Que brandamente encrespa Eôa aragem.
Crem os Gregos ao ver tão grata scena,
Q' os mares lhes tributão vassalagem,
Ou levavão dos mastos la nos cumes
De Samothracia os bemfazejos Numes.

29.

Nisto cercado vem o Deos dos máres
Do gado de Proteo, que lhe acompanha
O carro, que, voando pelos ares
Parece vir com ligeireza estranha.
Faz parar sobre o mar os brutos pares;
E logo o equóreo povo se rebanha
Em torno do seu Rei, q' está notando
Como as arfadas náos vão navegando,

30.

Ao vê-las, tão irado a vóz desprende,
Que todo o mar troou mui fortemente:
Eis o mortal perverso, que pertende
Os Numens offender impunemente.
A colerica ira, que me accende,
Que sofra no meu reino, não consente,
Quem impio huma Deidade ultrajou tanto,
Q' enche a terra d'horror, o ceo d'espanto.

31.

Tu, q'os ventos retens encarcerados
Em cova subterranea, e pavorosa,
Eôlo manda já, sejão soltados
Da prizão forte, dura, e rigorosa.
De braveza, de raiva, e d'ira, armados,
Entrem ferozes na morada undosa:
Eu licença lhes dou, pois he meu gosto
O ceo no mar, e o mar no ceo, ver posto.

32.

Os teus filhos mais bravos, Hipothades,
Conjura o rogo meu, chama, e convoca:
Nimbiferas, horrendas tempestades
Contra os gregos baixeis soltem da boca.
Vingar a offensa d'huma das Deidades
A ti, a mim, aos Numens todos toca,
Por q' em offensas taes todos, sentidos,
Considerar se devem offendidos.

33.

Se me aprazesse, hum espantoso abismo
Bem podia cavar, com que levara
A armada ao derradeiro parocismo,
E no profundo mar a sepultura;
Mas quero, que medonho cataclismo,
Que já nos horizontes se prepara,
Caia sobr' ella, e seja desta sorte
Mais horrendo o castigo, e longa a morte.

34.

Ouvio na terra Eólia o Rei dos ventos
Do terrifico Nume a voz tremenda:
A cova desferrolha, e já violentos
Travão no ar asperrima contenda.
Revolvem-se os aéreos elementos,
Sentindo no seu seio a furia horrenda
Dos crebros furacões tempestuosos,
Q' arrojão Austro e Áquilo raivosos.

35.

Caliginoso toldo começava
A acobertar em roda os horizontes,
E já o Grego ao longe divisava
Das negras nuvens os pejados montes.
Phebo medroso os passos retardava:
Não lança fora os lúcidos Ethontes:
Surdos, longos trovões de quando em quando
Vinhão a tempestade anunciando.

36.

Dos mastos vão colhendo o solto pano,
O mais valente nauta está medroso:
Vê enoitar-se o ar, que grave dano
Promette ao mundo triste, e receoso.
Neptuno, de furor, e d'ira, insano,
Fere com seu tridente o pego undoso:
Ao choque treme, desmaiada, a terra,
E o mar sanhudo horrendamente berra.

37.

Começão de lutar desenfreados
Os ventos, e a travar peleja dura:
Com lanças d'agoa os esquadrões armados
Das nuvens correm já em massa escura.
Ruem por terra os troncos arrancados:
Cáe, abalada, a torre mais segura:
A sua força, e ira assoladora,
Com as iras do Austro o mar robora.

38.

Bem como o lavrador, que pôz gozoso
Na vecejante messe a leda esp'rança,
Vê, q'o furor d'hum vento impetuoso
A messe, que destróe, por terra lança,
Que triste, pensativo, e lacrimoso,
Para seu mal remedio não alcança;
Tanto que, se ao porvir a mente aplica,
Sem esperança n'alma, ou dúbio, fica.

39.

Assim Diomedes, quando vê formar-se
No negro ar a fera tempestade;
Mas sem mudar de côr, nem perturbar-se,
A voz escuta só da heroicidade.
Trabalhão todos já só por salvar-se,
E algum porto ganhar com brevidade;
Porem debalde, por q' o mar, fervendo,
Atira com as náos ao pego horrendo.

40.

Eis a arrojar o ceo já principia
Tiros de fogo, q' abrazavão tudo:
Convulsa, a gente humana ensurdecia
De mil trovões ao som medonho, e rudo.
Aos expertos pilotos não valia
D'alta sciencia o meditado estudo,
Pois o vento zombava em tôda a parte
Da força, do saber, do engenho, e arte.

41.

Mais nas almas recresce o desalento,
Mais a esperança foge, e mais se teme,
Quando, em serras alçado, o mar violento,
Arremettendo ás náos, destroça o leme:
D'estragos, e ruinas, famulento,
Ao perto, ao longe, em toda a parte freme;
E ao seu embate horrendo, e furibundo,
Vergava inteira a maquina do mundo.

42.

Tão rijo, e forte, o vento sibilava
Pelas enxárcias, q' o feroz balanço
Vergas, e mastos, pelo ar levava
D'hum só recontro, do primeiro lanço.
O vento contra o mar, e o mar lutava
Contra o vento, sem ter algum descanço:
Chegando aos astros os mugentes rollos,
Tremião de pavor ambos os polos.

43.

O crebro fuzilar, hórrido, e feio,
As agoas convertendo em fogo ardente,
Da negra cerração rasgava o seio,
E sobre as náos vibrava a furia ingente.
De tanto estrago, e tanto horror, no meio
Via-se á luz dos raios iminente
No ar o Spectro da medonha Morte
Já prompto a desfechar o final corte.

44.

Tão horrisona, e fera, se apresenta
A tempestade, q' abalava o mundo,
Q' ao mesmo Deos dos mares amedrenta,
Sentindo já pezar, e dó profundo.
Do damno, que tem feito se contenta;
Não quer ver mais, e la no equórco fundo
D'hum salto se escondeo apressurado,
Deixando as rotas náos nas mãos do Fado.

45.

Bem como quando com as azas plenas
O Euro em giros mil irregulares
As leves palhas, e as ligeiras pennas,
Ora aqui, ora alem, levanta aos ares,
Tal a armada sem mastos, nem antenas,
Era brinco dos ventos, e dos mares;
E as ondas, tendo devassado o centro,
Saltavão fóra, sem caber já dentro.

46.

Em tal consternação desanimado
Quasi de todo o Capitão sofrido,
Vendo-se ao fundo mar ora levado,
Ora la entre as nuvens escondido:
Vendo por toda a parte o lenho entrado
Das agoas, de q'estava combatido,
Pondo no Ceo da esperança o fito,
Taes palavras tirou do peito afflicto:

47.

Ó tu, dos homens bemfeitor, e amigo,
Pai da natura, Jupiter superno,
Pôem teus olhos divinos neste p'rigo,
Horrendo quadro do medonho Averno.
Já te não oro, sejas p'ra comigo
Compassivo, piedoso, afavel, terno,
Pois talvez, justo Deos, te não mereça
Algum favor, que suplice te peça.

48.

Escuda os mais porem benignamente
Antes, q' o mar os sorva, e desbarate:
Estende a tua dextra omnipotente
Parar fazendo este infernal combate.
Se eu causa delle sou, incontinente
Teu raio vingador me abraze, e mate:
Pune-me só, e possa desta sorte
Tantas vidas salvar huma só morte.

49.

Neptuno, Eólo, que lutaes possantes,
Q' irados contra mim agora vejo,
Trague-me embora as ondas arrogantes,
Se o tendes na vontade, e no desejo;
Mas poupai os baixeis, que, já distantes,
Perdidos vão em tão cruel ensejo:
Castigai-me somente, se o mereço,
A vida não, mas isto só vos peço.

50.

Eis já do filho de Tydeo chegavão
As preces ao Olimpo luminoso,
Onde afflictas a Jove suplicavão
Auxilio para o Grego valoroso.
Tambem de Juno a intercessão rogavão
Que assim pedia ao seu potente Esposo,
Serenasse os revoltos elementos,
A terra, o ceo, o torvo mar, e os ventos.

51.

Sumo Dominador, e soberano
Esposo, que me coube por ventura,
Faze cessar tão espantoso damno,
Que fera morte aos Gregos meus procura.
Obra he de Venus, e Neptuno insano,
Que tanto de meu peito a magoa apura;
Mas se do mar he Rei, e Deos, Neptuno,
Se he Deosa Venus, mais sou eu, sou Juno.

52.

Attende-a Jove, e quando o ar toava
Mais horrendo, mais forte no horizonte,
E o Ceo de quando em quando descançava
No pego, encolossado em alto monte,
Basta: só disse, e para o mundo olhava,
Baixando hum pouco a magestosa fronte:
Eis n'hum momento ao seu divino aceno
O mar se aplana, e fica o ar sereno.

53.

Manda Juno, que prestes apareça
D'Electra, e de Thaumante a filha airosa:
Manda, que desde o Ceo á terra desça,
Qual se apresenta sempre graciosa.
Eis logo Iris a estender começa,
Meneadas d'huma aura bonançosa,
Em forma d'arco as azas coloradas
Das bellas fitas, de que são bordadas.

54.

Phebo exparze os cabellos luminosos
No campo azul do ceo mais puro, e lindo:
Vão em tropel os ventos ruidosos
Para a Trinacria região fogindo.
Ao longe, errando em giros vagarosos,
As nuvens sobre os montes vão cahindo,
E nos gregos baixeis renasce a vida
D'hum fraco estame, e debil fio asida.

55.

Via-se andar a armada, errante, e rara,
Rotas as náos, e pelo dorso abertas:
Espantão feros monstros, q'arrojara
O mar feroz ás praias descobertas.
Diomedes mais tranquilo então repara,
Com a vista correndo as inda incertas
Ondas por ver, se terra descobria,
Ou alguma das náos escaparia.

56.

Depois d'espaço largo estar pensando,
Que rumo seguir deva, ou se divisa
Aproximada terra, onde ancorando
A náo construa do que mais precisa,
Vê hum grupó de Ninfas vir guiando
Na superfice d'agoa branda, e lisa,
Os seus baixeis, q'errarão já perdidos,
Das iras de Neptuno combatidos.

57.

Erão ellas Simódoce formosa,
Doris afavel, candida Thalia,
Pura Amphitóe de face graciosa,
D'olhos azuis a bella Lemnoria,
Proto de louras tranças, a mimosa
Climene, Doto amavel, Oritia,
A nivea, amante d'Acis, Galatea,
Dinamene gentil, e Panopêa.

58.

As tranças, desatadas, lhes cahião,
Aneis formando crespos, e brilhantes,
Nas espádoas, q' acima d'agoa erguião,
E sobre os alvos peitos palpitantes.
As mais partes do corpo, q'encobrião
As blandisonas ondas escumantes,
Só desejo amoroso imaginava
Nos quadros ideaes, q' debuxava.

59.

As náos co' as mãos, e braços mui formosos
Brandamente estas Ninfas empurravão;
Ant' ellas os Delphins candi-escamosos
Á tona d'agoa de prazer saltavão.
Cheios de gosto, os nautas numerosos
Na precisa manobra trabalhavão,
E n'hum momento as ondas receberão
As mesmas ondas, q' os baixeis beberão.

60.

Logo q' as náos destructas lhe chegarão,
Agradecido o Capitão valente
Diz ás Ninfas, q' a não lhe rodearão,
Fallando-lhes dest'arte brandamente:
Ó Deosas, se meus olhos bem reparão,
Vós Emissarias sois, q' o Ceo clemente
Aqui nos enviou para salvar-nos,
E já das mãos da morte libertar-nos.

61.

Ninfas, do vasto mar habitadoras,
Nereâ prole, que se nelle encerra,
Pois de tudo vos creio sabedoras,
D'aqui me assignalai proxima terra.
Se vós sois dos mortaes soccorredoras,
Que sofrem de Neptuno, e Eólo, a guerra,
Bem vedes, q'inda temos neste p'rigo
Ao mesmo mar em paz por inimigo.

62.

Sim vedes, q' atrever longa viagem
Rotas, fendidas n'os inda não podem,
Por mais que spire bonançosa aragem,
Q' os ares mansamente ora sacodem.
Se fronteira he d'Etólia esta paragem,
La nos guiai, aonde se acomodem
As náos p'ra sempre, pois do mar a incerta
Carreira para a morte he sempre aberta.

63.

Ó mil vezes feliz o que se abriga
Debaixo d'hum colmado humilde tecto,
Que, só rasgando o seio á terra amiga,
Não he do seu cuidado a gloria objecto!
A fama o não deslumbra, ou afadiga,
Nesse trilho onoroso, q' hoje enceto,
Sendo a fama, de poucos pleiteada,
Fumo vão, illusão, hum vento, hum nada.

64.

Traz hum fantasma vão, que nos procura,
Qual o da fama, e pósthumo renome,
Q', ainda quando eternisado dura,
Entre a mudêz dos túmulos se some,
Corremos sem cessar, e a Morte escura
C'o famélico Tempo nos consome.
Vôando então do nosso pensamento
Os castellos no ar, torres de vento.

65.

No seio do sarcóphago fenecé
Fama, e gloria d'Heróes esclarecida:
Se a fama vive, e a gloria resplandece,
Para elles he sombra alem da vida.
Só a patria aproveita, e se enobrece
Nessa dos filhos seus honrosa lida;
Mas sempre ingrata os meritos quebranta
De quem mais a enobrece, e mais levanta.

66.

Só co' a gloria na idêa ao vento o linho
Da minha armada entrego irreflexivo:
Desamoroso deixo o patrio ninho,
Da paz do sceptro meu logo me privo.
Quanto mais eu da gloria me avesinho,
Parece mais me odeia o Fado esquivo:
Quam enganoso és louco ardimento
D'hum pertinaz vaidoso pensamento.

67.

Enlêa o pensamento o afan molesto
Q'hum nobre peito á gloria, e fama aveza;
Para o vácuo lh'encher, eu vos protesto,
He curto o mundo, estreita a natureza.
De tão louco, tão vão, error funesto
Só lucra o forte Heróe, q' a gloria preza,
Inclemencias, quaes eu, d'estranhos ares,
Da guerra os males crus, iras dos mares.

68.

Calou-se o Capitão, d'alma arrancando
Hum profundo suspiro; e lhe responde
A afavel Doris, q' o seu corpo brando
Té á cintura dentro d'agoa esconde:
Tu, q' os mares traidores vais cortando
Sem rumo certo, sem saber por onde,
Ainda estás d'Etólia mui remoto
Em hum mar para ti estranho, e ignoto.

69.

Mas aparta o receio, pois te espera
Huma propinqua terra lisonjeira,
Bella, e donosa, aonde a primavera
Perpetua existe na annual carreira.
Refrigera frescura ali modera
Do sol o activo ardor, e na hospedeira
Sombra s'entranhão rouxinoes canoros,
E mil aves de cantos mui sonoros.

70.

Ergue-se ufana sobre as salsas vagas,
Como q' estar sobr'ellas só deseja:
A orla amena das vistosas plagas
Branda e suavemente o mar lhe beja.
Ali sanar podeis as fundas chagas,
Que nos lenhos abrio a atroz peleja;
Que sofrerão d'Eólo, e de Neptuno,
Em pró de Venus, apesar de Juno.

71.

Ali Thetis formosa em Soberana
A Régia tem, e branda nos governa,
Mas não ensoberbece, nem se ufana,
Que nós a temos só por socia terna.
Celeste luz do rosto seu dimana,
Qual deves crer de Deosa tão superna:
Guarda a belleza nella o seu modelo:
Neta he de Vesta, e desse eterno Cello.

72.

Mal que soube, erão Gregos valorosos
Os que via no mar errar perdidos,
Logo manda acodir aos desditosos,
Que já quasi julgava sucumbidos.
Ledas cortando os vórtices undosos,
Ajuntamos teus lenhos divididos:
Aqui tos conduzimos, e já agora
A vossa sorte o alto Ceo melhora.

73.

Terra amiga tereis, que la vos hade
Prestar bahia, e commoda morada:
Gozareis da prezença, e da bondade,
D'huma Deosa, dos Deoses venerada:
Vereis entre brandura a magestade,
A doce compaixão nos Ceos gerada,
E, dando ás náos ali seguro abrigo,
Tereis descanço, livres de perigo.

74.

Fallou, e com airoso movimento,
Sem do Heróe esperar resposta alguma,
Ás outras accenou, que n'hum momento
As náos impellem com presteza suma.
Cortão boiantes já o salso argento,
Que nas prôas rebenta em alva escuma:
Abrem profunda esteira, e, bafejando,
Ajuda as Ninfas o Favonio brando.

75.

O bravo mar d'Atria já rompendo,
De longe os olhos poem nos remontados
Acroceráunios montes, q'estão vendo
De si mui perto os orbes estrellados.
Ali com furia, e com fragor horrendo,
São dos raios de Jove fulminados,
Que, fendendo em mil rasgos as montanhas,
Lh' abrazão as durissimas entranhas.

76.

Para as partes, aonde Phebo expira
Vão as Ninfas os lenhos conduzindo,
E terra, que parece, se retira,
Os Gregos pouco a pouco descobrindo.
Deixão traz si Melita, e mais Corcyra;
E gageiros, q' ás gáveas vão sobindo,
Ao longe o monte Gárgano avistavão,
E mais terras, q' as Ninfas nomeavão.

77.

Assim correm, voando, as brónzeas quilhas
Pelas soberbas agoas encrespadas,
Quando entestão com tres formosas Ilhas,
Do mar nos largos hombros sustentadas.
Outras Ninfas, da bella Dóris filhas,
Vagavão pelas praias açodadas,
Humas chorêas entre si formando,
Outras lindas conchinhas apanhando.

78.

Da grega gente aos olhos se off'recião
Os virentes copados arvoredos
Entre as relvosas colxas, q' estendião
Ao longe, e perto, os floreos prados ledos.
As Ninfas salva a armada conduzião
Com assombro dos mares, e rochedos;
E já as enseadas, q' encurvavão,
Com vozes jubilosas saúdavão.

79.

Caminho lh' abre o bonançoso estreito,
Q' entre si estas Ilhas separava,
E por ordem do Rei no equoreo leito
Ao longo delle a armada fundeava.
Na Ilha de mais grato, e bello aspeito,
Que sobre as outras duas dominava,
Afferra junto á praia a náo, que leva
O Rei, q' a alma de prazer já ceva.

80.

Da náo Diomedes salta, e beja a terra:
Saltão após os Capitães famosos,
Ensaiados na dura, e brava guerra
La nos troianos campos sanguinosos.
Todo o primor, que mestra arte encerra,
Luz nos elmos, e arnezes decorosos,
Que, de si vivos raios despedindo,
Hião d'inveja o mesmo Sol ferindo.

81.

C'os seus Gregos o Rei, e co' as formosas
Ninfas, q' estão as almas captivando,
Ermas deixando as praias arenosas,
Para os paços de Thetis vai marchando.
Hião as bellas Ninfas generosas
Aos bravos Capitães das mãos travando;
Huns a furto ditosos as bejavão,
Outros contra seu peito as apertavão.

82.

Sentião doce amor, doce ternura
Peitos, q' endurecera o márcio jogo,
Por milagre, e poder da formosura,
Que chega, vence, e nos captiva logo.
Fallas d'hum lado, e d'outro, com brandura
Activavão no peito amante fogo,
Fazendo Amor, q' a muito mais se atreve,
Tanto fogo nascer de tanta neve.

83.

Por fresca selva, q' assomava ufana,
A folhagem viçosa ao sol abrindo,
Já vião a destrissima Diana
Os Veados alipedes seguindo.
Com rapida presteza, e furia insana
Andavão os lebreos ora latindo,
Ora agarrando a preza, em que filava
Navalhado marfim, que a segurava.

84.

Encantava profusa, e derramada
A belleza, q' a linda Clori encerra:
Com vitrea face a agoa prateada
Em arroios se espelha sobre a terra.
A musica das aves concertada
Com sons canoros se fazia guerra:
Verdes plantas maritimas pendião
Das rochas, que de conchas se vestião.

85.

Salvão já o palacio soberano
Da Diva Thetis, gruta magestosa,
Que, respeitada de Neptuno insano,
Huma estancia offerece ampla, e formosa.
Não foi obra d'algum cizel humano
Esta maquina tão maravilhosa:
Tu, Natureza, só a arquitectáras
D'huma rara materia, que criaras.

86.

Por este vasto, e lúcido aposento
Raios de luz reverberantes girão:
Tem fulgidos cristaes por ornamento,
Q' a ser o fogo elementar aspirão.
No tecto, semelhando o firmamento,
Mil douradas estrellas se embutirão:
Sustentão-lhe as marmóreas arquitraves
De rúbidos coraes columnas graves.

87.

Aqui a Esposa de Peleo ditoso,
Que logrou desta Deosa o doce agrado,
Sentada estava, quando o valoroso
Diomedes entra, e mostra-se humilhado.
Em outro assento commodo, e formoso,
Manda Thetis se sente, e, já sentado
O Regio Capitão, a Deosa amavel
Em brando tom assim lhe diz afavel.

88.

Se a minha protecção te não mandara,
Perecêras do mar no infido trilho:
Eu ta devia sim, pois só bastara
Ver-te, ó Rei, companheiro de meu filho.
O gosto d'hospedar-te assas declara
O quanto me contento, e maravilho
Com a tua presença, q' em meu peito
Derrama do prazer o doce effeito.

89.

Aqui podes curar da tua armada
As abertas feridas perigosas,
Para enfim ultimares a jornada
A despeito das ondas furiosas.
De meu braço será sempre amparada
Té que voltes ás plagas saúdosas,
Que te virão partir, dadas ao pranto,
Para as margens fataes, que lava o Xantho.

90.

Calou-se; e já com vozes de respeito
Lh' agradece o Heróe esclarecido
As piedosas mercês, que lhe tem feito,
Junto o favor da Deosa promettido.
Arde-lhe a gratidão no nobre peito
Em puro, e casto amor todo accendido,
Q' a Deosa, com ser Deosa, reconhece,
Que mais lhe deve, e seu favor merece.

91.

Assim por q' ao Heróe dê clara prova
Da estima, que faz delle, a Deosa amavel,
Da Ilha, para elle estranha, e nova,
Quer o painel mostrar-lhe deleitavel.
No Grego mais a gratidão renova;
E a Deosa então lhe diz: Grego estimavel,
Comigo vem, pois quero recrear-te
Com quanto nesta Ilha vou mostrar-te.

92.

Vai o Grego da Deosa acompanhado
Por hum valle, que verde se estendia,
Ameno, e fresco, valle, dilatado
Entre duas colinas, que fendia.
Do Grego então ali como encantado
A vista ledamente se pascia:
Humas cousas pergunta, e, respondendo,
Lhe vai a bella Dêa assim dizendo.

93.

Vês essa montuosa penedia
Sem arte huma sobr'outra encastellada?
Vês essa basta selva, que desvia
Pouco a fronte do chão, baixa, inclinada?
Parada essa agoa vês, que se movia,
Manando d'aquelle alto derivada?
Prodigios estes são da Musa Orphêa,
Quando em busca da Esposa aqui vaguêa.

94.

Milagres são da cithara divina,
Q' ao desditoso Orpheo tempera Apollo,
Quando na selva Aónia o deo Lucina
Das Musas a criar no brando collo.
Jove praça entre os astros lhe destina,
Onde luzindo está no excelso polo;
Que em quanto ca no mundo resoava,
Montes, feras, e bosques abalava.

95.

Por este valle Orpheo, da Thrácia vindo,
Sosinho caminhou choroso, e terno,
Por que podesse então hir descobrindo
O antro, q' abre porta ao centro interno.
A sua lyra mágica ferindo,
Buscava o trilho do secreto Averno,
Q' alem na terra Lacial cavara
Da natureza a mão, que o profundara.

96.

Então aqui ao som d'acorde lyra
O Vate por Euridice chamava
Pela infeliz consorte aqui suspira,
E tudo com seu canto arrebatava.
Qual la no fero Rhódope atrahira
Tudo traz elle, aqui o mesmo obrava;
E desde então ali suspensos, quedos,
Ficarão essas rochas, e arvoredos.

97.

Ao mago som dos divinaes concentos,
Q'as trevas no seu seio recolhião,
Paravão, sem mover-se os elementos,
As feras mais crueis embrandecião,
Amansavão as iras bravos ventos,
Os furores do mar se suspendião,
Não marchavão os astros na carreira;
Absorta estava a natureza inteira.

98.

Porquè de si deixasse aqui memoria
Os versos escreveo, que vês gravados
N'aquella altiva faia, e para gloria
Do Vate ali ficarão conservados.
Então o grego Rei, q'ouvio a historia,
Quer ler no tronco os versos entalhados:
A' faia chega, aonde aparecião,
Co' a vista os corre, e vê, q'assim dizião.

99.

Noite, sagrada Noite, ó Noite augusta,
Recebe este meu hymno. Ó mai primeira,
O Venus tenebrosa, quam injusta
Para comtigo he louca cegueira!
Tudo q'existe, ó Dêa, a ti só custa;
A ti só deve a natureza inteira
Os Seres, que no Cáhos encerraste,
No Cáhos, filho teu, que tu geraste.

100.

Assim do Cáhos, que pejou teu seio,
Os astros sahem com a luz radiante:
Sahe o Sol, q' he dos Ceos formoso aceio,
Sahe o mundo, que delle jaz distante.
Sahe o do ar diáfano rodeio:
Sahe o equóreo pego fluctuante:
Sahe tudo quanto o Ceo, e terra, cria,
E primeiro sahio a luz do dia.

101.

Delle nasceo Amor, author da vida,
Q'os orbes animou c'o facho ardente,
N'hum polo, e n'outro polo, sendo ouvida
A sua voz universal, potente.
Co' a flama, em toda a parte disparzida,
Fecunda a terra, e ceo, incontinente:
Tudo logo sentio o alimo effeito,
Que sinto por Euridice no peito.

102.

Noite, Noite serena, e silençosa,
Sempre dos lassos entes desejada,
E tu, Triforme Deosa luminosa,
La nesse Averno Hécate chamada.
Concedei-me, q'em voz terna, e chorosa,
Aqui pranteie, e carpa, a malfadada
Esposa, que buscando vagabundo
Já vou até ao Báratro profundo.

103.

Dôa-me o teu valor, fulva Eleusina,
Que vagaste, buscando, entregue á pena,
Tua filha, a formosa Proserpina,
Roubada ao teu amor nos hortos d'Enna.
Já que do Fado acerbo a lei ferina
A mesma infausta sorte me condena,
Hirei com teu exemplo ousado, e forte,
Os tartáreos umbraes entrar da morte.

104.

Não me assustão do Cérbero os latidos,
Nem as impias Euménides horriveis:
Amor, que só domina em meus sentidos,
Amor fará possiveis d'impossiveis.
A Esposa me darão compadecidos
Os Numens infernaes, á amor sensiveis;
Mas temo, q'inda la como inimiga
A minha adversa estrella me persiga.

105.

Guia-me pois, ó Noite ao centro escuro,
Aonde teus habitação eterna:
Tu me leva com pé firme, e seguro,
Ás tristes margens da lagôa averna.
Penetre a porta do abrazado muro,
Que sem cessar rodèa a furia interna
Desse rio, que tudo mette a saco
No contorno, q'abraza, horrendo, opaco.

106.

Esses reinos da dor horriveis, átros;
Onde nunca o suplicio vio penuria,
Transformem-se em mil hórridos Baratros,
Que vomitem horror, e exhalem furia.
Flamigeros ostente os seus theatros
Essa medonha habitação da injuria:
Soltem monstros, de raiva enfurecidos,
Mil frémitos, ulcellos, e alaridos.

107.

Nada este peito amante me acobarda:
Só d'amor escudado, hirei buscando
Euridice, q'a sombra feia, e parda
Da morte cobre la no Erébo infando.
Sem ella, ó Noite vagorosa, e tarda,
Mais triste he o mundo para mim, que quando,
Em negras trevas confundido, e merso,
Tu só eras Rainha do universo.

108.

Da minha branda lira ao som dorido
A roda d'Ixion pare suspensa:
O Abutre esqueça Ticio fementido;
N'agoa Tántalo farte a sêde intensa.
Por Sisipho não seja removido
O pezado penedo: ah! cesse a imensa
Fadiga vam das Bélides traidoras:
Cessem do Averno as penas malfeitoras.

109.

Agora que teu coche lento corre,
Que Morpheo brandamente o sono envia,
Que só murmura a agoa, que discorre,
E o triste Mocho solitario pia,
Ás plagas, onde o Sol, cahindo, morre,
Meu amante valor, meus passos guia:
Da minha dor attende a causa justa,
Noite, sagrada Noite, ó Noite augusta.

110.

Assim o canto órphico, gravado
No tronco d'aquell'arvore, findava,
E o Grego, tendo-o n'alma já stampado,
Á memoria fiel o entregava.
D'ali co' a Deosa vai trilhando o prado,
Que matizadas colxas lh' offertava;
Não menos lhas off'recem arvoredos
Pomiferos, viçosos, verdes, ledos.

111.

Ali o Grego vio perpetuarem
Seu frondoso verdor selvas espessas,
Outono, e Primavera as mãos se darem,
Rico em fructos aquelle, esta em promessas.
Contentes ali vio, sem recearem
De daninho rapaz as mãos travessas,
Com o bico os plumosos passarinhos
Para a prole tecer os molles ninhos.

112.

Ali nas agoas vio, que pelo meio
D'arundinosas margens murmuravão,
Que, surdindo, e saltando, sem receio
Mil peixes fluviátiles brincavão.
Ali vio, que n'hum bello, e doce enleio
Os Pastores em circulo dansavão
Em torno d'huma estatua primorosa
De Páles, que festejão, dadivosa.

113.

Nós, ó Páles sagrada, te cantamos,
Ao som dos arrabis assim dizião:
Este culto innocente, que te damos,
Os nossos gratos corações te envião.
Os dons, que tu só dás, e que gozamos,
As nossas esperanças de ti fião:
Tu sempre com amor, e com blandicia
Nos olha, ó Páles, sendo-nos propicia.

114.

Em quanto dansão huns, outros cantavão
Em versos pastoris as canções bellas,
Com grinaldas de rosas coroavão
Da Deosa a estatua candidas donzelas.
Os rebanhos, deitados, repousavão,
Que tu, sagrado Pan, amas, e velas:
Tocado o Grego de tão bello encanto
De gosto a vista humedeceo com pranto.

115.

Já sobe com a Deosa ao alto cume
De virente colina, que se arria
Dos fructos, que de Nisa o ledo Nume
Com a mão liberal doura, e roxêa.
E como ainda ardia o claro lume
Da tocha com que fulge e mão phebêa,
Toda a vista espairece pelos montes,
Q'ao longe alçavão as nimbosas frontes.

116.

Mas d'ali mais deteve os promptos olhos
N'hum templo, que vio perto edificado
Sobre hum monte, coberto só d'abrolhos,
Ermo todo, fragoso, e inhabitado.
Estribava este monte sobre escolhos,
De q'estava na fralda circundado:
Que só guiava ao templo, descobria,
Ingreme, estreita, e pedregosa via.

117.

O Grego estranha então a novidade
De ver quão solitario o templo esteja:
Eis delle o nome, e culto, ou que Deidade
Nelle se adore, conhecer deseja.
Thetis lhe diz então: se com verdade
Queres saber, que templo aquelle seja,
Ah sabe, q'he o templo da Virtude,
Nunca visto de gente baixa, e rude.

118.

Por aquella afanosa, angusta, senda
De longe em longe sempre, e sempre raros,
Porque nelles a cega gente aprenda,
Ao templo sobem só varões preclaros:
Varões, que só c'o vicio tem contenda,
A quem só guia a luz dos feitos claros,
Com q'a vital carreira abrilhantarão,
E com elles no mundo se illustrarão.

119.

D'aquelle bello templo a aurea porta
Sempre ao vulgo profano está vedada:
Só a Virtude a abre ao q'ella exhorta
A não torcer a via começada.
A alma na desgraça ella conforta,
Consola, esforça, anima, e, reposada,
Faz, que veja com plácidos sentidos
Curvos alfanges, chumbos derretidos.

120.

Com ella ca no mundo se estremárão
Esses altos varões, que portentosos
A morte com seus feitos enganárão,
E fama pregoeira fez famosos;
Mas não os q'indolentes se encostárão
Dos passados aos troncos gloriosos;
Nem esses, que, sem ella, furibundos
Só de Marte são filhos iracundos.

121.

Se aquelle, do valor humano assombro,
De Jove heroico filho, e d'Alcmena,
Não alçasse a virtude sempre ao hombro
Luzir não fôra á região serena.
Subir he arduo da virtude o eombro!
Porem nelle já brilha a gloria amena
Desses, que vio partir a Emonia Jolcos
No lenho, em q'os levou Tiphis a Colcos.

122.

D'entre os cegos humanos foragida,
Sempre ao odio do mundo foi votada
Desde q' Astrêa fez ao ceo subida
A virtude, que foi no ceo gerada.
Se alguma vez se mostra, he perseguida;
He de poucos amada, e procurada;
Mas a quem a requesta com firmeza
Veste de mais sublime natureza.

123.

Sendo mais preciosa do que o ouro,
E só celestial sua bondade,
Quando ao mundo franqueia o seu thesouro,
Ella humilhada o mostra, e sem vaidade.
Ella só lava a nódoa do desdouro
Da fragil, da corrupta humanidade,
Porque só ella póem seu falso engano
Assomos divinais no ser humano.

124.

Tão amavel não he, não he tão bella
Essa côr virginal, que sobre a neve
Nas faces luz da púdica donzella,
Que lindas graças á belleza deve,
Qual he sempre a virtude: os toques della,
Q'o tempo a deslnzir se não atreve,
Realção tanto a humana natureza,
Q'imprimem nella a divinal belleza.

125.

A doce paz da alma virtuosa,
De recta, e pura consciencia filha,
Não se concentra indúbia, e receosa,
D'alma transfunde ao rosto, e nelle brilha.
Tanto encanta a virtude por formosa,
E tanto o mundo a tem por maravilha,
Q'até fingi-la vê a iniquidade
Para fazer amar sua maldade.

126.

Esses, q'astros gravou no ceo convexo,
Q'aos montes bosques deo, ao campo flores,
Ao sol almo fulgor, que luz reflexo
De Délia nos nocturnos resplendores,
Que da vida criou o doce nexo,
Zéfiros meigos, Austros rugidores,
O suco lapidifico-marmóreo,
As leis do fluxo, e do refluxo equóreo.

127.

A constancia sustem do varão forte,
Q'a virtude só ama, adora, encensa,
Até que sôe a hora, em q' o transporte
Com ella á região etherea, imensa.
Envolta n'alma então, que solta a morte,
Sem outro galardão, sem recompensa,
Vôa da terra ao Ceo, ao patrio gremio,
Porque só ella de si mesma he premio.

128.

Assim n'aquelle templo veneravel
Terás lugar honroso: que se a custo
A elle subirás, o deleitavel
Premio la gozarás devido, e justo.
Calou-se, e não prosegue a Deosa amavel;
E, depois d'adorar o templo augusto,
Vendo, que Phebo no horizonte expira,
Co' a Deosa o Grego ao paço se retira.

Canto 3.º

1.

Já no seio das agoas apagava
O Délio Nume a sua tocha ardente,
E o dia luminoso se apartava,
Deixando a terra triste, e descontente.
De brilhantes estrellas recamava
A noite o manto seu no ceo patente,
E no mundo, que tácita regia,
As temerosas sombras difundia.

2.

Por entre a densidão do bosque ameno
O vento sussurrava errante, e manso:
Muda a terra, o ar puro, o ceo sereno,
Os entes mergulhavão no descanço,
Sómente nos curraes o molle feno
Rumia o tardo boi, e do remanso
Na clara linfa trémula retrata
Seu rosto Délia em circulos de prata.

3.

Em tanto a formosissima Nerina,
Q'o Hospede Real em muito preza,
Sumptuoso banquete lhe destina,
Q'em tudo avulta divinal grandeza.
De tal Deosa, e tal Rei, a meza dina
Fulge com lauta, e splendida riqueza:
Telas d'ouro finissimo a cobrião,
Toalhas, de q' os Numens se servião.

4.

De pyropos os vasos fabricados
Ali com luz vivissima apparecem,
Tão brilhante, q'os Gregos espantados
Do dia a ausencia inteiramente esquecem.
Em pratos de cristal, d'ouro bordados,
E quisitos manjares se offerecem:
Nelles mil peixes raros, e sab'rosos,
Recendião com môlhos olorosos.

5.

Não fallecem os dons dessa Deidade,
Que bella, e casta, os bosques senhorêa,
Quando o arco recurva, e sem piedade
Com a setta veloz derruba a prêa;
Nem de Pomona a grão fertilidade,
Que paladar, e vista, lisongêa;
Nem o rubro licor, que gera aquelle,
Que foi de Jove filho, e de Semele.

6.

Debaixo d'hum docel resplandecente,
Firme em columnas de coral formoso,
Gozavão Thetis, e o Heróe valente,
Do banquete abundante, e festivoso.
Os outros Capitães no chão luzente
Formavão ledos circulo vistoso
Com as Ninfas, por quem erão servidos,
E a quem tambem servião já rendidos.

7.

A Deosa nos manjares não tocava,
Nem o purpúreo massico bebia:
Só risonha, e gososa, se abrevava
Da nectárea dulcissima ambrosia.
A vista toda o Tydide empregava
N'alva face da Deosa, que luzia
Tão bella, tão gentil, quam magestosa,
Que o menos, q'em si tem, he ser formosa.

8.

Se fosse dado a humano atrevimento
Subir ao alto ceo, deixando a terra,
Nas azas d'amoros o pensamento,
Q'as mais das vezes nos engana, e erra,
A' Deosa expressaria o seu tormento
Diomedes, a quem faz Cupido guerra,
E tal amor, d'hum tal Heróe só dino,
Seria mais razão, que desatino.

9.

Se Peleo foi mortal, q' a Deosa bella
Em consorcio feliz ao peito unira,
Que muito, q'este Heróe deseje aquella,
Q' em braços d'hum mortal o ceo já vira!
Por Adonis, e Anchises, se desvela
A Deosa d'Amathunta; e la suspira
Por esse Endymião, pastor famoso,
Cinthia gentil no coche luminoso.

10.

Amar erro não he, nem he fraqueza:
Os immortaes Celicolas amarão,
Quando, esquecidos da suprema alteza
Descendo á terra, nella se humilharão.
Amarão os Heróes, que com nobreza
Seu nome pelo mundo dilatarão:
Té d'Alcides na mão Cupido troca
A grossa clava em delicada roca.

11.

Mas Diomedes não ousa revelar-se
Contido nos limites do respeito,
E Thetis, que o entende, e vê queimar-se,
Não lhe estranha a paixão, que sente o peito.
Em tanto continuão d'expressar-se
Com fallas de ternura, e doce affeito,
Sentindo o coração, bem que molesto,
De casto amor hum desejar honesto.

12.

Desta noite os momentos deleitosos
Em q' a alma enlevada se recrêa,
Não sentidos dos gregos valorosos,
Voavão, té que finda a larga cêa.
Que sôe doces cantos numerosos
Nerina ordena á bella Panopêa;
E logo a Ninfa canta ao som da lyra
Quanto á pouco a Proteo no mar ouvira.

13.

Apenas (canta a Ninfa) em terra os muros
Baqueem de Dardânia esclarecida,
E vá cortando os mares não-seguros
A grega armada, em muitas dividida,
Perigos feros, e trabalhos duros,
Huns a custo d'esforço, outros da vida,
Terão de padecer esses valentes
Heróes, q'ospanto são das varias gentes.

14.

De Telamon o filho ousado, e forte,
Q'igual ao mesmo Achiles se media,
Bebe no proprio ferro a dura morte,
Pois vida com deshonra não queria.
Já deste Heróe, que raio de Mavorte
Entre o horror das batalhas parecia,
O corpo, de seu nobre sangue tinto,
Mudado está em pálido jacinto.

15.

Aqui a Ninfa memorar quizera
D'Achiles o valor, e desventura,
Se no peito de Thetis não temera
Redobrar de seu filho a mágoa dura.
Mas ella, que prudente considera
Tão melindroso lance, com brandura
Vai dest'arte seu canto proseguindo,
Q' attenta a grega gente está ouvindo.

16.

Agamémnon insigne, e bellicoso,
Atrida o mais valente, e celebrado,
Tem de ser no seu reino desditoso
Pelo amante da esposa assassinado.
Corre depois Orestes furioso,
Ardendo em justa raiva, e d'ira armado,
Do pai vingar a morte no malquisto
Peito da mãi, e do nefando Egisto.

17.

O mesmo Orestes, de furor insano,
A quem ciume ardente desatina,
Ao Eácida Pirrho deshumano
A vida arrancará com mão ferina.
Este fatal excidio do Troiano,
De seu heroico pai imagem dina,
Em castigo terá tão dura pena
Da morte da formosa Polixena.

18.

Nessa de Mélos Ilha recatada,
Deslembrado dos seus, e perseguido,
Mnesteo rematará a amargurada
Vida, do mundo, e vida, aborrecido.
Esse claro Idomneo da patria irada
Será como inimigo recebido:
Raio trisulco dá Jove a Minerva,
Que para o torpe Oileo no ceo reserva.

19.

Este, que la no templo veneravel
Da sabedora Deosa atroz violara
A presaga Cassandra, q'o amavel
Numen de Tymbra n'outro tempo amara,
Pela de Jove setta formidavel,
Q'irosa contra o crime se dispara,
Será co'a Locra gente fulminado,
Tendo por sepultura o mar salgado.

20.

Ao Telamonio Téucer, que apropria
A achiva gloria denodado, e forte,
Expulsa o duro pai, pois nelle via
Quem não soube vingar do irmão a morte.
Do throno, e patrios lares, se desvia,
Levando ao Cyprio solo a triste sorte:
Q', inda q'estranhos bens nos doure a esp'rança,
Sempre da patria he chara a lembrança.

21.

Philoctecto, depois de vulnerado
Pelas herculeas flechas, que vingarão
O perjurio, por elle perpetrado
Em favor dos Acheos, que o desprezarão,
Hirá, do patrio ninho separado,
Por lei, q'os fados seus lhe decretarão,
Em remoto paiz, deserto, e feio,
Seus dias terminar da dor no seio.

22.

O filho de Laerte astucioso,
Habil nas armas, na dicção facundo,
Errará pelo mar tempestuoso
Dez annos naufragante, e vagabundo.
Dos enganos de Circe receoso,
E do furor de Poliphemo imundo,
Transpondo la d'Atlante o promontorio,
Hirá fundar famigerado emporio.

23.

Junto do Tejo á plácida corrente,
Que tem seu leito na dourada arêa,
Hade erguer a Cidade armi-potente
Que brilhará c'o nome d'Ulissêa.
Ella fará tremer todo o Oriente,
E os reinos, que Neptuno senhorêa,
Quando arbitrar dos povos o destino
Do arábio mar ao indiano Sino.

24.

Serie de Reis, e Heróes esclarecidos,
De seus povos na paz sempre adorados,
Ou já dos inimigos mui temidos,
Quando sahirem com a lança armados,
Nos seus profundos cofres escondidos
Lh'arquivão para hum dia os altos fados,
Onde já luzem como vivos astros
Gamas, Pachecos, Albuquerques, Castros.

25.

O primeiro, guiado pelo vivo
Splendor da gloria se fará caminho
N'hum mar, que nunca arou baixel argivo,
Ou de Tyro, e Carthago, ousado pinho.
Com heroico denodo, e brio altivo,
Ao mar entregue o lenho, ao vento o linho,
Conduzirá a armada assombradora
Do Tejo aos reinos da gemante Aurora.

26.

Hum heróe no segundo já contemplo
Cheio d'esforço, e de virtude rara,
Dessa gloria immortal subindo ao templo,
Que lá no passo Cambalão ganhara.
Mas nelle mais dará hum triste exemplo
A patria sempre ingrata, e sempre avara,
Para os varões, que mais a enobrecerem,
E mais por ella a vida, e sangue, derem.

27.

O terceiro com mão triunfadora
Nas letras, e nas armas sublimado,
La nas plagas, q'aljofra côa Aurora
Hade enfrear o Indo amedrentado.
Brandindo a forte espada vingadora,
Pois tem-lhe a justa ira provocado,
Ao carro triunfal atará prezo
Esse incola da aurea Chersoneso.

28.

Do quarto a alma pura, e desvelada,
Abundante d'esforço, e de nobreza,
Só anhela, só ama, e só lhe agrada,
A gloria, a fama, e liberal pobreza.
Já com a dura, fulminante, espada
Em base d'huma eterna fortaleza
Fundará este heróe, digno d'encenso,
Ao Luso n'Asia o senhorio immenso.

29.

Outros heróes de Lisia, avassalando
Por armas, e valor, largo hemisferio,
Hum novo mundo hirão depois ganhando,
Q'envolve em sombras divinal misterio.
A Fama, quando forem dilatando
D'hum polo a outro polo o vasto imperio,
Porá no escuro, ao ver acções tamanhas,
Do heróe Tyrintho as inclitas façanhas.

30.

A ti, que admiro agora aqui presente,
Insigne Capitão, a quem a Fama
Pelo mundo apregôa, e de virente
Louro corôa já immortal rama,
Ao de Luso preclaro continente
O Destino tambem co'a voz te chama,
Onde nobre Cidade hirás alçando,
Teu companheiro Ullisses emulando.

31.

Esta Cidade (assim Proteo cantava)
S'erguerá magestosa sobre a vêa,
Q'as durianas margens banha, e lava,
E corre ao mar, q'o Oceano enfrêa.
Mudando o prisco nome, que prezava,
Rival será da inclita Ullissêa,
E brilhará nas paginas da historia
Com luz eterna, e duradoura gloria.

32.

Dizer o mais que sei por ora escuso;
Hum dia o tirarei do fundo peito
Aqui o filho de Tydeo confuso
Sentio da gloria o poderoso effeito.
Quisera já saber quem seja o Luso;
Hum sonho julga tão heroico feito;
Não pode crê-lo; e a Ninfa proseguia
Seu canto com dulcissima armonia.

33.

Aquelle, cuja força vigorosa
He sempre inutilmente resistida,
Q'estatuas morde, e com a fouce irosa
Dá vida á morte, e morte ao ser, e vida,
Aquelle, que com mão fera, e nervosa,
Chega a apagar a fama esclarecida,
Pelo impulso menor de seus misterios
Imperios sorve, e reproduz imperios.

34.

La vão cortando as ondas turbulentas
Os dardánios baixeis co'a gente phrigia,
Que salva o Fado, e rouba ás sonolentas
Agoas, que banhão a Lagôa Estigia.
Lançados por asperrimas tormentas
Na terra opposta ao reino da Japigia,
No Lácio hirá fundar Cidade ingente
O pio Eneas, esse heróe valente.

35.

Imperio, só por armas elevado,
Qual nunca vio, nem mais verá o mundo,
Hade brotar d'ali por lei do Fado,
Incutindo terror o mais profundo.
Ainda que o de Luso sublimado
Só por luzir depois será segundo,
Aquelle ganhará tal nome, e fama,
Que já do tempo a voraz furia açama.

56.

Porá n'hum quasi mudo esquecimento
Do grão Rhamsés, do afamado Cyro,
As bellicas façanhas, que portento
Forão do tempo no voluvel giro.
Terá do noto mundo o regimento;
Será grande na paz, na guerra diro:
O ceo por alto arcano o já destina
Para hum dia vingar de Troia a ruina.

57.

Hão de sentir da collossal Ausonia
O poder marcial, brazão de Marte,
A Beocia, a Thessália, a Macedonia,
A Grecia toda, e d'Asia a maior parte.
Agrilhoará o Egipto, e Babilonia,
Em Numidia arvorando esse estandarte,
Que tem de conduzir mortal estrago
A' pompa Eléa, as torres de Carthago,

58.

Quaes, vendo a Órion caminhar armado
Da fuzilante espada das procellas,
Todas convulsas, la no ceo turbado
Fogem medrosas pálidas estrellas,
Taes ao ver scintilar seu ferro irado,
Ouvindo deste imperio as acções bellas,
As nações tremerão apavoradas,
De seus passados feitos deslembradas.

39.

Escutaráõ gemer dentro da campa
O grande Macedónio, á g'oria affeito;
Com iracundo impulso elle a dastampa
Só para olhar da patria o triste aspeito.
O quadro ignobil n'alma se lh'estampa
Do escravo imperio seu, d'imperios feito;
Com voz terrivel d'expressões vehementes
D'oprobrios cobrirá seus descendentes.

40.

Sussessivos heróes em longa lista
Nos seus annaes o tempo escrever hade,
Mánlios, Fabios, Camilos, tendo á vista,
Brutos, Pompeos, que chora a liberdade.
Farão do mundo a universal conquista
Augusto, Scipião, Cesar, na idade
Da grandeza latina, e com despejo
Aguias do Tibre beberáõ no Tejo.

41.

Mas tão grande poder, que tudo absorve,
Q' á gloria arrancará immortal palma,
E estreitos acha os términos do orbe
Para encher a ambição, que lh'arde n'alma,
Ordena o Fado, q' o de Luso estorve
Ficando merso em vergonhosa calma,
Quando a marcha lh'impede hum Viriato,
Do divo Marte o mais fiel retrato.

42.

Se a Eternidade, só firme, e constante,
Do alado velho o vago curso enfrêa,
E com grilhões de rigido diamante
Os fugitivos annos encadêa.
Se, da virtude singular amante,
Q' o ser divino em nobre peito estêa,
Da gloria, que por morte se não perde,
O vencedor laurel conserva verde.

43.

O tempo destructor, cuja leveza
Só por constancia tem o ser mudavel,
Hum dia desfará toda a grandeza
Deste ingente poder tão formidavel.
D'imanes povos a brutal fereza
Qual grossa aluvião, q'irreprezavel
A tudo prostra, e vai movendo guerra,
Este Collosso lançará por terra.

44.

Nações, que bebem só gélidas vêas
Do Hebro, e do Tanais, por feros modos
Hão-de aos pulsos lançar-lhe vis cadêas,
Desmembrando-lhe os seus imperios todos.
Bem que Scithas, e Thrácios, hoje os crêas,
Hão de chamar-se então Hunos, e Godos:
O Fado quer, q'o voraz tempo coma
Assiria, Persia, Macedonia, e Roma.

45.

Desse imperio tão vasto, e portentoso,
Outros imperios nascerão brilhantes,
Que no porvir remoto, e nebuloso,
Estão luzindo já mui scintilantes.
Conquistando da gloria o templo honroso,
Em armas, e sciencias, sempre ovantes,
Hão-de surgir famosos desde o frio
Boóte fero ao Eridano rio.

46.

Os magnanimos povos da afamada,
Belligera, abundosa Celtiberia
Gozarão nessa terra afortunada
A doce tepidêz da zona hisperia.
Com a briosa mão, sempre esforçada,
Libertarão de todo a patria Iberia,
E levarão depois terror, e guerra,
D'hum novo mundo á preciosa terra.

47.

Para vós, q'abrireis hum dia a incerta
Porta do mar, que fecha o Oceano,
A quem anima a gloria, e só desperta
Da propria fama o brado soberano,
Guarda o Ceo esta rica descoberta,
Devida ao vosso arrojo sobre-humano;
Vespucio, Magalhães, Colombo ousado,
A empreza he vossa; assim o manda o fado.

48.

Por acertado erro em não boiante
La tambem tocará quasi perdido
Lusitano Cabral, que triunfante
Do vento, e mar, á terra he já descido.
Admira as producções, que tão distante
Paiz lh'off'rece, nunca conhecido,
E, retrilhando o mar com vella solta,
Feliz descobridor á patria volta.

49.

La depois lusitanos povoadores
Esbeltão a brutal ferocidade
De barbaros certões, e seus horrores,
Plantando aqui, e ali, huma cidade.
Os metaes preciosos, causadores
Dos males, e dos bens, da humanidade,
Ali arrancaráõ; e hum vasto imperio
Illustrará por fim esse hemisferio.

50.

De muito mais capaz será o ousado,
Heroico, lusitano atrevimento:
Seu valor, nunca visto, nem pensado,
Hade ser do valor raro portento.
Dominador, e nunca dominado,
Será para seus feitos, e ardimento,
Curto theatro o ámbito espaçoso,
Q' o sol aquenta, e cinge o mar undoso.

51.

Grandes heróes, d'imperios fundadores,
Na Europa, n'Asia, e n'Africa arenosa,
Vejo avultar, e mil Conquistadores,
Q' o ferro tem na mão victoriosa.
Vencendo a morte, e os evos tragadores,
Outros varões na historia luminosa,
Depois q' a terra ennobrecerem puros,
Eternamente viverão seguros.

52.

Ella já mui solicita gravando
Está com seu buril, dest'obra dino,
D'hum Pedro Quarto a fama, que, voando,
Passará sobre o lago libitino.
Já vai do grande Affonso o nome alçando,
D'hum virtuoso, e forte Saladino;
D'hum Tamorlão, segundo heróe Numancio,
Q' humilha, e prostra a imperial Bizancio.

53.

Assim grava esse illustre Macedonio,
D'Asia raio fatal, nascido em Pela:
Assim o que no campo maruthonio
De Dario o poder audaz debella:
Assim aquelle, que no solo ausonio
De Cesar com o nome a Fama assella:
Assim os Antoninos, e Trajanos,
Sabios Aurelios, bons Vespasianos.

54.

Quam grandes maravilhas assombrosas
Hão-de brotar do seio do futuro!
Cahirão mil nações assas famosas,
Erguendo-se outras do olvido escuro.
Contra as iras dos evos rigorosas
Em vão se oppõem barreira, ou forte muro;
Todo o humano poder no he bastante,
Se o toca, e fere, o derradeiro instante.

55.

Desse povo feroz, q'entre os frondentes
Bosques da terra céltica temida
Está bebendo as aguas transparentes
Do Mosa, e do Sequana, e leda vida
Vive, escutando os cantos excelentes,
Q'entôa á sombra do carvalho o Druida,
Fatal imperio assomará hum dia,
Que só do mundo aspire á monarquia.

56.

Famoso cidadão, de nascimento
Ignoto, escuro, q'alto genio encerra,
Será seu fundador: este portento
A Córsica dará, mesquinha terra.
De guerra, e estragos horridos, sedento,
Levando a toda a parte estrago, e guerra,
Junto a Memphis Real hade senti-lo
Medroso, e curvo, o septemfluo Nilo.

57.

Bem como em noite socegada, e bella,
Brilhante exhalação mui pouco dura,
Q'o vulgo julga despegada estrella,
Que sobre a terra cáe da immensa altura,
Ou como á lua, q'esses astros vela,
No mor fulgor da sua formosura,
Quando nos volve o rosto mais jucundo;
A luz se eclipsa para o baixo mundo.

58.

Assim a esse gigantesco imperio
Ephémera existencia o Ceo concede:
Abatido será no reino iberio,
Onde ao valor hispano a palma cede.
Do seu forte poder em vituperio
Com elle o Luso vencedor se mede,
Dando-lhe o golpe extremo a gente dura,
Q', olhando para o Ceo, vê Cynosura.

59.

Esses reinos, agora tão famosos,
D'Etólia, de Thessalia, e de Micena,
E muitos, que monarcas poderosos
Estão regendo em toda a Grecia amena,
Hum dia mostraráõ aos curiosos
Só d'ermas solidões a triste scena;
Quadro mudo, e fallante, da fraqueza
Dessa humana, caduca, e vam grandeza.

60.

Tyro rica, e soberba, que sem medo
O mar cobre de mil navegadores,
Só mostrará da base o grão rochedo
Mal-pizado de rudos pescadores.
Palmira, cujo aspecto altivo, e ledo,
Ora zomba do tempo, e seus furores,
Sepultada será entre abatidos
Tectos, columnas, pórticos rompidos.

61.

Egipto sapiente, e fabuloso,
Que do Nilo fecunda a fertil vèa,
Q'hum Nume escutas, sempre armonioso
Ao clarão da primeira luz phebèa,
Que Scrápis adoras luminoso,
E Anubis ladrador, q' ao ceo vozèa,
Do tempo hão-de abater-te as mãos irosas
As sepulchraes pirámides vaidosas.

62.

Vereis, frageis mortaes, em que pararão
Marmoreos arcos dos triunfos vossos:
Vereis, que derrocados baquearão,
Feitos do tempo miseros destroços.
Esses, q' o mundo vão maravilharão,
Fastosos torrcões, bronzeos collossos,
Da furia dos destinos combatidos,
Em desprezivel pó vereis volvidos.

63.

D'acções, e reações, a natureza
Em circulo perpetuo as obras volve:
Ora levanta ali suma grandeza;
Ora a grandeza em pó aqui resolve.
Com força immensa em toda a redondeza
As producções mortaes forma, e dissolve:
Invariavel obra não consente;
E, se outra cousa crê, quanto erra a gente!

64.

Tudo caduca, e finda, e só a fama
D'aquelles, q' em despeito á morte fera
D'huma heroica virtude a eterna rama
Cingem do pensamento na alta esfera.
Vive immurchavel sempre, e sempre açama
O tempo, que a respeita, e considera,
Pois da virtude a força he tal, e tanta,
Que do foral da morte as leis quebranta.

65.

Mas, se o torvo, se o barbaro Saturno
Consegue sepultar abalizados
Feitos, cobrindo-os co'esse veo nocturno,
Q'envolve os priscos evos alongados.
Ou épica trombeta, ou grão cothurno,
Embora os tenhão feito sublimados,
Se escurece-los pode, o claro nome
D'aquelle, que os obrou, jamais consome.

66.

Quem da virtude a ingreme vereda
Sobe com firme pé mui destemido,
E deste nobre trilho não se arreda,
Seja do ceo amado, ou perseguido.
Quem se não paga dessa vam moeda,
Q' o vicio, da fortuna protegido,
Aos homens dar costuma, he sua a posse
Da fama eterna, sempre grata, e doce.

67.

A vida humana, e seu fatal destino,
He como a flor, que rociou a aurora
Pela manham d'orvalho cristalino,
E a trunca logo a fouce cortadora.
Inda que dure hum seculo contino,
Dura na eternidade huma só hora;
Mas sempre a esta compra a clara fama,
Que pleitêa, e ganhou da gloria a rama.

68.

Pois que os duros tiranos odiosos,
Que são do mundo o mais cruel flagelo,
Nos quadros viveráõ historiosos
Sempre da infamia vil c'o negro sêllo.
Os heróes, os monarcas virtuosos,
Que ter os Reis devião por modelo,
Em vida amados são, e, se fenecem,
Sempre chôrados, nunca mais esquecem.

69.

Menos gloria alcançou o heróe Thyrinto
Em as damas vencer do Thermodonte,
Do que quando seu braço fez extincto
O ladrão fero do Aventino Monte:
Que, se ao monstro Lerneo em seu recinto
Huma traz outra não queimasse a fronte,
Nem obrasse as acções, q'obrou, tão bellas,
Indigete não fôra entre as estrellas.

70.

Quem se fez da virtude alto portento,
Esteja em baixo estado, ou n'hum subido,
Ergue a si mesmo eterno monumento,
Que não verão os tempos destruido.
Eia pois, grão Varão, se o sentimento
Da honra vela sempre em teu sentido,
Seja-te opposto, ou já propicio, o fado,
Não resvales do passo começado.

71.

Nos p'rigos, nos afanos apertados
Mais se apura o valor d'hum nobre peito;
Acrisolão-se os animos ousados
Da mor constancia no mais arduo effeito.
Os heróes, q'obedecem desvelados
Ao d'heroica virtude alto preceito,
O Ceo depois da morte divinisa,
E a Fama ca no mundo os eternisa.

72.

Assim remata o canto sonoroso
Esta canora Ninfa, e já na esfera
Assomava da aurora o rosto airoso,
Que sempre a gente humana ancioso espera.
Já Phebo, que reparte dadivoso
O estio, outono, inverno, e primavera,
No ceo vinha gentil, como soia
Mettendo pelo mundo o alegre dia.

73.

Maravilhada a caledonia gente
Do canto, e do que nelle resóara,
Suspensa hum pouco esteve, e certamente,
Que o não cortasse a Ninfa desejara.
Só os affectos, q'o Monarca sente
Erão taes, que nem elle os decifrara,
Ora a fraqueza humana meditando,
Ora o preço da gloria avaliando.

74.

Mas como em dar á armada compostura
Só o Tydide anhele, e nisto entenda,
Para que reformada, e mais segura,
Trilhe do mar a perigosa senda.
Isto só roga á bella Thetis pura,
Só quer, q'a este seu desejo attenda:
Então a afavel Deosa graciosa
Sahe com elle do paço á selva umbrosa.

75.

Já vão ás náos buscar os instrumentos
Do ferro cortador, com que por terra
Se ponha o tronco a golpes mil violentos,
Ao bosque annoso declarando guerra.
Em tanto de piedosos sentimentos
Movida Thetis, quaes seu peito encerra,
Falla ás Ninfas do bosque desta sorte
Antes, q' os Gregos dem aos troncos morte.

76.

Driádes, Hamadrias, e Napêas,
Desta selva frondente habitadoras,
Q' ora, della sahindo, ás claras vêas
Hides os pés banhar encantadoras.
Ora, entr'ella formando mil chorêas,
Della sois desveladas protectoras,
Vós rogo permittais, q' o Grego possa
Levar os troncos da floresta vossa.

77.

Não se attrevera, não, sem permitti-lo
Vossa vontade, e indulto soberano,
A profanar-vos o sagrado asilo
C'o sacrilego ferro deshumano.
Nem eu mesma devia consenti-lo
Nem vós sofrer o injurioso dano,
Sem alcançar a generosa graça,
Q'eu vos venho pedir, que se lhes faça.

78.

Em paga vos prometto, que, baixados
Os troncos ao meu reino proceloso,
Hão-de sempre marchar mui respeitados
Do mar furente, e d'Áquilo raivoso.
Thé, se tanto podesse, sublimados
Serião, qual o d'Argos luminoso;
Mas basta, q'os escude em pró de Juno
Contra as injurias do feroz Neptuno.

79.

Assim Thetis fallou; e incontinente
As Driádes aos rogos anuirão,
Pois, movendo-se o bosque, inclina a frente,
Prodigio assombrador, q'os Gregos virão.
Nenhuma a perda dos seus troncos sente,
Menos gemer de dor alguma ouvirão,
Como se exenta, quando a atroz machada
A altiva faia põem no chão prostada.

80.

Os afiados ferros já chegavão,
E maquinas, q' ás praias conduzissem
Os madeiros, q'ufanos se mostravão
Antes, q' a golpes sobre o chão cahissem.
As plantas mais humildes receavão,
Que duros com seu pezo as oprimissem,
E fugirão d'ali, se a natureza
Lhes não tivesse a vida á terra preza.

81.

Eis os braços robustos já começão
A desfechar crueis os impios cortes,
Q', huns traz outros levados, jamais cessão
De dar ao mesmo tempo inumeras mortes.
Apenas cáe hum tronco, o descabeção;
Não lhe val a nenhum ser dos mais fortes:
Ao som da queda, estremecendo a terra,
Murmura o bosque, e geme ao longe a serra.

82.

Perecem as frondiferas moradas,
Que na basta espessura se entranhavão.
Aonde as avesinhas namoradas
Sem receio, e temor, nidificavão.
Fogindo ao som das vozes, e pancadas,
Q' a terra, e ceo, e mar tumultuavão,
Vós, capripedes Faunos corni-frontes,
Vós subisteis d'ali aos altos montes.

83.

De Jove cáe a arvore prezada,
Que já do forte Alcide ornára a fronte:
Cáe a do Nume Arcádico estimada,
E dos pastores desse insigne monte.
Nem tu, ó Frigia Deosa venerada,
E permitte-me, aqui to diga, e conte,
Livras-te a Átis do mortal quebranto,
Que tu, tão desamada, amaste tanto.

84.

Ao ruido, q' os troncos orgulhosos
Fazião ao cahir, gigantes graves,
Pávidas corças, javalis cerdosos,
Correm, fogindo, e pelo ar as aves.
Huns feitos já pedaços numerosos,
Outros compridas, vigorosas traves,
Erão ás vastas praias arrastados
Pelo impulso dos braços dos soldados.

85.

Ali já nos madeiros, que chegavão,
Dos fortes cabrestantes ajudados,
Os nautas operosos trabalhavão,
Pondo na brevidade os seus cuidados.
Nas recôncavas rochas retumbavão
Os crebros sons dos golpes desfechados:
Junta-se a armada toda, e felizmente
Da compostura o beneficio sente.

86.

Musa, que tens guiado o meu engenho
Com tua inspiração téqui benina,
Não mais m'influas, não, pois meu desenho
Erynis descorçôa atroz, ferina.
Murcha-me o gosto de findar, que tenho,
Hum canto, de q' a patria minha he dina,
Pois civil dissensão com fero dano
As portas abre do bifronte Jano.

87.

Quaes Thessália assombrada outrora vira
Iguaes armas, e águias, nos Emácios
Campos feras lutarem, onde expira
A liberdade enfim dos campos Lácios,
Ou quando em pró da patria, que os suspira,
Nos Philipicos vio Brutos, e Cassios,
Taes armas Lisia vê, e iguaes bandeiras,
Dividindo entre si suas fileiras.

88.

Não pode entre o tumulto estrepitoso
Das armas fratrecidas, e confusas,
Beber o ledo ouvido desejoso
Os armonicos sons das brandas Musas.
Feias scenas d'aspecto doloroso
Só agora por Lisia estão difusas:
Vôou Astrêa á região serena;
De Pan nos campos emudece a avena.

89.

Minha resolução não te magôe;
Pois, quando a nossa empreza se ultimasse,
Quem ha, que nosso arrojo nos perdôe,
E d'atrevidos vãos nos não culpasse?
Quem ha, q' o bom engenho galardôe,
Inda q'algumas faltas lhe notasse?
Algumas faltas sim, porque sem ellas
Nunca verás as producções mais bellas.

90.

Bem sabes, não se erguera no meu peito,
Quando a tuba me deste alti-sonante,
Da gloria o fumo vão, q' he sempre effeito
D'huma idêa tão fatua, quam brilhante.
Tentei, obedecendo ao teu preceito,
Do meu berço mostrar-me assim amante;
E basta, que me fique neste ensejo
A gloria de o tentar, junto o desejo.

91.

Emudeçamos sim, té que serenas
Auras voltem a Lisia venturosa:
Então mais livre, e leda, abrindo as pennas
Das azas, outra vez virás gostosa;
Ou antes modular canções amenas
Na sicilica frauta maviosa;
Que, sendo tu só Musa camponeza,
Mal se te ajusta a épica grandeza.

92.

Mas tu instas comigo, que prosiga
Minhas justas razões desattendendo:
Eu te obedeço sim porque me obriga
Tambem a inclinação, q'estou mantendo.
Continuamos sim; mas não se diga,
Q'interesse, ou louvor, té vai movendo;
Pois, se em vista de premio trabalharas,
Certo, que tarde, ou nunca o alcançáras.

93.

Continuamos sim, pois nos alenta
Do publico repouso a doce esp'rança:
Sempre depois da noite, ou da tormenta,
Vem dia alegre, ou placida bonança.
Da Megera feroz, sanguinolenta,
A torva, insana, furia em vão se cança:
C'hum acceno do rosto magestoso
Pedro aniquilará o monstro iroso.

94.

Mas onde estaes, ó almas bem-nascidas,
Dos antigos heróes, q'o lusitano
Reino exalçasteis, desprezando as vidas,
Expostas a bem delle em vosso dano!
Vós, que por sobre as mais esclarecidas
Nações c'o valor vosso mais q'humano
O subisteis, rompei da morte os tectos;
Ah! vinde envergonhar os vossos netos.

95.

Vereis o amor da patria sepultado
No seio d'huma sordida cobiça:
Elle grandes vos fez, fez grande o Estado,
Vois o mais nobre fogo em vós atiça.
Cega ambição o mal-afortunado
Coração portoguez desvaira, illiça:
Hoje o vicio se estima, e condecora:
Hoje a vossa virtude hum crime fôra.

96.

O patrio bem commum, que tanto amasteis,
Vereis, que já de todo desfallece:
Puro, e limpo, dever, que só prezasteis,
Sacrificado está ao vil interesse:
Esse imperio da lei, que respeitasteis,
Desfeito jaz; q'apenas se conhece
Só por lei, que só esse nos invade,
O capricho da força, ou da vontade.

97.

Lealdade, união, honroso brio,
Virtudes, q'em vós sempre dominarão,
No meio do mais cego desvario
Os embates civis desmantelarão.
Vereis somente do egoismo frio
Os maléficos fructos, que brotarão;
Vereis os vossos netos desunidos,
Vereis os laços sociaes rompidos.

98.

Cega paixão de mandos, e riquezas,
Hoje só vossos netos electriza,
Não esse nobre ardor d'altas proezas,
Não essa honrosa fama, q'eterniza.
Torvo furor de sedicções accesas
Os lusos corações desmoraliza;
E, para enfim se ver, q' o mal reforça,
Não tem costumes lei, nem leis tem força.

99.

Digo-vos franco, e sem temor m'explico,
Q'esses vossos heroicos, e altos, feitos
Em nós degenerarão, e eu vos fico,
Que jamais brotaraõ de lusos peitos.
Foi grande, foi temido, forte, e rico,
O reino lusitano, quando estreitos
Laços ao bem da patria vos prendião,
E n'hum só corpo, e alma, vos união.

100.

Mas onde estão os peitos, sup'riores
Á fortuna, a quem só virtude afaga?
Aonde esses heroicos vencedores
Da rica India, e d'africana plaga?
Aonde os, não domados, domadores
Da cobiça, q' o ouro não estraga?
Onde esse imperio jaz do azul tridente,
De que Neptuno enfim nos fez presente?

101.

Fez a fortuna lusa movimento,
Ha muito, com seus dons sempre fallaces,
Para estraphas nações, e neste intento
A peor' nos volveo das suas faces.
E porque mais agrave o sentimento,
De que tu, patria minha, ora te pasces,
Pobres hoje, e mesquinhos, recebemos
As leis, q' a cem nações outrora dêmos.

102.

O ouro corruptor tem estragado
A lusa lealdade, tão subida;
Elle corrompe o alto, e baixo, estado;
Delle o civismo só recebe a vida.
Solto já do pudor, desenfreado,
Vai sem conta, sem pezo, e sem medida,
Atropelando leis, e desfazendo
Virtudes, que já mal se vão mantendo.

103.

Geme opressa a nação em taes desvios,
Justos são seus gemidos pezarosos,
Porque só ella paga os desvarios
Dos choques d'ambição contenciosos.
Da gloria nacional extinctos brios
Só vê nos filhos seus desamorosos,
E, sendo já temida em paz, e guerra,
Vê-se ludibrio das nações da terra.

104.

Mas Vós, Monarca excelso, em quem só pomos,
E em Vossa Augusta Filha, esp'rança, e fructo,
Dos males, de q'assim feridos somos,
Certo, aniquilareis o poder bruto.
Se outrora grandes, e ditosos fomos,
Q'inda os mesmos seremos eu reputo,
Porque, se a nós de pais volverdes olhos,
Em rosas trocareis nossos abrolhos.

Canto 4.°

1.

Em quanto lá na praia os operarios
Fortalecem as náos desbaratadas
De modo, q'esses mares, seus contrarios,
Desgostavão de as ver tão reforçadas,
Ditoso o Rei em passatempos varios
Via correr as horas apressadas,
Ora dos seus as obras visitando,
Ora co'a bella Thetis praticando.

2.

Mas sempre o mais do tempo se entretia
Com as Ninfas no paço, que bordavão
Em finissima tela noite, e dia,
Hum quadro magestoso, q'animavão.
Das côres na vivissima armonia
Os fios d'ouro, e prata, entrelaçavão
Em hum bello painel historiado
Da vida desse Achiles esforçado.

3.

Primeiro os altos Numens apparecem
De Thetis celebrando os desposorios
No Pélio monte, aonde resplandecem
Seus rostos, por si mesmos bem notorios.
E como da Discordia la se esquecem
Esta os gostos lhes faz vãos, e illusorios:
Eis porq' ali se vê lançado á meza
O pomo d'ouro com sagaz destreza.

4.

Quem pensára, q'hum pomo, que lançara
Por se vingar a Deosa turbulenta
Com fatal inscripção, torvo encerrara
De Troia a ruina, que se ali fomenta!
Assim guerra, que vidas mil custara,
Pois só de sangue, e vidas, se alimenta,
Vemos, que por motivo sempre teve
Cega ambição, ou huma afronta leve.

5.

Se ao Vate he dado predizer futuros,
Quando o alumia inspiração phebêa,
Inda os humanos viverão seguros,
Ao mundo regressando a diva Astrêa.
Illuminada então dos raios puros
D'huma sabia razão, que já fulgêa,
Mutua beneficencia unir só hade
Em laços fraternaes a humanidade.

6.

Nem costumes, nem cultos diferentes;
Lingua diversa, opiniões discordes,
Por barreiras terão do mundo as gentes;
Ellas s'irmanarão todas concordes.
E posto que, rangendo irado os dentes,
Do lethargico sono hum dia acordes,
Pedro Quarto, e Maria, em fundo abismo
Hão de sumir-te horrendo despotismo.

7.

De todo fenecer essa execranda
Memoria dos tiranos Phalarizes,
Findar a geração impia, e nefanda
Dos Busiris, dos Neros, e Cambizes,
A nós volver em paz serena, e branda,
Tempos dourados, dias mais felizes,
Eu já vejo n'accesa fantasia,
Qual Pithia em Delphos, quando Apollo a ardia,

8.

Mas desce, Musa, os vôos, q'elevavão
Do teu desejo o alto atrevimento;
Volvamos ao painel, que trabalhavão
Divinas mãos com avisado intento.
Ali na rica tela debuxavão
D'Achiles o ditoso nascimento,
Tendo por berço o candido menino
Concha de prata, orlada d'ouro fino.

9.

Logo apparece a Mãi, aconselhada
Da Tritonia Deidade, mergulhando
Na Stige o louro filho desvelada,
E n'hum só calcanhar leda pegando.
Quer faze-lo immortal; mas, occupada
Toda a idéa do menino brando,
Lh'esquece, porq' o Fado o ordenara,
Molhar o calcanhar, onde pegara.

10.

Ali o tenro Achiles apparece
No thessálico monte confiado
Ao Phileréo Chiron, que não falleee
De o trazer no flexar sempre adestrado.
Ali ao som da lyra o adormece,
E quer, que, por tal cibo alimentado,
Em vez do leite maternal engula
Dos ossos dos leões fera medula.

11.

No primeiro alimento a natureza,
Q' ao homem dá, o leite nutritivo,
Nos mostra com razão, e com clareza,
Que docil deve ser em quanto vivo.
Mas esses, a quem sempre atroz fereza
Na guerra lisongêa o peito altivo,
Embora bebão leite só de feras,
E pastem carnes de crueis pantheras.

12.

Logo bordarão Thetis, que consulta
Sobre seu filho o oráculo divino:
Logo a fatal resposta, que resulta,
Expressada em palavras d'ouro fino.
Nella vida mui curta só faculta
Com grande gloria a Achiles o destino,
Ou vida longa, em annos avultada,
Mas sem gloria, e sem fama, enfim passada.

13.

Aquella escolhe o heróe, escolha dura,
Que mui poucos farião, se a mettessem
A arbitrio seu, porq' ante a morte escura
Os animos mais fortes esmorecem.
Preciso esforço he da suma altura,
Quando, vendo-a, os mortaes della se esquecem,
E poem a vida, ó nobre desperdicio!
Sobre a ara da patria em sacrificio.

14.

Quando liberalisa os dons formosos
O almo ceo aos heróes, he muito avaro
Em lhes dar longa vida, e venturosos
Destinos: o contrario he sempre raro.
Fallem esses heróes, os mais famosos,
Cesar, Achiles, e Alexandre claro;
Mas momentos de gloria esclareçida
Equivalem a seculos de vida.

15.

Já Achiles ali está com Licomede
Em trajo feminil, q' a Mãi, que o ama,
Hum retiro em seu paço a elle pede
Por da morte o salvar, q' a Troia o chama.
Ali tambem se vê, como já cede
Deidamia, a quem forte amor inflama,
Ao heróe todo fogo, e sentimento,
Penetrando só ella o fingimento.

16.

Licção he esta, que nos bem convence
De não livrar d'amor valente escudo,
Pois, quando chega, a tudo prostra, e vence,
Ao fraco, ao forte, ao sabedor, ao rudo.
Tudo que vive, e sente, lhe pertence:
Lá das agoas no seio ao peixe mudo,
No ar ás aves, aos mortaes na terra,
Ou tarde, ou cedo, move doce guerra.

17.

Nem os Numens, que lá nesse estellante
Olimpo o soberano trono assentão,
Deixárão de sentir o penetrante
Farpão d'Amor, pois doce amor sustentão.
Não só fere, e subjuga o animante;
D'amor as mesmas flores se alimentão;
Meigas se osculão, e com quanta graça
Em consorcio a ternura as une, e enlaça!

18.

Em Scyros apparece n'outro lado
Ullisses desfarçado n'hum Mercante,
Quando foi pela Grecia encarregado
De comsigo levar o heróe possante.
Como o não reconhece, já dobrado
Mil cousas feminis lhe pôem diante,
Entr'ellas huma espada, q'aparata,
Que, mal q' a vê, o heróe logo a arrebata.

19.

Debalde a natureza resistimos
Por mais q' a educação contraria seja:
Sempre traz ella com prazer nos himos,
Quando a nós se offerece o que deseja.
Apenas com bem custo consentimos,
Q' em paz co'a educação hum'hora esteja;
Feliz aquelle, a quem o ceo lhe manda
Ditosa condição, suave, e branda.

20.

Ali no rico delicado pano
A debuxar a agulha começara
As armas, que batera o Deos Vulcano
Para Achiles, que d'armas se prepara.
Estas lhas houve a Mãi por justo engano,
Quando a paga pactuada ao Deos negara,
Pois contra a honra, e feminil recato,
Jus não confere illicito contracto.

21.

O que têqui a agulha industriosa
Acabara, mal posso encarece-lo;
Deste quadro à pintura magestosa
Era tal, que não tinha algum modelo.
O primor da belleza graciosa
Posso senti-lo sim, não descreve-lo:
Só dizer basta, que na tela unida
As mortas côres respiravão vida.

22.

Ali a graça, a proporção se via
E das varias paixões o vario effeito,
Belleza d'expressão, e d'armonia,
Unidade, equilibrio, e tom perfeito.
Mixta co'a sombra a luz apparecia,
E da arte o mais minimo preceito;
Ali tinhão no todo, e em qualquer parte,
Q'admirar, e aprender, a vista, e arte.

23.

Já vinte vezes na celeste esfera
O brilhante Amador de Larissêa
Do dia a tocha lúcida acendera,
Com que tanto o universo lisongêa;
Outras tantas com ella se escondera
No seio do oceano, onde passêa,
Em quanto a irmam triforme o la reveza
No ceo sereno, em frouxa luz accesa,

24.

Prompta já era a poderosa armada,
Q' os mares com soberba amiaçando
Estava, no remanso embalançada,
A partida aos Etólios demandando.
Por hum prospero vento convidada,
Os elevados mastos meneando,
Se ostentava já muito impaciente
D'hir gravar com seu pezo o mar tumente.

25.

O filho de Tydeo, a quem chamava
Á grande empreza o Fado soberano,
Que parece, q' a alma lhe adulava
Co' a remota presença do oceano,
A partida com Thetis concertava;
E, mandando das náos soltar o pano,
Á Deosa, que o estima, e tanto honrara,
Os sentimentos d'alma assim declara.

26.

Bem que devesse, divinal rainha,
Fazer, q'ora m'ouvisseis dignamente
A voz da gratidão, não pode a minha
Expressar-vos com tudo o q'alma sente.
Se agora ocasião propicia tinha
De meu peito vos pôr aqui patente;
Tão grande he a gratidão, que o avassala;
Que palavras não sei expressa-la.

27.

Vós sois Deosa, eu mortal, e bem conheço,
Que não pode o mortal, sempre abatido,
Por palavra, ou por obra d'alto preço,
Mostrar-se, quanto deve, agradecido;
Pois, se a grandeza transportado meço
Do favor, que m'heis feito, tão subido,
Para o agradecer em tanto empenho
Nem palavras, nem voz, nem forças tenho.

28.

Eu parto, se o quereis, pois agradar-vos
He só minha tenção, e meu cuidado;
Mas sempre na lembrança hei-de levar-vos
Onde quer que me vá, ou mande o Fado.
Prometto em toda a parte venerar-vos,
Já que só isto posso; e neste estado
Diga o silencio, pois não pode a lingua,
O mais, que sinto, e perdoai-me a mingua.

29.

Fallou o Etólio Rei, e a generosa
Thetis responde: ó grande heróe, eu creio,
Que mais do que tu vás fico eu saudosa,
E que deixe de o ser jamais receio.
E já que na tu'alma tão briosa
Como Deosa, que sou, penetro, e leio,
Dos sentimentos teus fico inteirada,
E ainda, do que tu, mais obrigada.

30.

Não devo, nem me cumpre demorar-te,
Pois não sei a q'o Fado te destina,
Nem os altos successos revelar-te,
Q' o ceo talvez te guarda, e determina.
Mas sempre que Neptuno injuriar-te
Queira no reino seu, onde domina,
Apesar de Neptuno embravecido
Serás por mim velado, e protegido.

31.

Para que meu bom animo tu crêas,
Estas Ilhas tégora innominadas
Denominem-se já Diomedèas,
Pois teu nome as fará mais celebradas.
Qualquer lenho, que beje estas arêas
Leia-o assim nas rochas levantadas:
Apraz-me, que teu nome em frase nua
Aqui sempre recorde a gloria tua.

32.

Podes fender seguro os mal-seguros
Campos do mar, de p'rigos semeados,
Té que vás saúdar os patrios muros,
Ou outros mais longiquos, e apartados.
Se do mar os furores, sempre duros,
Romperem contra ti, d'estrago armados,
Em toda a parte das salgadas linfas
Terás em teu auxilio as minhas Ninfas.

53.

Assim fallava Thetis, quando desce,
Librada em nuvem transparente, e clara,
A Deosa, que nas armas resplandece,
E n'alta mente Jupiter gerara.
Com prompta vista logo a reconhece,
Ignorando a razão porque baixara,
Ó Rei, q'está suspenso, e desejoso
De saber a que vem do ceo formoso.

54.

Mal que chega, e c'os pés divinos toca
Essa praia, onde os Gregos se apromptavão,
Todos pendendo estão da sua boca,
E nella os olhos todos se empregavão.
Firmada a nivea planta em alta roca,
Ás ondas sobranceira, que a banhavão,
Co'a mão compondo a fluctuante veste,
Desta sorte soltou a voz celeste.

55.

Ó Rei, a quem eu sempre com ternura
Entre os gregos heróes estremei tanto,
Quando, sempre a teu lado, entrei na dura
Guerra, que tornou sangue o largo Xanto,
Venus com Marte contra ti conjura:
Isto dizer-te venho, e mais o quanto
Juno te preza, e te protege ufana
Como Deosa dos Deoses soberana.

36.

Eu baixo agora aqui da sua parte
Por mo ella rogar, e ser meu gosto,
Somente a previnir-te, e aconselhar-te,
Se em tudo te não fôr o Fado opposto.
Mas embora cruel venha a mostrar-te,
Em vez de ledo, carrancudo rosto,
Quanto dizer-te vou guarda em teu peito;
No que sempre acharás gloria, e proveito.

37.

Sabe, que nascer rei he accidente
A q'os povos não podem dever nada;
Assim d'huma virtude alta, e excelente,
Cumpre tragas tu' alma sempre ornada.
Faze, que pelos teus a lei somente,
E primeiro por ti seja guardada;
Pois quando mais, q'a lei, qualquer domina,
Da lei, do Estado, e de si mesmo he ruina.

38.

Verás, que, quando a lei só não domina,
Os povos do seu bem se descaminhão;
De desprezo das leis nasce a ruina
Das nações, que com ellas se sostinhão.
Mil infracções huma infracção ensina;
Assim, se para as leis, que vos mantinhão,
Severos exigis respeito inteiro,
Respeitai-as, governos vos, primeiro;

39.

Se em terra estranha, ou já na patria terra,
Teus povos felizmente governares,
Sabe, q'he mór perigo, q' o da guerra,
Se a voz de lisongeiros escutares.
O merito premeia, onde se encerra
O saber, ou virtudes singulares:
A todos dá o ser a natureza,
Mas só obras heroicas dão nobreza.

40.

Sempre costuma o vulgo vacilante
Prodigar só louvores indevidos:
Estes não preza, não, varão prestante,
Mas sim os que só julga merecidos.
A muitos elle os dá, quando inconstante
Baixos hontem, os vê hoje subidos;
Mas por mais q'essa aura te alce, e ame,
Nasce rei, obra mal, serás infame.

41.

Ah! não t'illudão risos da Fortuna,
Que sardónicos são, são enganosos:
Vê, q'a mais alta, e válida coluna
Se abate, e jaz em troços numerosos.
Quando as vellas da dita mais infuna
O tufão dos destinos caprichosos,
Mais tu deves temer, q'a náo se alague,
E no mar da desgraça então naufrague.

42.

Não repouses no sono da indolencia,
Apartando de todo o teu cuidado
Do bem commum dos teus, cuja existencia
Ès a felicitar sempre obrigado.
A grandeza d'hum rei, sua opulencia,
Pendem do bem geral do seu Estado:
Ser não pode hum monarca venturoso,
Quando o povo, que rege, he desditoso.

43.

Esse regio diadema, que te arrêa,
Sempre o publico bem tenha por fito:
Pune o delinquente, o bom premêa,
Proporcionando a lei com o delicto.
Só para dominar nenhum se crêa
Pelo seu povo acceito, que restricto,
Quando obedece curvo ao seu sob'rano,
Só delle espera o bem, mas não seu dano.

44.

Muitos escolhos náufragos encerra
Hum reino, em que perigue, e tenha morte:
Assim do reino teu lança, e desterra
De turbulentos máos toda a cohorte.
Ama o bem, ama a paz, foge da guerra,
E só puros varões sejão teu norte;
Não hipócritas vis, q'a sombra tua
Despojem a nação, e a deixem nua.

45.

Sempre em teu seio a timida sciencia
Benefico agazalha, e dá-lhe amparo:
O sabio, sempre cheio d'excelencia,
Por se ver desprezado he sempre raro.
Leis justas, filhas só da sapiencia,
Mais, q'as armas, hum reino tornão claro;
Pois nesse, onde a sciencia he pouco stavel,
Não pode ser feliz, nem ser duravel.

46.

Hum rei he sempre máo, quando a cobiça
Em su'alma domina, e ferozmente
Com despotico mando, ou injustiça
Só rege a arbitrio seu a opressa gente.
Amor, brandura, imparcial justiça,
Larga mão, rosto ledo, alma clemente,
Fazem, q'hum rei de Jove a imagem seja
Sobre a terra, q'a vida lhe deseja.

47.

Nunca o tributo por excesso sóbre
Alem do justo, honesto, e neccessario;
Far-te-ha hum pedaço de vil cobre
Da tua segurança mui contrario.
Pobre serás, se assim fizeres pobre
O reino sobre-extremo tributario:
Se inhabil professor do corpo extráe
Todo o sangue, sem vida o corpo cáe.

48.

Não apoies hum sceptro desgraçado
Em prizões, cadafalsos, e desterros:
Serás mais grande rei d'homens cercado,
Do que d'escravos vis, rojando ferros.
Sempre da humana condição lembrado,
Não castigues severo innatos erros;
Só pune os q' a maldade iniqua, e fera,
Na humana corrupção semêa, e gera.

49.

Aos cargos da republica eminentes
Só deves chamar esses, q' os desprezão,
Mas não ambiciosos insolentes,
Que n'hum governo máo sempre os revezão.
Só com a mira em lucros indecentes
Aquelles não os amão, nem os prezão:
Estes sim; e por isso querem tê-los
Sem justiça, e razão, sem merece-los.

50.

Sem merece-los sim, e sem justiça,
Os pleiteia, procura, e appeteee,
Aquelle, que, vencido da cobiça,
A sua propria ignávia desconhece.
Para taes fecha sempre a mão remissa;
Quem mais os busca, menos os merece:
Dá-os só aos varões, que tem prudencia,
Fundo saber, e longa experiencia.

51.

Estes sim he, que são os varões dinos
De tê-los os bons reis sempre em lembrança,
E não vis cortezões, baixos, e indinos,
Que só medrão á sombra da privança.
Aquelles com espiritos divinos
No bem commum só pôem toda a pujança:
Estes do seu só curão, sempre ignavos,
Por meios desleaes, torpes, e prayos.

52.

Os influxos maleficos refrêa
Do fanatismo atroz religioso:
Elle só ama o erro, e sempre odêa
O clarão da verdade luminoso:
As almas embrutece, a mente enlêa,
Torna o povo feroz, he desastroso:
Vendo o sangue correr, só se deleita;
Abraza o mundo, os tronos não respeita.

53.

Estima os capitães d'altivo peito,
Que a custo de fadiga, e do seu p'rigo,
Só da honra escutando o som perfeito,
Debellem com seu braço o fero inimigo.
Elles podem servir-te de proveito,
Se delles te mostrares sempre amigo:
Nem os premios, q'a elles sós se devem,
Inuteis Sibaritas nunca levem.

54.

Nunca em dura opressão teus povos gemão;
Serás rei infeliz d'huma tal gente:
Mão, que ferros escravos sempre algemão,
No bem commum labora inutilmente.
Odeiem-me, com tanto que me temão,
He de tyrannos maxima imprudente;
Mas he de bons monarcas por mil modos
Penhorar com bondade o amor de todos.

55.

Do liberto pensar o dom superno,
Justiça, leis iguaes, e liberdade,
As basses são do sólido governo,
Que do homem respeita a dignidade.
Ellas derivão do direito eterno,
Q'a natureza deo á humanidade:
Pode o tyranno estremecer d'ouvi-lo;
Pode calca-lo sim, não destrui-lo.

56.

Estes conselhos meus sempre medita:
Theorias não são de vam sciencia,
Que louca idéa humana só suscita,
Deslumbrada do bem pela apparencia.
Nelles verdade eterna só milita,
Que justifica sempre a experiencia:
Ditoso serás tu, se os praticares,
E ditosa a nação, que governares.

57.

Agora ao vento, e mar, a tua armada
Podes seguro dar, pois te protege
A poderosa Juno sublimada,
Que, se o Fado não doma, o Olimpo rege.
A acção, que tens d'obrar, por exalçada
Virá tempo, em que todo o mundo inveje:
Erguer huma cidade he mor façanha,
Do que mil abater com ferro, e sanha.

58.

Se acaso o mar ausónio, como temo,
Surcar a tua armada vencedora,
Evita o monstruoso Poliphemo,
Que na plaga trinácria horrendo mora.
Ah! guar-te de tocar c'o duro remo
Nessa Ilha de Circe encantadora;
Nem te deixes levar no mar undoso
Do canto das Sirenas enganoso.

59.

Mas primeiro que traces algum rumo
Toma porto na terra dauniana;
Que la n'hum templo seu Apollo sumo
A quem o consultar jamais engana.
Nem Juno inda prevê, nem eu presumo,
Em que terra obrarás a acção sob'rana;
Mas la da sabia Pithia a voz segura
Dessipará do Fado a treva escura.

60.

Offerecido estás a tudo aquillo;
Q' o Fado te mandar, e o Ceo t'ordene;
Como poder não tens para impedi-lo,
Esta lembrança a alma te serene.
Comtigo mesmo viverás tranquilo,
Ou te absolva o Ceo, ou te condene;
Se venceres o mal co'a paciencia,
E se usares do bem só com prudencia.

61.

Disse; e na mesma nuvem transparente
Ligeira ao Ceo subio, e de partida
Os Gregos marchão já, e cada hum sente
Os golpes da saudosa despedida.
Fende o liquido campo velozmente
De bronze duro a quilha revestida,
E em torno dos baixeis como afrontado
Sussurra, escuma o largo mar salgado.

62.

La para a região, q'o Cancro adusto
Abraza c'os vitaes raios solares,
Mora Tufão cruel, monstro robusto,
Negro filho do ar, terror dos mares.
Quando o corpo agiganta, espalha susto
Nas mesmas densas nuvens la nos ares;
Pois nellas sempre oculta o vulto enorme
Da medonha cabeça tauriforme.

63.

Mal que d'ardente bocá os estuantes
Hálitos solta, horrendamente trôa,
E, os ferrugineos olhos fulminantes
Movendo, de terror tudo povôa.
Inimigo fatal dos navegantes,
Quando alipede marcha, e irado vôa,
Mil estragos semêa á cada salto
Á direita, á sinistra, ao baixo, ao alto.

64.

Mavorte, a quem magôa a grave injuria
Vendo ilesa outra vez a etólia armada,
Que Nêptuno em furor, e Fólo em furia
Não conseguirão ver aniquilada,
Mavorte, a quem não dá seu odio incuria,
D'aquelle monstro vai ter á morada,
Cova espaçosa, subterránea, escura,
Cortada junto ao mar em rocha dura.

65.

Mavorte ali vai ter, onde o fogoso
Monstro no duro chão acha estendido;
Elle dormindo estava incurioso
Com roncador resono, ao longe ouvido.
Á chegada do Nume estrepitoso
Acorda; mas feroz, e embravecido;
E se agita, e se move, tão violento,
Que da cova estremece o pavimento.

66.

A que vens, alto Numen? Que motivo
Tão forçoso te obriga a procurar-me,
Sabendo, que sou monstro destructivo,
E só d'estragos posso saciar-me?
Se em mim vens procurar o lenitivo
D'algum mal, que te punge, ah! vens achar-me
Disposto a te servir no q'ordenares,
Seja no mar, na terra, ou lá nos ares.

67.

A Marte assim fallou, que lhe responde:
Baixar me faz aqui hum caso urgente,
Que meu justo despeito não te esconde,
Mas antes o vai já fazer patente.
Sabe, Tufão, que lá no mar por onde
Se dilata do Lácio a costa ingente,
O filho de Tydeo, que tanto odeio,
Rompendo vai do mar o largo seio.

68.

Lá nos campos troianos com a lança
Esse mortal audaz me fere, e toca;
Acção, que punir quer minha vingança,
Pois minha ira, e meu rancor provoca.
E já que teu ouvido agora alcança
Este caso por voz da minha boca,
Nelle a causa verás justificada
Da minha vinda aqui inopinada.

69.

De ti, que sobre o mar tens grão dominio
Como nos ares la, valer-me venho,
Porque só de ti fio o exterminio
Do Tydide, e só este he meu empenho.
Que posto q'o supremo predominio
Exerce no seu reino em todo o lenho
Neptuno, mesmo assim ver destruida
Não póde a grega gente aborrecida.

70.

Mas tu podes fazer o que Neptuno,
Contra tal gente á pouco concitado,
Não póde conseguir: lanço oportuno
Agora t'offerece o grego ousado.
Corre já, eu to rogo, que se Juno,
Antes de ser por ti executado,
Meu intento penetra, certamente
Se malogra, se exváe inteiramente.

71.

Afóra o caso meu, demais te digo,
Como previo de Jove a divindade,
Q'esse grego em ignoto, estranho, abrigo
O fundador será d'alta cidade.
E como la do Ceo conselho amigo
O força, insta, obriga, e persuade,
Eis porq' o grego vai d'Apollo agora
A voz ouvir, dos fados sabedora.

72.

Dessa cidade como que já vejo
Radiosa fanal romper hum dia,
Q'alumiando heróes do flavo Tejo,
Hade téqui servir a heróes de guia.
Sem guardar-te respeito, eu já prevejo,
Q'afrontar-te virá sua ousadia,
Pois com soberba altiva, e insolente,
Pizarão do Neptuno o azul tridente.

73.

Por elles desprezado em teu imperio,
Que neste d'Ethiopia mar estendes,
Sob o jugo verás d'outro hemisferio
Estas plagas, que guardas, e deffendes.
E poderás sofrer tal vituperio?
Ah! se a esta razão te já não rendes;
Renda-te o rogo meu, elle te mova:
Da tua ira sinta o grego a prova.

74.

Calou-se Marte; e ō monstro furibundo
O negro corpo enorme ergueo á pressa:
Da vasta cova deixa o centro imundo,
E toca la nas nuvens co'a cabeça.
A vista desferindo ao mar profundo,
A fuzilar c'os olhos já começa:
Horrisono roncou, e ao fero estrondo
O contorno tremeo todo em redondo.

75.

Subitamente o ar todo escurece;
Cedem o campo os ventos de medrosos;
Neptuno irado então mais encanece;
Ruem torres, e troncos orgulhosos.
Aos ares já o monstro, q'enfurece,
Quanto encontra arrebata, e nos fragosos
Fundos do vitreo, salitroso argento
Salva Proteo o seu imundo armento.

76.

Da cabeça em redor aglomerando
Montes de negras nuvens la na altura,
E com roncos medonhos trovejando,
Enche de medo o mar, e a terra dura.
Mais que setta veloz veloz voando,
Ás gregas náos já marcha em direitura,
Que já de longe temem os horrores
Dos negros furacões seus precursores.

77.

Já de longe o seu p'rigo considera
A grega gente, mal q'ao longe aponta
O monstro fulminante, e la da esfera
Tantos estragos, quantos passos conta.
Entre a esperança, e temor, q'o medo gera,
A aflicta voz do grego ao Ceo remonta,
Aonde auxilio pede, e Juno avisa,
Que contra o monstro assas s'encolerisa.

78.

Juno repara, e vê, que já lutavão
Os baixeis com os crebros solavancos,
Com que bravos se agitão, e elevavão,
Os mares, d'alva escuma todos brancos.
Em serras convertidos, já mostravão
Do seu leito arenoso os campos francos;
Que desde o fundo ao cimo revolvião
Os grossos vagalhões, quando fervião.

79.

E como não sofresse mais demora
O remedio do mal, Juno, baixando
Na carroça de nuvens, que sonora
As auri-plúmeas aves vem tirando,
De todo o ar então se faz senhora,
Donde expelle Tufão submisso, e brando,
Ao poder da sob'rana divindade
Que o desarma com voz de magestade.

80.

Com voz de magestade a Deosa irada
Increpa o torvo monstro pavoroso,
E lh'ordena, respeite a grega armada
Sempre que trilhe o salso pego undoso.
O mandado da Deosa venerada
Cumprir promette curvo, e respeitoso,
E, desfeito o furor, com q'embravece,
Os passos volve atraz, e desparece.

81.

Já de Juno a divina potestade,
Que desde hum polo a outro o ceo alcança,
Aos ares restitue a claridade,
A paz á terra, aos mares a bonança.
No gozo da feliz serenidade
Reanimado o grego já descança,
E scyando os baixeis, q'o pego domão,
O projectado rumo outra vez tomão.

82.

Da vista as Ilhas perdem descontentes,
Os gregos, q'outras plagas vão buscando,
E, passados tres sóes as excelentes
Terras da vasta Dáunia estão tocando.
Ás curvas praias chegão, que ridentes
As náos abração, e as hospedão, quando
Phebo, transpondo já o erguido monte,
Quasi roçava o coche no horizonte.

83.

Fica a gente da terra duvidosa,
Mal que vio aportar tão grande armada,
E começa a mover-se receosa,
Pois não sabe, se á guerra he convidada.
Avisão logo o Rei, e a bellicosa
Gente está sobre as armas já postada,
E prompta, como quem estranho imigo
Á frente julga ver com susto, e p'rigo.

84.

Tudo nota Diomedes, e prudente;
Para que mal de si se não suspeite,
Despede de seu mando promptamente
Hum Arauto, q' o Rei ouça, e respeite.
Parte, chega, e lhe pede reverente,
Q' a vinda do seu Rei em paz acceite;
E aquelle de cortez, ou já de cauto
O manda saúdar por outro Arauto.

85.

Este sobido á náo com grão respeito
Assim fallou ao forte Diomedes:
Podes saltar em terra, heróe perfeito,
S'isto pertendes, e ao meu Rei só pedes.
De ti já Dauno faz grande conceito;
Que, posto ainda a alma lhe não medes,
Como amigo, se o és, hade estimar-te,
E como heróe da Grecia respeitar-te.

86.

A isto respondeo com ar brioso
O filho de Tydeo: se vens soudar-me,
Conhece, que jamais no bellicoso
De manhosos ardis soube ajudar-me.
Se guerra aqui trouxesse, valoroso
Virás já com as armas declarar-me,
Pois nunca por traições tive louvores;
Proprias só de cossarios roubadores.

87.

Huma pia intenção, que m'ordenara
O ceo, aqui me traz, e não guerreira
Empreza, que meu peito estimulara,
Qual essa de Jason aventureira.
Toda a suspeita má de ti separa;
Crê-te em minha palavra verdadeira;
Nella podes ficar seguro, e firme;
Nem careço comtigo mais abrir-me.

88.

Da singela franqueza convencido,
O dauniano Arauto em companhia
Do Rei desce da náo, que vai seguido
D'alguns dos capitães, q'ali trazia.
Por entre filas d'esquadrão luzido
A palacio real se dirigia:
Em turma o segue o barulhado povo;
Como quem via huma caso estranho, e nôvo.

89.

Os soldados das náos nas amuradas
Em armas cautelosos vigiavão,
Onde alguns capitães com as espadas
Á face dos de terra se mostravão.
Das tropas, assim promptas, e ordenadas,
Ledo, e horrido, quadro apresentavão
Já d'huma, e d'outra parte, entre os pavezes
Os auri-scámeos, lucidos, arnezes.

90.

Em hum regio salão, arquitectado
De corinthias columnas magestosas,
E pelos quadros seus todo adornado
De sedas, e pinturas primorosas,
Dauno, sentado em trono, marchetado
D'ascuas, e pregos d'ouro, e fulgurosas
Pedras, de q'o marfim se namorava,
Esperando ao Heróe, soberbo estava.

91.

Soberbo Dauno, e soberano, estava
Com regio manto, e com talar vestido
De finissima tela, em q'abundava
O ouro, com que fulge enriquecido.
Hum brilhante diadema o coroava;
Descança no joelho o sceptro erguido;
Mostra ledo, e sereno, o grave aspeito,
Q'adorna a barba prolongada ao peito.

92.

Sobr'elle aureo docel se suspendia,
Donde com viva luz resplandecente,
Franjado d'ouro, hum espaldar descia,
De Tyro, e de Sidonia obra excelente.
De Dauno ao lado a filha apparecia
Sentada a bella Emira, que só sente
Em si a força, e impressões primeiras
De vinte primaveras lisongeiras.

93.

Alparcas d'ouro, e vestes roçagantes,
Q'esmeraldas abrochão na cintura,
A adornavão tão ricas, e brilhantes,
Que só ella as vencia em formosura.
Os alvissimos braços elegantes,
Descobertos, e núa, por compostura
Sofrião levemente aureas manilhas,
Em q' a arte ostentou mil maravilhas.

94.

D'aljofres hum colar, que traz, lustroso
C'o peito alabastrino competira,
Se quanto dar-nos pode de formoso
Não desse a natureza á bella Emira.
No seu nevado rosto gracioso
A graça em profusão se repartira:
Nos olhos raios tem, nas faces rosas,
Rubins na boca, e perolas formosas.

95.

Em ondas d'ouro, e luz, as tranças bellas
Sobre os hombros pousavão desatadas;
Mil almas em prizão se vião nellas
Por vontade, e prazer, sempre enredadas.
Taes perfeições pintar, ou descreve-las,
Quaes nella se mostravão animadas,
Para humano pincel he ardua empreza;
Pintor não tem a divinal belleza.

96.

Do pai ao lado assim Emira estava
A todos os q' a vião captivando,
Quando o Etólio Rei na sala entrava,
Com passo magestoso o chão pizando.
Parece, q' ao seu pezo se vergáva
O pavimento, q'elle vai trilhando,
Onde ricos tapetes se estendião,
Que por todas as partes o cobrião.

97.

Do trono Dauno a recebe-lo desce,
E nos braços o aperta estreitamente,
Como quem por amigo o reconhece,
E grande gosto, e gloria nisto sente.
Á dextra em rico assento, que aparece,
Dauno lhe pede afavel, que se assente;
Ao rogo anue, e ambos, já sentados,
Olhavão-se hum ao outro demorados.

98.

Fez amante impressão na bella Emira
Do Grego o nobre garbo, e doce graça,
Pois Amor, porque sempre mais nos fira,
Da vista nasce, e logo ao peito passa.
Assim á alma da Princeza atira
Velóz, ardente, setta, que a traspassa,
Já outra disparando, igual no effeito,
Que do Grego tambem traspassa o peito.

99.

Como a noite assomára; escurecendo
Co' as pandas azas terra, e ceo inteiro,
Já mil lumes estão em roda ardendo,
Suprindo a luz desse immortal luzeiro.
Com suave expansão vai recendendo
O aroma de Panchaia lisongeiro,
E disputão balsâmicos odores
Em vasos d'ouro as variadas flores.

100.

Ministros, por idosos, veneraveis
Em tribunas estavão repartidos,
E nobres capitães, que formidaveis
Se mostravão no porte, e nos vestidos.
Serenos, e com rostos agradaveis
Todos estão, se bem q'emudecidos;
Mas o Tydide, a quem nenhum iguala,
Rompe o silencio, e desta sorte falla.

101.

Não venho aqui, ó Rei, por causa leve,
Nem para marcial commettimento;
Tenho por insensato o que se atreve
A dar para tal fim a vella ao vento,
He das armas a gloria muito breve;
Tem só no seu estrondo fundamento:
Este cessando, a gloria logo cessa,
E hum quasi esquecimento então começa.

102.

Da guerra os louros triunfaes, e gloria,
Minha experta razão hoje detesta;
Já seus males conheço, e q'a victoria
Ao mesmo vencedor sempre he funesta.
Pereça d'huma vez toda a memoria,
Odiosa aos Numens, aos mortaes molesta;
Do monstro, que primeiro em guerra, insano,
Fez c'o ferro correr o sangue humano.

103.

Eu, que já com meu braço mẽ fiz praça
Por entre as legiões do Teucro forte,
Que nem trepido á vista d'amiaça
Da lança, que vibrava o grão Mavorte,
Eu, que mais com valor, do que com traça,
Pude ajudar o decisivo corte,
Com que prostrou a achiva gente ousada
A soberba Dardánia torreada.

104.

Vejo-me agora errante, e mui remotõ
Da minha patria, a Calidonia terra.
E dado ás furias de Neptuno, e Noto,
Q'a tão longiquas plagas me desterra.
Mande-me o Ceo buscar paiz ignoto,
Onde não sei, se paz, ou dura guerra,
Me aguarda, e fique lá por meu castigo
Sepulto em pobre, e tacito, jazigo.

105.

Mas depois que m'assalta a grão violencia
Da fortuna cruel, e iniquo fado,
Sempre tive, e terei, de paciencia,
D'heroismo, e valor, meu peito armado.
Do Ceo ao odio oppondo resistencia,
Sou pelo mesmo Ceo sempre escudado;
E, porq' a varia sorte eu ande entregue,
Juno m'ampara, e Venus me persegue.

106.

Esta grande, acintosa, malquerença
Tem talvez por motivo poderoso,
Sem nelle ser culpado, a grave offensa,
Quando Venus feri c'o ferro iroso.
Porem, se não m'illude a minha crensa,
Inda virei hum dia a ser ditoso,
Porque proprio não he d'hum Deos superno
Conservar em seu peito hum odio eterno.

107.

Se males sobre mim o Fado espalha,
Desta verdade a idéa me convence,
Q'a vida humana he campo de batalha,
Em q' a morte a final triunfa, e vence.
Que se os males o Fado assim retalha,
Dando-me a parte só, que me pertence,
Submisso acceitarei em toda a idade
Esta dura pensão da humanidade.

108.

Aqui pois, grão monarca dauniano,
Já q'a Diva Tritonia o decretara,
Venho buscar o templo soberano,
Q' á Apollo a tua gente consagrara.
E como ali do Fado, oculto arcano
O Deos por voz da sua Pithia aclara,
Esta consultarei, quando o permittas,
Se de mim outra cousa não meditas.

109.

Isto dicto, calou-se, e ficão todos
Em grande admiração, que se derrama,
Buscando em sua idéa alguns apodos
D'hum tal heróe, q'o Ceo odeia, e ama.
E já que por mil vias, e mil modos,
Ora certa, ora falsa, a leve fama
Com cem olhos, cem trompas, e cem linguas
Para ver, e fallar, nunca tem minguas.

110.

A Dauno vagamente conduzira
Da ruina de Troia a triste nova,
Dizendo só, q' o grego a destruira,
Sentindo de seu braço a dura prova.
Eis porque deste Heróe, que já suspira
Por amor, q'a razão lhe não reprova,
Quer saber toda a têa desta guerra,
Q'encheo d'assombro, e de pavor a terra.

111.

Depois que Dauno ao Tydide concede
Quanto deseja, com affecto brando
Q'encete a narração, cortez lhe pede,
Desse troiano caso miserando.
A Emira mais, q'ao pai, com gosto cede,
Pois c'os o estava convidando;
Que, quando os olhos tem d'amor estudos,
Mais, do q'a lingua, sempre fallão mudos.

112.

Não hesita Diomedes, e; calados
Da sua leda boca, inda fechada,
Todos tem os sentidos pendurados,
Anhelando, já vê-la despregada.
Os feitos desta guerra mais alçados
Volve hum pouco na mente socegada:
Depois começa a narração dest'arte,
Como quem nella teve entrada, e parte.

113.

Tu, Caliope, agora fervorosa
Novo canto m'inspira, e novo alento,
Para q'em nobre frase armoniosa
Possa entoar alti-sonoro accento.
Lembra-me quanto, ó Musa dadivosa,
Á dauniana gente, e ao Rei attento,
Diomedes disse; e, pois de ti o espero,
Alguns dos sons me dá do teu Homero.

114.

E tu, Memoria, abre-me esse templo,
Onde as acções heroicas enthesouras:
Tu ali as conservas para exemplo
Dos feitos dignos, que brilhante douras.
Que posto que tambem ali contemplo
Reprovadas acções, que tu desdouras,
Da-me assim mesmo ardor, q'em mim se excite,
Para q' humas odeie, outras imite.

Canto 5.°

1.

Calarei (diz o Grego) o mais do quanto
Nesta dura contenda obrou meu braço:
Talvez a historia hum dia, ou alto canto,
Esses quadros bosquejem, q' eu não traço.
De mim pouco direi, seguindo em tanto
Esta succinta narração, que faço:
Direi pouco, porque mal se coloca,
Louvor jactancioso em propria boca.

2.

Fallar pois nesta guerra, e não fallar-vos
Na causa, que a gerou, hum erro fôra,
De que podieis com razão queixar-vos,
Se acaso a recordasseis algum' hora.
E pois de tudo assim quero inteirar-vos,
Já que vossa attenção m'escuta agora,
Porque todo vos grave na memoria,
Tomarei de mais longe a larga historia.

3.

Da bellissima Leda namorado,
Esposa desse Tindaro famoso,
N'hum Cisne o sumo Jove transformado
Pôde chégar com ella a ser ditoso.
Já do parto de Leda celebrado
Nasce hum feminco par muito formoso:
Helenea, e Clitemnestra á luz vierão,
Mas logo a Helena a preferencia derão.

4.

Tanto avultou, e cresce, em formosura,
Em graça, e perfeições, que se derrama
Pela Grecia, que vê-la, só procura,
Da sua gentileza a larga fama.
Caza-la, qual convinha, o pai só cura,
Pois com desvelo paternal a ama:
A sorte escolhe Meneláo potente,
Que d'Esparta regia a forte gente.

5.

Páris, filho de Priamo troiano,
Porq'em favor de Venus deo sentença
Contra Juno, e Minerva, alcança ufano
Da Deosa a promettida recompensa.
Ou d'Helena por gosto, ou por engano,
Que nisto ha entre muitos desavensa,
Ausente Meneláo, fogio com ella
Na, q'a Troia os levou, rápida vella.

6.

Dor grande a Menelão fere, avassa-la;
Por se ver sem aquella maravilha,
Que não sei, com quem possa compara-la,
Só se for, grande rei, com vossa filha.
Mas não crêas, q'Helena a iguala
Em belleza, pois já se abate, e humilha,
Ante a que vendo estou, raro portento,
E sem lisonja o digo, ou fingimento.

7.

De tão negra traição, e grave afronta,
Manda o marido a Priamo arrogante
Pedir satisfação, q'em pouca monta
A teve por seu mal, como he constante.
Já numeroso exercito se aprompta
Em toda a vasta Grecia n'hum instante,
Q'abalada se move, e despovôa,
E co' as armas na mão á guerra vôa.

8.

Aos Principes da Grecia, que convida,
Agamémnon a injuria faz patente
Do irmão sentido: move-se a partida
Da innumeravel bellicosa gente.
Ou a vencer, ou a perder a vida,
Com honra, todos marchão derrepente:
Agamémnon conduz os de Micenas,
E Mnesteo os que nutre a clara Athenas.

9.

Partio Ájax Oileo c'os Locrienses;
Eu trago os Calidónios valorosos;
Vem Epistrópho, e Schédio c'os Phocenses,
E Ullisses c'os Dulichios animosos.
Stenélo aos d'Argos, e aos Messenienses
Nestor comanda d'annos numerosos;
Vem Stentor, cuja voz, quando fallava,
Mais forte, q' hum trovão se desatava.

10.

Os q' apascentão gado no Orcomeno
Monte elevado Ascálapho trazia;
Aos d'Achaia mandava Polixeno,
E aos d'Eubêa Elephenor regia.
Esses, que bebem do Cephiso ameno,
Arcesiláo valente conduzia;
Traz os seus Menelão Lacedemonio,
E os Salaminios Ájax Telamonio.

11.

C'o resto dos Etólios se apresenta
Thôas, e Idomneo se acompanhava
Dos de Creta, q' a gloria inda sustenta
De ser de Jove a patria, q'elle amava.
Inúmera gente, que Thessalia ostenta,
Para tão dura guerra se apinhava:
Com ella Achiles vem, e Polipeto,
Proteo, Protesiláo, e Philocteto.

12.

Depois q'os altos Numens receberão
Os gratos sacrificios já partimos,
E co'a armada, q'os mares mal-sofrerão,
Como c'hum bosque espesso, o mar cobrimos.
Ao Atrida Agamêmnon todos derão
O comando do exercito, com q'himos;
Já tomamos da Frigia a vasta plaga,
Qual grossa aluvião, que tudo alaga.

13.

Muitas cidades logo ali rendemos,
E c'os despojos seus marchando vamos
Para os muros de Troia, que nós vemos,
E de longe a tremer já obrigamos.
E, como d'embuscadas nos tememos,
C'o bellico aparato caminhamos,
Mandando adiante alguns exploradores,
Que palpassem de Troia os arredores.

14.

Priamo tinha os seus n'huma apartada,
A Troia sobranceira, alta montanha:
Fica a dárdana gente consternada
Ao ver chegar ali força tamanha.
Dentro dos muros seus era encerrada
Quanta havia de fora na campanha:
Chama a conselho Priamo os valentes
Capitães, e varões os mais prudentes.

15.

Estes querem, s'entregue a bella esposa
Ao marido ultrajado; que por certo
Em crise tão cruel, quam duvidosa,
Tal conselho abraçar só era acerto.
Porem os capitães d'alma orgulhosa,
Ou do juizo seu por desconcerto,
Opinarão, q' a guerra se fizesse,
E Troia com valor se deffendesse.

16.

Seguem tal parecer; e muitos dias
Com assiduo stridor estão forjando
Nas vastas ruidosas ferrarias
Armas, que vai a multidão tomando.
Vem das partes do norte as mais sombrias
Soldados ferocissimos chegando;
Os d'Arisbe, e de Cesto, qual Alcides,
Rege o valente, e indómito Hirtacides.

17.

Nas armas, e valor, esclarecida,
A bellicosa gente, que vivia
Nas ribeiras do Esopo, e monte d'Ida;
Do forte Adrasto ao mando obedecia.
Mais ardente, e por elle mais temida,
A de Dardánia Eneas conduzia,
E neste emprego tem por companheiros
Achamas, e Archiloco, guerreiros.

18.

Os Tereos, e Apésios comandava
Pandáro, a quem Apollo o arco dera:
Hypotho com'o irmão governa a brava
Gente Pelasgia, por extremo fera.
Vem Sarpedon c'os Licios, e avultava
O numero dos muitos, que trouxera
Achamas valoroso la d'aquelle
Estreito, q'apropria o nome d'Hele.

19.

Assim por estes chefes, que notemos,
Toda a armifera gente se reparte:
Chefe supremo Heitor he, que cremos,
Nelle ardia o valor do proprio Marte.
Tudo para o ataque apercebemos;
Aprompta-se á deffeza a imiga parte;
Cavamos fossos, e com muito tento
Circumvalou-se o nosso acampamento.

20.

Neste tempo dispara mui violenta
Huma fatal discordia, suscitada
Pelo supremo Atrida, que sustenta
Querer Briseida, do Pelida amada.
Mas este, a quem tal força não contenta,
O pleito rematára com a espada,
A Agaméminon cortando a doce vida,
Se não fosse de Palas soccorrida.

21.

Viera o sacerdote magoado
Do flavo Apollo demandar a filha,
Que retem Agamémnon, irritado
De o pái lha vir pedir, q'ali s'humilha.
Mas atrozmente he ali desacatado
Crises, q'as praias solitarias trilha
Do mar, assim pedindo sem tardança
Choroso contra nós dira vingança.

22.

Tymbreo, s'alguma vez benigno olhaste
Este ministro teu, se a voz, e o choro,
Algum dia propicio m'escutaste,
Hoje mais do que nunca afflicto te oro.
Se da injuria cruel te magoaste,
Que recebi com quebra do decoro,
Dos gregos contra o chefe a ira acende;
Elle em mim t'ultrajou, em mim te offende.

23.

Desce rápido Apollo do celeste
Olimpo como noite pavorosa;
Rangem-lhe as settas do carcaz, que veste
A sua bella espádoa magestosa.
Do arco argénteo a mortifera peste
Faretra sobre a gente numerosa:
Consultão Calchas, que nos diz, s'entregue
Criseida ao pái, e toda a gente o segue.

24.

Mas o filho d'Atreo não quer cede-la,
Sem lh'entregarem logo a q'o Pelida
Conserva para si, Briseida bella,
N'hum rico espolio em partilha havida.
Achiles a entregou, e n'huma vella
He Antinoma ao pái restituida:
Protesta ali o heróe, accésso em ira,
De não mais combater, e se retira.

25.

Neste tempo entre todos pactuamos
Que Menelão com Páris combatesse,
E de commum acordo concertamos,
Q'Helena ao vencedor ali se desse.
Assim por bem de todos o julgamos;
Se sempre assim o mundo se regesse,
Vós, povos, mais ditosos vivereis,
E delirios de reis não pagareis.

26.

Tem quasi sempre a guerra fundamento
N'ambição, no capricho, ou leve offensa:
Rara vez a justiça he elemento
Deste mal, q'horrorisa co'a presença.
Só delle gostará quem fraudulento
Os máos reis adular, quem os encensa;
O pobre povo não, sobre quem peza
Sempre da guerra o mal, sempre a dureza.

27.

Já Páris se adereça d'aurea malha,
E d'outras peças leves, e formosas:
Da sua parte Menelão não falha,
Aprestando-se d'armas ponderosas.
De Troia a gente da tardança ralha;
Então entre esperanças enganosas
Páris s'aprompta com airoso aspeito
Para o duelo d'hum, e d'outro, acceito.

28.

D'ambas partes se fazem sacrificios,
Em que recendem os sabeos perfumes,
Querendo todos ter então propicios
Ao soberano Fado, e altos Numes.
No meio destes pios exercicios
Á face dos do Ceo sagrados lumes
Por Phebo intonso, e Phlegetonte, jurão
De fé guardar, e do combate curão.

29.

No campo, de medonha catadura,
Estão as hostes da troiana gente;
D'outro lado, lustrosa d'armadura,
A grega, e de peleja impaciente.
Sáe Páris, bella dama na figura;
Eis logo corre Menelão furente:
Igneos olhos lhe lança, como á preza
Numidico leão de vista accesa.

30.

Ei-los já no lugar assignalado
Para o duelo: Páris arremessa
Primeiro a lança, e Meneláo ousado
No escudo a recebeo com grande pressa.
Tira a sua com impeto dobrado,
Quem sem effeito algum longe atravessa;
Mettem mãos ás espadas refulgentes,
E golpes dão-se ali feros, e ardentes.

31.

Ou fosse pelo premio, q'esperava,
Ou já por pundonor, mui valoroso,
Como nunca julgamos, pelejava
Páris contra o imigo poderoso.
Ferir-se cada qual só procurava;
Mas Meneláo hardido, e furioso,
Em grande aperto o pôem co'a espada prompta,
Como quem despicava a propria afronta.

32.

C'hum golpe ajoelhou Páris vencido,
E das mãos lhe cahio a bella espada:
Corre logo sobr'elle enfurecido
Meneláo, q'o tomou pela celada.
Morto ficára, estando já rendido,
Se não fosse por Venus desatada
Huma correa, em q'o trazia prezo
Meneláo de furor, e raiva accesso.

53.

Foge para os Troianos n'hum instante
Páris, e Menelão todo iracundo
Volve nas mãos o elmo rutilante,
E logo o morde, e rompe furibundo.
Assim o bravo tigre, que, distante
Vendo o contendedor, no pasto imundo
O dente agudo crava, á boca o passa,
E já victorioso o despedaça.

54.

Grita d'Esparta o Rei, que quebrantarão
Os Troianos a fé, que são prejuros:
Ferve o tumulto, e logo rodearão
Os Dárdanos da patria os sacros muros.
Huns a ganhar terreno se apressarão,
Outros estão nos vallos mais seguros:
De Micenas o Rei manda q'a ouca
Trombeta solte a voz horrenda, e rouca.

55.

Bem como os grossos mares, d'empolados,
Em ondas se vão feros succedendo,
Assim marchão os rapidos soldados,
Onde o perigo he mor, ahi correndo.
Do ferro d'inimigos esforçados
Morte honrosa vão muitos recebendo:
Rangem os graves carros, que rodantes
Tirão cem animaes quadrupedantes.

56.

Todos a vida em tão cruel conflicto
Querem perder com brio, e com denodo:
O sangue do troiano, e grego invicto
Da batalha alagava o campo todo.
Morre Archidamo, e fica ali sopito
No sono eterno com heroico modo
Archigeronte, a quem Ullisses mata,
Errando Antipho, a quem ferir só trata.

57.

Eu nesta ocasião sangui-sedento
Pelos troianos batalhões entrava;
Não homem já, mal qual leão cruento
A quanto se me atreve prosternava.
O campo discorria com intento
De combater Heitor, q'então buscava;
Tal meu animo era nesse dia,
Que nem ao proprio Marte ali temia.

58.

Mal Pandáro me vê, com mão nervosa
Recurva o arco, donde vôa irada
Huma setta, que m'entra na lustrosa
Malha, e junto do hombro jaz cravada.
Minerva desce, e com a mão formosa
A ferida me cura desvelada:
Depois em busca do feroz Pandáro
No carro me conduz Nisiros claro.

59.

Por certo com a vida ali pagára
Sua grande ousadia, s'animoso
Eneas em seu carro o não salvara,
Sahindo-me ao encontro valoroso.
Com bravo esforço, e com pujança rara,
Lh'arremesso o meu ferro sanguinoso,
Q', errando o tiro, foi cortar a vida
A Phegeo, alcançando-o na fugida.

40.

Saltamos dos carros, e, empunhando
As cortantes espadas, com grão furia
Mil golpes huns traz outros vamos dando,
Sem haver d'huma parte, ou d'outra, incuria,
Mas eu, a espada então mais apertando,
Busquei n'hum golpe só fazer-lhe injuria;
N'huma perna o feri, e ali jazera,
Se Venus, q'isto vio, lhe não valera.

41.

Eu de todo turbado, pois conheço
Este engano de Venus, contra ella
Correndo, hum fero golpe lh'arremesso
Do qual ficou ferida a Deosa bella.
Eis a causa dos males, que padeço,
Pois desde então irosa me atropela,
E com razão, se he, q'a humanidade
Deve respeito a suma Divindade.

42.

Creio, q' a Deosa logo a Marte conta
Ali o triste caso, pois furente
O vejo, e prompto, a vindicar a afronta,
Vibrando contra mim a lança ingente.
Mas Palas a desvia, e logo aprompta
A minha, e lh'arrojou tão fortemente,
Que Marte hum grito deo, vendo o ferião,
Qual juntos dez mil homens não darião.

43.

Co' a lança os gregos batalhões fendia
Heitor d'horrenda vista, e voz medonha;
Praça abrindo-lhe todos, não havia
Barreira, q' ao seu braço então se opponha.
O sangue, que correr, então se via,
Era a scena mais fêa, e mais tristonha,
Pois q'o Xantho com gosto, ou já com mágoa,
Trocava em sangue a copiosa agoa.

44.

Mal podendo soster-se, e resistir-nos,
Vão-se aos vallos, e muros, acoutando
Os Troianos, que tentão só fogir-nos,
A nossa furia largo campo dando.
Torvos de la começão de ferir-nos,
Dardos, settas, e pedras arrojando,
Até que póz a noite soccegados
Os vencedores, de vencer cançados.

45.

Muitos combates de fortuna varia
Derão-se d'ambas partes com tamanha
Fereza, que de corpos solitaria
Nunca ficou de Troia a grão campanha:
Ora sorte benigna, ora contraria,
Nos entretinha na guerreira sanha,
Pois Venus os de Troia soccorria,
E Pálas os de Grecia protegia.

46.

Heitôr, que da demora he mal-contente,
Como heróe, inimigo da molleza,
A desafio chama o mais valente
Dos que Grecia mandou áquella empreza.
Já cada qual de nós mil pulos sente
No peito, ou de vencer em tal proeza,
Ou de nella morrer, sendo primeiro
Agaméмnon, fortissimo guerreiro.

47.

Este, cobrindo o elmo temeroso;
Quer dar, ou receber, honrosa morte;
Mas cahio em Creonte valoroso
Deste duelo a duvidosa sorte.
Prompto em armas se pôem ledo, e gostoso,
Pois nada faz cobarde o varão forte;
E logo, escudo triplice em braçando,
Vai para o campo ousado caminhando.

48.

No campo estava já Heitor sanhudo
Com fortes armas, e minace gesto,
Soltando raios do temido escudo
Qual cometa fatal, na luz infesto.
Fica tudo em receio, e mudo tudo:
O Ceo parece nos olhava mesto
Por temer, que de Troia o bravo Marte
Do sangue de Creonte ali se farte.

49.

Apenas se toparão, denodados
Feros golpes se dão com furia tanta,
Q' os altos ceos tremerão d'assustados,
E a terra de os ouvir, e ver, s'espanta.
Já destes campeões, tão esforçados,
Ora firme, ora leve, a grave planta
Os braços ajudava, e manejadas
Erão com força as rápidas espadas.

50.

Nas centelhas, q'os golpes despedião;
Se figurava com medonho aspeito
As forjas, onde os Ciclopes batião
Essa materia, de q' o raio he feito.
Como tigres crueis se acometião
D'hum lado, e d'outro, e já de peito a peito;
Da vida cada qual ali s'esquece;
Mas Jove quer, q'este combate cesse.

51.

Por dilatar os dias de Creonte
Jove ordenou, que Phebo ratilante
Transpozesse mais cedo o horizonte,
Levando o dia a parte mais distante.
Da noite a sombra la do Pdeo monte
Vinha cahindo, e ambos nesse instante
Co' as armas em pedaços, e feridos,
Cançados se retirão, não vencidos.

52.

Agamémnon na paz da noite escura
Destina acommettêr com valentia
Das muralhas de Troia a grande altura,
Mal que nos ceos aponte o novo dia.
Assim logo q' a mão d'aurora pura
Dos ceos a porta ao flavo Deos abria,
Manda tocar a l'arma; a tuba sôa,
Cujo horrifico som a Troia vôa.

53.

Pelos muros as hostes ordenadas
Promptas estão a rebater o assalto;
Sobre os nossos, que sobem, arrojadas
As lanças raios são, que vem do alto.
Bradava entre as phalanges denodadas
Agamémnon, d'esforço nunca falto,
Dizendo, pois que bravas o seguião,
Q' ou vencer, ou morrer, ali devião.

54.

Mas Heitor nesta fervida peleja,
Dos Deoses soberanos ajudado,
Mil grandes cousas fez, porque se veja,
Que se resiste em vão ao Ceo sagrado.
Pois quando o grego exercito forceja
Por entrar pelo muro levantado,
Heitor então, e os Dárdanos valentes
Sáem de Troia quaes leões rompentes.

55.

Mas como os Numens a seu lado vemos
Por elles combater, sempre ferindo,
Até ás nossas náos retrocedemos,
Pois debalde lhes vamos resistindo.
Do combate a môr furia então sofremos;
Cahem muitos, que vão ás náos sobindo;
Vôa o pavor, aos gregos q'enviara
Mavorte, q' os troianos ajudara.

56.

Para Troia soberbos vão marchando
Os ledos vencedores, quando a fêa
Noite nos altos ceos vem apontando,
Extincta já de todo a luz phebêa.
Agamémnon, de raiva então bramando,
De mágoa, e de pezar, su'alma chêa,
Os chefes convocou, e deste geito
Taes palavras tirou do afflicto peito.

57.

Achivos, pois os Numens soberanos
Agora contra nós mostrão-se irados,
Soccorrendo os impavidos troianos
Em desfavor dos gregos esforçados.
Antes que sobre nós chovão mais danos,
Á patria revertamos apressados;
Que para nos vingar da nossa afronta
Os males sobrão já, que Troia conta.

58.

Vêde esses largos campos, tão infaustos,
Todos cobertos d'armas, de cavallos,
De mil corpos de vida, e sangue, exhaustos,
Huns sepultos no mar, outros nos vallos.
Tão cruentos, sanguineos, holocaustos
Serão justos? Ah não; he bem finda-los:
Muros, campos fataes, teucros soldados,
Em breve ficareis desassombrados.

59.

Tão cegó d'ira então, quam despeitoso,
Digo com rouca voz, mas despejada:
Podem todos fugir, s'he decoroso;
Levem comsigo o susto á patria amada.
Fuja sim todo o exercito medroso:
Com esta (e nisto arranco meia espada)
Eu só, e mais Stenélo, aqui seremos,
E toda a guerra sós sustentaremos.

60.

Fez este meu discurso, tão vehemente,
Renascer novo alento, e novo brio,
Nos gregos, e já, quando tristemente
A noite mais cerrára o veo sombrio,
Com Ulisses me parto deligente,
E de Troia algum tanto me desvio;
Mas, n'hum lugar oculto em fim parando,
Os troianos ficamos espiando.

61.

Nisto hum vulto, q'então mal destinguimos
Para nós lentamente caminhava;
Vulto, que não nós via, e que nós vimos,
Que já perto de nós parado estava.
Corremos para elle, e delle azimos:
Reconhecemos ser Dolon, q'andava
Os gregos explorando, descuidado
Do seu ruim successo inesperado.

62.

Já medroso nós pede a vida chara,
Pois de Troia mil cousas nos diria:
Entra logo a narrar como chegara
Rheso, da Thracia Rei, n'aquelle dia;
Onde os cavallos tem, como alojara
A fortissima gente, que trazia:
Diz mais, que de manham Heitor destina
Levar no fogo ás náos ultima ruina.

63.

Já de tudo sciente, alevantando
A espada, assim lhe disse; pois te atreves
A vir como espião, hirás pagando
Co'a vida, que pagar com ella deves.
Hum golpe sobre o collo desatando,
Corto-lhe então da vida os fios leves;
E partimos depois com traça, e tento,
Em busca do troiano acampamento.

64.

Vêde a guerra o que he! Theatro fero
He só d'acções de fêa turpitude,
E senão reparai, que não tolero
Acção, q'abraço, e tenho por virtude.
Só hoje reflexivo considero,
Q'esse estilo segui do mundo rude;
Pois como nelle o forte ao fraco oprime,
Assim puno em Dolon o nosso crime.

65.

Entramos no arraial, não pressentidos:
Damos a morte a muitos, que, dormindo,
Ficão eternamente ali dormidos,
E vamos sempre avante proseguindo.
Já de Rheso na tenda destemidos
Estamos, e, c'o ferro este ferindo,
Logo ali, desatada, a alma forte
Dos braços de Morpheo passa aos da morte.

66.

Em quanto grande estrago vou fazendo,
Vai Ulisses com pressa, e com cuidado
Os cavallos bellissimos prendendo
Ao carro desse Rheso mal fadado.
A mui rica armadura recolhendo,
Que de tudo por nós foi despojado,
Já no carro partimos livremente,
Pois julga sermos Rheso a teucra gente.

67.

Mas saber cumpre, antes que prosiga,
Q'a ventura de Troia dimanava
Dos cavallos de Rheso, q'a inriga
Estrella sua ás nossas mãos passava.
Minerva a esta empreza nós obriga,
Dizendo, q' o Destino decretava,
Não sentiria Troia as finaes mágoas,
Se bebessem do Xantho as claras agoas.

68.

Regendo o aureo delicado freio
Ulisses dos cavallos, que trazemos,
Por entre a teucra gente sem receio,
E sem perigo ás náos nos recolhemos.
A Agaméunon, d'espanto, e prazer, cheio,
Este successo ledos lhe narremos:
Em pago os elogios nós sobejão,
Unico premio, q'os heróes desejão.

69.

A Agamémnon tambem ancioso couto
Como as náos quer Heitor queimar com fogo,
Porque tudo acautele, e seja prompto,
Para se pelejar com desafogo.
Com elle d'huãs náos em outras mouto:
Tudo se ordena, e aparelha logo;
Que muito o caso urgia, pois por certo
Nunca o grego se vio em tanto aperto.

70.

Essa noite passamos cuidadosos,
E contra o fero assalto precatados;
Fervem dos capitães nos animosos
Peitos nobres esp'ritos elevados.
Os grandes aparatos bellicosos
Confusos tinhão todos os soldados
A quem ordens se davão repetidas
Para termos as cousas prevenidas.

71.

Aqui chegava o capitão facundo
Com sua narração, quando lha corta
De Dauno hum grave pagem, que jucundo
Do pomposo salão entrava a porta.
Alterou-se o silencio tão profundo,
Que parece, que tinha a gente morta,
Porq' o pagem submisso declarava,
Q' a cêa prompta, e preparada estava.

72.

Com palavras de régia cortezia
Ao hospede real Dauno convida:
Levanta-se a lustrosa companhia,
No q'ouvira até-li inda embebida.
Por ver q' a larga cêa interrompia
A peregrina historia vai sentida,
Assim como anciosa do remate,
E que de modo algum se não dilate.

73.

Passão da sala a hum jardim formoso,
Q'asselara real magnificencia,
Terminado n'hum parque magestoso
D'arvores rico, e bello d'aparencia.
O liso, pário, mármore lustroso
Em obras de primor, e d'excelencia,
Ali se repartia em toda a parte,
Dando á vista prazer, louvor á arte.

74.

Borbulhavão das fauces, e narizes,
De marmoreos delphins argenteos rios,
Brotando em cristalinos chafarizes,
Que sôão com sonoros murmurios.
Onde por deffende-los dessas crises,
Que traz ardente Sirio nos estios,
Os odoros jasmins, entrelaçados,
Sobr'elles lanção pavilhões arcados.

75.

Tanques de jaspe, q'em seu vasto seio
Estas agoas recebem com brandura,
Em forma circular estão no meio,
Spirando em torno humida frescura.
Os ledos passarinhos, sem receio,
Gorgeão seus amores com doçura
Entre os louros, e mirthos, maridados
Nos enleios dos ramos esposados.

76.

Ali pelos regrados taboleiros
A fronte inclina o languido narciso;
A par dos odoriferos craveiros
Soltava a rosa o pudibundo riso.
O jacintho, a tulipa, e lisongeiros
Ranunculos gentis hum paraiso
Offertão mui formoso, embalsamando
O Zéfiro, que vôa errante, e brando.

77.

Ali co'a face Clice, então voltada
Aos ceos orientaes, mersa em tristeza,
Do amante ingrato aguarda a suspirada
Vinda, com q'elle anima a natureza.
Cheiroso acànthо, e cessem nevada,
Por entre os roxos lirios com destreza
A sabia mão de Flora repartira,
Entrando o bello filho de Cynira.

78.

Labirinthos de buxo, imitadores
Dos trámites da vida dos humanos,
Mostravão do desenho nos primores
Enredos, confusões, giros d'enganos.
Cedros, prezados só dos amadores,
Que de cruel amor pranteão danos,
Presentavão na copa verde-escura,
Inda que bella, triste formosura.

79.

A murta, á Páphia Deosa consagrada,
Virente em varias formas s'enlaçava:
A mesma terra ufana-se, esmaltada
Das mil nativas flores, que brotava.
A vista crê, que fôra trasladada
Para ali, quando attenta reparava,
A riqueza dos bronzes, e dos jaspes,
Q'engrandecia o Indo, Euphrate, e Hydaspes.

80.

Assim bellas estatuas primorosas,
Sobre marmóreos plintos elevadas,
Mais ali sobre-sahem graciosas,
De frescos belvederes rodeadas.
Entre as q' ali surgião magestosas,
Em extremo perfeitas, e acabadas,
A de Jove tonante aparecia,
Que na grandeza todas excedia.

81.

Tinha a farpa na mão, com q'amedrenta
O mundo, quando irado, e torvo trôa,
Sobre o cimo do Olimpo, ond'elle ostenta
Seu poder, que d'hum polo a outro vôa.
A fronte magestade representa,
Q'adornava de roble huma corôa:
Prostrados tinha aos pés impios gigantes,
Ferozes inda assim, inda arrogantes.

82.

De coma perenal com simetria
No parque arvores mil s'enfileirarão,
Q'huma verde cidade parecia
Nas ruas, com que logo o ordenarão.
No centro hum vasto lago se estendia,
Q'aureos, e rubros, peixes povoarão:
Niveas aves, que nelle se banhavão,
A morte de Phaetonte ali choravão.

83.

Pousados entre os ramos verdejantes,
Canoros rouxinoes com som florido
Cantos d'amor em doces tons amantes
Entranhavão no grato, e ledo, ouvido.
Das pombas os arrulos incessantes
Parece davão alma ao bosque erguido,
Onde soltavão mil diversas aves
Módulos cantos d'inflexões suaves.

84.

Verdes antros, com arte entretecidos,
Pelos quadros estão d'espaço a espaço;
Estão d'arbustos floreos revestidos
Os muros, onde os prende estreito abraço.
Cascatas d'artificio, e repartidos
Assentos, em que tenha o corpo lasso
Brando repouso ali, com abundancia
Embellezavão mais tão bella estancia.

85.

Sobre as mezas de pórfido estenderão
Finissimas toalhas regulares,
Que soberbas estão, por que as encherão
D'exquisitos opiparos manjares.
Mais a rica baixela enriquecerão
Taças d'ouro, e de prata, singulares,
E brilhantes cristaes, que roxeara
O Deos do thirso, q' Ariádna amará.

86.

Como a noite do giro só metade
No coche rorejante dado tinha,
De mil fanaes a extensa claridade
O dia, ausente ainda, ali mantinha.
Tudo ostenta grandeza, e magestade,
Como a tal Rei, e hospede, convinha;
Té se mostrava a noite soccegada
Do mundo saúdosa, e namorada.

87.

Em quanto dura o splendido banquete,
Q' Emira, e outras damas animavão,
Cada conviva diz, falla, e repete,
Varias gostosas cousas, q' alegravão.
O mais amante o seu empenho mette
Em contos amorosos, q'adulavão;
Só o Heróe, q' em silencio ali suspira,
Não falla, sente, e só contempla Emira.

88.

Já hum narra, volvendo-a na memoria,
De Piramo, e de Thisbe a triste sorte,
Com viva côr pintando essa illusoria
Dita, que os passa aos thálamos da morte.
Já outro conta a desairosa historia
Do coxo, e bronco Deos, quando a consorte
Com rede, que forjou com subtil arte,
Prendeo nos braços do fogoso Marte.

89.

Já outro ali recorda os malogrados
Amores, q'accendeo cego Cupido,
Trazendo para exemplo acerbos fados
Da bella Hero, e nadador d'Abido.
Os Etólios Amantes são lembrados,
Dos quaes, bem mais cruel, q'embrandecido,
Recebe Thioneo as vidas charas,
Victimadas d'Amor nas puras aras.

90.

Recordão-se tambem de Jove amores,
Que mal sofre a ciosa, irada, Juno,
Nem esquecem tambem esses ardores,
Q'entre as agoas Amor lança a Neptuno.
Mettem na lista destes amadores
A bella socia do fallaz Vertumno,
A quem oscula a face, a quem namora
O doce filho da formosa Aurora.

91.

Mas hum dos gregos capitães, ufano
Das prendas divinaes, dos dons formosos;
Que no Parnaso Phebo em soberano
Reparte dadivoso aos seus mimosos,
De tão gostosas praticas sem dano,
Corta o fio dos contos amorosos,
D'hum'aurea lyra ao som sonoro, e brando,
Das Musas, e d'Amor, assim cantando.

92.

Amor, potente Deos, em quantos seios
Maternos te não crê gerado o mundo!
Hum já te idêa filho, sem rodeios,
Da vil penuria, e do interesse immundo.
Outro da fantasia entre os enleios
Já nascido te crê desse rotundo
Ovo, q'a noite universal recebe,
Quando do éther, q'esposou, concebe.

93.

Da Discordia te crê já outro filho,
Q'hum sopro fez brotar no seio della:
Outro só, de teu rosto olhando o brilho,
Fructo lindo te crê de Venus bella.
Mas eu, que nesta lyra ora dedilho
A voz do teu louvor unindo a ella,
Amor, potente Amor, eu só te creio
Gerado do prazer no ledo seio.

94.

Então as brandas Musas te acolherão
Nos braços, onde meigas te embalarão,
E logo de teu facho receberão
Os fogos, com que todas se animarão.
Então na mente accesa conceberão
O poetico estro, que gerarão,
Delle brotando a immortal poesia,
Q'inunda o mundo todo d'armonia.

95.

Assim, tu dom do Ceo, poesia amavel,
Foste a primeira então, que dominaste
Sobre o homem teli fero, indomavel,
Quando no laço social o ataste.
Foste a rainha sim, que deleitavel
Com armónica magica dictaste
As leis primeiras, q' os mortaes adorão,
E com q'a bruta condição melhorão.

96.

Comtigo assim Orpheo, comtigo Lino,
Abrandão corações de feros Thracios:
Os Etruscos assim com som divino
Domão duros mortaes nos campos Lacios.
Á tua voz cedeo esse ferino
Peito d'antigos barbaros Emacios,
Quando Phebo co'a lyra os embrandece
Nas Théssalas campinas, q'enternece.

97.

Do mundo, que já mal te preza, e ama,
Tu foste a universal legisladora;
D'Amor herdaste a luminosa chama,
De sublimes imagens productora.
Tua divina voz, que tudo inflama,
Vôa da terra aos ceos doce, e canora,
Sobre as azas hymniferas dos cantos,
Q'envias por tributo aos Numens santos.

98.

Quando, os fogosos vôos desferindo,
Té aos astros te elevas, e exvoaças,
Sempre Venus, e Amor, te vão seguindo,
Sempre te escoltão as formosas Graças.
Teus quadros immortaes, que la no Pindo
Com brilhante pincel fecunda traças,
Vencedores do tempo, a Morte enganão,
Nem os Evos c'o bafo atroz os danão.

99.

Tu só d'amaveis entes povoaste
O ceo, a terra, e mar, os elementos;
Tu as rochas, e troncos animaste;
O carro deste ao Sol, azas aos ventos.
O genio, que benigna bafejaste,
Ao som da tua voz criou portentos:
Tudo então na natura amortecida
Respira sentimento, acção, e vida.

100.

Armado só do teu poder superno,
Orpheo, buscando a misera consorte,
O peito amolleceo do Rei do Averno,
E quebranta o forçal da lei da Morte.
He docil o leão, o tigre he terno,
Escutando-te a voz, e com transporte
Ao som della se abalão os rochedos,
As agoas parão, movem-se arvoredos.

101.

Dize-o tu, Amphiom, quando as muralhas
Thebanas só co'a lyra construiste:
Dize-o tu, Arion, q' o passo atalhas
Á morte, quando sobre o mar cahiste.
Lanças, arnezes, e broqueis, e malhas,
Tu só co'a voz mil vezes destruiste,
Quando os guerreiros chamas á victoria,
Inflamando-os co'a voz, e sons, da gloria.

102.

Semeas a moral no peito humano,
Q'adita o mundo, e mais agrada aos Numes,
E com doçura só, sem falso engano,
Punes risonha os immoraes costumes.
Com teu impulso nobre, e soberano,
O poder divinal quasi q'assumes,
Remontando-te ao Ceo, onde t'embebe
De nectareo licor formosa Hebe.

103.

Perecem os imperios mais ditosos,
Pois tudo o tempo, e fados, desbaratão;
Os teus cantos porem melodiosos
O tempo, e fados, com respeito acatão.
As sublimes acções d'heróes famosos
Elles com viva côr sempre retratão,
Animando-os a tua sabia tinta
Na pintura, que falla, e vóz, que pinta.

104.

Talvez hum dia na guerreira lida
Surja hum heróe, que tanto te estimasse,
Q'a gloria inveje menos do Pelida,
Q'a dita de ter Musa, que a cantasse.
Porque, tão nobre sendo, e tão sobida,
A voz, que de teu fogo só se pasce,
Que muito q' os humanos divinise,
E seus nomes no mundo immortalize!

105.

Doou-te Phebo a septi-corde lyra,
Emblema puro d'armonia ethérea,
Com que na ordem, q'este mundo admira,
Está librada a região sidérea.
Assim mal q'esse Deos t'impelle, e inspira,
N'hum ponto sobes á mansão aérea,
E, qual filha do Ceo, deixando a terra,
Só aos vicios de la declaras guerra.

106.

Poesia immortal, que dessas agoas
Da Castália, Aganipe, e d'Hipocrene,
Fazes surtir impetuosas fragoas,
Quem ha, que te despreze, ou te condene?
Que balsamo haverá, q' acerbas magoas
Mais dulcifique, abrande, e mais serene,
Do q'esse teu consolador, e puro,
Que males cura só de fado escuro?

107.

Recebe tu em tanto este meu hyno,
Doçe mãi do deleite, e d'Amor filha;
Só de longe adorar-te o ser divino,
Eu posso, e ter-te só por maravilha.
Se meu debil engenho por destino
Nesse estádio do Pindo, que mal trilha,
Voz não me deo mais digna de louvar-te,
Louvem-te pois melhor engenho, e arte.

108.

E vós canoras Ninfas Heliconias,
De Jove, e Menemósine prezadas
Como filhas, que sois, e q' ás tritonias
Riquezas tendes sempre as mentes dadas,
Vós, q'entre as selvas habitaes Aonias,
Brandas socias d'Amor, de Phebo amadas,
Se m'outorgardes voz alta, e cadente,
Então vós louvarei mais dignamente.

109.

Louvar-vos dignamente só he dado
Ao estro, mais de vós favorecido,
Que só d'estranho impulso arrebatado,
Tente o cume do monte bipartido.
Não a esses, q' vão com rasteado
Passo pizando o trilho já batido;
Porq' vós não prezaes, doutas Camenas,
Gralhas vestidas só d'alheas pennas.

110.

Mas se me tanto amardes, q'o Permesso
M'escute os sons com brando acolhimento,
Da minha gratidão no mesmo excesso
Vereis, quanto vós paga o pensamento.
Assim já que vós tenho em muito preço,
Sabias Déosas, fazei, que neste intento
Não seja o canto meu como o sinistro
Dos Cisnes do Meandro, e do Caystro.

111.

Aqui seu canto fecha o grego vate,
Gravando-o nos ouvidos circunstantes,
Onde afinarão mais o seu quilate
Da lyra os sons acordes, e animantes.
Então ao canto, e musica, remate
Assim posto, co' as almas anhelantes
Todos a Jove, a Amor, a Bacho, ás Musas,
Ledos offertão libações profusas.

112.

Mas como não passasse da memoria
A Dauno, e mais áquelles, que o seguião,
De Troia a triste miseranda historia,
Que da boca do Grego ouvir querião,
Do todos para gosto, e propria gloria,
Que a finde ali com ancia lhe pedião:
A Emira cede só, a quem já dava
Captiva a alma, e a vontade escrava.

113.

Por todos o silencio derramado,
Ficão de novamente ali pendendo
Da boca deste Heróe abalisado,
Que com prazer estão notando, e vendo.
Elle, hum tanto da meza recuado,
E na lembrança os casos revolvendo,
Com voz grave, que n'alma se insinua,
Dest'arte a breve historia continua.

Canto 6.º

1.

Fiquei no ponto sim, quando voltamos
Eu do campo inimigo, e o claro Ullisse
C'os cavallos de Rheso, que bridamos
Para os trazer do modo, que já disse:
Quando aprestos fizemos, e ordens damos
De deffensa, e do mais, que mais urgisse,
Como quem receava esse temido
Assalto, que Dolon nos fez sabido.

2.

Assim mal que a manham no ceo lustroso
Surgio serena, logo vem sahindo
Pelas portas de Troia o numeroso
Exercito, que o campo vai cobrindo.
Formidavel á vista, e pavoroso,
Para as náos vai a marcha dirigindo:
Treme a terra debaixo dos cavallos;
E nós descemos a occupar os vallos.

5.

Marchava a passo grave a infantaria
Em huma extensa linha prolongada,
Composta de nações, que revestia
Catadura feroz, mas variada.
De lanças densa brenha ao ar s'erguia:
Vem d'arco, e settas muita gente armada;
Já dos Chefes os carros vem rodando,
Donde rápidos vão ao chão saltando.

4.

Bem como quando exicial estrella
Entre as nuvens medonha ora aparece,
Ora s'esconde, e com a vista della
O mundo todo tácito esmorece,
Assim Heitor, que só na ordem vela
Da gente, com que vem, já desparece;
Já ver-se deixa horrifico, e tremendo,
Por toda a parte os batalhões correndo.

5.

Nisto assomara o Sol, ferindo ardente
Nas armas rutilantes, que lançavão
Raios de luz, que com fulgor ingente
A vista, que as seguia, deslumbravão.
Já com furia cruel, fera, e stridente,
A arder entre os de Troia começavão
Dos soldados nas mãos as grossas tedas
Em altas crepitantes labaredas.

6.

O fumo denso, e feio, que sobia
Ao ceo, em grandes rollos novellado,
De Phebo a clara luz escurecia,
Deixando todo o ar negro, e turbado.
Vem resoando a horrisona armonia
Dos instrumentos bellicos; e dado
O signal da batalha, nos movemos,
E huns contra os outros, quaes Leões, rompemos.

7.

Sem vencidos haver, nem vencedores;
Nos vamos huns aos outros trucidando,
Como quando os oppostos segadores
Por terra louras messes vão deitando.
Bradava, horrendo, Heitor com mil furores
Por fogo, com q' ás náos se vão chegando,
Sendo tantos os fogos, que luzião,
Que parece, que ceos, e terra ardião.

8.

Mui grande prova do valor dos braços
Fizemos como nunca neste aperto,
Pois, sem movermos para traz os passos,
Sofremos tudo a peito descoberto.
Senteu-se todos de ferir já lassos:
Nadava tudo em sangue, que por certo
Recontro mais cruel, e furibundo,
Não vio, nem tem de ver, talvez o mundo.

9.

Lançavão fogo ás náos, que já rodeão
Primeiro Heitor, e os filhos valorosos
D'Antenor, q'abraza-las só anceão,
Dando vozes, e brados espantosos.
Com os fachos nas mãos tambem vagueão
Muitos heróes de peitos animosos;
Alcathóe, e Agenor, q' ás náos corrião.
E Polidamas, a quem mil seguião.

10.

Com medonho stridor, e sanha horrivel,
Settas, lanças, e pedras se arrojavão:
Com fero ardor, e animo irascivel
Os Gregos, c'os Troianos pelejavão.
Tão porfiada pugna, e tão terrivel,
Os Numens com prazer, e mágoa olhavão;
Pois amão huns de Troia o vencimento,
Outros o seu destroço, e nosso intento.

11.

Nisto vôa huma setta despedida,
Q' Ullisses fere, e logo outra ardente,
Rompendo o ar delgado, huma ferida
Dolorosa me abrio com furia ingente.
Tambem nesta contenda, e brava lida,
Fero golpe Agaméмnon em si sente;
E logo pelos nossos conduzidos
Somos ás nossas náos, assim feridos.

12.

Achiles, què thèli se retirava
Da humana convivencia, pois lhe tinha
Agamémnon roubado a bella escrava,
Nesta, ou n'outra, lembrança se entretinha:
N'outra, porq'em su'alma dominava
De Polixena a idéa, que mantinha,
A quem d'esposo a mão só dar queria,
Pois tal era a paixão, que o possuia.

13.

Já os Gregos mal-podem deffender-se
Contra o ferro, e denodo, dos Troianos:
Heitor, como hum Leão só deixa ver-se,
Prostrando aos centos miseros humanos.
Então se move Achiles, e doer-se
Mostra de tanto estrago, e tanto dano:
Manda a Patroclo, q' ao remedio assista,
Correndo ao campo, e suas armas vista.

14.

Bem como quando no redil o gado
Vendo o lobo cruel entrar, á morte
Foge, disperso todo, e amedrontado,
Por temer do seu dente o mortal corte;
Assim ao ver Patroclo adereçado
Das bellas armas do Pelida forte;
A teucra gente foge espavorida,
Julgando ser d'Achiles perseguida.

15.

Já Patroclo batendo está co' a lança
De Troia ás portas, pelas quaes entrava
Em fuga a gente, quando Heitor alcança
Este lance cruel, que o lacerava.
Com voz horrenda, e férvida pujança,
Os seus por toda a parte ora animava,
Ora aos nossos se arroja enfurecido
Mais, que Leão do caçador ferido.

16.

Cobrão valor, e animo, os medrosos
Troianos, e, voltando atraz o rosto,
A pugna recomeção tão raivosos,
Que tudo a ferro, e sangue ali he posto.
Cercão todos Patroclo valorosos;
E já por deffende-lo está disposto
O grego esforço todo, q'ali trava
C'o troiano peleja horrenda, e brava.

17.

Cáe ferido Patroclo, sem que possa
Valer-lhe a, que vestio, forte armadura:
Corre para acodir-lhe a gente nossa,
Pois a de Troia do despojo cura.
Heitor chega, que logo ali se apossa,
Matando-o, dessa rica vestidura,
Que só seu dono deffender soubera,
S'em pezo o mundo todo o acomettera.

18.

Nisto Antiloco vôa á regia tenda
Do filho de Peleo, e lá magoado
Lhe diz, q'o fido amigo a negra senda
Vai do Orco pizando malfadado:
Que sobre o corpo seu dura contenda
Se trava pelo nosso, e inimigo lado:
Q'Heitor de posse está das armas suas,
Jazendo as carnes de Patroclo nuas.

19.

Arde em furor o válido Pelida
Traspassado de dôr fera, e pungente:
Nada mais quer ouvir, enfurecida
Vista deitando á grossa lança ingente.
Sem caso algum fazer da amavel vida,
Acceso corre ao campo deligente
Para vingar do amigo a dura morte,
Ou ter a mesma desditosa sorte.

20.

Entra pelos troianos com tal furia,
Que todos os que topa vai prostrando
Como raio, que faz a tudo injuria
Por onde quer que vá feroz passando.
E posto não haver nenhuma incuria
Em seu braço, que, tudo derrubando,
Sopeza, e brande a desmedida lança,
Nem assim farta a sede da vingança.

21.

Só busca o matador do charo amigo,
Escumando de raiva, ardendo em ira,
E sem temor da morte, ou d'outro p'rigo.
Só para elle a horrivel sanha vira.
Apenas o topou, como inimigo
Lh'intima o desafio: Heitor suspira
Por ver pendente já da dura morte
Sobre seu collo o inopinado corte.

22.

Mas como heróe, que o medo desconhece,
Acceita o perigoso desafio;
Nenhum delles enfia, ou empalece;
Os peitos não lhes gela o susto frio.
Nas armas forte, e hórrido, aparece
Heitor membrudo; e com denodo, e brio,
Achiles se lh'arrosta, q' horroroso
Assim lhe diz n'hum tom de voz raivoso.

23.

Ó tu, que já por trágico accidente
Este campo fatal has penetrado,
E, menos cauteloso, que valente,
O teu violento fim solicitado.
Foge, ou tens de morrer aqui presente,
Cedendo aos golpes de meu braço irado;
Que servirás, se meu valor esperas,
Ás aves de comida, e pasto ás feras.

24.

Eis lhe responde Heitor: sem esperança
Tu só vens procurar tua ruina:
Enfrêa essa estulta confiança,
Ou a vida infeliz aqui termina.
Só para saciar minha vingança
Tua cabeça o Fado me destina:
Darei teu corpo a devorar aos dentes
De cães ferozes, de crueis serpentes.

25.

Assim que taes convicios se disserão,
Com ira se arremettem poderosa,
Q'os altos montes pálidos tremerão,
E a terra se assustou toda medrosa.
Feros botes então bravos se derão
Os jovens campeões co'a mão nervosa,
Brandindo Heitor a grossa lança enorme,
Huma faia robusta alta, e disforme.

26.

Despede a lança Heitor, que fulminante
D'Achiles fere o escudo adamantino:
Este a sua arrojou, q'entra arrogante
D'Heitor no forte escudo d'aço fino.
Mettem mãos ás espadas nesse instante
Com animo tão cru, e tão ferino,
Quaes dois leões, que, disputando a preza,
Se rasgão com ferissima braveza.

27.

Scintilão as espadas, que maneão
Estes dois monstros do valor mais raro:
Nas suas forças, e destreza, esteão
Ambos o vencimento assim tão caro.
Rematar c'hum só golpe elles anceão
Este combate, que tornou preclaro
O nobre vencedor, porque vencia
Todo o valor do mundo nesse dia.

28.

Achiles, q'ante os olhos chamejantes
Tinha o corpo d'Heitor adereçado
Das bellissimas armas rutilantes,
De que fôra Patroclo despojado,
As entranhas, de raiva palpitantes,
Sentia arder, e o coração turbado:
Furor dobrado n'alma se lh'atea,
Que o corpo lhe correo de vêa, em vêa.

29.

Tão crebros, quam ferozes, e violentos,
Erão os feros golpes desferidos,
Q', assombrados do mundo os elementos,
Estavão de pavor emudecidos.
De vencer, ou morrer, ali sedentos
Mostravão-se os heróes enfurecidos;
Hum só para vingar o morto amigo;
Outro por deffender-se a si do p'rigo.

50.

Não he tão triste feio, e pavoroso,
O fuzilar dos raios estridentes,
Quando das negras nuvens o horroroso
Toldo enoitece o mundo, e os ceos patentes,
Como o fogo dos golpes lumioso,
Que surtia das armas reluzentes,
Rotas por toda a parte, espedaçadas,
E de sangue as d'Heitor já salpicadas.

51.

Pelos arês, e terra, desparzidas,
As plumas, que nos elmos tremolavão,
A cada fero golpe divididas,
Medrosas pelo ar, e chão rolavão.
Co'as ardentes espadas homicidas
As finissimas armas abolavão,
Parecendo dois Martes esforçados,
Das furias de Belona arrebatados.

52.

Já tinha cada qual o escudo aberto,
Estando o peito d'ambos furibundo,
Pois erão taes os golpes, que por certo
Qualquer delles fender podia hum mundo.
As carnes dos que os vião neste aperto
Tremião d'hum tremor forte e profundo;
Que no 'strondo, que fazem, parecia,
Que sobre a terra o alto ceo cahia.

53.

Como ferido Heitor se já sentia,
Vendo, q'a Parca o golpe lh'aprestava,
Porque ferir Achiles não podia,
E que sem fructo ali só porfiava,
De seu braço redobra a valentia:
Alça a temida espada, q'apunhava,
E, hum talho sobre Achiles desatando,
O fez ajoelhar, ao chão vergando.

54.

Desta afronta corrido, se levanta
Achiles furioso, e então cingindo
Entre os braços Heitor, com firme planta
Ao ar, qual torre, o ergue, e vai sobindo;
Mas Heitor este impulso lhe quebranta;
Porque, do laço o corpo sacodindo,
Assim Achiles alça, e deste geito
Se combatem, se oprimem peito a peito.

55.

Bem como a mariposa, que voltêa
Da luz em torno, e os p'rigos multiplica;
Thé que na ignea chama, que fulgêa,
As azas com a vida sacrifica,
Assim ora largava, ora rodêa,
Ora Achiles abraça Heitor, que fica
Abraçado tambem com taes abraços,
Q'os peitos d'aço estalão em pedaços.

56.

Achiles, que se teme da destreza,
Com que vence-lo Heitor ali pertende,
Não perde ocasião, que da fraqueza,
Em que o vê, quer valer-se, e a ella atende.
Reune toda a sua fortaleza,
Com que de todo ali o prostra, e rende,
Encostando-lhe ao peito semivo
Hum joelho com impeto excessivo.

57.

Sobr'elle então pezando, da cintura
Hum punhal arrancou d'agudo corte:
Levanta o braço, e já da breve altura
Vê o troiano heróe descer a morte.
Inda, no chão prostrado, a catadura
Mostrava imperturbada o varão forte,
A quem hum golpe só soltou da vida,
Que raivosa sahio pela ferida.

58.

Já d'Achiles as mãos o heróe largavão,
Tendo-se a custo o vencedor erguido:
Os bofes de cançados lh'arquejavão,
E vai da espada trémulo sostido:
As pernas vagarosas lhe vergavão;
Tão lasso mostra hir, tão abatido,
Q' ao mais fraco troiano então cedera,
S'audaz ali no campo o acomettera.

39.

Junta-se logo ali o bando nosso
Alegre da victoria, e com espanto
Nota aquelle fortissimo collosso,
Q' a morte envolve no funereo manto.
Chorão, temendo, aquelle grão destroço;
Aquella perda com acerbo pranto
Os troianos, q' em quanto Heitor vivia,
Nenhum delles da guerra se temia.

40.

Assim finda de Troia o bravo Marte;
Mas com gloria findou vera, e perfeita:
Como o confesso enfim aqui dest'arte,
Sempre o confessarei com voz acceita.
O louvor, que se dá, quando elle parte
D'huma boca inimiga, he sem suspeita;
Que louvar acção he, que formosèa,
Quando louvor merece a gloria alhèa.

41.

Enfim cedeo Heitor á forca dura
D'huã sorte infeliz, q' á morte o chama;
Porem, se ao seu valor faltou ventura,
Não lhe faltou na vida, e morte, fama.
Com tal successo exulta mais segura
A grega gente, e em novo ardor s'inflama,
Vendo por terra já nas mãos da morte
De Troia o muro mais temido, e forte.

42.

Com lâtegos possantes, e seguros
Prende Heitor pelos pés o grego bando
Á carroça d'Achiles, q'esses muros
De Troia rodeou, tres voltas dando.
A gente consternada ao ver os duros
Tratamentos, que dão a Heitor, chorando,
Rompia o ceo com gritos, e gemidos,
Contra os fados crueis, e desabridos.

43.

Quer Achiles, q' Heitor seja privado
Das honras funeraes da sepultura:
Priamo, q' isto sabe, aconselhado
Do grão Mercurio, o vencedor procura.
Chega á tenda do Heróe, todo banhado
Em pranto: beja a mão robusta, e dura,
Homicida do filho, e de seu peito,
Baxando o triste, venerando aspeito.

44.

Pede ao Heróe a preciosa entrega
Do corpo de seu filho; insta, e suplica:
Achiles no principio irado a nega,
Depois lha concedeo, e ratifica.
Entre os braços de Priamo, a quem cega
Pranto, q' em fio a dôr lhe multiplica,
Achiles chora, q' o heróe sublime,
Assim chorando, não merece crime.

45.

Quanto a fortuna he vária, e caprichosa!
Quanto voluvel he, quanto he incerta!
Nos dons, e mimos seus, sempre dolosa;
Nos deixa do infortunio a porta aberta.
Quiz triunfasse a mão victoriosa
D'Achiles; porem logo lhe concerta
A desdita, que sempre he mal acceita,
Que nem os sceptros, e os heróes respeita.

46.

Achiles da paixão a mais ardente
Pela joven formosa Polixena
Dominado, em su'alma nobre sente
D'ausencia fera a inconsolavel pena.
O mundo nada tem com que o contente
Longe d'aquella vista tão amena:
A Priamo a pedio em cazamento
Por dar a paz ao peito, e pensamento.

47.

O Pái lha concedeo regozijado:
O dia infausto chega, em q' o Pelida
A o templo vai d'Apollo sublimado
Curar d'insano amor grave ferida.
Eis o doce momento desejado,
Em q', á da bella Polixena unida,
A mão do Heróe valente s'offrecia
Ao Sacerdote, q' as ligar devia.

48.

Então Apollo a Pàris aconselha,
Que contra Achiles huma setta arroje:
Elle mesmo a dirige, elle a aparelha,
Quando parte do arco, e irada foge.
Ao raio despedido se assemelha,
Pois nella o Fado quer se a morte aloje,
O calcanhar ferindo, onde pegara
A Mãi, quando na Stige o mergulhara.

49.

Morre á traição Achiles valoroso:
Heitor ficou vingado, e Troia ufana:
Quem confia em imigo poderoso,
Certo, enleada tem a mente insana.
Retendo então o corpo precioso,
Não quer cede-lo a multidão troiana,
A quem com grande instancia o suplicamos;
Mas só pezado a ouro o resgatamos.

50.

Morto Achiles, se move huma disputa
Entre Ájax Telamon, e Ullisses claro,
Sobre as armas do Heróe, q'a morte enluta,
De Troia mui temido, á Grecia charo.
Esta contenda a gente grega escuta,
Para que com justiça, e bom reparo,
Dê as armas d'Achiles eminente
Dos Gregos ao varão mais excelente.

51.

Ájax, que tem diante o seu Contrario
Fallou primeiro, e vai então alçando
Dos proprios feitos seus grande sumario,
O seu competidor menoscabando.
De scenas marciaes n'hum quadro vario
Do seu valor as provas foi mostrando;
O combate, que com Heitor tivera,
E quando as náos do incendio deffendera.

52.

Ullisses d'outra parte se esforçava
Com meliflua facundia astuciosa
Em provar, q' o direito lh'outorgava
Aquella recompensa preciosa:
Q'elle com seus conselhos ajudava,
E com ardis, a guerra trabalhosa:
Que fôra quem trouxera o forte humano,
Que deo a morte ao grande Heitor troiano.

53.

Por huma e outra parte se allegarão
Outras muitas razões; e, decidido
O pleito pelos Gregos, s'entregarão
Essas armas a Ullisses esclarecido.
Huns aprovão, mas outros reprovarão
A injusta decisão; e enfurecido
Ájax co'a propria espada, q'empunhara
A si mesmo arrancou a vida chara.

54.

O mundo ignaro, e cego, q'exercita
Sempre hum systema, em erros apoiado,
Preza o heróe, em quanto o necessita;
Passa a necessidade he desprezado.
Vereis, que quando os premios solicita
Varão, d'altas virtudes adornado,
Então astuto, e mascarado, o vicio
Lh'usurpa os galardões sem sacrificio.

55.

Por essa mesma patria, que os despreza,
Os inclitos varões, que mais honrarão
A patria, a q'infamou tão vil dureza,
A vida, o sangue, os bens, sacrificarão.
Que cegueira! Que sordida avareza!
Reparai, que se tanto executarão
Sem premio, ou sempre mal recompensados,
Quanto não obrarião premiados!

56.

Muitos assaltos damos, sem q' houvesse
Já d'huma, ou d'outra parte vencimento;
Q'o ceo quer, que se Troia deffendesse,
Frustrando o nosso pertinaz intento.
Então o grego exercito conhece
Com grave dôr, e triste sentimento,
Q'entrada na seria, em quanto nella
O Paládio existir, que a aguarda, e vela.

57.

Era de Palas huma estatua rara,
Que do Olimpo baixou, e reverente
De Minerva no templo consagrara
A pia devoção da teucra gente.
Que, sem ella sahir, alfim declara
O oraculo, seria inutilmente
Lidada a guerra pela nossa parte,
Sobre nos ser oposto o proprio Marte.

58.

Eu logo e mais Ullisses concertamos
De roubar o Paládio milagroso:
Cáe a noite, e com tanto penetramos
Nesse templo de Palas magestoso.
Sem sermos pressentidos, retiramos
Com o sacro despojo poderoso:
A sua falta os Dárdanos consterna,
Pois q' a unica esp'rança lhes prosterna.

59.

Então com mais valor, e mais esp'rança,
Damos bem mor aperto ao cerco estreito:
Troia só tem nos muros confiança,
E dos soldados seus no forte peito.
A viva resistencia enfim nos cança:
Sente do mal da guerra o duro effeito
Da Grecia todo o exercito abatido,
Em grande parte já mui consumido.

60.

Então Ullisses por sagaz maneira
Astuto inventa máquina dolosa:
Era hum grande cavallo de madeira,
De bojo enorme, e fronte pavorosa.
Na praia construido, a lisonjeira,
E horrida, presença, á curiosa
Vista, de quem o via, apresentava,
Parecendo, q'o mundo ameaçava.

61.

Aquelles (sendo eu hum) q'escolhe a sorte,
Dentro do largo bojo se alojarão,
Capitães de valor, de peito forte,
Que d'armas homicidas o pejarão.
Ocultamos assim o final corte,
E de Troia o estrago, q'abraçarão
Os illudidos miseros troianos:
Q'a guerra he arte de fataes enganos.

62.

Instruimos Sinon, a quem deixamos
Entregue a fera móle, que gemia
Com o pezo, que dentro lh'encerramos,
E rebentar de prenhe parecia.
Fingidamente as nossas náos guiamos,
Como que a retirada nos movia,
Para a Ilha de Ténedos, aonde
A nossa armada toda ali s'esconde.

63.

Mal que no ceo a rósea madrugada
Formosa assoma com a luz incerta,
De Troia a gente sahe maravilhada,
Vendo toda a campanha já deserta.
Logo por todos he considerada
A máquina dolosa, que se offerta
Aos olhos curiosos, que a notavão,
E que dentro do peito a receavão.

64.

Sinon, que la n'hum bosque s'escondera,
Sahe com fingido pranto, e voz dorida,
Dizendo, que dos Gregos recebera
A afronta mais cruel, mais desabrida:
Q'elle ficar ali antes quizera,
Do que partir com elles de fugida,
Resolvendo entregar-se á teucra gente,
Mais grata, do q'a grega, e mais clemente.

65.

Vão-lhe muitos mil cousas perguntando
Dos Gregos; porem elle astucioso
As respostas só vai maliciando
Com discursos d'enredo fabuloso.
Aos que o hião com ancia interrogando
Sobre aquelle cavallo monstruoso,
Respondia, que fôra fabricado
Pelos Gregos, e a Palas consagrado.

66.

Q'elle a todos prudente aconselhava
O mettessem la dentro da cidade,
E no templo, que Palas habitava,
Fosse posto com pompa, e magestade:
Que, de tudo sciente, assegurava
Grata seria áquella Divindade
Acção tão pia, e santa, ou receassem
Algum castigo enfim, se al obrassem.

67.

Nisto, filha de Priamo formosa,
A presaga Cassandra vaticina,
Q'a fera, ingente móle era dolosa,
Cheia estando d'estrago, e de ruina:
Que, se a mettessem dentro, era forçosa
De Troia a perdição, que lhe destina;
Mas, dos Troianos nunca acreditada,
Foi de todos no agouro desprezada.

68.

Ali tambem o filho soberano
De Priamo, e d'Apollo Sacerdote,
Laocôon, prognostica o grave dano,
Para que todo o povo se alborote.
Só tenta persuadir, de raiva insano,
Que fogo áquella máquina se bote,
E huma lança, brandindo-a enfurecido,
Ao centro arroja, que gemeo ferido.

69.

Duas feras serpentes escamosas
Surdem do fundo mar incontinente,
E nelle s'enroscarão tão raivosas,
Q' o povo cheio de terror se sente.
A Palas mandão preces fervorosas:
Tanto a superstição pode entre a gente!
E querem, que com toda a brevidade
Entre o fatal cavallo na cidade.

70.

Com máquinas possantes, que trouxerão,
Tirão logo o cavallo altivo, e forte,
Que dentro da cidade assim metterão,
Mettendo o proprio estrago, e propria morte.
Dentro com grande gosto o receberão,
Com ledo gesto, e festival transporte,
Sem saberem, q'em dôr o gosto leve
Lhes passava a trocar hum tempo breve.

71.

Apenas desdobrara a noite escura,
O negro, e triste, veo ao ceo, e terra,
Vogando, a nossa armada mui segura
Nas frigias plagas outra vez afferra.
Salta das náos a gente, que só cura
Do momento, em que leve a morte, e guerra,
Dentro d'aquelles muros tão temidos,
Em dez annos vãmente combatidos.

72.

Grande parte da noite era passada,
Quando nós rebentamos valorosos
Do ventre do cavallo, e com a espada
Fazemos logo feitos sanguinosos.
Entra por huam porta a gente armada,
Que nós logo lh'abrimos cuidadosos,
E dentre a confusão, e gritaria,
Medonho horror, com grão terror sahia.

73.

Erão a duros golpes de machados
Todas as portas com fragor entradas;
Os templos, e palacios, abrazados,
E de corpos as ruas entulhadas.
Teucras massas d'impávidos soldados
Arrojão contra nós feras lançadas;
Combates passo a passo vão travando,
Querendo sim morrer, porem matando.

74.

Elles assim combatem entre os gritos,
Q'escutão só da patria lastimosa,
Parecendo animados dos maldictos
Espiritos, que só o Averno goza.
Como vimos, vereis em taes conflictos
A desesperação sempre animosa;
Eis porq', assim as armas resistidas,
Mil mortes dadas são, e recebidas.

75.

Assim muitos dos nossos combatentes
O furor dos Troianos immolára:
Ali findão, porque fiqueis scientes
De q'a mesma victoria custa cara.
Dando brados terriveis, e vehementes,
Cada chefe, animando os seus, não para:
Mais feroz não s'agita, nem vozêa,
Contra os rochedos seus o mar d'Eubêa.

76.

Tão faminto corria, e tão cruento
O fogo, q'a cidade devorava,
Q'ardia a mesma pedra, e tão violento,
Q'em fogo a propria agua s'abrazava.
De vidas, e de sangue, só sedento,
O grego ferro em sangue se banhava,
E os gritos pavorozos, que s'ouvião,
Tremer as carnes de pavor fazião.

77.

Esse estrondo das armas horroroso
Por entre os sibilantes estalidos
Das chamas, e o fracasso ruinoso
Dos altos edificios consumidos,
De mil mortos o sangue copioso,
Dos moribundos os crueis gemidos,
Tudo fazia crer, que Jove eterno
Mudára Troia n'hum medonho inferno.

78.

Se vós eu por miudo o grande estrago
Narrar quizesse aqui mais largamente,
Como de sangue teuero hum vasto lago
Pirrho Troia tornou diro, e furente,
A carnagem, que fez errante, e vago,
Por toda a parte o grego impaciente
N'aquella horrivel noite, precisara
De voz de ferro, e de memoria rara.

79.

Basta dizer, que poucos escaparão
Com vida desses miseros Troianos:
Ao Rei os mesmos fados alcançarão,
Q' a morte iguala todos os humanos:
O ferro, a ira, as chamas, acabarão
Com a neptúnia Troia, ha tantos annos
Nos brados d'alta fama celebrada,
E q'huam noite só reduz ao nada.

80.

Q' a morte gere a vida, a vida morte,
Lei he pela natura estab'lecida:
Destruir p'ra viver, he esta a sorte
Dos entes, que tem alma, ou só tem vida.
Segue a guerra porem contrario norte,
Quando barbara só, quando homicida,
Destroe por destruir, e tal fereza
Não justifica a natural deffeza.

81.

Já n'azulada esfera a rôxa Aurora
Aos claros horizontes se sobira,
Quando a armada da Grecia vencedora
As náos ovante, e leda se retira.
Para os campos, aonde Troia fôra,
A vista com espanto então se vira,
Só de sangue encarando vastos lagos,
Montões de ruinas, barbaros estragos.

82.

Negros fados assim Dardânia rendem,
Que não o braço nósso irado, e forte:
Sobr'ella as azas lúgubres estendem
Luto, desolação, silencio, e morte.
Os soberbos mortaes já nella aprendem
A temer o rigor d'adversa sorte,
Vendo a grandeza humana transformada
Em muda solidão, em cinza, em nada.

83.

Destinavamos já nossa partida
Nesse dia; mas inda nos demora
Huma voz lamentosa, e tão sentida,
Quanto fera, importuna, aterradora.
Do Sigeo promontorio despedida,
Vindo a nós, nos assusta, e apavora:
Para sabermos de què boca saia,
As náos levamos do Sigeo á praia.

84.

Terrifica visão nos apresenta
A sombra desse Achiles pavorosa,
Do sepulcro subindo, em que sustenta
A máquina da forma mentirosa.
Condensado vapor só representa
Como aquelle da nuvem, q'orgulhosa
Em coluna se vai ao ar erguendo,
Sempre engrossando, quando mais crescendo.

85.

Escondendo-nos toda a luz phebêa,
Nós vimos o phantasma ao alto posto:
Huma livida côr, terrena, e fêa,
Lh'assombrava, e cobria, o triste rosto.
Longa barba, q'as faces lhe rodêa,
No peito hirsuta, e loura, tinha encosto,
No peito, q'ondulava tão vehemente
Como o circulo mar, bravo, e furente.

86.

Pelo ar os cabellos estendidos
A região dos ventos acoutavão:
Em fogo iroso os olhos accendidos
Quaes relámpagos feios chamejavão:
Pela colera, e raiva, denigridos,
Os labios convulsivos lh'espumavão:
A planta, em q'o ferio a setta impia,
Ainda hum negro sangue ali vertia.

87.

Então, mal que nos vio, a sombra irada
Nos falla c'huma voz tão forte, e fera,
Q'o mar, ferido della, horrendo brada,
E todo o promontorio estremecera.
Que Polixena ali sacrificada
Seja, ordenou, porque somente espera
Fiquem assim seus manes aplacados,
Desde que feneceo sempre irritados.

88.

Logo que nos intima o seu mandado
Desparece o phantasma temeroso.
No tumulo sumindo-se apressado,
Que sobr'elle se fecha estrepitoso.
Pirrho, da voz do pái todo assombrado,
Ordena o sacrificio sanguinoso,
Molestando-nos muito em nossa idêa
A horrida impressão da sombra fêa.

89.

Descemos logo á praia, e conduzida
Ao tumulo a formosa Polixena
Sobr'elle Pirrho lhe desata a vida,
Que do corpo vôou leda, e serena.
Contempla o sacrificio enternecida
A grega gente, a quem lastima a pena
De ver findar ali com hum só corte
Tanta belleza, tributada á morte.

90.

Vê-la, qual a vi eu, no ceo fitando
Muda os olhos, que pranto cristalino
Em perolas banhava, e logo dando
Ao golpe duro o peito alabastrino;
Vê-la perder a côr, vê-la soltando
O ultimo bocejo, o mais ferino
Peito de dôr partira, e comovera
Do Ismáro, ou Rhódope a dureza fera.

91.

Apenas o cruento sacrificio
Finaliza, outra vez nos aparece
O phantasma do Heróe, que, sem indicio
De sanha irosa, brando nos parece.
Depois q'a todos lança olhar propicio
N'hum átomo se some, e desparece;
E nós tambem co'as náos deshabitamos
O deserto Sigeo, q'atraz deixamos.

92.

Cruenta se mostrou, sendo regada
Com sangue precioso em crua scena
Esta guerra funesta, e malfadada,
No começo, e no fim, q'o Fado o ordena.
Morre Iphigenia em Áulida immolada,
E no Sigeo a bella Polixena:
Tragedias taes á Grecia no vindouro
Só cobriráõ d'infamia, e de desdouro.

93.

Partio a grega armada triunfante
As helénicas plagas demandando;
Porem logo me fiz dellas distante,
Máos intentos de Náuplio malogrando,
Na volta de meu reino andei errante
Por esse mar Ègeo, que fui deixando,
Até q'os vasos meus com gosto sumo
Achão do mar o desejado rumo.

94.

Depois que no Tenário promontorio
Aos manes de meu pái sacrificara,
E com prazer, e jubilo illusorio,
Pelo mar Jónio o curso regulara.
Demandava d'Étólia o rico emporio,
Q'Atalanta gentil tanto afamara;
Mas Venus, em quem nunca acharei graça,
Vingativa a viagem, m'embaraça.

95.

Vimos as grossas ondas empoladas
Aos astriferos ceos hir-nos subindo,
E nuvens, sobre nós encastelladas,
Mil tiros d'agua, e fogo despedindo:
Vimos as náos com impeto assaltadas
Pelo fervente mar, que vem bramindo;
Que toda a minha armada perecera,
Se Thetis immortal lhe não valera.

96.

Foi salva, e libertada do perigo
Pelas gentis Nereidas, que nos manda
Para nos acudir no mar inigo,
Thetis piedosa, benfazeja, e branda.
Refaço os lenhos meus, e logo sigo
Este porto, que suplice demanda:
A vossos pés reaes minha vontade,
Disposta a vos servir com amizade.

97.

São da fortuna acasos acintosos,
Q'admirão esses sós, que a desconhecem;
Não eu, que sendo hum dos seus mimosos,
Vejo, q'os tiros seus hoje m'empecem.
Da sua roda os giros caprichosos
Os q'elevão ao alto, ao baixo descem,
Porque, sempre em continuo movimento,
Da fatal inconstancia he elemento.

98.

Assim, de terra em mar perigrinando,
Amado já dos ceos, já perseguido,
A contrarios vaivens sujeito ando,
Sem ver em mim o ânimo abatido.
Os favores porem, q'estou gozando,
E q'em muito avalio agradecido,
Outorga-mos o ceo, porque se veja
Sem força minha estrella malfazeja.

99.

Sem força a malfazeja estrella minha
Aqui talvez s'extinguirá por certo,
Pois da dita, que já se me avisinha,
Parece mais que nunca achar-me perto.
Já essa esp'rança leda, q'eu mantinha,
Do fado meu emenda o desconcerto,
Neste asilo feliz, realisando,
Venturas, q'eu andava só sonhando.

100.

Se o permittirdes pois, Monarca augusto,
Consultarei o oráculo divino,
Porque parta depois, longe de susto,
Cumprindo em tudo as ordens do Destino.
Que posto que d'aqui com grande custo
Me verei arrancado, a fronte inclino
Aos decretos do ceo, se fôr contente,
Q' eu dentre vós a meu pezar m'ausente.

101.

Acabou de fallar, e com presteza
Os solicitos pagens levantarão
As toalhas da rica, e lauta meza,
E magestosos leitos prepararão.
Só dar repouso á lassa natureza
Todos n'aquelle instante destinarão,
Levando os Daunianos na memoria
Impressa a triste miseranda historia.

102.

Já, nos leitos entrados, com brandura
A todos em silencio os olhos cerra
O suave Morpheo, suave cura
Dos trabalhos da vida, e paz da terra.
Só Emira, e Diomedes, q' a ventura
Unidos quer, a quem Amor faz guerra,
Hum no outro pensando, repulsavão
De seus olhos o sono, que baldavão.

103.

Destes dois ternos, férvidos, amantes
Os ternos pensamentos se buscavão,
E, posto que longiquas, e distantes,
As almas amorosas se fallavão.
Já mil scenas d'amor, sempre constantes,
Elles na idêa amante imaginavão,
Quando nos doces braços s'enlaçassem,
Ou quando face a face se osculassem.

104.

As feridas, q'abrio d'Amor o tiro
Co'as settas d'affeição nas almas bellas,
Não cura Machaon, ou Podaliro;
Sana-las pode só a causa dellas.
Da sympathia amante a força admiro!
Com ella esses misterios nos revelas
Das tuas leis, Amor, tão estendidas,
Quam respeitadas sempre, e obedecidas.

105.

Amor, q'os milhões d'entes do universo
Com teu suave imperio senhorèas,
Sendo teu fogo activo tão disperso,
Que lavra em todas as viventes vêas:
Q'igualmente no bom, e no perverso,
No pastor, e no rei, a chama atèas,
Nivelando os estados desta sorte,
Como sempre os nivela a mão da Morte.

106.

Aquelles dois amantes separados
Nutrias de dulcissimas lembranças:
Tu lh'abundas os peitos abrazados
D'animadas, risonhas, esperanças.
Como ditosos são dois namorados,
Que tu d'almo prazer somente canças!
Amor, se dizem, q'és do mundo a ruina,
Nunca te conheceo quem te crimina.

107.

Nunca te conheceo, nem te deo culto
Hum'alma bronzeada em peito d'aço,
Que faz á natureza atroz insulto,
Furtando a vida ao teu suave laço.
Gelado coração, sempre sepulto
De sombras idèaes n'hum triste espaço,
Quanto mais contra ti s'escuda, e munc,
Tanto te vinga, Amor, e a si se pune.

108.

A mão do grande Autor da natureza
Armada sempre d'hum poder imenso,
A lei d'amor em vão não grava accesa
No humano coração á amor propenso.
A tal lei resistir, será grandeza
De peito, q'ostentar valor intenso:
Será; porem a vam soberba estoica
Loucura he só, que não virtude heroica.

Canto 7.°

1.

Já no sereno ar desse diurno
Luminoso clarão a luz raiava,
E ainda no palacio taciturno
Do doce irmão da Morte a paz reinava.
Hia a noite enrolando o veo nocturno,
Onde as puras estrellas abafava,
Quando Emira do leito se levanta,
Terrena aurora, q'a dos ceos encanta.

2.

Dirige os passos ao jardim frondoso,
Aonde, entregue toda ao seu cuidado,
Sentia o peito seu, tão amoroso,
Quam triste, de mil fogos abrazado.
Por ver se alivio dava ao cuidadoso
Pensamento, d'amor só dominado,
Passeava inquieta, e descontente,
Qual terna amante do amador ausente.

3.

A musica suave, e lisonjeira,
Das doces avesinhas, que saúda
Do suspirado dia a luz primeira,
A sua inquietação não finda, ou muda.
Estava morta a natureza inteira,
E fêa aos olhos seus, tristonha, e ruda,
Pois na idéa d'hum'alma namorada
O mundo he sombra, o universo he nada.

4.

Nisto os formosos lúcidos, Ethontes,
As flammivomas jubas sacudindo,
Vinhão leves ganhando os horizontes,
E terra, e ceos de clara luz cobrindo.
Já Phebo com seu rosto os verdes montes
Alegrava, e, suavissimo ferindo
Com seus raios d'Emira a face pura,
Prezo ficou de tanta formosura.

5.

O filho de Tydeo, a quem o leito
Era molesto, bem que doce, e brando,
Do forte ardor, que concebeo no peito,
Vigilante se estava alimentando.
Ergue-se, dado todo ao mago effeito
Do poderoso amor, que o vai domando,
E para suspirar em liberdade
Procura do jardim a soledade.

6.

Tu philtro da amorosa sympathia
Quanto impulsivo és, quanto és potente!
Das Medèas, das Circes a magia
Não pode superar-te a força ingente.
Ó natureza augusta, tão sombria,
Quam bella, rasga o veo, e faz patente
Da mais forte paixão, da mais amavel,
O misterio tégora imprescrutavel.

7.

Apenas face a face se avistarão
Os dois amantes com vivaz surpreza,
Com mudez, e prazer, se contemplarão,
Suspensa a alma, e só d'amor accesa.
Em sobresalto os peitos palpitarão:
Fica algum tempo a doce vista preza,
Olhando-se n'aquella conjunctura
Com gosto, e com dulcissima ternura.

8.

Por vezes tenta o válido desejo
Desprender-lhes as linguas anhelantes;
Mas d'hum lado o respeito, e d'outro o pejo,
Comprimem no silencio os dois amantes.
Alfim venceo Amor, que neste encejo
Mimosas expressões, insinuantes,
Filhas do mesmo Amor, ao Grego inspira,
Q'assim fallou á pudibunda Emira.

9.

Ditoso quem chegou a conhecer-vos :
Ditoso quem por vós d'amor morresse :
Ditoso quem vos vê, pois só de vêr-vos
Minh'alma de prazer nem se conhece.
E já que nella enfim sempre heide ter-vos,
Aonde hum puro amor vivo apparece,
Est'alma, já não minha, mas só vossa,
Em vosso coração asilar possa.

10.

Recebei-a, e com ella juntamente
O meu ser, minha vida, e liberdade ;
Acceitai hum amor, o mais ardente,
Que tudo vos entrego por vontade.
Consenti, já q'Amor isto consente,
Q'eu seja vosso, e vós minha deidade,
A quem sempre darei por vosso indulto
O mais perene, e fervoroso culto.

11.

S'em premio dos trabalhos tão crescidos,
Quaes os q'o ceo têqui me tem mandado,
Os fados, de meu mal compadecidos,
Vosso rosto gentil me tem guardado,
Meus infortunios dou por bem soffridos;
Considero-me assas galardoado,
Porque para o gozar soffrer quizera
As mesmas penas, q'o Averno gera.

12.

Mas inda dessa boca soberana
Da dita minha pende a incerta sorte:
N'huma palavra só doce, ou tyrana,
Dai-me a vida, senhora, ou dai-me a morte.
Sendo já compassiva, ou deshumana,
O destino arbitrai deste amor forte:
Mandai q'amar-vos possa, ou nunca ver-vos;
Q'eu tenho por dever obedecer-vos.

13.

Calou-se o Grego Rei, q'ali suspira,
A face amada ternamente olhando,
Onde o fogo d'amor vivaz respira,
O coração do Heróe mais abrazando.
Vão o rosto gentil da bella Emira
As rosas do pudor incendiando;
Q,' abrindo timida o que n'alma esconde,
Ao filho de Tydeo assim responde.

14.

Não preciso, senhor, mais expressar-me,
Pois meus olhos assas vos tem fallado:
Basta do vosso amor assegurar-me,
Porque, se amada sou, vós sois amado.
Só esta confissão pode arrancar-me
Quem tem meu coração avassalado:
Toda a vossa incerteza acabe, e cesse,
Q'eu vos amara mais, se mais podesse.

15.

Fallar quizera mais, se o permittisse
A voz, que na garganta se anodara,
Querendo Amor, q'o seu poder se visse,
Com q' ao seu doce carro o Nume a atara.
Em si, como se toda o possuisse,
Do Olimpo a imensa gloria o Heróe gozara,
Pois que não ha prazer mais requintado,
Q' a certeza de ser d'amante amado.

16.

Eis nisto os dois amantes se retirão
Para umbrifero bosque, só coberto
De verdes pavilhões, onde suspirão
Musicas aves com vivaz concerto.
Dentro os raios do Sol, tremendo expirão;
Ali deixando só clarão incerto,
Q' o pejo feminil sempre ama, e busca,
Julgando, que com elle a queda offusca.

17.

Sobr'elles lança Amor com grão presteza
O veo dos seus misterios deleitosos,
E com elles triunfa a natureza,
Fazendo os dois amantes venturosos.
Ali voando vão com ligeireza
Almos, doces, momentos saborosos,
Que podem só gozar-se, appetecer-se;
Imaginar-se só, não descrever-se.

18.

Em quanto os dois amantes só libavão
As primicias d'amor o mais ardente,
Marte, e Venus, entr'ambos concertavão
Perseguir este Heróe tão excelente.
Hum co'outro no modo imaginavão,
Que mais idoneo seja, ou conducente;
Até que lembra a Marte neste encejo
Hum, que julga efficaz o seu desejo.

19.

Logo, embraçando o escudo adamantino,
E na mão apertando a lança irada,
Fiado em seu poder alto, e divino,
Tomou do Averno a tenebrosa estrada.
Passa d'hum salto o lago libitino:
As portas entra da infeliz morada,
Onde habitão as penas sempiternas,
Q'enchem d'horror as infernaes cavernas.

20.

Agora mais que nunca, ó sábia Musa,
Invoco o teu favor neste meu canto,
Porque possa co'a voz, em sons profusa,
Romper do Averno o tenebroso manto.
O hórrido painel dessa confusa
Cavernosa mansão do eterno pranto
Mostra-me, ó Dea, e já que tanto podes;
O mesmo poderei, se tu me acodes.

21.

Do negro Averno as margens temerosas
Banhadas são do Lethes preguiçoso,
Onde Charonte com as mãos rugosas
Move da cimba o remo vagaroso.
Na triste praia as Almas silençosas
Formão de ca hum globo numeroso,
Ao sanhudo Barqueiro demandando
O tránsito fatal ao reino infando.

22.

Essa do Lethes macilenta praia
Herva não gera, ou flor, nem s'atavia
De virentes arbustos, d'ulmo, ou faia,
Nem a piza animal, nem ave cria.
Nunca a phebêa luz ali s'expraia:
He toda a região muda, e sombria;
Q'as verde-negras aguas, sempre imotas,
Toldão-lhe o ar de vaporosas gotas.

23.

Na riba oposta avulta a levantada
Fachada estigia, em ferro construida,
Onde sobre o portão se vê gravada
Torva inscripção, fallando assim temida:
Toda a vossa esperança nesta entrada
Despi, ó vós, que não gozaes da vida,
Pois nesta habitação do eterno fogo
Não vale a redempção, nem pranto, ou rogo.

24.

As portas éneas são, onde incessante
O Cérbero por tres gargantas fortes
Está latindo, sempre vigilante,
Quando chegão das Almas as cohortes.
Logo apparecem pouco mais adiante
Monstros horriveis de mui varias sortes,
Negras Esphinges, Górgonas, Chimeras,
Terrificos Pithões, Harpias feras.

25.

Quando s'abre o portão ficão troando
Os grossos gonzos com feroz rangido,
Que nos cóncavos oucos vai soando
Com rebombo de som repercutido.
D'aqui por trilho usado o mortal bando,
Trilho inacesso á luz, sempre temido,
Entre sombras opacas, Larvas, Spectros,
De Plutão s'encaminha aos paços tetros.

26.

Obras d'engenho delicado, e instructo,
Os paços de Plutão não apresentão:
Todos, vestidos de funéreo luto,
Lugubre aspecto, e temeroso, ostentão.
Tem sim lavores mil de ferro em bruto,
Que torvas, feras cousas representão:
Trabalhos estes forão os primeiros
Desses Lipários, sordidos, Ferreiros.

27.

Representão volcões, d'entre incendido
Fogo devorador lavas soltando;
O Cáhos nas discordias envolvido
Dos elementos, entre si lutando;
C'o mephitico bafo corrompido
A peste milhões d'entes devorando;
As pálidas doenças maceradas,
Áridos montes, regiões queimadas.

28.

Mais representão sim cruas batalhas,
Quando, tu guerra, humanos mil prosternas;
Cidades destruidas, e muralhas,
Pelas terráqueas convulsões internas.
E tu, q'o teu veneno ardente espalhas,
Em furias convertendo as almas ternas,
Ciume, ali tambem representado
Estás c'o facho teu, na mão alçado.

29.

Representão enfim torvos cometas
Com as caudas queimando o veo nocturno;
Tambem as tenras victimas, affectas
A essa ardente estatua de Saturno.
Derão remate aqui, pozerão metas;
A obras taes em derradeiro turno
No quadro aterrador, feio, injucundo,
Da ultima catástrofe do mundo.

30.

Nesses paços ahi, de bronze obrado,
S'eleva o torno de Plutão sanhudo,
Onde, apar de Proserpina assentado,
Conserva hum ar severo, triste, e rudo.
Ant'elle está com vulto agigantado
O fero Espanto sempre quedo, e mudo,
Q'infunde em toda aquella estancia fêa
Hum medonho pavor, com que a rodêa.

31.

Na estancia, que se segue, os tres Juizes,
Minos, Eáco, e Rhadamanto, dictão
As sentenças crueis dos infelizes,
Q'entre penas infindas sempre habitão.
Com horrendos feiissimos matizes,
Que, memorados só, terror excitão,
A fereza adornou esta morada,
Aonde á compaixão se nega entrada.

32.

Segue-se a esta logo o ferrolhado
Carcere horrendo, tenebroso, e feio,
Servindo de prizão ao condemnado,
Que não pôz ca no mundo aos vicios freio.
Ouvem-se aqui já d'hum, já d'outro lado,
Em todo o seu vastissimo rodeio,
Rugidos de leões, stridor de dentes,
Frémitos d'ursos, silvos de serpentes.

53.

Das penas infernaes executoras,
Com toucas de Cerastes, que sibilão,
Aqui as Furias, sempre aterradoras,
Pela boca hidiondo fel destilão.
Das indómitas Iras malfeitoras
Os olhos, quaes relampagos fuzilão:
Ante as Parcas a Morte inexoravel
Tem sempre erguida a fouce formidavel.

54.

Em todo este recinto pavoroso
Sempre atroado d'ais, e feros gritos,
Tudo he dôr, tudo pranto doloroso,
Tudo magoa, e tormentos infinitos.
As penas sofre ali o criminoso
Segundo a qualidade dos delictos,
Q'até no Averno a lei, bem que de ferro,
Proporcionada está conforme o erro.

55.

Os castigos mais duros, e temidos,
Q'ali sofrem misérrimos humanos,
Somente sobre Reis são exercidos,
S'em vez de serem Reis, forão tyranos.
Destes Reis os privados são punidos
Com mil penas crueis, se deshumanos,
Os povos, cujo sangue devorarão,
Com despotiça planta atropelarão.

36.

Sofrem penas iguaes, vertendo amaro
Pranto, sem q' o tormento seu se mude;
Os Ministros do altâr, a quem o avaro
Desejo de riqueza estraga, e illude;
Ou que, devendo o bruto povo ignaro
Guiar pelo caminho da virtude,
C'o mão exemplo seu o corromperão,.
E em vez de doutrina-lo o perverterão.

37.

Ali as negras Furias descarregão
Duros golpes com barbara fereza
Nesses peitos de bronze, que se negão
Aos prantos, e gemidos, da pobreza.
Punem tambem ali os que s'entregão
Só por mera ambição, ou vam grandeza,
Á guerra, em q', os humanos opprimindo,
Roubando o alheio vão, ou destruindo.

38.

Salmoneo ali jaz, que com vaidade,
E com soberba louca, e arrogante,
Em desprezo ao poder da Divindade
Ousa imitar a Jupiter tonante.
Tambem esse, q' a fraca humanidade
Quiz da morte livrar com mão prestante;
Esculápio, inventor da medicina,
Fulminado ali jaz da mão divina.

39.

Roido sempre ali d'huma Ceraste
Jaz esse avaro duro, e miseravel,
Que neste horrendo abismo despenhaste
Tu fome d'ouro, sempre insaciavel.
E tu, que torpes vicios só prezaste,
Huma vida vivendo abominavel,
Não crêas, q'ali tens leitos de rosas,
Mas só sim de mil penas dolorosas.

40.

Em vivas chamas arde n'outra estancia
Com fero gesto, e furial cabello,
Aquelle, a quem desde a mais tenra infancia
Marcou da ingratidão o negro sello.
Rasgão mil dragos com tenaz constancia
O peito do q'ostenta hum falso zelo,
Que contra os homens bons os máos provoca
Com Pluto n'alma, e Jupiter na boca.

41.

Torta vara de ferro ardente empunhão
Os q'a recta de Thémis entortarão:
Dôr imensa nos brados testemunhão,
E, se podessem mais, bem mais bradarão,
Dizendo: ó vós, a quem o nome alcunhão
De Juizes, se assim vos elevarão,
Não vos cegue affeicção, odio, ou cobiça;
O ceo pune, tremei, fazei justiça.

42.

Fera escámea serpente está mordendo
O peito do malevolo perjuro,
Q' em damno d'amizade foi rompendo
D'inviolavel sigilo o manto escuro.
O vil Calumniador de gesto horrendo,
De lingua viperina, e peito impuro,
Entre acerbo tormento ali suspira,
Porq' a innocencia inerme perseguira.

43.

N'hum hediondo fosso está mettido
Entre ascoroso lôdo esse q'inchara
A vaidosa soberba, e presumido
O pobre, seu irmão, ca desprezara.
O negro coração tem consumido
Por viboras crueis essa alma avara,
Que, dando entrada á venenosa inveja,
Só males, e não bens, aos mais deseja.

44.

O faccioso demagogo insano,
Q' os seus concidadões extraviara,
Quebrando os laços fraternaes com dano
Da social concordia, que os atara,
Sob o montão enorme, e deshumano,
Dos males ruinosos, que causara,
Esmagado ali jaz, todo opprimido,
E mais, q' as Furias, sempre enfurecido.

45.

Huma stentórea voz por mor tormento
S'escuta sem cessar, bradando a este:
Dize, Ariman fatal, genio violento,
Aonde estão os bens, que prometteste?
Se em licença feroz com máo intento
A patria liberdade converteste,
O castigo terás, esse te baste,
Nos mesmos feros males, que causaste.

46.

Qual arde sempre ali n'hum fogo horrendo;
Qual d'Abutres crueis he lacerado;
Qual horridas visões sempre está vendo;
Qual jaz d'hum monte enorme carregado;
Qual a si proprio os membros vai roendo;
Qual brada sem cessar exasperado;
Qual fome, e sede, ali sempre padece;
Qual em roda continua sobe, e desce.

47.

Dizer todas as formas dos tormentos,
Quantos, e quaes as victimas horriveis,
Que os sofrem nos medonhos apozentos,
Onde imperão mil penas insofriveis,
Quantos ministros ha, quantos cruentos
Monstros d'aspectos negros, e terriveis,
Não pode a humana voz, mas só calar-se,
Que palavras não tem para expressar-se.

48.

Neste medonho reino, em que reside
Hum sempiterno horror desordenado,
O sanhudo Plutão manda, e preside,
Sobre seu trono horrifico assentado.
Alto muro de bronze ali divide,
D'eterna noite, e sombra carregado,
Essa estancia das almas venturosas
Nas Elisias Campinas deleitosas.

49.

Banhão perpetuamente as almas bellas
Inefaveis torrentes de prazeres,
Porque por lei do mesmo Fado nellas
Não executa o Fado os seus poderes.
Splendem ali, quaes fúlgidas estrellas,
Todos aquelles incórporeos Seres;
Que, posto são espiritos na essencia,
Mostrão da humana forma huma aparencia.

50.

Sempre enlevados na visão divina
Da celeste immortal beatitude,
Esse falso deleite os não domina,
Com q'o mundo nos mente, e nos ilude.
Toda a formosa estancia se illumina
C' o sol, q'expraia o rosto da virtude
N'hum claro, e puro ceo, brilhante, e limpo
De nuvens, qual he sempre o ceo do Olimpo,

51.

Neste feliz recinto os bons Monarcas,
Que com mágoa dos povos, q'inda os chorão,
Truncarão sem piedade as duras Parcas,
Entre delicias nunca-exhaustas morão.
Com letras d'ouro, e scintilantes marcas,
Ali honrosas inscripções arvorão
Aquelles, cujo são patriotismo
Conduzio nesta vida ao heroismo.

52.

Todos esses varões, que libertarão
A patria de tyranos opressores,
Ou que d'hum jugo estranho a resgatarão,
Em justa guerra sendo vencedores,
Os que o campo scientifico regarão
Com os seus utilissimos suores,
A patria doutrinando, ali cercados
D'eterna luz, descanção premiados.

53.

Frondosas selvas d'immortal verdura,
De balsámicas flores matizadas,
Habitão os q'em vida amarga, e dura,
Altas acções obrarão sublimadas.
Aura celestial, odora, e pura,
Respirão almas mil afortunadas
Dos que sofrerão ca do mundo insulto,
Por se renderem da virtude ao culto.

54.

Nesta lucida estancia venturosa,
Toda inundada d'immurchavel gosto,
Não exerce a Fortuna caprichosa
O poder de mudar gosto em desgosto.
A regia magestade poderosa,
Que gozou ca no mundo o sumo posto,
Do subdito a la par, inda que pobre,
Não goza destinção, nem rico, ou nobre.

55.

Vaidade ali não entra, ou soberbia,
Calumnia, ingratidão, manhoso engano,
Sede d'ouro, ambição, hyprocrisia,
Inveja, e duro peito deshumano:
Só a virtude, q'altas obras cria,
E do mundo não piza o trilho insano,
Ali, co'a propria luz resplandecente,
Só mostra ser do ceo filha excelente.

56.

La no centro do Averno em vasta furna,
D'espantosos trovões sempre atroada,
Onde nunca s'entranha a luz diurna,
Mas a dos raios só, que a tem queimada
Cova do eterno horror, feia, e soturna,
Do cáhos infernal negra morada,
Seu trono poz a furial Discordia,
Inimiga da paz, e da concordia.

57.

Aos acenos fataes do ferreo sceptro,
Q'espreitão sempre com feroz transporte,
Se movem da suspeita o negro Spectro,
As violentas paixões, e a torva Morte.
Hum tumulto cruel, confuso, e tetro
O mundo sente, e malfadada sorte,
Mal q'este bando atroz, ali disperso;
Vem turbar a armonia do Universo.

58.

Mal q'a Discordia sáe, rangendo os dentes,
E seu facho infernal co'a mão brandindo,
Por toda a parte vai entre os viventes
A guerra, a fome, e peste disparzindo.
Quando esta Furia os altos ceos patentes,
A terra, e vastos mares vão sentindo,
Todos os elementos embravecem,
Desmaia o sol, os astros empalecem.

59.

Furia he de temer, porque devora
Nações, a quem seu fogo communica
Com tanta rapidez, q'a assoladora
Flama eléctrica só igual lhe fica.
Desordena, horrorisa, e apavora,
Desune, fere, abrasa, sacrifica,
Derruba, estraga, assola, desbarata;
Destrona, descompoem, confunde, e mata.

60.

Ella he quem semeia, e quem suscita
Entre os esposos odios, e rancores;
Só ella os litigantes espirita
Nos tribunaes por orgão dos doutores.
As dissensões civis ella he q'excita;
Nas eleições preside aos eleitores;
Huns contra outros arma os Reis da terra,
Os povos contra os Reis, promove a guerra.

61.

A esta horrivel Furia o Deos da guerra
Procura, de vingança só sedento,
Como inimiga a mais cruel da terra,
E mais accommodada ao seu intento.
Á raiva dado, que no peito encerra,
Entra o revolto, lóbrego aposento.
E com voz titubante, e despeitosa,
Assim falla á Discordia pavorosa.

62.

A ti, que sendo minha companheira,
Quando a terra de sangue humano alago,
És com justa razão causa primeira
Desse, que gera a guerra, immenso estrago,
Eu venho confiar a tençoeira
Empreza, que na mente agora trago;
Do filho de Tydeo vingar-me quero,
E só de ti esta vingança espero.

63.

Escapando da morte, e dos perigos,
Que no mar lhe cavou Neptuno irado,
Elle e Dauno s'abração como amigos,
No reino deste achando gazalhado.
Volve-os sim, que tu podes, inimigos:
Accende a guerra entr'ambos, porq' ao lado
De Dauno a vida, e toda a esperança,
Ao Grego cortarei com esta lança.

64.

Vai o Grego fundar alta Cidade;
Como no Olimpo Jove declarára,
Com que no paço irá da Eternidade
Dilatar de seu nome a fama clara.
Não leve ao fim tão grande heroicidade,
Do mudo olvido o toque a mão avara;
Minha ira o persiga desta sorte
Não só na vida, mas alem da morte.

65.

Corre, vôa, q' eu juro, que meu peito
Não sofre lenitivo, sem vingar-me:
Sinta do mal da guerra o duro effeito
Quem ousou já na guerra injuriar-me.
La no Olimpo no meu dourado leito
Não poderei tranquilo socegar-me
Em quanto vivo for o vil humano,
Que me fez com seu ferro impio damno.

66.

Nada mais quiz ouvir o furibundo,
Monstro, sevo, e cruel, que com presteza,
Cercado de seu bando atroz, e imundo,
Deixa o Averno, e surge á redondeza.
Eis logo sente o consternado mundo
Desta Furia fatal toda a crueza,
Que tudo abraza, os males semeando
Por onde quer que vá feroz passando.

67.

Tal quando furacões raivosos ruem
Montes levando, e revolvendo os mares;
Ou subterráneas concussões abuem
Torres, palacios, templos, e altares;
Ou essas, que de Jove ao mando anuem,
Accesas farpas, já rasgando os ares,
Ao som medonho dos trovões desfechão,
E tudo em cinzas luctuosas dexão.

68.

Com ella Marte vai, para q'ajude
Esta empreza sinistra, e n'hum momento;
Sem que do seu tentame algum se mude,
Tocão da Dánnia o venturoso assento.
Na montanha gargánia alpestre, e rude,
Se postão com medonho movimento,
Q'abalada tremeo, vendo o seu cume
Todo coberto de sulphureo lume.

69.

Não he tão prompto o fogo sibilante,
Que lavra em selva densa, onde ateado
Tudo lambendo vai, quando arrogante
He das iras de Bóreas ajudado,
Como o fogo infernal, que n'hum instante
De seu facho sacode o monstro irado,
Com q'abrasou do povo a mente escura,
Que já dos Gregos entre si murmura.

70.

Então do sono seu Dauno acordava
Confuso, e triste, porq'em sonho vira
Temerosa visão, q'elle julgava
Hum aviso do Ceo, q' o Ceo lh'inspira.
Sonhou, que do seu trono o derribava
O filho de Tydeo, onde subira
Por infame traição, e q'assentara
Nelle a seu lado a filha, q'esposara.

71.

Neste momento assim tão ventajoso
Ás tenções da Discordia, e irado Marte,
No regio paço, ainda silençoso,
Entra a negra Suspeita, armada d'arte.
Hum Áulico do Rei, varão idoso,
Q'em suas decisões tinha grão parte,
Ali moveo de modo, e tanto a intento,
Que o faz buscar de Dauno o aposento.

72.

Mal nelle penetrou, entre o respeito
Com ar triste, e pezado, o Rei saúda:
Este logo lh'abrio ancioso o peito,
E aquelle o ouve qual estatua muda.
Narra-lhe o sonho, e pede o seu conceito
Sobre o que deve obrar, e que lhe acuda
Com algum parecer, que desvaneça
O seu temor, por q'a temer começa.

73.

Então lhe diz o Aulico embahido,
Hum pouco carregando o sobrecenho;
Desse mesmo temor eu combatido
Aqui, Senhor, aconselhar-te venho.
O mundo ao Grego tem por fementido,
E nesta opinião tambem o tenho,
Pois, Senhor, bem lh'ouvisteis, como entrarão
Por traição nessa Troia, que abrazarão.

74.

Como fiar-te podes n'hum guerreiro,
D'outros feros guerreiros rodeado,
Que mais parece ousado aventureiro,
Do q'hum heróe de bôa fé cercado?
Dictame he da razão pezar primeiro,
Antes d'obrar, o q'hade ser obrado,
Porque sempre hum obrar sem fundamento
Seguido he logo d'arrependimento.

75.

Pode ser, que se não lhe concederas
O asylo, que pedio, tão levemente,
Receoso te não arrependeras,
Pensando agora mais solidamente.
E já que o erro teu, ora ponderas,
O remedio lhe dá incontinente:
Com braço armado, e com seguro dolo,
Ou prende a todos, ou lhes corta o collo.

76.

Algum pretexto honesta, e sem demora
De toda a parte de teu reino manda
Vir gente armada, em quanto o grego agora,
Sem cuidado, e temor, tranquilo anda.
Não percas na tardança huma só hora:
Hum Rei em casos taes nunca se abranda:
Segura a occasião, teu braço solta,
Que, se foge huma vez, nunca mais volta.

77.

Sempre da occasião nasce a ventura,
Que próspera nos manda amigo fado,
Pois sempre a occasião com mão segura
Offerece o successo afortunado.
Aquelle, que os dictames da cordura
Em todo tempo segue, em todo o estado,
Co'a mão lhe prende a coma, q'esvoaça,
Sem a deixar fugir, quando ella passa.

78.

He salutar preceito da milicia,
Que combater se deve co'o imigo
Só quando a occasião seja propicia,
Ou quando urgir hum iminente p'rigo.
Assim usão prudentes, q'a pericia
Militar por brazão trazem comsigo:
Assim deves usar, já que te ensina
Á vista o p'rigo, a occasião benigna.

79.

Em tanto dessimula, que por certo
A grande arte dos Reis consiste toda
Em bem dessimular, não pondo aberto
O peito aos que de si tem sempre em roda.
Que te fallo, Senhor, com grande acerto
Eu penso; q'o respeito não me anoda
A lingua, quando devo aconselhar-te,
E com pura intenção desenganar-te.

80.

Disse, e partio, deixando o Rei confuso,
A quem varias idèas lhe figurão
Ora no trono seu o Grego intruso,
Orà os meios, q' o trono lhe segurão.
Dos conselhos, q'ouvio, quer fazer uso,
Pois os incautos Reis d'entrar não curão
No seio da verdade, se, illudidos,
Se deixão dominar dos seus validos.

81.

Geme opressa a nação, he desgraçada;
Os gemidos escuta hum Rei, mas logo
Esse valido sen co'a voz danada
Envenena esse justo desafogo.
D'Áulicos mãos a alma bronzeada
Dos tronos sempre afasta o pranto, e rogo:
Soberbos cortezões, quem vos pozera
Hum dia da opressão na dura esfera.

82.

Então soubereis sim, quanto he penosa
Da misera pobreza a dura vida;
Quanto padece a alma virtuosa
Por vossas tyranias oprimida.
Conjurareis então a generosa
Mão dos Reis, para os bons sempre estendida,
A dar amparo ao militar honrado,
Ao triste pobre, ao sabio desprezado.

83.

Dos q'adulão os tronos mui de perto,
Sem temor de q'infamia os enodôe,
Poucos sim, ou nenhuns, vereis por certo,
A quem alheio mal dôa, e magôe.
Sempre este foi do mundo o desconcerto;
Sempre foi este, e elle me perdôe;
Que, se devo respeito á humanidade,
Mais devo respeitar a sam verdade.

84.

A Diomedes com custo, e mágoa justa,
Foi ao paço forçoso retirar-se,
Pois só quem ama sabe, quanto custa
D'entre os braços d'amada separar-se.
Já no regio salão, que mal se ajusta
Ao sitio, de que sempre hade lembrar-se,
Entre hum cortejo estava numeroso,
Porq' a Dauno saúde respeitoso.

85.

Apenas entra Dauno, o Grego vendo,
Hum pouco se turbou; porem tornado
A si, hum ledo ar contrafazendo,
O saúda, e por elle he saúdado.
Ambos ali se vão logo entretendo:
Por mil cousas o Grego he perguntado,
Em todas ellas Dauno procurando,
Se alguma tenção má pode hir sondando.

86.

Mas como limpas são, e não dolosas,
Em tudo quanto diz luz a verdade,
Q'as palavras do engano sinuosas
Deixão ver a travez sempre a maldade.
No seu porte, e maneiras generosas,
Só mil signaes descobre d'amizade,
Por falsa opinião envenenada,
Que muito pode, quando antecipada.

87.

Vezes trinta e mais dez n'azul esfera,
O cintado zodiaco trilhando,
De Phebo o coche ao mundo o prazer dera,
A noite, e o dia lucido, alternando.
Reinava ainda a florea primavera,
Pois o touro, q'está no Ceo b'amando,
Com as pontas fazendo ultimo ensaio,
Abrira as portas ao lascivo Maio.

88.

Era passado já todo este espaço
De tempo, que voava assas ligeiro
Para o Grego, q'Amor com forte laço
Escravo tinha em doce captiveiro.
Se a voz desprende, se movia hum passo,
Somente o dirigia ao lisongeiro
Motivo encantador do seu cuidado
Qual amante, q'amava, sendo amado.

89.

No prestigio d'amor tanto s'enlêa,
E tanto nelle andava embebecido,
Que tudo esquece, e só mantem na idêa
O bello rosto, de que foi vencido.
Impressão não lhe faz quanto o rodêa,
Nem do guerreiro estrondo he já movido,
Que Danno refalsado lhe aparata,
Porque mata-lo, ou destrui-lo trata.

90.

Tinha a Discordia, e tinha o Thracio Marte
Os animos protervos azedado,
E contra os gregos era em toda a parte
Grande aparato bellico formado.
Dauno já com astucia, e já com arte,
Trazia o negro engano desfarçado.
E o povo, amigo só de novidade,
Mais incitava a oculta tempestade.

91.

O Rei, que n'alma tinha o sonho impresso,
E da filha a affeição já suspeitava,
Teme-se a cada instante do successo
Infausto, q'o vão sonho lhe agourava.
Ao designio, que traz, quer dar começo;
A mesma brevidade elle apressava:
Pretexta huns jogos, para os quaes convida
A grega gente nos baixeis mettida.

92.

Na dobrada amizade assim confia
O filho de Tydeo, que logo ordena,
Em terra salte a gente, mal q'o dia
Dos jogos doure aquella praia amena.
Mas Jove, que do Olimpo descobria
A traição, que reprova, e que condena,
Ao deslumbrado Heróe avisar manda,
Pois Juno lho pedio anciosa, e branda.

93.

No ponto, em q' o silencio mais profundo
Da fresca noite os olhos amortece,
No sono sepultando o lasse mundo,
Com q' as forças vitaes restabelece,
Cobre o alado galero, e com jucundo
Rosto o filho de Maia á terra desce:
Empunha o caduceo, calça os talares,
Porque leve divida os leves ares.

94.

Penetra com adejo imperceptivel
Do Grego Heróe no tácito aposento,
Onde velando estava, onde sensivel
Só d'Emira nutria o pensamento.
Confuso fica, não lhe sendo crivel
A presença d'hum Deos neste momento:
Reconhece-o; tributa-lhe homenagem,
E o Deos lhe intima a divinal mensagem.

95.

Por mandado de Jove soberano,
Q'a instancias de Juno quer salvar-te,
Eu te venho avisar; foge do dano,
E sem demora deste reino parte.
Marcha nas trevas hum fatal engano,
Q'a Discordia te urdio, propicia a Marte,
Fazendo que a suspeita alucinasse
A Dauno, e contra ti seu reino armasse.

96.

São da traição a capa fraudulenta
Os jogos, para os quaes és convidado,
Traça, que contra ti Dauno sustenta,
Por que sejas c'os teus prezo, e cortado.
La onde os jogos celebrar intenta
Tem numeroso exercito postado,
Para que, d'improviso ali obrando,
A tua inerme gente vá matando.

97.

Se te mostra amizade, ella he fingida,
Porque te illuda mais, pois q'em seu peito
Fez pousada a traição, que, fementida,
Veste de falsa côr o humano aspeito.
Trata já, não hesites, da partida;
Dorme no teu baixel, deixa esse leito,
Pois Dauno, encapotando o seu intento,
Nas fallas contradiz o pensamento.

98.

Mas, antes que te partas, cumpre o mando,
Com que t'obriga o Ceo; ouve, e consulta,
O fatidico Apollo venerando,
Q'a voz á Pithia nunca dificulta.
Por em tanto não vás ao Rei mostrando,
Que sabes da traição, que n'alma oculta;
Podes fallar-lhe sim, e com rodeios
De todo destruir seus vãos receios.

99.

Bem como aquelle, que do mar fiara
O lenho, vendo os mares bonançosos,
E d'immensa riqueza o carregara
Com a mira nos lucros ventajosos,
Sente hum golpe mortal, quando dispara
A tormenta, que rompe nos fragosos
Escarceos o baixel, que, naufragando,
Em pedaços la vê no mar boiando.

100.

Assim o grego Capitão sentia
No fundo d'alma o golpe inesperado:
Volve projectos mil na fantasia,
Tendo o peito de magoas retalhado.
Anhela, rompa sedo o claro dia,
Por ver se desengana o Rei vendado:
Luta comsigo mesmo, e nesta luta
Ora o amor, ora a offensa escuta.

101.

Eu devia por certo castigar-te,
Rei traidor, que provocas minha ira;
Mas tu culpa não tens, he só de Marte,
E quando tua fosse, és pái d'Emira.
Com a partida vou desenganar-te;
Exulta, folga, e livre já respira;
Se inimigo me crês no pensamento,
Amigo me verás no apartamento.

402.

Nestas cousas comsigo fluctuava
O despeitoso Heróe, de dôr ferido,
E já da Aurora a doce luz entrava
Pelas portas do dia apetecido.
Nenhuma pausa a colera lhe dava:
Doe-se da offensa, que n'hum peito erguido
Peza com pezo tão exuberante,
Q'excede muito o que sustenta Atlante.

403.

Mal q' a hora sôou de reverente
A Dauno saúdar, na regia sala
Entra com ar pezado, e cortezmente,
Bem que delle offendido, assim lhe falla.
Que me demore aqui, não me consente
Por mais tempo, Senhor, razão q'abala,
Que fórça o meu querer, e liberdade,
Deixando sem acção minha vontade.

404.

Penso, que já vos sou talvez pezado,
E, pezarvos hum'hora, não quizera,
Porque tendo-me vós tão obrigado,
Enfadar-vos por certo eu não soubera.
De cauto sempre fui desconfiado;
Que, se o intimo vosso conhecera,
Vira, se o demorar-me aqui podia
Ser-vos molesto, ou dar-vos alegria.

105.

Quando aqui aportei, só meu intento
Foi consultar o oraculo d'Apollo,
E, como em mim não cabe fingimento,
Fiz-vos tudo saber sem manha, ou dolo.
Nas aras deste duro apartamento
O meu prazer, e minha dita imolo,
Pois quer o Ceo, q'esta partida ordena,
O prazer, que me deo, trocar em pena.

106.

Hoje, se o não vedaes, junto aos altares
Consultarei o oráculo, pois quando
O novo dia raie, aos torvos mares
Hirei os lenhos meus outra vez dando.
Ou já nos meus, ou nos estranhos lares,
Vossas mercês m'hirão sempre lembrando,
E, se posso com elle agradecer-vos,
Hum braço tenho só que offerecer-vos.

107.

Delle disponde como cousa vossa,
Se delle precisardes algum dia,
Como, Senhor, da forte gente nossa,
Que grande gloria em vos servir teria.
Tanto de mim a gratidão se apossa,
Q'a vida com prazer por vós daria,
Porque no peito meu, nem me retracto,
Exemplo não terá hum peito ingrato.

108.

Assim fallou Diomédes, encobrindo
A mágoa, que seu peito lacerava,
E Danno, que perplexo o esteve ouvindo.
O que deve julgar mal atinava.
Parece-lhe, q'o Grego descobrindo
Fôra a traição, q'astuto lhe ocultava,
Porque não era delle esta partida
Com tanta brevidade presumida.

109.

Por outro lado, posto q'embahido
Pela suspeita má, o considera
Assas justificado, e do sentido
Aparta-la de todo bem quizera.
Mas, como della ainda está vencido,
Pelo remate do successo espera;
E, pois se quer desenganar, concede
Ao Grego Heróe o que deseja, e pede.

Canto 8.º

1.

Pelo paço, e cidade, se derrama
Da estranha gente a nova da partida:
Emira, a quem amor ardente inflamma
Chora, desmaia, e quasi perde a vida
Deste lance cruel julgue quem ama,
Se alguma vez su'alma foi ferida
Do gólpe d'hum saudoso apartamento,
Que rasga o coração, e pensamento.

2.

Quanto indiscreta fui! (Assim dizia
No séu retrete solitaria, e triste,
Emira só comsigo.) Infausto dia
Foi esse, em que te vi, e tu me viste.
Nunca, pérfido Grego, pensaria,
Que, quando para mim tu'alma abriste,
Trahindo a fé, tão breve te apartasses,
E sem motivo ingrato me deixasses.

3.

Que mal te fiz, cruel? Em q'offender-te
Pude, traidor, q'o meu despeito accendes?
Não sei, não sei, que poderá mover-te,
A não mover-te amor, que tanto offendes.
Onde vás? Outra vez queres perder-te
Por esses mares? Delles que pertendes?
Se hum reino anhelas, fica-te comigo;
Se vás ao teu ah! leva-me comtigo.

4.

Mas he justo, que pagues com desprezo
A quem tanto te preza desvelada:
Triunfa deste peito, q'indefeso
Por ti sente a paixão mais concentrada.
Vai-te sim, q'este amor, que lavra acceso
Em minh'alma, por elle vulnerada,
Verei, se apagar posso, afim de dar-me
Ao prazer de não mais de ti lembrar-me.

5.

Qual a viuva rôla, que prantêa
Sobre o tronco despido o morta esposo,
E toda entregue á mágoa, que o rodêa,
Fere sosinha o ar com som queixoso,
Tal a chorosa amante, a quem anceia
Da triste nova o golpe doloroso,
Geme só, pois lhe mandão neste ensejo
Occultar a paixão dever, e pejo.

6.

No mesmo tempo, em que Gradivo irado
Buscou do Averno a estância tenebrosa,
Erycina gentil no ceo sagrado
Nem tranquila ficou, nem ociosa.
De Guido ao templo, aonde o filho amado
Tem a côrte, e morada deleitosa,
Logo manda guiar, cortando os ares,
Os, que tirão seu carro, alados pares.

7.

Formoso templo he, não construido
Desses de Páros marmores brilhantes,
Mas de virente mirtho, repartido
Em arcos, e colunas elegantes.
Hum no outro sem arte entretecido
Abobóda-se em tectos verdejantes,
Aonde brancas flores, sempre bellas,
Hum ceo imitão de gentis estrellas.

8.

Do Tempe o valle em torno se dilata,
De verde-flórea relva tapeçado,
Aonde a páphia rosa, á vista grata,
Pudibunda se ri com doce agrado.
Cortado he do Penêo, que se desata
Com doce murmurinho em deslisado
Movimento por entre buliçosas
Aréas, por douradas mui formosas.

9.

Murtas, louros, jasmins, em bosques densos
Este valle murando estão frondosos:
Esses raios do Sol, por mais intensos,
Não lhes queimão os ramos seus viçosos.
Humanos corações, á amor propensos,
Suspirão dentro delles maviosos,
Onde o prazer, os risos, e ternura,
Os enchem de dulcissima ventura.

10.

Qual, no colo d'amante reclinado,
Em transportes d'amores se extasia;
Qual passa, em vivo ardor sempre abrazado,
Co'a sua bella dama a noite, e dia.
Nos braços outro do objecto amado
Em peleja amorosa só porfia;
Outro entretece ali flórea capella,
Com q'as tranças adorna á sua Bella.

11.

De bosque em bosque, e já de rama em rama,
Cruzão, voando, pombas innocentes,
E como activo ardor as une, e inflamma,
Arrulando, se osculão sempre ardentes.
As rolinhas, q'Hymneo só preza, e ama,
De viuvas não dão queixas gementes;
O canto da amorosa Filomena
Enche d'encanto a florea selva amena.

12.

Pelas gramineas veigas, de mãos dadas,
Vê-se Aglaia, Thalia, e Eufrosina;
Colhendo as lindas flores, orvalhadas
Com perolas da aurora matutina.
Em chorêas festivas enredadas,
Pizão c'o leve pé relva, e boninа,
E de longe as espreitão, d'olhos fitos,
Os capripedes Sátiros auritos.

13.

Sobre o arcado pórtico virente
Do templo, onde Cupido tem morada,
Huma inscripção se lê entre a frondente
Ramagem, verde, lúcida, e copada,
Illesa a clara letra, e permanente,
Não he do pé dos seculos pizada:
De lado, nella os olhos sempre tendo,
A Verdade a repete, assim dizendo.

14.

Amor no reino aéreo predomina,
Onde lhe foge em vão a veloz ave,
E na undosa morada neptunina
O fero nadador torna suave.
Cedem humanas leis, e lei divina,
Da sua lei suprema á força grave:
Os imperios desfaz, esquadrões rompe,
Thé a ordem dos fados interrompe.

15.

No templo em globo, que semelha a imagem
Do mundo, pois q'o mundo dilatado
Forçosa, irresistivel vassalagem
Lhe consagra rendido, e prosternado,
Pôz Cupido seu trono, onde homenagem
Inteira, universal, tem grangeado
Para si, desde quando o cáhos triste
Hum Deos armonisar, natura, viste.

16.

Cupido he forte, sendo tenro infante;
O mesmo Fado o seu poder admira:
Tem azas, e tem arco de diamante,
Venda nos olhos, com que cego atira.
Com a rápida setta penetrante
Mostra as forças fataes da sua ira:
Sceptros, cajados, armas, e thiaras,
Adorão sem cessar as suas aras.

17.

Assim milhões d'amantes, já vencidos,
Dessas aras nas pyras sacrificão
Almas feridas, corações partidos,
Peitos abertos, q'abrazados ficão.
Sôão ali só ais, sôão gemidos,
Dessas almas, q'os golpes mortificão;
Q'Amor só dá, se os tiros seus não erra,
N'huma aparente paz occulta guerra.

18.

Mas doce guerra he, guerra d'amores,
De férvidos suspiros, de caricias,
D'amorosos desejos, de favores,
De coloquios amantes, de blandicias.
Trocão-se nella em mimos os rigores,
Em perpetua união inimicicias,
As culpas, e ciumes, em indultos,
Repudios, e desdens em doces cultos.

19.

D'Amor em tornó, sempre revoandó
Com igneas azas, férvidos desejos
Lhe estão ardentes settas ministrando,
Com q'almas vence, e femininos pejos.
D'ali a toda a parte está mandando
As mimosas caricias, doces bejos,
Ternissimos abraços, brandas queixas,
Versos d'Erato, armónicas endeichas.

20.

Tem duas vivas frágoas sempre ardendo,
Onde settas lhe forjão cuidadosas
N'huma a Saudade, lagrimas vertendo,
N'outra a Ventura, que corôão rosas.
De quando em quando áquella estão mordendó
No mesto seio viboras zelosas;
A esta o prazer só impele, e anima,
Pois só a esta favorece, e estima.

21.

Aqui chegou a Deosa d'Amathunta,
E, no collo tomando o filho amavel,
Hum bejo animador á falla junta,
Para o volver aos rogos seus affavel.
Então o louro moço lhe pergunta,
A que vem la do ceo. Huma insanavel
Ferida (lhe responde a mãi formosa)
Aqui me traz mais triste, que gostosa.

22.

Já sabes quanta mágoa, e quanta pena
Me causou de Dardânia a fera ruina;
Que golpe la me deo lança terrena
D'hum Grego, que a vibrou com mão ferina.
Diomedes foi, que nessa Dáunia amena
Gozando agora está sorte benigna,
A quem feriste, e logo deste a cura
D'Emira n'affeição, e na brandura.

23.

Tu ditoso o fizeste; porem seja
Motivo de desdita a mesma dita:
Pelo punhal d'ausencia ali se veja
Su'alma retalhada, e sempre aflicta.
Se ver d'amada o rosto só deseja
Sem cessar coração, q'amor excita,
Para elle não ha maior tormento,
Q'a dôr do golpe d'hum apartamento.

24.

Despede ao peito seu saudade intensa,
Que seja com teu fogo alimentada
De modo, q'entre pena, e mágoa imensa,
Passe vida importuna, amargurada.
D'huma ultrajada mãi vingar a offensa
Tu deves, filho meu: vou descançada;
Q'em premio do favor, que vou dever-te,
Prometto a bella Psyche embrandecer-te.

25.

Mal q'o nome d'amada ouvio, Cupido
Deixa o collo da mãi, q'ao ceo subira:
Settas pede á Saudade embravecido;
Huma dispara á Dáunia cheio d'ira.
He della o filho de Tydeo ferido:
Desmaia, chora, geme, arde, e suspira;
Perde a graça do ledo, e bello aspeito;
Baça tristeza lhe enoitece o peito.

26.

Mil vezes morre a alma, se he ferida
Da saudade, q'Amor n'alma aviventa;
Pois que só no prazer consiste a vida,
A vida sem prazer he morte lenta.
A saudade, que punge, he mais sentida;
Quando na idêa amante representa
Ausencia longa em climas apartados,
Só entregue aos vaivens d'incertos fados.

27.

Sempre a saudade ao mesto pensamento
Azas empresta, com que longe vôa:
Elle comsigo leva o sentimento,
Q'ausente coração fere, e magôa.
Redobra assim a idéa o seu tormento,
Que com tristes imagens enevôa
A saudosa lembrança, aglomerando
Dores, que o coração vão lacerando.

28.

Mas Juno, que da vista não perdia
Quanto Venus obrava, o caso alcança:
Vê a mágoa do Heróe, que na sombria
Alma o fel da saudade irosa lança.
Com brando rogo então no ceo pedia
Á suave, dulcissima, Esperança,
Baixasse a consolar o Heróe valente,
Que no ámago d'alma o golpe sente.

29.

Desce a Deosa na mão co'a áurea taça
Do nectar precioso, que lhe verte
Sempre a Consolação, jamais escassa
Do bem, em que da vida o mal converte.
Se dos males a grande, e escura, massa,
Que de nós a nós mesmos só reverte,
Esperançoso bem não adoçasse,
Quem ha, q'a vida humana suportasse!

30.

Com balsámo tão puro, e tão suave,
Parece, sente a alma relevada
O grego Heróe da dôr funesta, e grave,
Dôr pungente, amargosa, exasperada.
O Fado já não quer, que mais o aggrave
D'hum severo destino a mão pezada:
Assim o seu tormento aligeirava
Com as ledas esp'ranças, que lhe dava.

31.

Então logo que Dauno se retira
Para dispôr n'aquella conjunctura
Quanto ao Grego convem, que tanto aspira
A consultar d'Apollo a voz segura,
O amoroso Heróe chora, e suspira,
Embrenhado no bosque, onde a ventura
Lhe fez gozar momentos deleitosos,
Com que só mimosêa os seus mimosos.

32.

Não são indignos dos heróes sublimes
Taes sentimentos, filhos da bondade:
Com elles, natureza, não deprimes
Os nobres corações da humanidade.
As expressões da dôr julgará crimes
Só d'alma estoica a rispida vaidade:
Não contradiz ao heroismo o pranto;
Cesar chorou, e fica heróe em tanto.

53.

Então, porque de si deixe memoria
Ali á doce amada apetecida,
Sobre a cute d'hum mirtho a breve historia
Escreve da tristissima partida.
Se ora sucumbe amor á voz da gloria
(Isto gravou) e se não perco a vida
Com te deixar, ah! sabe, que a sustenta
Huma só esperança, que me alenta.

54.

Esta grata, dulcissima esperança
Me diz, que voltarei mui breve a ver-te,
Pois já, q'em mim não pode haver mudança
Não posso ter receios de perder-te.
No meu vehemente amor pôem confiança,
Nem eu, nem elle havemos esquecer-te:
Tempo vejo, não longe, em que nos una
Amor, que pode mais, do q'a Fortuna.

55.

A voluvel Fortuna, caprichosa,
Raras vezes sem fel nos dá doçura;
Antes sempre com mão falsa, e dolosa,
D'hum lado o gosto pôem, d'outro a amargura:
Assim quando julgava mais ditosa
A sorte minha em mãos d'áurea ventura,
Logo neste feliz, e doce enleio,
O Destino cruel roubar-ma veio.

36.

Só sabe o coração, quam m'he penoso
De teu gesto formoso separar-me!
Assim o quer o Fado, e pezaroso
Ao decreto cruel vou acurvar-me.
Veja o mundo no lance mais custoso,
Que nada ha, que possa quebrantar-me;
Pois, quem pode afrontar lance tão forte,
Com menos custo afrontaria a morte.

37.

A que parta me fórça o Fado imigo:
Fórça-me sim teu pái tão deslumbrado;
Pois elle só me crê, em vez d'amigo,
Hum traidor, hum contrario refalsado.
A perene lembrança hirá comigo
De teus carinhos, e mimoso agrado;
E, porque saibas quanto aqui me queixo,
O mais saudoso adeos aqui te deixo.

38.

Isto gravado, ao regio paço volta,
Aonde o estava já Dauno aguardando
Com pompa magestosa entre huma escolta
De soldados, que o vão acompanhando.
A gente da cidade, desenvolta,
Se vinha huma após outra conglobando,
Pois quer hir com o Grego peregrino
Ouvir d'Apollo o oracul divino.

39.

Sobre o plano d'hum monte, sobranceiro
Á vistosa cidade, remontava
A pouco trecho della hum lisonjeiro
Alcáçar, que nas nuvens topetava.
Templo era d'Apollo, onde agoureiro
O arcano do por-vir descortinava,
Quando a Pithia na tripode sentada
Hera do Deos fatidico inspirada.

40.

Sábia mão d'arquitecto industrioso
Com engenhosa arte o fabricara,
Ornando o interno ámbito espaçoso
De jónicas colunas, que talhara.
Nas paredes de pórfido lustroso
Com doutas proporções semetrisara
Habil cizel mil cousas engenhosas,
Que suspendem os olhos de formosas.

41.

Ali de Colchos o animal velado,
Abrindo o seio a Thetis inconstante
La no tecto se via ao dextro lado
Em hum relevo d'ouro scintilante.
Segue-se esse animal arrebatado
Em que foi transformado Jove amante;
Logo, filhas de Leda, essas estrellas
Concordes em amor, como em ser bellas.

42.

O cancro, donde volta o grão planeta
Antes, q'incline ao austro, que procura,
Ali coloca impreterivel meta
N'hum trópico, formado de luz pura.
Vem após o que a clava hercúlea enceta
La na Selva Nemêa horrenda, escura;
E Erigone em premeio das fadigas
Com estrellas ali doura as espigas.

43.

Do lado esquerdo via-se o brilhante
Equilibrado simbolo d'Astrêa,
E logo o fero insecto, donde avante
Passa a monstro maior a luz phebêa.
Equipede Chiron he, q'arrogante
Settas despede: a pródiga Amalthea
Forma hum trópico ali, para que neste
Seus raios mostre o Egipan celeste.

44.

De Nereo o tributo ali derrama
O sidéreo Neptuno, com q'alenta,
Inundando-lhes d'ágoa a ethérea cama,
Os peixes, a quem ágoa só contenta.
A marcha, que retráhe, aqui açaima
O Sol, e perpassa-la não intenta;
Brilhando tudo ali em campo assente
Da côr formosa, com q'o ceo nos mente.

45.

De pinturas gentis quadros subidos
Realção as paredes magestosas:
Dellas ficão pendentes os sentidos,
Quando as contemplão vistas curiosas.
Nellas os verdes mares, tão temidos,
E deste globo as terras numerosas,
O pincel debuxou com subtileza,
Sobre-sahindo a arte á natureza.

46.

Nellas o prisco mundo se estendia
Desde a gélida Thule ao Indo ardente
Em face ao novo mundo, que nutria
Das proprias producções ignota gente.
Huma so Ilha aqui não fallecia
Sobre os hombros do mar vasto, e tumente,
Nem os rios, que ha, mais singulares,
E que pagão tributo ao Rei dos mares.

47.

Nellas via-se a Europa torreada,
A caucásica raça figurando;
Africa a raça negra, e a avermelhada
Tambem estava a America mostrando.
A numerosa raça amarelada
Via-se a Asia enfim representando,
Offerecendo assim essas pinturas
Das quatro humanas raças as figuras.

48.

Sobre elevado altar, á vista bello,
De jaspe nitidissimo talhado,
Como servindo á arte de modelo,
Estava o Delio Nume estatuado.
A face toda luz, ouro o cabello,
Carcaz ao hombro, e arco pendurado,
Sentado em aureo carro o Deos se via,
Que das Horas o bando conduzia.

49.

D'esculpidos relevos adornada
A estancia muito mais se formosêa:
Nelles se via a Ninfa, que, mudada
Em louro, a bella fronte ao Deos arrêa.
A mais pura mansão já trasladada,
Aparece no ceo severa Astrêa,
Quando a idade, que temos por de ferro,
Deo materia fatal ao seu desterro.

50.

O laurifero Pindo ali se via,
Onde entre mirthos dos jardins da Idália
O claro Nume ao côro presidia
Das nove irmans, que bebem da Castália.
N'outra parte tambem se descobria,
Vagando pelos campos de Thessália,
Quando, expulso do ceo, donde baixára,
Os rebanhos d'Admeto pastorara.

51.

De robustos mancebos na figura
Tambem d'Eôlo os filhos se mostravão:
Huns movião aragem branda, e pura;
Outros as tempestades animavão.
Todos atados com prizão segura,
Em opostos diámetros se olhavão,
E no centro o pezado sceptro erguia
Hypothades soberbo, que os regia.

52.

D'outras bellezas d'arte mui diversas
O templo magestoso se adornava:
Aureas alfaias tem, bellas, e tersas,
Com que rico, e formoso se ostentava.
A luz, q'em doze lámpadas dispersas
Ardia, o templo todo abrilhantava:
Do lado em camarim vasto, e espaçoso,
Tinha a Pithia aposento decoroso.

53.

Já salvavão o templo venerando
O Grego Heróe, e a gente dauniana:
Em turma circumflue o etólio bando,
Q'admira, e nota a fábrica sob'rana.
Entrão no templo todos, e, fallando
Annoso Sacerdote á Pithia ufana,
Lhe faz saber com grave acatamento
Do nobre Grego o religioso intento.

54.

Em quanto a Prophetissa se prepara
Para arrancar o oráculo sagrado,
As victimas imola sobre a ara
O plebeo Sacerdote respeitado.
Logo as carnes das rezes, que sangrara
O sacro ferro, lúcido, afiado,
A roxa flamma tosta, e repartida
He grande parte dellas por comida.

55.

Com as súplices mãos, e vozes dinas,
Assim ora o Antiste á estatua bella:
Poderoso Tymbreo, tu, que dominas
Em Smintha, em Crisa, e Ténedos, revela
Ao inscio Grego as intenções divinas;
Q' o Fado em sua idéa oculta, e vela:
Propicio embebe, e côa pela mente
Da tua Pithia a inspiração vidente.

56.

Calou-se; e logo a Pithia vem sahindo
A passo lento em marcha mesurada:
Com hum róseo listão airoso, e lindo,
Circumcinge a madeixa desatada.
Alva, delgada veste a vem cobrindo,
N'hum cinto de safiras apertada:
Cruzão-lhe alparcas d'ouro a planta leve,
Só deixando entrever dedos de neve.

57.

Sobre a sagrada tripode se senta,
D'ebúrneo dente obrada, aonde espera
A vatidica luz, q'o Deos ostenta
Mal que da mente sua se apodera.
Nella a vista empregando, a gente attenta
Tudo nota em silencio, e considera,
Eis q'odor suavissimo annuncia
Do Nume a vinda, e logo a Pithia enfia.

58.

Eis súbito o cabello se lhe estaca,
Pelo ar em ondas fluctuando avulso;
Enrouquece-lhe a voz, a vista afraca,
Apenas sente o divinal impulso;
A lingua trepidante aos labios saca,
E, d'insano furor todo convulso,
Treme o corpo, que mal se sustentava
No marfim vacilante, que estalava.

59.

Espadana de fogo luminosa
Repentina luzio á occidua parte,
Então exclama a Pithia furiosa:
Eu vou, Heróe, o arcano decifrar-te.
Desta terra, apesar de venturosa,
He força sem demora separar-te:
Taes do Destino as leis, e não he dado
Ao mortal resistir ás leis do Fado.

60.

De Neptuno arrostando a irosa sanha,
Rasga do mar os campos turbulentos:
Corre, vôa, a lançar em terra estranha
D'alta cidade os nobres fundamentos.
De gloria hade colmar-te essa façanha;
De leite o mar terás, sem furia os ventos;
E a flamma, scintilando á occidua banda,
Q' o rumo sigas do occidente manda.

61.

E la, depois q'intérrito cruzares
D'Abila e Calpe o temeroso passo,
Que para unir dois desunidos mares
Rompera n'outro tempo hercúleo braço,
Ao norte inclina, e quando á foz chegares
D'hum rio, nunca em rolar ouro escasso,
Por ella sobe, e la tua vontade
Em sitio, que lh'apraza, alce a cidade.

62.

Do seu archivo, ha muito, destinado
Tem o Fado no intimo profundo
Alçar huma cidade, que dê brado,
E goze d'alta fama pelo mundo.
Que de Porto de Cale o nome dado
Por ti lhe seja, nome, que, jucundo,
Hade o reino abraçar, vindo a chamar-se
Portugal, e com elle assignalar-se.

63.

Mal que dest'arte o oraculo resolve,
Calou-se a Pithia, e logo, a si tornando,
A côr nativa ao rosto se lhe volve,
E nos hombros as tranças vão pousando.
A vista mais serena então devolve
Aos q'a sua estão nella demorando:
Retira-se depois, e juntamente
O grego bando, e a dauniana gente.

64.

Á cidade voltavão, quando o dia
A carroça do Sol acompanhava
Ás portas do Oceano, aonde a fria
Doris no seupalacio o hospedava.
Como ao Grego já dava o Rei valia,
Não o julgando já qual o julgava,
Quer honra-lo, e com pompa, e magestade,
Dar-lhe as ultimas provas d'amizade.

65.

Em ampla régia sala perigrina
De grandeza theatro magestoso,
Que se logo aparate, determina,
Magnifico banquete, e sumptuoso.
Porque deleite o Heróe, q'a matutina
Aurora hade orvalhar no mar undoso,
Sôa a musica gratas armonias,
E a meza abundão varias iguarias.

66.

Mas em vão, porque nada a dôr modera
Do consternado Rei, d'afflicta Emira:
Se se fallão co'a vista, a vista gera
Hum mor aumento á dôr, porque mais fira.
Só no golpe d'ausencia considera
Qualquer dos dois amantes, que suspira,
Q'exhala, fatigando o pensamento,
Em anhélitos mil o froxo alento.

67.

Findo o banquete, as musicas, sôando
Com sonora armonia em tom guerreiro,
Vão as danças vistosas compassando,
Espectaculo grato, e lisongeiro,
Os gregos, só a pirrhica dançando,
Ferem ledos os chão c'o pé ligeiro,
Dança, q'o filho inventa, quando a morte
Aos Elisios tributa Achiles forte.

68.

Mavórcia dança he; por isso, armados
D'espadas, a dançavão, e d'escudos,
Gladiando hum combate mesurados
Ao som do retinir dos golpes rudos.
Agitar-se sentião, animados
Do bellico furor, os mesmos mudos
Spectadores, a quem pulava o peito
A cada golpe, e marcial tregeito.

69.

Em tanto o grego Heróe logra a ventura
De fallar com Emira em breve instante,
E de nestas palavras d'amargura
Abrir-lhe pezaroso o peito amante:
Se me aparto de vós, a sorte dura
Assim o decretou; porem constante
O meu amor será, pois, se m'ausento,
Mais hade acrisolá-lo o apartamento.

70.

Para onde o Destino me desterra
Comtosco estarei sempre, inda sem vêr-vos;
O pezar sempre la me fará guerra
D'ausencia, e do receio de perder-vos.
Mas, se a minha esperança me não erra,
Já hum dia me luz, em que mer'cer-vos
Poderei essa mão, q', á minha unida
D'infeliz me fará ditosa a vida.

71.

Sempre depois da noite mais sombria,
Carregada d'imbrifera tormenta,
Succede amanhecer hum claro dia,
Q' o ceo anila, e o triste mundo alenta.
Assim após a dôr vem a alegria,
Vem após a desgraça o bem q' ostenta
A Fortuna, que, sempre vacilante,
Nem he no bem, nem he no mal constante.

72.

Adeos, senhora, adeos ficai serena,
N'hum vindouro feliz esperançada:
Não recrescaes co' a vossa a minha pena
Tão excessiva já, tão profundada.
Se a deixar-vos o Fado me condena,
A dita me terá talvez guardada
De gozar-vos p'ra sempre, o q' eu espero,
Nem outra dita da Fortuna quero.

73.

Entre bailes, e cantos jubilosos
Da noite as horas rápidas voavão,
E já da aurora os arrebóes formosos
Com dúbia luz nos ares despontavão.
Então o Heróe, e os gregos valorosos,
Para a partida lestos se aprestavão,
Pois no álveo, q' ondêa, embalançadas,
Erão do vento as náos desafiadas.

74.

Ao filho de Tydeo Dauno offerece
Douto Piloto, idoso, exp'rimentado,
Que os rumos sabe, e todo o ceo conhece,
Na sciencia dos astros consummado.
Não o refusa o Grego, e lh'agradece
Hum favor, de que estava minguado:
Assim marchando vai co' a forte gente
Para a praia, que bate o mar furente.

75.

Da cidade hum concurso numeroso
Então desfila a ver esta partida,
Formando a gente a lluz painel vistoso,
Pela muralha em turmas dividida.
Das vozes o murmuro barulhoso
Resôa pela praia destendida,
Aonde confundido se baralha
C' o clangor, q' a trombeta grega espalha.

76.

Dauno ao Grego offerece os seus estados
Se delles lh'aprazesse o grato abrigo,
Pois, tendo feito paz com seus cuidados,
Já no Grego não olha hum inimigo.
Este acceita a mercê, e, congrassados,
Dando hum ao outro o ósculo d'amigo,
Depois q'estreitamente se abraçarão,
Entre adeoses saudosos se apartarão.

77.

Então da grimpa d'huma torre altiva,
Q' em meio do palacio encollossava,
A desmaiada Emira semiviva,
Sosinha, olhando a praia, soluçava.
D'ali com dôr saudosa, ardente, e viva,
Razos os olhos d'agoa, só fitava
A náo, que vai levar ao largo pegô
De todo o seu amor o doce emprego.

78.

A ti de Minos miseranda filha,
Que do perfido amante abandonada,
Solitaria nas praias d'erma ilha
Te queixavas ao ceo triste, e coitada,
Na dôr q' a alma te espesinha, e trilha,
Só pode Emira ser-te comparada:
Qual amaste, ella amou, chora, e se queixa
D'hum amante, q' em magoa eterna a deixa.

79.

Adeos, ingrato, (diz) que na lembrança
Só me deixas desgostos, e cuidados:
Debalde m'alentaste com a esp'rança,
Pois a esperança he sonho d'acordados.
O que se espera mais menos se alcança:
Frustrão-se sempre os bens mais desejados:
Ah que posso esperar d'hum fugitivo,
Por quem inda m'abraza o amor mais vivo!

80.

Deslaças-te de mim, amante ingrato;
Ingrato amante sim, mas adorado!
Sem mais te ver, verei só teu retrato
Nest'alma, aonde Amor o tem gravado.
Quanto meu coração he insensato
Com seu tenaz amor tão mal-pagado!
Mas, se a razão lhe brada que te esqueça;
A lembrança mais viva então começa.

81.

Vai-te, vai-te, cruel, leva comtigo
O rebuçado amor, que m'illudira:
Esse amor he só teu, pois só comigo
Fica o puro, e leal, q' Amor m'inspira.
Quanto de mim te mostras inimigo,
Tanto meu coração por ti suspira;
Suspira, porque he constante, e lido,
Quando o teu sempre foi, falso, e fingido.

82.

De mim, de ti, d'Amor, e do Destino,
Eu só me queixarei continuamente:
De mim por confiar louca, e sem tino,
Em teus protestos vãos tão derrepente:
De ti, porq' hes hum barbaro ferino:
D'Amor, por m'arrastar tão cegamente;
E do Destino emfim, que, cheio d'ira,
Toda a esp'rança, e todo o bem me tira.

83.

Este golpe, a q' o Fado me condena,
N'hum estado m'abisma o mais penoso:
Elle me volve, e troca, o gosto em pena,
E meu ditoso amor em desditoso.
A meus olhos do mundo a bella scena
Só mostrará hum quadro pavoroso:
Nelle, sem ti, serei, como em desterro,
Soffrendo a justa pena do meu erro.

84.

Onde queres tu hir! Teme a traidora
Sorte, mares crueis, ventos irosos:
Volve, torna a meu lado, e muito embora
M'illudão teus carinhos enganosos.
Vem fazer-me feliz, vem sem demora,
Pois a illusão tambem faz venturosos:
Mas ah! de que me val meu vão lamento,
Se só fallo, sem fructo, ao surdo vento.

85.

Sem fructo ao vento fallo, e nem o vento
Ao menos me responde compassivo:
Contra a mesma esperança, q'alimento,
Vejo até conspirado o Fado esquivo.
Só me resta o pezar do meu tormento,
Que dentro existirá dest'alma vivo:
Este só guardarei para memoria
Do mal presente, e da passada gloria.

86.

Emudece, e tres vezes quiz do alto
Despenhar-se, hindo após o esquivo amante;
Mas tres vezes cahio, errando o salto,
Sem alento, exvahida, e delirante.
O grego Heróe, tambem d'acordo falto;
Sentia o peito seu todo estuante:
Suspirando, jamais desprega a vista
Da torre, em quanto lá da náo a avista.

87.

Já vão as gregas náos desancorando;
A maruja c'o náutico alarido
Vai as roladas velas desfraldando,
Que recóncava o vento appetecido.
Já se movem as náos, e vão cortando
O pego, que dos remos he ferido:
Deixa o grego a cidade, arando o ponto,
Q'o Romano chamou depois Siponto.

88.

O vento tão benigno bafejava,
Com tão prospero alento, que parece,
Que, qual ave no ar, n'agoa voava
Cada baixel, q' á vista desparece.
O Piloto da prôa assignalava
Aos gregos toda a terra, que apparece,
Instruindo-os dos nomes differentes
Dos cabos, das cidades, e das gentes.

89.

Pela costa satúrnia se movião
As undivagas náos sempre veleiras,
Porque topem a terra, q'alumião
Do claro Phebo as luzes derradeiras.
Estranhos ceos, e mares, s'offrecião
Ao grego, e estranhas terras lisongeiras,
A quem sempre costuma a novidade
Hum mor encanto dar, e mor beldade.

90.

Em quanto q' a viagem vão fazendo
Com ondas, e galernos favoraveis,
O Piloto ao Heróe vai entretendo
Em praticas gostosas, e agradaveis.
Ambos hião hum dia discorrendo
Sobre as causas, que, sempre invariaveis,
Fazem manter o arranjo, tão disperso,
Da máquina sublime do Universo.

91.

O Piloto, que fôra doutrinado
De Memphis nessa escola florescente,
Quiz então ao Monarca abalizado
Mostrar quanto era nisso sapiente.
Assim, porque do mar o triste enfado
Não lhe pene, e se passe docemente,
Entre as diversas cousas, que fallara,
Estas com o Monarca praticara.

92.

Na terra, aonde Osiris dadivoso
Derramara os celestes beneficios,
Que fertiliza o Nilo caudaloso,
A quem Ceres, e Pan, amão propicios,
Envolve sacro veo misterioso
O culto, e seus diversos sacrificios;
E a doutrina, q' ao vulgo se deffende,
O Heriophanta só a sabe, e entende.

93.

A sciencia hyroglifica se veda
Ao povo, por systema embrutecido,
Pois sempre o sacerdocio, quando enreda,
Teme de ver o povo esclarecido.
Mas eu desta sciencia tanto leda,
Quam profunda, e sublime de sentido,
Pude entrar no recôndito, q'ensina
D'altas verdades a subtil doutrina.

94.

Dos typos as quimericas figuras,
Embelecos só d'olhos inscientes,
Sabios emblemas são, sabias pinturas,
Linguagem só d'homens sapientes.
Como as causas motoras sempre escuras
Para nós hão de ser, impacientes
Os homens, que saber tudo anhelarão,
Este ousado systema imaginarão.

95.

Antes q'este universo se arranjasse,
Antes, q'a luz do sol raiasse o dia,
E os planetas remotos animasse
Na órbita, q' então não descrevia,
Antes q' o ceo dos astros se adornasse,
E nas plagas bramisse Doris fria,
Amor, e a Discordia combatião
No espaço universal, que sós região.

96.

Alfim venceo Amor, que batalhava
Só por unir as partes, q'a Discordia
Sem cessar desunia, e não usava
Com cousa alguma então misericordia.
Amor dá forma ao cáhos, q'apertava
Nos laços d'armonia, e da concordia,
Chamando a si os átomos errantes
Tão dispersos téli, quam discordantes.

97.

Mas a Discordia, não perdendo a força,
Contra o plano sublime enviperada,
O seu poder com mor poder reforça,
E vai d'encontro á obra começada.
Quanto por tudo unir Amor s'esforça,
Tanto ella em desunir vê-se empenhada,
E disto, que tem visos de desordem
Nasceo deste universo a bella ordem.

98.

Porque, se tudo á Amor obedecesse
Fôra todo uniforme este universo,
E, se tudo á Discordia emfim cedesse,
Tudo informe seria, e só disperso.
Mas porque d'ambas partes recebesse
Continuo movimento, se diverso,
He tudo sem cessar, buscando hum centro,
Para fora impelido e para dentro.

99.

Tal he a cosmogénica doutrina,
Q'envolvida em misterios obumbrados
Aos seus, e estranhos esse Egypto ensina;
Se nos misterios são iniciados.
Elle a adora por santa, e por divina,
E poucos nella estão industriados,
Porq' a poucos explicão o sentido,
Q' a alegoria traz sempre escondido.

100.

Assim erro seria acreditar-se,
Q' Amor com a Discordia combatera,
E que delles qualquer a apoderar-se
Chegara do universo, que regera.
Quem de sábia razão deixa guiar-se,
Neste emblema somente considera
Das leis do movimento, e gravidade
A força, as relações, e intensidade.

101.

Porque todos os corpos, gravitando
Para hum centro commum, tanto se atrahem;
Quanto se fogem, grávidos pezando
Huns sobre os outros, quando estão, ou cahem.
Vereis no espaço globos mil rolando
No trilho desta lei, de que não sahem,
E as forças, que por todos se derramão,
Centrifuga, e centripeta se chamão.

102.

Atrahem-se, e repulsão-se, constantes
Os planetas nas órbitas, q'habitão,
E de todos, ainda que distantes,
O sol he centro, para o qual gravitão.
Tambem, rolando sobre si possantes,
Hum movimento rápido exercitão,
Com que descrevem, sem temer revezes,
Certas revoluções d'annos, e mezes.

103.

Como ponto central, o sol no meio
Immoto sempre, a todos vivifica
Co' a luz inextinguivel, que do seio
Tira immortal, de claridade rica.
Então d'ali no annual rodeio
Alterna as estações, e o mundo fica
Sujeito á ordem regular, que gera
O estio, outono, inverno, e primavera.

104.

No desbroche loução das varias flores
Na quadra da macia primavera,
Só beneficos são esses ardores,
Q' o luminoso sol spira na esfera.
Os germinaes influxos productores
Brotão do seio então, q' os seres gera:
Nesta quadra, ó natura, quam fecunda,
Quam magestosa és, bella, e jucunda!

105.

Mas quam triste não és, feia, e pezada
Na brumal estação, quando se estende
Por toda a tua face debotada
A palidêz da morte, que te offende!
Do sol então a luz desanimada
Ao gelo o imperio deixa, em que se prende
A vida, que nos entes, q'organizas,
Donosa influes, e próvida armonizas.

106.

D'aqui nasceo emfim, q'os homens vendo
Na infancia do universo a natureza
Ora hum rosto mostrar tristonho, e horrendo,
Ora cobrir-se toda de belleza,
Dois entes idearão, hum tremendo,
Outro cheio de luz, e de pureza;
Osiris, e Tiphon os denominão
Esses Egypcios, q' este dogma ensinão.

107.

De operar todo o bem tem exercicio
O Deos Osiris, cuja morte dira,
Causada por Tiphon, n'hum sacrificio
Celebrão sempre, em q' a dor só respira.
Privado o mundo então do beneficio,
Q' o Deos causava, Isis, que suspira,
Vaga errante, do esposo miserando
Os mutilados membros procurando.

108.

Logo que os une todos, nova vida
Recobre o Nume, e vencedor exulta;
Agrilhôa Tiphon, e renascida
Recebe a terra os bens, que lhe faculta.
Mas nesta alegoria, assim tecida,
Q' os naturaes effeitos nos occulta,
Osiris he o sol, Isis a terra,
Tiphon o inverno, que lhes move guerra.

109.

Mil cousas tem o Egypto fabuloso,
Com q' os entes moraes emblematiza,
E debaixo de veo supersticioso
Astuto sacerdocio diviniza.
O povo tudo crê, e, respeitoso,
A face externa adora, e só divisa:
Tem por Deoses reaes o turvo Nilo;
O boi Apis, o fero crocodilo.

110.

Este culto, q'os gregos abraçarão,
Entr'elles se radica transplantado,
Quando Cadeno, e Inacho migrarão
Pela Grecia c'o povo desterrado.
Mas, se as priscas idéas conservarão,
Quasi, que o vemos la desfigurado,
Porq' o tempo, só prodigo d'insultos,
Nem ainda perdôa aos mesmos cultos.

111.

Blazona o povo egypcio antiguidade,
Que mal se pode crer, onde ha memoria
De ter coincidido em outra idade
Co'a ecliptica o sol, e o diz a historia.
Se tal aconteceo, que novidade
Neste mundo jamais vista, e notoria!
A Cynosura em fogos arderia;
A Phenis entre as chammas gelaria.

112.

Mostrão muitos vestigios permanentes
Atravez desse prisco veo sombrio,
Que já os mares torvos, e furentes,
Estenderão no mundo o senhorio.
Povoado só d'aquaticos viventes,
Todo o mundo era mar, e todo rio;
E talvez isto, sem que mais m'explique,
Ogiges, ou Xisuthro, o signifique.

113.

Sobre as causas primeiras formatrizes
Do mundo, e universo, com verdade
Vos digo, tudo he sombra, ou vãos deslizes,
Imaginados só, sem realidade.
Da natureza em todos os matizes
Só achareis profunda obscuridade;
Pois nada mais vereis, q' orbes luzentes,
Outros opácos, povoados d'entes.

114.

Por isso dos mortaes me compadeço,
Quando os vejo viver tão embahidos
De vans superstições, q' em menos preço
Tem a razão de sabios entendidos.
Eu só nas suas obras reconheço,
Nesses milhões de mundos, exparzidos
Pelo fluido éther, hum donoso
Demiurgos, q'adoro respeitoso.

115.

Quem seja, e qual a sua natureza
De scrutar a mania não m'assiste,
Pois, sendo louca, e temeraria, empreza,
Basta adora-lo, e conhecer, q'existe.
Embora os homens la na idèa accesa
Já o amem risonho, ou temão triste,
Q' eu só nelle verei, sem erro, e susto,
Hum Summo Ser, beneficente, e justo.

116.

Desse, a quem a stulticia não opprime,
A voz interior potente grita:
Portentoso universo, obra sublime,
Não pode ser atheo, quem te medita!
Quem nega um Deos por certo he reo d'um crime,
Q' a vaidade, ou cegueira, só suscita,
Depondo contra elle a natureza,
Na ordem bella, e grande em fortaleza.

117.

Assas me pena a alma ver armados
D'um Deos em nome os homens, quando querem
Sejão sós os seus Numens respeitados,
Que sempre aos outros com rancor preferem.
Bom fôra, q'huns e outros irmanados
Se tolerassem pois porquè os tolerem,
Vendo, q' a humana opinião varia
Com o giro do tempo, q'outras cria.

118.

Varia a opinião, como varião
Tempos, costumes, homens, e lugares;
Os doutos nellas pouco se confião,
Pois sempre ou loucas são, ou singulares.
Os povos tenazmente as aproprião,
As adorão, collocão nos altares,
Porq' a potente opinião humana
He do mundo despotica sob'rana.

119.

Hum só culto do mundo no principio
Os humanos tiverão, q'adorarão
O sol, no qual hum Deos bom, e propicio,
Hum Numen bemfeitor somente olhárão.
Pois como os homens todo o beneficio,
Q' a terra produzia, e que gozárão,
Delle virão surtir, logo a milhares
A humana gratidão lh'ergueo altares.

120.

De todo o mundo assim foi adorado
Com vario culto, e nome differente;
La em Memphis Osiris foi chamado,
Em Persia Mithra. Amon na Libia ardente.
Foi por Apollo em Grecia venerado,
Por Atis la na Frigia; e na excelente
Biblos por esse Adónis, e por Ápis
No Egypto, e junto ao Nilo por Serápis.

121.

Este culto, q' os homens adoptarão,
Logo a forma primeva foi perdendo,
Pois os povos do mundo o variarão,
Segundo o veloz tempo foi correndo.
Ritos, ficções, quimeras, inventarão,
Com que o forão de todo obscurecendo:
Fundão seu trono então no barbarismo
Bruta superstição, cru fanatismo.

122.

Fallão homens então a estatuas surdas,
Despidas d'alma, vida, e pensamento,
A quem superstições, crueis, e absurdas,
Derão alma, razão, e sentimento.
E porque mais o mal então nos urdas,
Fanatismo feroz, hum Deos cruento
Em cada Numen dás, dás hum tyranno,
Sedento de vingança, e sangue humano.

123.

O culto pois se abrace, q' a ventura
Quiz, que fosse o mais puro, e verdadeiro,
E só com sábia, e fraternal brandura
Mostremos da verdade o são luzeiro.
Quem da noss'alma só pertende a cura
Com fanatico ferro carniceiro
He reo no tribunal da humanidade,
Sobre offender a divinal bondade.

124.

Assim em todo o estado bem regido,
Aonde o Rei, e lei só tem imperio,
He bem, q' o sacerdocio submettido
Sempre seja ao sob'rano ministerio.
Pois, sendo desta sorte estabelecido,
Nem mortes forjará, nem vituperio:
Justo não he, por tal causa gema
O bem geral, que só he lei suprema.

125.

Caso por certo he, digno de mágoa,
Q' a mão, q'encensa os Numens soberanos,
Depois de se lustrar na santa agoa
Se macule c'o sangue dos humanos.
Quanto he voráz do fanatismo a frágoa!
E seus furores quam crueis, e insanos!
Falle o atroz Molóc, e falle o seio
Da ardente estatua de Saturno feio.

126.

Para os homens conter em seus deveres,
A humana sociedade instituindo,
Se fingirão do ceo altos poderes,
Ficção, q' o tempo só foi descobrindo.
Em nome então de soberanos Seres
Se governão nações, e assim foi hindo
Theocrático o mundo, obedecendo
Ao governo do ceo, que o foi regendo.

127.

Os Parsis Zoroaste assim domina;
E Minos os Cretenses orgulhosos,
Tremegisto do Egypto a prole dina,
E Zamolxis os Scithas bellicosos.
Essa primeva antiguidade ensina
Só governos de Deoses magestosos:
Assim Minerva Athenas governara,
Cibele a Frigia, Apollo Esparta clara.

128.

Sabia philosofia, que não calas
Verdades, que só amas, e conheces,
Q' aos Reis, e povos, destemida fallas,
E as trevas dos seus erros desvaneces,
Que do trilho, q'encetas, não resvalas,
E os peitos co'a virtude fortaleces,
A tu não seres, jazeria o mundo
Da ignorancia brutal no abismo immundo.

129.

Sim hum dia virá, em q' a sciencia
Hade os mortaes illuminar serena,
Á liberdade dando a preheminencia,
Que só aos Reis se curve, e á lei, q'ordena:
Não tem no mundo nada permanencia,
Nem o bem, nem o mal, nem gosto, ou pena;
Assim os, q' ora são, usos impios
Hum dia o tempo volverá macios.

130.

Verdades, q'a sciencia lhe descobre,
Só são do sabio ás preciosas galas;
Elle em si as não guarda, nem encobre,
Antes sempre o vereis manifesta-las.
He do sabio dever honroso, e nobre,
Instruir as nações, moraliza-las,
Instando-o só o bem da humanidade,
Ou da patria a commum felicidade.

131.

Fero, imperito, o homem primitivo
Foi typo da selvática bruteza,
Mas c'o tracto do tempo successivo
Pouco a pouco polio sua rudeza.
Foi vendo, meditando, e reflexivo
Do preterito herdou toda a certeza,
Pois douto vio, q'os erros dos passados
Ensinão mais q'estudos meditados.

132.

Então serão os homens venturosos,
Quando só com o bom se contentarem,
E de bens, só possiveis, desejosos,
O óptimo fallaz não almejarem.
Cultivem só principios fructuosos,
Se a dita, e proprio bem não desamarem,
Porque, quem desvairar de trilhos certos,
Victimado será nos desacertos.

133.

Mas como instructo á perfeição possivel
Caminha o homem, só fitando a vista
Na mestra experiencia, q'infalivel
Faz da verdade a salutar conquista,
Hade luzir a época aprazivel,
Em que no error funesto não persista,
Quando no arroio só da experiencia
Beber do util bem toda a sciencia.

134.

O sublime discurso aqui fechara,
Que tanto o grego Heróe tinha enlevado,
O sabedor Piloto, q' ordenara
Rumo, que prompto foi executado.
Já o paiz Trinácrio divisara
De longe a armada, que no mar salgado,
Ha sette sóes, c' o vento, que a levava,
Pelas Italas Costas navegava.

155.

Aqui pelo astrolábio o bom Piloto
Do polo a altura indaga, e vai tomando,
Em quanto os gregos neste mar ignoto
Vão várias novas cousas explorando.
Já gostão de notar o fero moto
Das phocas, pelo mar largo nadando,
Não menos o de muitos, e diversos
Cetáceos vagabundos, e dispersos.

156.

Nestas, e n'outras cousas s'entretinha
A grega gente, em que passava o dia
Com mais prazer, e já do ferro, e linha,
Se ajuda na abundosa pescaria
Era a terra Trinácria já visinha,
Quando o sol, mergulhando s'escondia:
Sobre a áncora então se fica a armada,
Porq' aguarde d'aurora a luz rosada.

Canto 9.º

1.

Ao perto, e longe, pelo mar fervente
Ouvia-se quebrar hum som horrendo,
Como os trovões rebramão surdamente,
Quando estão huns aos outros respondendo.
Donde parta, não sabe então a gente,
Se do vento, que gira, removendo,
Se do fundo do mar, ou se do monte
Pachino, q' avisinha alí defronte.

2.

Mal q' a noite cahio, e co' a tapada
Treva de negro o mundo sombreava,
Fere hum vulto na vista horrorisada,
Que desde a terra aos ceos agigantava.
A larga boca, em torno incendiada,
Fumo, pedras, e cinzas vomitava:
Toda assombrada, ainda que remota,
A grega gente o considera, e nota.

3.

Dos pés ao da cabeça altivo cume
O corpo lhe espinhavão grossos pelos:
Lançava enchentes de sulfúreo lume
Dos fuzilantes olhos amarellos.
Ou por idosas já, ou por costume,
As barbas tinha brancas, e os cabellos
Erão linguas de fogo, que lambião
Ares, q' em roda trémulos ardião.

4.

De quando em quando irado se movia
Com mor furor, e neste movimento
Mais fumo, e cinza, e pedras despedia,
Fazendo insulto ao alto firmamento.
Vacilante, e convulso, então tremia
Com abalo o terráqueo fundamento,
E, quando mais as chammas s'inflammavão,
Quaes trovões as entranhas lhe bramavão.

5.

Retorquia-lhe o mar como afrontado
Em torno com horrisonos bramidos,
Ambos reciprocando hum ronco brado,
Com q' alongados écos são feridos.
Em mui larga distancia alumiado
Via-se o mar com luz dos repetidos
Tiros de fogo, q' o feroz gigante
Arrojava da boca fulminante.

6.

Diomedes, que não cáhe no q'imagine
D'hum vulto, que lh'incute impressão tanta,
Pede ao Piloto, que lhe explique, e ensine,
Que monstro aquelle he, que tanto espanta.
Então, porque lhe tudo determine,
O Piloto da popa se levanta,
E com estas palavras, que dissera,
A todos o pavor desvanecera.

7.

Bem como sobre as ondas verde-escuras
No golfo Mamertino os navegantes
Illusos julgão ver varias figuras
Só aparentes, posto que brilhantes;
Assim do medo as vistas mal-seguras
Sempre da realidade estão distantes,
Pois, quando o medo vê, sempre acrescenta,
E imagens, que não são, nos representa.

8.

Os primeiros, q' atónitos notarão
Dessa montanha a fronte flammejante
Atrocissima guerra imaginarão
Entre os Titans, e Jupiter tonante.
Inventão pois, q'ali se sepultarão,
Quando a trisulca farpa fuzilante
Os anguipedes corpos lh' abrazara,
Com q' a soberba audaz lhes derrocara.

9.

Aquelle he pois o Etna, a q'outros chamão
Mongibelo, que dentro em si aloja
Combustiveis materias, que se inflammão.
E com furia cruel aos ceos arroja.
D'ali de quando em quando se derramão
Lavas ardentes, com q'atroz despoja
Os campos do verdor, e que, bramindo,
Vão cidades, e campos, submergindo.

10.

Deste horrivel fenómeno espantoso
A causa nos não he notoria, e clara:
Crê-se sim, q'o volcão, ardendo iroso;
Em pedras pyritaes se incendiara;
Ou q'o fogo central, que o cavernoso
Coração deste mundo em si prepara,
Respiradouros taes á furia sua
Abre assim com ruina fera, e crua.

11.

Lacunas não consente a natureza:
Tudo neste universo se encadêa;
Esta visivel lei, que segue, e preza,
Baixou sobr'ella da divina idêa.
Assim desses volcões a flamma accessa,
Que se nos mostra a nós medonha, e fêa,
Certo, effeitos derrama salutares
Sobre a terra, no mar, ou la nos ares.

12.

A vam curiosidade dos humanos
Tudo quer penetrar, porem vàomente:
Embora se fatigue em largos annos,
Pois de mui pouco só será sciente.
Não vos canceis, mortaes, os vastos planos
Do supremo arquitecto omnipotente,
Que criou, que formou, milhões de mundos,
Investigaveis são, altos, profundos.

13.

Em Sais n'hum templo a Isis consagrado,
Imagem da natura productora,
Filosophia mão com elevado
Sentido huma inscripção gravou outrora.
Esta diz entre o mais = o veo tapado
Nenhum mortal me alevantou téagora =
Nem hade levantar, eu lhe acrescento,
Bem q' a muito se atreva o pensamento.

14.

Sempre em trevas envolto, e sempre merso,
O humano entendimento hade julgar-se,
Pois este mundo he ponto no universo,
Que ninguem vio nascer, ninguem formar-se.
Nesta parte não quiz hum fado adverso,
Podesse a mente humana tanto alçar-se;
Poz-lhe curto lemite, e circumscripto
Muito áquem da distancia do infinito.

15.

Pois esta q'indagár tudo pertende,
Quando a causa nos hade pôr patente,
Por q'elástico o ar ventos desprende?
Por q'alumia, e queima, a flamma ardente?
Ou como, sem calor, accesso splende
Do pyrilampo o phósforo luzente?
Por q' he feroz o mar, e salitroso,
O rio manso, doce, e saboroso?

16.

Porque com giro excéntrico se guia
Hum cometa do ar na grão planura?
Porque nas plantas mil, q' a terra cria,
Tão vária a forma he, como a textura?
Por q' inexhausto o sol sempre alumia?
Ou porque tem Saturno lá na altura
Hum luminoso anel com sette luas,
Cinco Jupiter sós, Marte nenhumas?

17.

E voltando-me agóra á ignea scena;
Q'os extáticos olhos vos affecta,
Della q' hade afirmar alma terrena,
Se transpozer da superficie a meta?
A vistas lemitadas nos condena
A mão, q' o mundo fez, e que e projecta:
O douto as causas indagar não tenta,
Do que, não do porque, só se contenta.

18.

Vê Prometheo, a quem a deshumana
Ave tem sempre o peito lacerado,
Porq' audaz animou a estatua humana,
Com o fogo, que rouba ao ceo sagrado.
Castigo justo foi da audacia insana
Desse, q'assim com animo arrojado
Quiz ser igual nas obras, e poderes,
Ao Ser, que pode só dar ser aos seres.

19.

N'aquelle monte admira corôar-se
D'huma neve, q'eterna deixa ver-se,
Sem que possa com ella resfriar-se,
Nem ella com o fogo derreter-se.
Porem de nada emfim deve espantar-se
O sabio, porque tudo pode crer-se
Do poder, outorgado á natureza
D'obrar prodigios nesta redondeza.

20.

Vemos porem, q'o vulgo, sempre estreito
De pensamento, cegamente admira
Qualquer da natureza estranho effeito,
Quando raro apparece, e nunca o vira.
Assim receia o luminoso aspeito
De cometa, que la no espaço gira,
Julgando em seu discurso bronco, e vago,
Que traz do mundo o derradeiro estrago.

21.

Produz a natureza lá nos ares
Meteóros de luz maravilhosos,
Nocturnos sóes, ou grandes luminares,
Fachos ardentes, tiros luminosos.
O vulgo, logo conecbendo azares,
Nisto só vê combates sanguinosos,
Preságios tristes de propinqua guerra,
Que deve em sangue converter a terra.

22.

Só cabe emfim n'hum entender ignaro
As cousas sempre ver diversamente
Do que são, quando algum evento raro,
Que não cogita, se lhe faz patente.
Julga o ceo irritado, e com amaro
Pranto se volta ao ceo devotamente,
Pois por castigos tem do ceo tremendo
Effeitos naturaes, que se estão vendo.

23.

Fallou; e a gente, já tranquilisada,
Depois da leda, e abundosa, cêa
Fica no doce sono sepultada
Thé, q'annuncie a aurora a luz phebêa.
Apenas esta a fresca madrugada
Com arrebóes formosos purpurêa,
A desfraldada vela ao vento entregão,
E nos espúmeos páramos s'empegão.

24.

Assim os fortes gregos navegavão
Pelo Thirrenio mar, onde no ouvido
Feros sons lamentosos lhe soavão
D'Ullisse o nome, a espaços repetido.
Então com olho attento prescrutavão
Ora a terra, ora o mar largo, e tendido,
Por ver, se o claro Ullisses descobrião,
Ou donde vozes taes se despedião.

25.

Eis que na praia do Sicanio Monte
Alto, de rochas ouriçado, e rudo,
Encarão, pois a tem perto, e defronte,
Hum gigante feroz, baço, e membrudo.
De negro sangue copiosa fonte
D'hum só olho brotava, em q'o sanhudo
Carão disforme todo se banhava,
E a barba hirsuta, e negra s'ensopava.

26.

Vagando pela praia, cego, e louco,
E por bastão movendo hum grão pinheiro,
Atroava com brado horrendo, e rouco,
O ceo, o mar, a praia, o valle, o outeiro.
Grego traidor (dizia) q', inda ha pouco,
Me privaste do unico luzeiro,
Q' a natura me deo, e com que via
Os raios da formosa luz do dia.

27.

Espera, volve atraz, não vás fugindo
Como cobarde vil, como medroso:
Se já vais pelo mar caminho abrindo,
Que me vingues te peço, ó mar piedoso.
Espera, Ullisse, espera, o mal infindo,
Q'em mim deixaste, em mim tão desditoso,
Ao menos, se alma tens compadecida,
Vem terminar com terminar-me a vida.

28.

Sim de que pode, ou poderá, servir-me,
Huma vida nas mãos da desventura!
Vê, Ullisses cruel, que com ferir-me
O dia me trocaste em noite escura.
Se lá nos paços teus podes ouvir-me,
Poderoso Neptuno, e se a ternura
De pái te move, em minha dor repara;
Ullisses pune, que teus campos ara.

29.

Á sorte mais cruel, mais lamentavel,
Minha triste existencia se encadêa;
Ah! nunca mais verei teu rosto amavel;
Formosa, mas ingrata, Galatêa.
Nunca mais neste estado miseravel
Dessas rochas do mar, ou desta arêa,
Te olharei sobre o liquido elemento
Domando as ondas, e enfreando o vento.

30.

Minha estrella fatal, e desabrida,
Me rouba aos teus encantos seductores;
Pôde hum golpe acabar em mim a vida
O que nunca poderão teus rigores.
Não mais te seguirei, bella homicida;
Só viverei comigo, e meus horrores:
Folga, exulta, cruel, com meu estado;
Solta ficas de mim, Acis vingado.

31.

Isto dicto, o collosso monstruoso,
Escumando feroz, mordia os dedos,
E c'o bastão pezado, furioso,
Abatia as montanhas, e arvoredos.
Com bruta força, e impeto raivoso,
Arrancava co' as mãos grandes penedos;
Q'huns traz outros frenético arrojava
Ao mar, que de ferido rebramava.

32.

Os gregos navegantes, q'escutarão
As queixas, q'o Gigante repetia,
Como proximos delle, recearão
Os loucos desatinos, que fazia.
As suas forças todas envidarão
Por fugirem do monstro á furia impia;
Movem com mor impulso o duro remo;
Pois conhecem, que era Poliphemo.

33.

Não póde o grego Rei ouvir calado
D'Ullisse o nome, e desta sorte falla:
Ó nobre companheiro, que máo fado
Na sorte, e desventura a mim te iguala!
Em clima tão longiquo, e separado
Do nosso patrio berço, e regia sala
Andamos contrastando vagabundos
Irados ventos, mares furibundos.

34.

Que d'hum fado importuno o alvo somos,
Já vejo, e que não cessa de ferir-nos:
Como sempre na dita unidos fomos,
Tambem lh'apraz na desventura unir-nos.
Talvez no ceo debalde a esp'rança pomos,
Que, surdo, deixará talvez d'ouvir-nos;
Ah! possa ainda o ceo piedoso olhar-nos,
E não mais a existencia funestar-nos.

35.

Calou-se, vendo as pérfidas Sirenas,
Parthenope, Ligèa, e Leucosia,
Boiando sobre o mar com as amenas
Faces, onde a belleza reluzia.
Soavão amorosas cantilenas
Com mágica, e blandisona armonia;
Mas, os ouvidos seus co'as mãos tapando,
Os gregos vão em fuga navegando.

36.

Já vão rasgando o mar mediterrano,
Onde, espantados, virão apagar-se
Vezes quatro no mar feroz, e insano,
Do sol o coche, e nelle mergulhar-se.
Virão, quando cahia soberano,
Ferver o mar, e acceso levantar-se
Em alta, scintilante labareda,
Pavor causando a luminosa queda.

37.

Deixão traz si na rota, sem perigo,
As inhóspitas Syrtes arenosas,
Com q' o mar, só dos nautas inimigo,
Borda as Libicas plagas naufragosas.
Já chegão ao estreito, aonde o antigo
Hercules pôz as metas pavorosas,
Alem das quaes os nautas não ousavão
Os mares devassar, que receavão.

38.

As portas gaditanas vão passando
Por entre Abila, e Calpe, onde admirarão,
Como está em seus hombros sustentando
O velho Atlante os ceos, que o carregarão.
No vasto, e largo, Oceano então entrando,
Para a banda do norte declinarão
Por sobre esse afundido continente,
De que fallou Timeo antigamente.

39.

Com a vista na terra navegavão,
Não só por ser o mar desconhecido,
Mas porq' a fóz, que tanto desejavão,
Encontrem, pois a levão no sentido.
O Cinthio Promontorio já deixavão
Muito longe de si, té que, escondido,
Pela costa dos Túrdulos antigos
Levando vão as náos ventos amigos.

40.

Já erão vinte sóes emfim passados,
Desde que da Japigia se partirão,
Quando a fóz, que rastreão, transportados
De summo gosto ante seus olhos virão.
Pois da longa viagem trabalhados
Todos se sentem, ledos já respirão,
Desejando saltar em praia amiga,
Descanso da maritima fadiga.

41.

Ser esta a ignota fóz vaticinada
Reconhecem, pois vem, q', impetuoso,
O claro rio ali n'agua argentada
Rolava areas d'ouro precioso.
Com a caudal corrente arrebatada
Soberbo entrava no Oceano undoso,
Q'ali, roncando, com furor violento
Lhe rebatia o grande atrevimento.

42.

Vão para a fóz o rumo dirigindo;
Mas eis q' o mar n'hum monte d'agua arquêa
Perto da entrada, e horrisono bramindo,
Vomita hum monstro, que feróz vaguêa.
De touro a negra fronte sacudindo,
Terror infunde co'a presença fêa:
Ergue, qual torreão, o corpo enorme,
Forte, duro, escamoso, e serpiforme.

43.

Gotejantes limosas espadanas
Por adorno a cabeça lhe cingião;
Mostrão as barbas rijas barbatanas,
Q' até ao negro embigo lhe pendião.
D' escuma sem cessar ondas insanas,
Que com sonoro impeto fervião,
Dos narizes medonhos arrojava,
Com que os ares mui alto borrifava.

44.

Aspera grenha, em caracoes torcida,
Que parece, que nunca penteava,
De conchas, e d'arêa abastecida,
O carão verde-negro lhe obumbrava.
De dentes ferrugineos guarnecida,
A negra boca larga se espaçava:
Cauda, peito, e costado, empedrenidos,
Erão d'escamas duras revestidos.

45.

Alçado sobre o mar, foi occupando
Longa parte da fóz, e arremettendo
Com os braços ás náos, que vem chegando,
As afronta, a passagem defendendo.
Párão as náos, e então elle, escumando
De raiva, assim fallou n'hum tom horrendo,
Com que os mares tremerão d'assustados,
E os evosos rochedos carcavados.

46.

Que máo fado vos traz, loucos humanos,
A esta infausta barra assim perdidos!
Ah! sabei, que me cumpre fazer damnos
Aos que tenta-la ousarem atrevidos.
A vedar-lhe passagem, longos annos
Ha, q' obrigado estou, e, pois sabidos
São estes meus encargos, até agora
Nenhum baixel a vio de dentro, ou fora.

47.

Vós navegantes sois mais temerarios
Do q'esses, que d'Eumónia ao Ponto Euxino,
Sem temerem dragões, que tem contrarios,
Forão roubar o áureo velocino.
Porq' expondes a vida aos casos varios,
Q' aos loucos sobre o mar manda o Destino?
Arrojados mortaes, cegos onde hides?
Como ousaes o que nunca ousou Alcides?

48.

Chegar aqui temeo, quem não recêa
Os hisperios dragões, o Averno opaco,
Javalis d'Erimantho, Hydra Lernêa,
Ferozes Giriões, Antheo, e Caco.
Quem suffoca a cruel fera nemêa,
Quem o fero Achelôo fez brando, e fraco,
Quem as damas venceo do Thermodonte,
Quem Atlas revezou no excelso monte.

49.

Se não sabeis quem sou, dizer-vos devo,
Que sou aquelle monstro, que se chama
Cabedelo, e q'envolto ao longe levo
Com meu nome o terror, que só me afama.
Tenho o Douro por pái, e se me atrevo
A fazer no Oceano extensa cama,
He porque minha mãi, Nerêa Ninfa,
Morada goza na salgada linfa.

50.

Mas já qué vindes como aventureiros
Com tal destimidez, e audacia tanta,
Demandar estes climas derradeiros,
Que receou pizar hercúlea planta,
Sêde, visto o quereis, sêde os primeiros,
Pois nada a furia minha me quebranta,
A quem puna, e fulmine a justa pena,
A que tão loueo arrojo vos condena.

51.

Quanto mais sobre vós vejo, que peza
Odio justo de Numens, q'ultrajasteis:
Contra vós se revolta a natureza,
O mesmo ceo, que tanto inimizasteis.
Assim nas rochas, cuja fortaleza
Baluarte he desta fóz, que demandasteis,
Sereis, rotas as náos, despedaçados,
Já q' assim o permittem vossos fados.

52.

Isto dicto, raivoso, e irado, freme,
Retorce a vista, e boca famulenta,
E com a longa cauda o mar, que geme,
Açoutando, eis q' em serra o mar rebenta.
Já hum triste naufragio o grego teme,
Pois q' as ondas com furia tão violenta
S' encapellão, e tanto ao ar subião,
Que d'agua, e de pavor as náos cobrião.

53.

Em vão das suas forças, arte, e engenho,
Valem-se os gregos, vale-se o Piloto;
He baldado, sem fructo, o mor empenho;
Aqui não lutão contra Austro, ou Noto.
Marcando sem ordem, cada lenho
Já perdido se crê, julga-se roto,
Pois das ondas levado, já cahia
Na recôncava bruta penedia.

54.

Juno então, encarando o grão perigo
Dos seus gregos heróes, que tanto amava,
Mandar-lhes determina auxilio amigo,
Q' a Minerva potente deprecava.
Marte, sempre dos gregos inimigo,
Contra elles o monstro suscitava,
Porq' em Marte, q' a morte lhes deseja,
Odio não era já, mas pura inveja.

55.

Desce a Deosa veloz, trazendo o escudo,
Q' o rosto meduseo hórrido afêa:
Só de vé-lo, ferido o monstro rudo
Se crê como d'hum raio, que serpêa.
Fica immovel, suspenso, e quedo, e mudo;
E pouco a pouco em branca, e solta, arêa
Lhe são os duros ossos transformados,
E as carnes em recifes levantados.

56.

Mas como a natural ferocidade
Não perdeo na mudança, ressentido
Sempre aos baixeis consagra inimizade,
E sempre dos baixeis he ali temido.
Assim, rememorando a crueldade,
Com q' a tal sorte fôra reduzido,
Vinga-se nos baixeis, que lhe provocão
A raiva, quando nos seus ossos tocão.

57.

Livre do grão trabalho, a grega armada
Emboca a estreita fóz, que salva leda:
D'hum lado, e d'outro a terra levantada
Vai vendo o grego, e bosques sem vereda.
Entre a turba das Dórides sagrada
Sahe-lhe ao encontro o Douro, e logo hospeda
Os dez baixeis, que torres assemelhão,
E no claro cristal a fronte espelhão.

58.

Orla arenosa em fuga prolongava
Pelas margens do largo, e crespo, rio
Huma praia formosa, q' alvejava,
Servindo ás mesmas margens d'atavio.
Sobr'ella a terra erguida debruçava,
Donde chorros brotavão d'agua em fio
D'entre penhas musgosas, que nutrião
Vecejantes hervagens, que os bebião.

59.

Moutas de verde-escuro azambujeiro
Os cabeços dos combros povoavão,
Aonde com aspecto lisongeiro
Arbóreos castanheiros se elevavão.
Não fallece a oliveira, o medronheiro,
Nem os densos pinhaes, q'aos ceos olhavão,
E indignados sussurrão, quando a furia
Dos ventos aos seus ramos faz injuria.

60.

Grande espaço já tinhão navegado
Do rio, que aprazivel se expraiava,
Quando da esquerda parte hum enverdado
Valle do Heróe á vista se offertava.
Entre dois bellos montes recortado,
Por huma e outra parte os abraçava,
E o rio pelo sul co'as fugitivas
Aguas banha os rosaes das flóreas rivas.

61.

Essas do luxo maquinas vaidósas,
Sempre a custo de lagrimas erguidas,
Não oprimião margens tão ditosas,
Quanto á mão, que as cultiva, agradecidas.
Pelos montes as rezes numerosas
Erão de verde pasto abastecidas,
E claros os ribeiros, que cortavão
O valle mui sonoros serpentavão.

62.

Logo os olhos do Heróe se namorarão
De tão formoso sitio, e por seu mando
As náos junto da praia fundearão,
As velas, despregadas amainando.
Atónitos os Lusos se mostrarão,
A novidade insólita estranhando;
Porque n'aquella terra afortunada
Nunca virão baixeis, nem gente armada.

63.

Dão parte ao Maioral, que acompanhado
D'outros Lusos idosos, e prudentes,
Á praia desce, aonde perturbado
Está notando as estrangeiras gentes.
Diomedes, mal que os vê, salta apressado
Em terra apar dos capitães valentes,
Onde, aos pávidos Lusos com brandura
Desta sorte fallando, os assegura.

64.

Salve, graves varões, deponde o susto,
Que paz trazer-vos venho, e não a guerra;
Pois não he d'ambição impulso injusto
Que para os vossos lares me desterra.
Venho do Fado por arcano augusto
Erguer huma cidade em vossa terra:
Nao m'he nota a razão, nem eu pertendo
Soudar, o Fado a quem me curvo, e rendo.

65.

Sem temor, nem receio de perigo,
Podeis viver, pois assolar não venho
Este, q' he vosso, afortunado abrigo,
Que, em quanto o consentis, por meu só tenho.
E se tocar a meta emfim consigo
Do meu sublime abalizado empenho,
Logo hirei saúdar o patrio muro,
Q' ha tanto tempo mas em vão, procuro.

66.

Fallou o grego Heróe, e o veneravel
Ancião, q'entre os outros apparece,
Já deposto o temor, com gesto affavel
Quanto seu he, e a terra lhe offerece.
D'hum solo tão feliz, quam agradavel
A abundancia, e bellezas lh'engrandece;
E logo, ao grego Rei de mão travando,
Com passo vagaroso o vai levando.

67.

Este bom Maioral dos lavradores
Era hum velho d'airoso, e grave aspeito,
Onde brilhavão inda as rubras cores,
Que são da mocidade o bello effeito
As barbas de cabellos dos melhores
Lh' ondeavão nevadas sobre o peito,
E a rugosa mão com grave modo
Descançava n'hum báculo de lódo.

68.

Já chegão á morada venturosa
Do velho venerando patriarca;
Morada humilde sim, mas espaçosa,
Que mui largo terreno em roda abarca.
Não via ali a vista curiosa
Do luxo destructor signal, ou marca,
Mas sós os instrumentos, q'avultavão,
Com q' os filhos nos campos laboravão.

69.

Seis erão por igual d'ambos os sexos
Os filhos, q' este pái junto a si via;
Prole gentil, gerada entre os amplexos
D'esposa já roubada á luz do dia.
Desdados já d'hymneo os doces nexos,
Em casta viuvez ao peito unia
Estes mimosos, cándidos, penhores
Dos seus primeiros, e ultimos amores.

70.

Desde a campestre, e plácida, morada,
Do Chefe luso habitação ditosa,
Se alongava huma cerca dilatada,
Herdade, que gozava em paz gozosa.
De campos, e colinas, recortada,
Em parte descoberta, em parte umbrosa,
Mostrava no matiz das varias scenas
Selvas, aguas, vergeis, veigas amenas.

71.

Pomos, em côr, e gosto, variados,
Os ramos dos fructaes formoseavão,
Onde os odores pérsicos corados
Do seu fino cotão s'embellezavão.
Da púnica romam os engastados
Rubins a cor púrpurea alardeavão:
Ostentava Pomona o seu thezouro
Nos rotundos hispérios globos d'ouro.

72.

Pomos da Néustria ali não fallecião,
Na figura, e sabor mui differentes,
Nem esses nacarados, q'off'recião
De Cerasunte as terras excelentes.
Sazonavão-se ali, ali crescião
As peras para o chão sempre pendentes:
Pela terra o morango delicado
S'escondia entre a rama envergonhado.

73.

Tambem tu, que floreces a primeira,
Da terna Filis arvore prezada,
Teu saboroso fructo, amendoeira,
Occultavas no centro recatada.
Tu tambem racemifera videira
C'o alto ulmeiro estavas desposada:
A fructa as gosto grata, á vista amena,
Tambem mostravas bella damascena.

74.

Quam venturoso povo o que não sente
Da cobiça os estimulos molestos,
Que nem confia a vida ao mar fervente,
Nem teme Arcturo, ou Áquilos infestos!
Primeira instituição da humana gente
A agricultura foi; porem funestos
Os homens a si proprios converterão
Os arados em armas, que os perderão.

75.

O homem cego, e louco, se alimenta
Só d'aparente bem sempre enganoso:
Tudo facil lhe pinta, e representa,
Impulsivo desejo cobiçoso.
Jamais com seu estado se contenta;
Inda o mais doce julga trabalhoso;
Elle mesmo huma guerra se suscita,
Que d'erro em erro o lança, e precipita.

76.

Os Lusos da chegada já sabendo
Dos gregos, pois a fama a vai vulgando,
Vem huns do monte rápidos descendo,
Outros o valle ameno atravessando.
Espantados, na gente, que estão vendo,
Vão a sófrega vista demorando:
Pavor lhes causa a hórrida armadura,
O solto porte, a marcial figura.

77.

Sobre toscos assentos, fabricados
De madeira de sobro, mal-obrada,
O grego Heróe, e o Maioral, sentados
Ao lado estão da porte da morada.
Os Lusos, e os Helenos, rebanhados,
Na terra, só de relva alcatifada,
Repousavão tambem á sombra fria
De freixos, que do sol os deffendia.

78.

Depois q' o Grego ao Maioral narrara
Toda a jornada, e males padecidos,
A guerra, que na Frigia sustentara,
E do mar os contrastes tão temidos,
He fama, que o Heróe lhe perguntara,
Que povo os Lusos são esclarecidos,
E q' o grave ancião satisfizera
A quanto quiz saber, e assim dissera.

79.

Esta terra, em que estaes, bem q' apartada
D'aquella, que vos mostro alem fronteira,
E que, por este rio separada,
Alem s'encosta em ingreme ladeira,
Da Lusitania he parte, e confinada
Está com a do norte derradeira,
Que da vasta Cantábria o rio Minio,
Dividindo-a, divide outro dominio.

80.

A extrema, que do sul tem este empório,
Já em armas, e letras celebrado,
Começa no Sagrado Promontorio
Thé ao Oceano occiduo dilatado.
Nessas partes com paz, e amor notorio,
As margens desse Tejo afortunado
Hoje Górgoris rege, onde ensinara
Das colmeas ao Luso a arte rara.

81.

He terreno tão bom, quam dadivoso;
Pois temperada zona o favorece,
Ubérrimo de grãos, de pasto hervoso,
De montes, onde caça não fallece.
Rico de vario peixe saboroso,
Com a donosa pesca se abastece
Do Minio, Monda, Guadiana, e Douro,
Do Zezere, e do Tejo, fertil d'ouro.

82.

Todo o solo entre si com nomes varios
Os fortes Aborigenes dividem:
Huns se chamão os Celtas, outros Sarios,
Q'alem do Tejo barbaros residem.
Em versos tendo sabios formularios
De leis, com q' os negocios seus decidem;
Os Túrdulos á quem do Tejo habitão,
Onde as artes polidos exercitão.

83.

Os Pesures, e Herminios, avezados
Ás lidas marciaes, assás ufanos
Confinão c'os Vetões, que confinados
Estão c'os valorosos Transcudanos.
Os seus campos cultivão desvelados
Na mais occidua parte os Turdetanos,
E os Berones de porte, e ar sombrio,
Partem com-nosco as aguas deste rio.

84.

Nós q'o povo de Lavra nos chamamos;
Segundo a tradição, q'entre nós temos,
Porque d'arar os campos só cuidamos
Honrosa obrigação, que nós herdemos,
Com os Interamenses visinhamos,
E c'os Brácaros rudos, que não vemos;
Com huns, e outros nos limita o brando
Rio Letheo chamado, ou já Celando.

85.

Da Sybila Cumêa; q' o futuro
Descerra, já sabemos, virá dia,
Em q'estes povos todos n'hum só muro
Hade abraçar famosa Monarquia.
Quando o jugo os curvar do Mouro duro,
Hum Conde então virá, q' a raça impia
D'aqui hade arrojar alem do rio,
Lançando a base ao luso senhorio.

86.

Hum filho seu, que Rei será primeiro;
Hade chamar-se Affonso esclarecido:
Tão grande tem de ser, e tão guerreiro,
Que por seu nome só será temido.
Lá nas margens do Tejo derradeiro,
Sempre dos ceos amado, e protegido,
Reis cinco debelando, com porfia
Entra Lisboa, e funda a monarquia.

87.

Depois da sua morte lamentada
Seu filho Sancho acabará a empreza
De dar co'a forte, sempre invicta espada
Golpe mortal na barbara fereza.
Curta vida lhe está já destinada:
Affonso, que o imita, e que o reveza,
Terá sempre, regendo o novo estado,
N'hum punho a lança, e n'outro o curvo arado.

88.

Outro Sancho hade vir, que só no seio
Do ocio viverá, d'amor captivo;
Por tal desleixo das facções no meio
Faz-lhe o sceptro largar o Luso altivo.
Seu Irmão virá pôr seguro esteio
Ao reino co'as desordens convulsivo:
Terceiro Affonso he, q' o Ceo destina
Para ao Mouro levar no Algarve a ruina.

89.

Hum filho deixará, Diniz chamado,
Nas artes, e sciencias preheminente,
Que, polido fazendo o rudo Estado,
Morre mais pái, que Rei, da lusa gente.
Seu filho, Affonso Quarto no Salado
De gloria ganhará palma virente;
Mas antes de morrer terá desgosto
De hum filho em armas ver contra si posto.

90.

Este Pedro será, que terno amando
A bellissima Castro, e com transporte,
Não soffre; que lha roube o iniquo mando
Do pái, com que será entregue á morte.
Sem perder da memoria o miserando
Caso será no trono duro, e forte;
Porem tão justiceiro, que segundo
Só n'hum Quarto verá hum dia o mundo.

91.

Fernando, succedendo-lhe no trono,
Não tem de succeder-lhe no heroismo;
Inglorio morrerá sem alto abono
Concentrado d'amor no doce abismo.
O Ibero Rei intentará ser dono
Do reino neste triste parocismo;
Mas logo: assomará João Primeiro,
Astro de salvação, Heróe guerreiro.

92.

Este nos campos la d'Aljubarrota
Poem d'Iberia a soberba derrocada,
Tendo a seu lado hum Nuno, q'a derrota
Inteira só fará co'a forte espada.
Levando ao mar depois guerreira frota,
Por elle he Ceuta n'Africa ajuntada
Ao reino lusitano, q'este Marte
Mais amplo deixa ao sabedor Duarte.

93.

Deste sabio tão grande, e tão famoso,
Hade a virtude herdar Affonso Quinto;
Ampelusa o verá victorioso,
Tanger, e Arzila, em mauro sangue tinto.
D'Heróe tão forte, insigne, e valoroso,
Procederá no trono Heróe destincto:
Este chamar-se-ha João Segundo,
D'heroicos fins concebedor profundo.

94.

Deixará este Rei, em flor cortado,
Ao grande Manoel, que nas distantes
Plagas d'Asia, Monarca afortunado!
Colhe messes de palmas triunfantes.
Ao Terceiro João hum claro Estado
Legará com riquezas abundantes:
Este, as pizadas de seu pái seguindo,
D'huma gloria immortal s'hirá cobrindo.

95.

Depois da morte deste grão Monarca
Joven Sebastião ao trono avito
Sobirá, porem logo a ferá Parca
Bem moço o truncará, só della victo.
Pois, como a gloria o alvo seu lhe marca,
No mais bellico, duro, atroz conflicto,
Sobre hum campo fatal d'Africa ardente
Infeliz morrerá sem descendente.

96.

Morto Henrique, sem Rei, sem esperança,
Por tres Iberos Reis tyrannizado
O reino então será, que sem bonança
Gemerá sob hum jugo assas pezado,
Até q' o Real Tronco de Bragança
Brote o Quarto João, Rei convocado
Pelo ceo, pelo povo, que o aclama,
E nos tyrannos o terror derrama.

97.

Tendo sobre victorias eregido
Hum trono firme, augusto, e inabalavel,
Ao Sexto Affonso o sceptro esclarecido
Deixará este Rei tão memoravel.
Pedro Segundo após virá, seguido
D'altas acções, e gloria perduravel,
Com que na capital do altivo Hispano
Outro porá, depondo hum soberano.

98.

Eis hum Quinto João virá famoso,
Q' o reino tornará mui florescente,
As letras prezará, e grandioso
Seu animo á nação se faz patente.
Depois que no sepulcro silençoso
Triste morte o fechar com gloria ingente,
Ao pái succederá José Primeiro,
A este a Filha, e Pedro q' he Terceiro.

99.

Por morte deste com a mão benigna
Maria regerá, mas larga o mando
Ao bom Sexto João, a quem destina
O ceo trabalhos, longo mar cortando.
Depois q' a Parca a vida lhe termina.
Verá Lisia no solio dominando
Hum Heróe, Pedro Quarto, ó aurea idade!
Este lhe firma a justa liberdade.

100.

Nesta idade (escreveo essa Cumêa)
Pedro Quarto, fundando imperio novo,
Com sceptro, q' em bondade heroica estêa,
Em quatro climas regerá seu povo.
Não crêas, não, q'he vaga a minha idêa;
Com o successo, ó Lisia, eu ta comprovo;
E findava, dizendo, q' a véntura
De Lisia brilharia então segura.

101.

Findava sim, dizendo, ó generosa
De Luso geração esclarecida,
Geração singular, que tão famosa
Sobre o mundo serás, como temida,
Nessa época então livre, e ditosa,
Alçando a nobre mão tyrannicida,
Sobi ás com a patria liberdada
Ao fastigio da gloria, e heroicidade.

102.

Verás cahir do trono o despotismo,
Onde a cegueira lusa o tinha alçado:
Verás do sanguinario fanatismo
Estalar o punhal acicalado.
Verás nos braços do leal heroismo
O trono de Maria sustentado,
Da Segunda Maria, successora
Das virtudes do Pai, que Lisia chora.

103.

Escuta agora os Reis, que dominarão
Thé hoje, se não mente a antiguidade:
Ibero, Brigo, e Beto, governarão
Estes povos primeiro com bondade.
Veio o Egypcio Osiris, q'adorarão
Os povos como grande divindade:
Este ensina a donosa agricultura
Á gente fera então, selvagem, dura.

104.

A estes bons monarcas succederão
Hispalo, Hispero, e Oro virtuoso,
Q' o poder de tyrannos desfizerão
Com o seu braço forte, e valoroso.
Tambem outros após estes vierão,
Hum Sic-Ano, e hum Jasso poderoso,
Hum nobre Sic-Celeo, claro, e esforçado,
Que com virtude governou o Estado.

105.

Hum filho, que deixou, Luso chamado,
Com seu mando regeo tão brandamente,
Que quiz ser de seu nome appellidado
Em honra sua o povo assas contente.
D'aqui nasceo ficar denominado
O reino luso, e lusitana a gente,
Nome, q' esquece, quando aqui chegarão
Outros famosos Reis, que a dominarão.

106.

Mas, entrando depois o soberano
Bacho, e seu filho Lisias, que ficara
Entre nós, e que, sendo brando, e humano,
Com amor todo o reino subjugara;
Quiz outra vez chamar-se lusitano
O povo, que de Luso se lembrara,
Pois de Lisias o nome, e o seu bom uso,
A idéa recordou do antigo Luso.

107.

Lusitanos depois sempre chamar-nos
Quizemos, sem fazer nisto mudança;
Nome, de que devemos ufanar-nos,
Ou seja na tormenta, ou na bonança,
O que por fim ca veio dominar-nos
Foi Hercules Thebano, a quem alcança
Coeva a minha idade, cuja fama
De seu valor no mundo se derrama.

108.

Tenho-vos pois narrado o q' a memoria
Conserva aqui, na tradição fundada,
De todo o reino, e da passada gloria,
Como da que lhe está já destinada.
Farvos-hei, se o quereis, a breve historia
Dos costumes, e vida afortunada,
Que, sem escriptas leis, aqui gozamos,
E do mais, com que bem nos governamos.

109.

Por vetusto costume os lavradores
Governa hum Maioral, que tem officio
De punir os fataes perturbadores,
Se contra os mais commettem maleficio.
Sempre este mando exercem os melhores:
Eu sou hoje quem tem este exercicio:
E, como nelle o mor poder reside,
A lei da successão he, que decide.

110.

Servirão neste cargo os meus passados,
Por bons, e puros chefes sempre tidos:
Eu por herança o gozo, e governados
Os povos são por mim, de mim queridos.
He meu afán traze-los irmanados;
Não soffro, que reluctem desunidos:
D'hum povo a dita, se liado existe,
Na paz, na ordem, na união, consiste.

111.

Pois que só na união consiste a força
D'hum povo, que feliz viver pertende,
Ai do estado, em q' o povo audaz reforça
O facho, que discordia atroz accende.
Pretexto assim nenhum desvie, ou torça,
O chefe, que no bem do povo entende,
D'apagar esse facho com brandura,
Ou severo, se o insta a conjunctura.

112.

Ainda que governo, posso, e quero,
Nunca arbitrario sou, porque, s'escriptas
Não temos leis, as decisões espero
De varões, a quem, tu prudencia, as dictas.
Algumas cousas ha, q'eu só modero,
Approvadas por mim, ou já proscriptas,
Quando a geral ventura mo prescreve,
Que d'hum bom chefe a mira ser só deve.

113.

Iguaes os homens são por natureza,
Com q'iguaes em direitos todos somos,
E, porque temos disto a mor certeza,
Iguaes perante as leis a todos pomos.
Verdade, e razão, he de tal clareza,
Q' em nós somente procura-la fomos,
Pois todos, tendo as mesmas faculdades,
Hão de sintir iguaes neccessidades.

114.

Porem, se os homens todos de direito,
Seja qual fôr a instituição, ou pacto,
São sempre iguaes por natural preceito,
Com justiça o não podem ser de facto.
Quem obrar hum heroico, ou util feito,
Com q' ao publico bem se torna grato,
Lhe destincto, e por mim a razão falla,
Pois de quem nada obrou se desiguala.

115.

Nós os que nesta terra assim vivemos
Mui felizes em paz serena, e doce,
Por tal arte, e maneira, nos regemos,
Nem outra achamos nós, que melhor fosse.
Da terrena porção, q' a todos demos,
Vive seguro cada hum na posse;
A lei, posto que oral, e de memoria,
A justiça a nenhum torna illusoria.

116.

Poucas são nossas leis, e estão seguras
Dos cavilosos laços, que lhes tece
A ardilosa ma fé com mãos impuras
Na multidão das leis, que a favorece.
Inuteis leis não temos, nem escuras;
A mais urgente, ou util, não fallece;
Muitas leis são signal claro, e evidente,
De máo governo, ou de corrupta gente.

117.

Assim no coração as leis gravadas
Temos do proprio bem, do justo, e honesto,
E em nossas convenções, jamais quebradas,
Só a recta razão serve d'aresto.
Mas, se as leis, por algum não são guardadas,
Q' aos mais como infractor se faz molesto,
Já membro nosso o não consideramos,
E do corpo geral o segregamos.

118.

Em paz vivemos sim por tal maneira
No seio da concordia, e da opulencia:
Aqui sempre fortuna lisongeira
Doura do povo a cándida inocencia.
Não sentimos aqui dessa guerreira
Sanha a maligna, e tétrica, influencia,
Que no meio dos crimes mais atrozes
Os bons torna crueis, os máos ferozes.

119.

Contradictoria sempre, a humanidade
A vida dos mortaes preza, e devora;
Devora co'a guerreira atrocidade,
Do sangue humano fera espargidora.
Por outro lado a preza, e com verdade
Tanto a respeita sim, ama, e adora,
Q'essas mesmas até vedes punidas
Estatuas de metal, quando homicidas.

120.

Com tal constituição, que nos protege;
Nós vivemos aqui assas contentes:
Ao alto Maioral, q' os mais elege,
Todos são por dever obedientes.
Podes crer, que, se hum povo assim se rege
Com justas leis, e com varões prudentes,
Na ordem social seguro, e posto,
Nunca verá do infortunio o rosto.

121.

Quando abherrão nações dos bons acertos,
E vão loucas marchando d'erro em erro,
Mais as perdem dos seus os desconcertos,
Que d'estranho inimigo o fogo, e ferro.
Dictames estes são proficuos, certos,
Das sans verdades, q' ora te descerro:
Elles fundados são na experiencia,
Que mais val q'inexperta, ou vam sciencia.

122.

Temos hum culto sim, mas he interno,
Sem luxo, sem vaidosas apparencias:
Adoramos hum Deos alto, e superno,
Que tem seu trono em nossas consciencias.
No sol, imagem deste Pái tão terno,
Lemos da sua mão as excelencias;
Assim, quando o sol nasce, então voltamos
A face ao oriente, e hum Deos louvamos.

123.

Taes são nossos costumes venturosos,
Nosso governo, e leis, q' a natureza
A todos nos dictou, com que ditosos
Em doce paz vivemos, e pureza.
Serão, quaes nós, os povos fortunosos,
Q'ambição não desvaira, ou vam grandeza,
Nem d'hum tyranno o sceptro d'aço temem,
Nem sob o pezo de vexames gemem.

124.

Aqui fechara o velho venerando
O discurso facundo, e suasivo,
Quando o sol, o oceano demandando,
Da noite, que já vem, fugia esquivo.
No rude, e tosco albergue vão entrando
Os gregos com os lusos, onde o vivo
Clarão de varias luzes desterrava.
Toda a sombra, q' a noite ali deitava.

125.

Logo a cèa se aprompta, q'abundava
De fructas, e de carnes escolhidas,
Onde a baixela d'ouro não brilhava,
Com q'as mezas vaidosas são servidas.
Candura com prazer ali reinava,
Sem as furias de Bacho desabridas,
Motoras de solturas infinitas,
Proprias só de banquetes de Lapithas.

126.

Depois que ledas cousas conversarão
Pelo fio da cêa, e fora della,
Sobre os commodos leitos repousarão,
Onde aurea fimbria não orlava a tella.
Todos logo ao silencio se entregarão;
E delles cada hum, que já não vela,
Sem do cançado espirito ser dono,
Se abandona á doçura, e paz do somno.

127.

Então do Olimpo Jove soberano
Hum sonho fausto, e lisongeiro envia
Ao veneravel Chefe lusitano,
Com que su'alma em éxtasis s'erguia,
N'aquelle sitio, em q'imperava humano,
Alçar-se huma cidade alegre via,
Q'. estendida no valle, e pelos montes,
Só tinha por baliza os horizontes.

128.

Vio em altos palacios converter-se
As humildes cabanas, e, mudados
Os campos em jardins, o rio encher-se
D'alterosos baixeis, d'ouro pejados.
Inúmero povo vio ali mover-se,
Naturaes com astranhos misturados,
E luzir, e soar, n'aquellas partes
Novos trajes, e lingua, e novas artes.

129.

Mais vio á parte occidental erguida
Sobre altiva coluna magestosa
A estatua d'hum Heróe, que co' a temida
Dextra empunhava espada luminosa.
Era de mil lavores guarnecida
Thé á base a coluna primorosa:
A estatua, assemelhada ao Deos da guerra,
Como q'ameaçava o mar, e a terra.

130.

Os lavores mostravão toda a historia
Desse Heróe em relevos delicados;
Erão bandeiras de naval victoria,
Arnezes rotos, elmos abolados;
No proprio sangue tintos, e sem gloria,
Estendidos no chão feros soldados;
Lançando fogo montes, e cubellos,
Trincheiras, baluartes, e castellos.

131.

Deste fogo, castellos, e trincheiras,
Huma cidade estava rodeada,
Onde avultavão marciaes fileiras,
Combatendo em peleja porfiada.
No meio da coluna entre palmeiras
Huma formosa urna era engastada
C' hum distico, dizendo em letras d'ouro;
Aqui guardo riquissimo thezouro.

132.

Sim guardo o Coração do Heróe famoso,
Q' essa estatua de jaspe representa:
Heróe, que com a espada valoroso
A lusa liberdade aqui sustenta;
Heróe constante, intrépido, animoso,
Q' o diadema, que deo firma, e cimenta,
A custo do valor, com que o retoma
Da perfida ambição, que prostra, e doma.

133.

Ruas, praças, e muros construidos
Vio por toda a cidade peregrina:
Vio nobres monumentos mui subidos,
Que figurão no bello obra divina.
Acorda, e volve insomne nos sentidos
Taes quadros, com q'absorto não atina;
Mas a grande surpreza lhe minora
Celeste voz, que rompe, e diz sonora.

134.

As bellas maravilhas assombrosas,
Que Morpheo te pintou, dessa cidade,
Hão de brotar em épocas ditosas
De vindoura geral felicidade.
Estas margens silvestres, montuosas,
Alindadas serão com mor beldade,
Quando o commercio, as artes, e sciencia,
Dando-se as mãos, gerarem a opulencia.

135.

Qual Morpheo ta desenha hade elevar-se
Essa cidade hum dia, e soberana
Até á fóz do Douro dilatar-se,
Causando assombro a Amphitrite insana.
Numerosa hade nella procrear-se
Da tua gente a descendencia ufana,
Que verão nessa imensa quantidade
Mais hum mundo pequeno, que cidade.

136.

Este povo unirá sabia cordura
A peito nobre, a animo arrojado:
Nos lances do infortunio, ou da ventura,
Sempre grande será, sempre elevado.
Só d'aurea paz benefica doçura
Terá seus cultos sim; mas, denodado,
Fero açoute será d'iniquos danos,
D'estranho jugo, e perfidos tyrannos.

137.

Essa estatua, que viste, aos ceos alçada
Sobre a coluna colossal formosa,
Virá tempo, em que seja dedicada
Á gloria d'hum Heróe clara, e famosa.
Essa época está profetizada
Pela sabia Cumêa imaginosa,
Como sabes, la quando essa Eminente
Pedro Quarto reger a lusa gente.

138.

Este lapideo bello monumento
Essa leal cidade enobrecida
Á memoria do Heróe, raro portento,
Terá de sinzelar agradecida.
No triste, e funestissimo, momento,
Em q' a Parca o roubar á doce vida,
Lhe deixa o coração como legado
D'amor, q'ali será depozitado.

139.

Da coluna os bellissimos lavores,
Emblemas são dos seus heroicos feitos,
Com que triunfará de vis traidores,
Q' o seu valor, e espada faz sujeitos.
D'huma guerra feroz, e seus horrores,
Intrépido contrasta os crus effeitos,
Quando cega ambição co'a gente bruta
A c'rôa, q'usurpou, aqui disputa.

140.

O tempo enfim, que tudo aperfeiçôa,
Brotar fará donosa utilidade,
Pois a voz da razão, q' ao longe sôa,
Se encaminha á geral felicidade.
Só o luxo, q' os olhos agrilhôa,
Hum dia minará essa cidade,
Pois elle sempre traz, quando domina,
N'hum aparente bem occulta ruina.

141.

Deste inimigo só, sempre nocivo,
Se deve recear, pois certamente
Algum dia será fatal motivo
Da extrema perdição da humana gente.
O seu brilhante, e perfido, atractivo
Com seu fátuo splendor deslumbra a mente;
Que, posto seja pái da industria rara,
Verão, quam grandes povos abismara.

142.

Verás com elle, o varonil Lacónia,
Imbelle sempre, a Asia debellar-te:
Só elle sim, ó gigantesca Ausónia,
Vingando o orbe opresso, hade abismar-te;
Elle só, orgulhosa Babilonia,
Hade a fastosa gloria sepultar-te,
Pois só elle enthroniza os vicios rudes,
Semêa corrupções, destroe virtudes.

143.

Estima, acholhe enfim com peito brando
Os gregos, que, vencendo o mar, e ventos,
Lançar a base vem por divo mando
Da cidade aos primeiros fundamentos.
A sua propria obra idolatrando,
Vereis o Ceo em todos os momentos
Com a benigna mão abençoa-la,
E de gloria, e de bens, sempre abunda-la.

144.

Calou-se a excelsa voz, e no ar sereno
Luzem do dia os raios lisongeiros,
Q' a todos os mortaes com brando aceno
Quebrão do somno os laços feiticeiros.
Via-se a praia já no valle ameno
Desbordando os insignes guerreiros,
Q'esperão, como sempre costumavão,
As ordens do seu chefe, que acatavão.

145.

Está chegado o lúcido momento
D'assomar, ó Cidade magestosa,
Sobre a terra o primevo fundamento
Da existencia, q' o Ceo te deo, ditosa.
Delle hum Grego vai ser nobre instrumento:
Assim do Ceo a dextra poderosa
Decretou, porque mais te relevasses,
Que d'origem tão nobre pullulasses.

146.

Hum grego Heróe, sem arrancar espada,
Do Fado os altos planos executa:
Rompe o momento, a obra he consummada;
Contra o Fado não val força, ou disputa.
Assim não verás, não, ensanguentada
Entre o confuso horror de marcia luta
De teu berço infantil a base eterna,
Q' estriba no poder da mão superna.

147.

Sim não verás acceso o ardor furente
D'hum Eneas, d'hum Turno impetuoso,
Com que de Mántua o Cisne ali-potente
Outrora hum povo adula bellicoso.
Se a doçura da paz, do Ceo prezente,
Não te despulsa o brio valoroso,
S'és forte, quando cumpre, s'és guerreira,
Bem mais, q'o louro, amas a oliveira.

148.

E tu, ó bem-nascida juventude,
Desse heroico terreno aurea esperança,
Vê, que só no caminho da virtude
O mais sólido bem se acquire, e alcança.
No ouro, idolo vão do vulgo rude,
Não ponhas cega toda a confiança;
A virtude, e saber, que não riqueza,
Só dão gloria, valor, honra, e nobreza.

149.

Se, crescendo em virtude, e sapiencia,
T' illustrares em prole abençoada,
Desse teu berço a inclita opulencia
Mais se verá comtigo acrescentada.
Co' a nodoa vil de bruta insipiencia
Não queiras entre Lusos ser manchada;
As letras Roma, e Grecia, tão famosas,
Mais, q'as armas, fizerão gloriosas.

150.

Vê quanto os teus passados s' illustrarão !
Tem sempre os olhos teus nelles cravados ;
Segue-os na senda honrosa, que trilharão
Com planta heroica, e peitos elevados.
Cumpre as obrigações, que te legarão,
Não imitando só esses passados
Nas barbas, e bigodes retorcidos,
Mas sim nos feitos nobres, e subidos.

151.

Afasta longe a sórdida cobiça,
Q' os ánimos abate, e não eleva :
Onde ella reina só morre a justiça,
A virtude, o saber, e tudo he treva.
Fico, que minha voz não s'esperdiça
Em vão, nem meu desejo em vão se ceva;
Não crendo, q' em teu genio altivo caiba,
Que nem a propria gloria estimar saiba.

Canto 10.°

1.

Depois q'abrio risonho ao sol dourado
As róseas portas do oriente o dia,
Tendo-se já do leito levantado
O grego Heróe, e a gente, que o seguia;
He pelo Chefe Luso saúdado,
Q' está de muitos seus em companhia,
E, promettendo-se intima amizade,
Tratão da fundação da grão Cidade.

2.

Então lhe narra o velho veneravel
O sonho, com que Jove o afortunara;
Ambos o crem agouro favoravel
Da projectada empreza insigne, e clara.
Na praia estando já o formidavel
Exercito, q'ali se conglobara,
Em presença dos Lusos rebanhados
O Tydide assim falla aos seus soldados.

3.

Sus, valentes guerreiros, encetemos
Esta empreza, q' o Fado nos destina:
Vêde, quantos trabalhos padecemos
Só para executar obra tão digna!
Nossos braços, e posses, empenhemos:
Certo, da fama altiloqua, e divina,
A voz, q' o Tempo avaro não consume,
Levará d'evo em evo o nosso nome.

4.

Graças aos Ceos se dem! Temos tocado
Dos trabalhos a ultima baliza,
Como creio, pois vejo, que o fadado
Empenho nosso aqui se finaliza.
De voltarmos ao patrio berço amado
Doce lembrança o mal nos ameniza;
La os Ceos nos daráõ feliz bonança,
Se o Fado não frustrar esta esperança.

5.

Fallara o grego Rei; eis se derrama
Hum aplauso geral no etólio bando,
A quem a voz da gloria o peito inflamma,
Q' a esta heroica empreza está chamando.
Entrai nella, voai, q'eterna fama
Já vos está do olvido libertando,
Pois, quando outra gloria te faltára,
Só esta, illustre Grecia, te sobrara.

6.

Já o sabio Piloto, mui versado
Na sciencia geométrica profunda,
Da nascente Cidade tem traçado
A planta tanto nobre, quam jucunda.
Assim do grego Rei, nella empenhado,
C' o seu saber as intenções secunda:
Tudo em ordem dispõem, tudo reparte,
Á simétrica idea unindo a arte.

7.

Na folha, q' o papyro egypcio ostenta,
Assim traçada a planta magestosa,
Ao grego Rei a offerta, e apresenta,
Que nella emprega a vista attenciosa.
A forma, a proporção, muito o contenta,
E logo ordena á gente numerosa,
Se apreste, pois anhela começada
A nova fundação delineada.

8.

Subito la da parte do oriente
No ar hum globo lúcido esclarece
Com tão vivo fulgor resplandecente,
Q' a luz phebêa apaga, e amortece.
Corre, e pára no ponto, q'eminente
Do ar em recta linha á terra desce,
Donde o terreno da infantil Cidade
Banhou de nunca-vista claridade.

9.

Tambem da terra então subitamente
Huma oliva assomou, flores brotarão;
Entre palmas surgio louro virente,
Cujas folhas lustrosas coruscarão.
Nuvens de rósea côr, bella, e fulgente,
Em torno os horizontes afumarão;
Voando, Ave de Jove, as azas pares
Tres vezes bate, e se escondeo nos ares.

10.

Vendo em prodigios taes, tão admiraveis;
A grega e lusa gente o ceo propicio,
Vendo na terra, e ar, tão favoraveis
Signaes, que toma, e tem, por bom auspicio,
Em obsequio dos Numens adoraveis
Querem, s'offreça hum grato sacrificio:
Tosca, musgosa pedra, que quadrára
Do tempo a idosa mão, serve ali d'ara.

11.

Alvo novilho então sobre ella estirão,
Que rocião com agua clara, e pura;
Para o ceo a cabeça lhe revirão,
Que fere o Rei com a bipene dura.
Morre, mugindo; as chamas consumirão
Os ossos com as carnes, e grossura,
E por fim essas cinzas, que restarão,
Com as mãos pelos ares espalharão.

12.

Tão doceis, quão airosos, e valentes
Já tem ao jugo os collos submettidos
Os tardos animaes, que, pacientes,
São no duro trabalho mui soffridos.
Em roda então dos chefes excelentes
Os lusos com os gregos destemidos,
Na mais bella armonia concertados,
Impendendo ali estão aos seus mandados.

13.

Então o grego Heróe, co' a mão nervosa
Tomando o util, dadivoso, arado,
Manda os bois caminhar, que a vagarosa
Marcha fazem no valle dilatado.
Abrindo hum sulco vão, que n'arenosa
Praia, aonde começa, he completado:
Era o circulo oval, que da Cidade
O ámbito descreva, e extensidade.

14.

Ordena, que por elle abertos sejão
Os amplos alicerces, porq' elevem
Sobr' elles as muralhas, que protejão,
E que toda em redor cinta-la devem.
Encomenda com áncia, que provejão
No que mais urge, e manda q' huns já levem
Ao monte, e bosque os férreos instrumentos,
E cavem outros logo os fundamentos.

15.

Accendem-se estrondosas ferrarias,
Aonde os fabros gregos com pujança
Passão junto á bigorna os largos dias,
Batendo o ferro, q'outra forma alcança.
Tarefas apostando, e valentias,
Trabalhão joviaes, e nenhum cança,
Vencendo sempre no trabalho insano
O braço do robusto lusitano.

16.

Como quando se vê na primavera
A turba das abelhas, sussurrando,
Acodir ao trabalho, que as espera,
Sempre incançaveis nelle, e não cessando,
Q'huma ja no lavor da molle cera,
Outras o succo d'Hybla trabalhando,
Por natural instincto, a q'obedecem,
Da sua obrigação jamais s'esquecem.

17.

Ou como o povo rei negro, e miudo,
Das cuidadosas, próvidas formigas,
Q'ora os celleiros abrem no chão rudo,
Ora os grãos acarretão das espigas;
Que, só sendo o trabalho o seu estudo,
Repartem entre si communs fadigas,
Humas hindo, outras vindo, carregadas,
E sempre no trabalho desveladas.

18.

Assim os numerosos operarios
Solicitos trabalhão, e contentes;
E, como as obras tem trabalhos varios,
Repartem-se em trabalhos differentes.
Assistem, onde são mais neccessarios,
Com direcção dos chefes, e prudentes
Varões, que, visitando em toda a parte
As obras, unem a sciencia á arte.

19.

Qual emprega a alavanca, porq' abale
Das montanhas os ossos escondidos;
Qual da cunha se ajuda, porq'estale
Os penedos, q' anhela ver partidos.
Retumba o monte, e lhe responde o valle
C' os golpes das pancadas repetidos,
E o Douro com estranho sobresalto
Sobre as aguas, por ver, faz pausa, e alto.

20.

Com impulso viril huns já maneão
Pezados enchadões, que vão abrindo
Os fossos do alicerce, que fundeão
Quanto a altura do muro está pedindo.
Das Driádes, q' os bosques senhoreão,
Outros vão as moradas destruindo:
Geme a terra, ferida c'o despenho
Do gigante, membrudo, annoso lenho.

21.

Fervia a grande obra, e com incrivel
Presteza vai crescendo sublimada
De dia em dia sempre, e do temivel
Muro a cabeça está já levantada.
Soberba se mostrava, e aprazivel,
Toda em redor d'ameas coroada,
E de torres, a quem os rijos ventos
Não podem abalar os fundamentos.

22.

Já dentro com regrada arquitectura
As commodas moradas elevavão:
Ruas, praças, e fontes d'agua pura;
Onde precisas são ahi formavão.
Jardins de formosissima structura
Não fallecem tambem, que recreavão
A vista, quando á vida corria
A bella encantadora symetria.

23.

La n'hum monte, q' ao lado do oriente
Sobre o rio caudal se debruçava,
N'huma pedreira bella, e excelente,
Hum bando d'operarios trabalhava.
Diomédes, porq' anime ali a gente,
A todos com bons dictos jubilava,
Quando escutão, que sáe da penha fria
Huma sentida voz, q' assim dizia.

24.

Não perturbeis a solidão penosa
D'huma Ninfa, q'Amor cruel, e duro,
Tanto já maltratou, e lagrimosa
Habita neste sitio triste, e escuro.
Por amor tive sorte lastimosa,
Porque ninguem d'amor vive seguro:
Delle vem minha dôr, e acerba pena,
A q'hum duro desprezo me condena.

25.

Alem n'aquella serra a natureza
Hum mancebo formou tão acabado,
Q' o molde parecia da belleza,
Ou que pela belleza foi moldado.
De tão rara, e formosa gentileza
Ficou meu brando peito traspassado,
Quando, para meu mal, o vi hum dia,
Em que n'agua do rio se mettia.

26.

Sem inda amada ser, já sendo amante,
Essas aguas até me dão ciume,
Sentindo no meu peito palpitante
Lavrar o activo ardor d'estranho lume.
E como a intensa chama devorante
O coração ferido me consume,
Entrando n'agua, ao bello Adonis charo
Minha ardente paixão, e amor declaro.

27.

De repúdios crueis contra a esquivança
Com as armas d'amor luto, e pelejo
Longo tempo, animada da esperança,
Q' adulava risonha o meu desejo.
Dizem, que quem porfia sempre alcança;
Porfiei, mas em vão, até que vejo,
Q'huma Dóride bella o possuia,
Por quem d'amor o lindo moço ardia.

28.

Assim mesmo, d'amor cega, e perdida,
Ah! quanto o moço mais me desprezava,
Tanto minha paixão, d'amor nascida,
Mais no meu coração reprofundava.
Deploro os fados meus, aborrecida
Da penosa existencia, q'arrastava;
Amando a vez primeira, ó sorte fera!
Só então he, que soube o q' amor era.

29.

Sem q'os suspiros meus repouso dessem
A meu peito, q'amor incendiara,
Nestas margens bradei, porque soubessem
Q'amei a quem cruel me desprezara.
Aos Deoses peço então me convertessem
As lagrimas baldadas, que chorara,
Em doces, e perenes, fontainhas,
Porque deixasse aqui memorias minhas.

50.

Os Numens soberanos anuirão
Aos rogos meus, e as lagrimas choradas
Em liquidos meandros repartirão
No seio destas penhas soterradas.
Mas, já que vossos ferros as ferirão,
Sejão de vós ao menos acatadas,
Honrando com obsequio respeitoso
D'huma Naiáde o pranto copioso.

51.

Aqui fez pausa a Ninfa, e comovido
O grego Rei da historia miseranda,
Que seja o doce pranto recolhido
N'huma urna de pedra, logo manda.
Sáe della, por tres bocas repartido,
Então o pranto amente, e d'huma banda
E d' outra he d'altos ulmos rodeada
A fonte sonorosa, e socegada.

52.

Assim, por ser d'Apollo previdente
A nova fundação vaticinada,
Do muro pelo Heróe ao Sol luzente
A porta oriental foi dedicada.
Outra porta, q'olhava no occidente,
Na praia, onde ancorou a grega armada,
Em memoria d'acção, q'executárão,
Com o nome de Nobre decorárão.

33.

Recordando tambem os sup'riores
Prodigios, q'esta obra assignalarão,
D' Oliveiras, Loureiro, e já de Flores,
Os nomes immortaes ali ficarão.
Dos prodigios os sitios por melhores
Assim com nomes taes condecorarão,
Perpetuando assim huma lembrança,
Em q' o tempo jamais fará mudança.

34.

Mas já chegava o tempo venturoso,
Em que no ceo o symbolo d'Astrêa
A noite iguala ao dia luminoso,
E passa ao fero insecto a luz phebea;
O tempo, em q' ao colono cuidadoso
A fadiga dos campos lisonjêa,
Porque do seu suor bem pago fica
Co' a abundosa colheita, alegre, e rica.

35.

Estava prompta, e toda edificada,
A formosa Cidade, e se dispunha
A dar ao vento a vela a grega armada,
Q' a arte refarçava, mais compunha,
Então do Padre Oceáno na morada
Entra o Douro da obra testemunha,
Aonde tudo conta, supplicando,
Não tarde em vê-la, e mais o equóreo bando

56.

No carro azul co' a bella esposa ao lado
Já vem o velho Oceáno turbulento;
Traz hum Tritão adiante reforçado,
Q' a torto búzio dá soante alento.
Das Nereidas, e Phocas, escoltado,
Vôa por sobre o liquido elemento;
Nem fallece Proteo, que n'agua pura
Afanoso mudava de figura.

57.

Na frente o Douro vem com ledo rosto,
D'espadanas c'roado, e d'alga escura,
Dando na vitrea urna ao braço encosto,
Onde a agua com ouro se mistura.
Claro esquadrão, de rios só composto,
Que lhe pagão tributo em prata pura,
Na frente marcha, a todos excedendo
O Támega caudal, que os vem regendo.

58.

Ante o muro da inclita Cidade
Todos párão, aonde com espanto
Lhe notão a belleza, e magestade,
Q' a vista lhes enlêa em doce encanto.
Causa tal scena estranha novidade
No Chefe Luso, e grego Heróe; em tanto
Entre os Numens maritimos s'erguia
O presago Proteo, q' assim dizia.

39.

Sobe aos astros, Cidade magestosa,
Que mão heroica, e nobre edificara:
Eterna permanece, e venturosa,
E mais, q' a luz do Sol, brilhante, e clara.
Por armas, e por letras, mui famosa
Serás no globo, sem temer a avara
Mão da fera Adastria inexoravel,
Do mundo nas mudanças incançavel.

40.

Bem que te gravem tristes desventuras,
Pois bem, sem mal, não gozarão humanos,
Quando trilharem estas margens puras
Suevos, Godos, feros Mauritanos,
Hão-de colmar-te sempre almas venturas,
Destinadas por fados soberanos;
Da tua duração o longo prazo
Só verá no do mundo o seu occaso.

41.

Do Pái do fundador esclarecido
Da lusa armi-potente Monarquia
Tu assento serás, quando, temido,
Varrer d'aqui a maura raça impia.
Nos seus dons, e grandezas, desmedido,
Por elle crescerás de dia, em dia,
E darás n'hum Dom Egas com verdade
O typo da mais rara lealdade.

42.

La vejo hum Luso Rei, de novo alçado,
A quem já cerca armada castelhana,
No môr aperto, e no mais duro estado,
Dentro dessa Ullissêa soberana;
Mas logo deste Porto he reforçodo
Com gente, e mantimentos, q' a tyranna
Armada imiga aterra, e desta sorte
O reino salvará do extremo corte.

43.

Coalhado o Tejo está das náos iberas,
Que terão Ullissêa em duro assedio;
Girão, cruzando, rápidas galeras,
Fazendo baldo assim todo o remedio.
Então por entre as náos, posto que feras,
Só tenho á gloria amor, á vida tedio,
Ousado rompe só o grão Ramalho,
Fazendo-se immortal neste trabalho.

44.

Depois deste alto feito memorando
Hade raiar-te a hora bemfadada,
Em que brote de ti o venerando
Infante, Regia Stirpe sublimada.
Celeste Urânia, e Tritonia irão banhando
De torrentes de luz su' alma ousada,
Onde fecundão altas maravilhas,
Mais do seu genio que do acaso, filhas.

45.

Este o Sabio será, q'audaz desterra
Sonhos de cega, e vam, filosophia,
Mostrando dos antipodas a terra,
Que longa opinião té-li descria.
Este o Sabio sera, que doma a Serra
Leôa, e servirá de norte, e guia,
Que descubra Guiné, Arguim, as Garças,
E as Açores em virgem mar esparsas.

46.

Sim o Sabio será, que n'alta mente
Novas plagas verá desconhecidas,
Que forão para a douta prisca gente
N'hum veo caliginoso submergidas.
O Bojador então se faz patente
Ás suas largas vistas estendidas,
E mandará de Sagres saúda-lo
Por Gil-Annes, q'afouto hirá toca-lo.

47.

Já com assombro d'espantados mares
Os novos Argonautas esforçados,
Estranhas terras vendo, e ignotos ares,
Até ao Bojador la são levados.
No vindouro depois os singulares
Lusitanos heróes, mais animados,
Hirão buscar a chave refulgente,
Q' as portas lh'abra do fechado Oriente.

48.

Elles serão o denodado Gama,
Audaz descobridor da Terra Eôã,
Pacheco, digno dessa eterna fama,
Que Furtado, e Menezes apregôa,
Noronha, e Cunha, a quem a gloria enrama,
E Galvão, que, lucrando honrosa c'rôa,
D'heroica lealdade em alto abono
Despreza hum sceptro, hum diadema, hum trono.

49.

Mascarenhas, Almeida, Constantino,
Ataide, Sampaio, Souza, Castro,
Qualquer delles credor, e sempre digno
De louvor, e d'estatuas d'alabastro.
Cheios d'esforço raro, e peregrino,
No ceo de Marte qualquer delles astro,
Sequeira, Nova, férvido Soares,
E Albuquerque terror da terra, e mares.

50.

O peito pondo a Cabos tormentosos,
Por Costas nunca dantes commettidas
Hirão depois os lusos valorosos
Vencendo o mar, e zonas desabridas.
O Singapura, o Comorim' medrosos
No ar verão as Quinas estendidas,
E o fero Adamastor, ao nauta infesto,
Os lusos vendo, mais carrega o gesto.

51.

A Traprobana então, e toda a Costa,
Em pesca rica, extensa, e dilatada,
Que vai correndo ao Malabar opposta,
E la Coromandel será chamada,
Macáo, alem na extrema China posta,
E a d'Ainão terrificia enceada,
Sunda, Meliapor, Sião, e Java,
Aos lusos curvão a cerviz escrava.

52.

Curvaráõ Cananór, Ormuz, Ternate,
Coulão, Onor, Gidá, Cambaia fera,
Çofala, Cranganor, Ceilão, Mascate,
Malaca, e Baçaim, que o jugo espera.
Damão, Cochim, Borneo, Dabul, Surrate,
Arabia, que circumda ardente esfera,
Barem, Pegú, Tidor, Chaúl, que trôa,
E tu, cabeça deste imperio, ó Gôa.

53.

Curvaráõ a cerviz ao jugo forte,
Que lh' imporá o braço lusitano,
Melinde, e Calecút, e a mesma sorte
T' espera Achem soberbo, e deshumano.
Serás, ó Lisia, do heroismo o norte:
Do Fado imobil recatado arcano
Teu vindouro feliz não m'encortina;
Tanta grandeza, e gloria te destina.

55.

A face das nações então se muda;
Prospéra a humana industria, q'abatida,
Debil, mesquinha, sem alento, e ruda,
Não era do commercio protegida.
A este o braço portuguez escuda,
Nova fama ganhando esclarecida;
Que, sendo em feitos d'armas estremado,
Nunca terá de ser assas louvado.

56.

Mas, se tanta grandeza, e tanta gloria,
Teu nome sôaráõ ovante, e ufano,
Inda alem dos confins, onde a victoria
Parou do Macedonio, e do Romano,
Verás quam frágil he, quam transitoria,
A grandeza mortal, pois do inhumano
Tempo ind'hade mostrar-te a mão ferina
A passada grandeza em tua ruina.

57.

Lei he de transmissões, mas sem direitos,
Que perpetuo dominio estabeleção;
Por ella só se regem os effeitos,
Q'o ceo não quer, q'humanos desconheção.
Ou elles sejão bem, ou mal, acceitos,
Ou se mereção já, ou desmereção,
Sempr'esta immota lei, áspera ao ouvido,
O mundo regerá, qual tem regido.

58.

E senão vereis como hirá passando
Dos Assirios o sceptro ao Médo forte;
O destes para o Persa, e, assim marchando,
Todos ao Macedonio entrega a sorte.
O destes ao Romano hirá voando;
O deste enfim á barbara cohorte
Dos Vándalos, dos Hunos, e dos Godos,
E do Árabe, senhor dos sceptros todos.

59.

Tres seculos brilhantes, q'enevôão
Negros annos d'hispério captiveiro,
Já sobre ti com fausto adejo vôão
Desde o famoso Gama aventureiro.
Passados, logo horrisonas resôão
As feras armas do francez guerreiro:
Ao torvo som o Pái dos lusitanos,
Fugindo, escapa aos marciaes tyrannos.

60.

A quem não doerá esse momento,
Em q'a náo, que recebe o Soberano,
A quilha dando ao mar, á vela ao vento,
Abrirá larga esteira no Oceano!
Mil gemidos o triste apartamento
Soltar fará ao peito lusitano,
Por se ver sem hum Pái, que os deixar hade
Em dor, em pranto, em misera orphandade.

61.

Lisia o verá partir da fóz do Tejo!
E aos mares procelosos entregar-se,
Levando n'alma o férvido desejo
De tornar com seus filhos a abraçar-se.
Piza novo hemisferio, e neste encejo
Nos braços d'outro povo hirá lançar-se
Thé que desta Cidade pelo brado
Ao seio portuguez seja chamado.

62.

Hum triste, e negro luto a nação cobre
Nesta dura, fatal, calamidade:
Vê murcha a antiga gloria, vê-se pobre;
Vê quasi extincta a patria liberdade.
Mas tu com teu arrojo heroico, e nobre;
O brado soltarás, leal Cidade,
Com q'intimidas o cobarde imigo,
Q'imbelle vai fugindo ao seu castigo.

63.

Ó scena horrenda! Ó caso infausto, e triste!
Nem eu posso de dor vaticina-lo!
Da Galia a tuba sôa, e lhe resiste
Esta Cidade com guerreiro abalo.
Mas como o imigo em debella-la insiste;
Sem força haver, que possa recua-lo,
Nella entrará feroz, tudo roubando
Destruindo, assolando, e degolando.

64.

Porem como n'Arabia a peregrina
Maravilhosa phénis abrazada
Das proprias cinzas, renascendo, assina
Ás pennas huma cor mais alindada,
Tal do proprio sarcóphago, e ruina
S'erguerá mais formosa, e relevada,
De modo que pareça hum breve sonho
O destroço fatal, duro, e medonho.

65.

Dos destinos na urna o eterno Fado,
Summo dominador da humana gente,
Tem hum dia brilhante aparelhado
Só para te cobrir de gloria ingente.
Já vinte e quatro vezes terá dado
O seu giro diurno o sol ardente
No mez, em q'Erigóne os ceos arrêa
Das fúlgidas espigas, que semêa.

66.

A lusa liberdade então soltando,
Por déspotas estranhos o primida,
Darás no brado teu, alto soando,
Á moribunda patria alegre vida,
No mundo vosso nome venerando
Será por esta acção esclarecida,
Sepulveda, Fernandes, e Cabreira,
Carvalho, Moura, e sabedor Ferreira.

67.

Outro tempo a final te está guardado,
Tempo de gloria excelsa, e radiante,
Em que da tua lealdade o brado
Mui longe soará com som ovante.
Já vinte e nove vezes tem girado
Do zenith ao nadir o sol brilhante
No mez do lindo Abril, que, deleitoso,
Hum manto cobre de matiz relvoso.

68.

Neste dia hum Monarca Lusitano,
Q' as redeas moverá d'hum novo imperio
Hoje envolvido por occulto arcano
Nas sombras d'outro incognito hemisferio,
Com nobre heroicidade, e peito humano,
Da funesta ambição em vituperio
A lei decretará, que firmar hade
Em justa base a lusa liberdade.

69.

Mas o torvo molesto fanatismo,
Que só sangue respira, e só carnagem,
Q' ao ferreo malfazejo despotismo
Só dá culto, e tributa vassalagem,
Vendo, que vai findar do barbarismo
A, que recebe, estupida homenagem,
Ao som da liberdade, que o aterra,
Contra o Rei, contra a lei moverá guerra.

70.

Como quando da scithica montanha
Os Hunos ferocissimos descerem,
Ou quando pela bella, e rica, Hespanha
Vándalos, e Alarábes se estenderem,
Assim com negra infamia, e com tamanha
Furia viráõ os lusos, que tiverem
A desgraça fatal de rebelar-se
Contra o seu Rei, e contra a patria armar-se.

71.

Varias cidades tem de ser entradas,
E entregues ao furor da fera gente,
As casas com violencia ao saco dadas,
Algumas devorando o fogo ardente.
Tem de ser as familias insultadas;
A anarquia alçará horrendamente
O facho da discordia, porque vejão,
Q' os lusos entre si crueis pelejão.

72.

Mas já luzem seis raios fulminantes,
Igualando os do summo Jove, quando
Abrazou desses hórridos gigantes
O soberbo, rebelde, e fero bando,
Eu já os vejo sim correr brilhantes,
Pois o Fado m'está de la mostrando
Stubes, Saldanha, victimas da inveja,
Claudino, Taipa, Villaflor, e Angeja.

73.

Ás tuas portas com medonho aspeito
O monstro affluirá da rebeldia ;
Mas, armado, opporá leal preceito
Inconcussa barreira á turba impia.
Stubes então, heróe de forte peito,
Das bellicas cohortes será guia :
Elle o justo castigo lhe reserva,
S'imbelle não fugira a vil caterva.

74.

Como quando se vê, q' ao veo tristonho
Da tempestade horrisona succede
Hum anilado ceo, lindo, e risonho,
Q' á terra scenas de prazer concede,
Tu verás succeder ao tão medonho
Quadro da guerra, q'ao valor já cede,
O bello quadro da feliz bonança,
Que formoséa mais leda esperança.

75.

Porem de novo a hydra monstruosa,
Por alento fanático impellida,
Tentará derrubar a magestosa
Carta, por Mão Real constituida.
Logo assoma a facção, sempre ardilosa,
Que de sophismas vãos toda imbuida,
Hade alçar-se, confor-me a seus preceitos,
Em arbitra dos Reis, e seus direitos.

76.

Mas vós sustentareis, lusas phalanges,
Desta Cidade a honra, e lealdade:
Maior, q'a de levar alem do Ganges
A guerra e morte, he esta heroicidade.
Sim vós arrancareis vossos alfanges
Só contra os desleaes, que com maldade
Tentaráõ macular em noda feia
O brazão portuguez, q'a honra esteia.

77.

Sim vós sustentareis co'as armas fortes
De Pedro, e de Maria o trono augusto,
Posto queirão oppôr servis cohortes
Estorvo ao vosso impulso heroico, e justo.
Já, vendo sobre si chover as mortes,
Nellas espalhareis terror, e susto;
E, superando acasos da fortuna,
Sereis do Rei, e lei firme coluna.

78.

Apezar do valor heroico, e raro,
Que para sustentar de Pedro o trono
Haveis d'acrisolar, o Fado avaro
Então vos negará seu alto abono.
Elle guardar-vos quer para mais claro
Feito, que vencerá o eterno somno,
Cançando as pennas da brilhante historia;
Da fama as tubas, os clarins da gloria.

79.

Ide, porção leal, almas briosas,
Intrépidas cortai o mar insano:
La vos chama com fallas carinhosas
A grão Terceira, filha do Oceáno.
Sustentai vossas obras valorosas,
Timbre do forte peito lusitano:
Altas cousas o Fado vos destina;
Vós sereis da facção inteira ruina.

80.

Ella com seus baixeis, todos pejados
D'infamia, e destructores instrumentos,
De garrotes, e innúmeros soldados,
Contra vós soltará velas aos ventos.
Mas por Jove sereis sempre escudados;
La vereis malograr-lhe os crus intentos:
Vós sereis lusos sim, ou leões bravos,
Elles rebeldes, timidos escravos.

81.

No mez, em q'Erigóne os ceos passêa,
Tendo onze vezes Phebo scintilado,
Do vosso abrigo romperá na arêa
O louco, e fero, ataque inopinado.
Na praia o fogo marcial se atêa.
Em terra salta o bando apressurado;
Mas, ó gente infeliz, do teu vil erro
A penna encontrarás no fogo, e ferro;

82.

Trovões roncão do mar, trovões da terra ;
Apresenta-se audaz o fero imigo ;
Porem , só com te ver, logo se aterra ,
Illustre Villaflor de tronco antigo.
Trarás, voando á sanguinea guerra ,
A prompta espada, envolta no castigo :
Foge, deixando os areaes juncados
Das armas, e cadaveres prostrados.

83.

Em tanto pela iniqua atrocidade
Da fera usurpação desenfreada
Oprimida serás , nobre Cidade ,
E de sangue leal então banhada.
Mas la do Austro aponta a claridade
Da benefica estrella suspirada,
Que te virá quebrar os duros ferros,
Abrir masmorras, revogar desterros.

84.

Pedro Quarto, Alcides lusitano,
A ti , porção leal , rápido vôa ;
Como pái , como chefe, e Soberano,
Tua heroica virtude galardôa.
Da torva usurpação, monstro inhumano
No assustado ouvido a nova sôa :
Logo recorre á força , como obra
Da força , que a fundou por vil manobra.

85.

Direitos, que sustenta a força injusta
Só de barbaros são, ou de tyrannos,
Quando a dominação, q'o povo assusta,
Co' as armas se mantem, e c'os seus damnos.
Iniqua sempre foi, nunca foi justa,
A força bruta, q'opprimir humanos;
Pois quando a força ao bem geral não guia,
Instrumento só he de tyrannia.

86.

Com sette mil heróes em forte armada
Pedro, veloz cortando o mar undoso,
Em ti aportará, Cidade honrada,
Ao som de fausto agouro, e jubiloso.
Logo, toda ao Monarca vinculada,
O semblante cambiarás em bellicoso
Contra os tyrannos barbaros, e loucos,
Q' em pouco vos terão, por serdes poucos.

87.

Mas ó que germes d'assombros feitos
Em ti brotar não vão, Cidade ovante!
Q'intrépidos heróes de fortes peitos
Mais, que rocha marpésia, ou diamante!
Quantos males, e hórridos effeitos,
Sempre semêa Erynis devorante,
Terás de suportar firme em teu posto,
Sem susto n'alma, e palidèz no rosto.

88.

Tudo q'a fama apregoar hum dia
D'abrazada Sagunto, e Siracusa,
De Cesar, quando nessa Alexandria
De todo o seu valor, e engenho usa,
De Roma, quando soffre com porfia
Do Breno Gallo a multidão profussa,
Deslembrado faráõ tuas façanhas
Com pasmo, e inveja das nações estranhas.

89.

Já da facção o armado ajuntamento
Te cercará feroz, e innumeravel,
Thé conseguir privar-te do sustento,
Á vida humana sempre indispensavel.
Se excede todo o humano soffrimento
Hum golpe tal, q' he quasi insuperavel,
Em ti criar fará mor fortaleza,
Com que venças a sorte, e a natureza.

90.

Abre a guerra o theatro sanguinoso,
Pois assim o decreta o Fado eterno:
Já rompe o seu horror estrepitoso,
Q' ao vivo representa o horror do Averno.
Oh que terrivel quadro lastimoso!
Só de vaticina-lo me consterno:
Entr' elle te alçarás, ó Pedro Grande,
Rival de Cesar, émulo d'Alexand'e.

91.

Já cem éneos trovões, rompendo os ares
Com pelouros, rebombos, e estampidos,
Sobre a terra, que treme, e sobre os mares,
Levão corpos, e membros, divididos.
Nos fossos das trincheiras a milhares
Os mortos se baralhão c'os feridos:
Renascidos verás, famoso Rio,
Heróes, e heroinas da abrazada Dio.

92.

Ali rebenta a bomba, q' em pedaços
Faz os tectos, e corpos malfadados;
Aqui nos largos campos, já devassos,
O ferro prostra innumeros soldados.
Sem recuares para traz os passos,
Assaltos soffrerás desesperados;
Mas sempre nessa guerra injusta, e crua,
A lidada victoria hade ser tua.

93.

Então, rompentes batalhões guiando
Heroico Pedro ao campo da batalha,
De triunfo em triunfo hirá marchando,
Com q' o terror no inimigo espalha.
Succumbe na Asseiceira o torpe bando;
Foge ao ferro, que o segue, e que o retalha;
Revive a monarquia, e sem demora
Da Segunda Maria o sceptro adora.

94.

De todo enfim restaura o trono luso
Este Heróe, q' a victoria galardôa
Nos campos da batalha, q' o profuso
Sangue dos vis rebeldes enodôa.
Da mais nobre vingança então faz uso,
Pois, apenas vencer, logo perdôa:
Acção he d'alma chêa d'excelencia,
Quando clama o castigo, usar clemencia.

95.

Mas ó scena de dor! Ó sorte dura!
Este Heróe, digno d'immortal memoria,
Será cortado em flor; a Morte escura
Não quer, que sobreviva á sua gloria.
Baixando á silençosa sepultura
Na vóz da fama, e páginas da historia,
Ficará sempre vivo, sem segundo,
Para servir d'exemplo aos Reis do mundo.

96.

Não morre a fama não, nem morre o nome,
Do Varão excelente, que se eleva
A si mesmo nas azas do renome,
Do olvido dessipando a densa treva.
Seu eterno fulgor lhe não consome
O Tempo, que d'estragos só se ceva;
Do centro do sepulcro alto-bradando,
Da mesma lei da Parca está zombando.

97.

Taes os filhos de Marte furibundo,
Peitos soberbos, ánimos altivos,
Que, morrendo mortaes, na voz do mundo
Para nunca morrer ficaráõ vivos.
Taes os amantes do saber profundo,
Cujos trabalhos uteis, e excessivos,
Seus nomes immortaes lhes collocarão
Aonde o olvido, e Tempo, não chegarão.

98.

Esquecido jamais, antes lembrado
Pedro será de ti, leal Cidade;
Terás seu Coração, rico legado,
Que só confia á tua lealdade.
Sempre dirás com incessante brado,
Pedro foi Campeão da liberdade;
Outro Alexandre foi Corôas dando;
Outro Cesar, vencendo, e perdoando.

99.

Entre os Génios, q' a ingremè ladeira
Do Pindo illustrarão, grande Cidade,
Hum prodigio verás n'huma Ferreira,
Brazão do bello sexo em toda a idade.
Hum menezes terás, que com guerreira
Tuba, cheia de grão suavidade,
Á gloria d'Albuquerque em alto accento
Hade elevar eterno monumento.

100.

Hum Gomes, de Melpómene chorosa
Mimoso filho, a quem ao Lethes manda,
Roubado á vida em flor, Parca invejosa,
Hade legar-te Castro miseranda.
Terás tambem a lyra armoniosa,
A lyra d'hum Elpino grave, e branda,
Q', ao util vinculando o agradavel,
Só tem de resoar moral saudavel.

101.

Serás berço tambem da debil Musa,
Que, só do patrio amor estimulada,
Hade cantar-te hum dia, tendo escusa
Na sua pouca idade incultivada.
Que, se tão arduo empenho não recusa,
Se atraz não volve a empreza começada,
He só porque desperte o dever santo.
D'outra Musa, que dê mais alto canto.

102.

Se o Fado guarda já para Ullissêa
D'hum Castro, e d'hum Macedo, a heroica tuba
Q'embeberá de sons a voz phebêa
Para que mais brilhante aos astros suba,
Era injusto, q' a mão pezada, e fêa
Do olvido, que da fama a voz derruba,
Opprimisse com fero, e torpe, modo
Cidade, que deo nome a hum reino todo.

103.

Outros grandes varões, a quem Minerva
Terá de prodigar util sciencia,
Na sua mente o Fado te conserva,
Onde já concebeo sua existencia.
O mesmo Fado sim já te reserva
Eterna gloria, e eterna persistencia:
Hade o Ceo, que te preza, sempre amar-te;
Hão-de o Tempo, e Fortuna, respeitar-te.

104.

Aqui a vóz fatidicas cessara
Do multiforme Deos, q'os lusitanos,
E Gregos, de prazer maravilhara,
Do Fado ouvindo os divinaes arcanos.
Em tanto huma assembléa se prepara
La no Olimpo entre os Numens soberanos,
A quem o celso Jove sublimado
Fez convocar pelo Cylénio alado.

105.

Mal-vê Marte a Cidade, arrebatado
Sobe do quarto ceo á ethérea côrte,
E, queixando-se ali da lei do Fado,
Sem a Jove acatar, no seu transporte,
Com o conto da lança então irado
Dá tão grande pancada horrivel, forte,
Do Olimpo no celeste pavimento,
Q'em seus cárdines nuta o firmamento.

106.

Muito pezou a Jove poderoso
Esta insolencia do furente Marte,
E, certo, a castigára, se raivoso
Do Olimpo o Numen logo se não parte.
Encaminha-se ao Fado tenebroso,
Q'os destinos arbitra, e la reparte
Na estância, que lhe deo a Eternidade
Do espaço universal na immensidade.

107.

Assim na parte do universo, aonde
A maior extensão da idéa humana
Jamais atingirá, o Arcano esconde
Do Fado eterno a estância soberana.
Dicta ali suas leis, e não responde
Alguma ao vão desejo, que se engana;
Pois, sempre em seus decretos arbitrario;
Frustra o pensar humano incerto, e vario.

108.

E senão vêde, como d'ali sáe
Pobre pastor, c'o sceptro levantado;
E vêde ao mesmo tempo, como cáe
Das mãos o sceptro áquelle potentado.
Quem tal pensára sim! E assim s'exváe
Ante os caprichos do insondavel Fado
O humano pensamento, sempre incerto
De quanto o Fado ali guarda encoberto:

109.

A recatada estancia se sepulta
Em tenebrosas nuvens, que a rodeão;
Da vista dos mortaes tanto se occulta,
Q'até nem elles vagamente a idêão.
Ali se nega o Fado, e difficulta
Aos mesmos altos Numens, que o recêão;
Porque, para mostrar-se formidavel,
Todo se envolve em veo impenetravel.

110.

Qual seja a sua forma, e natureza,
O humano pensamento não atina;
Só vê nos seus effeitos com clareza,
Que tudo o seu poder rege, e domina;
Nem já porque razão com aspereza,
Ou com brandura, o mal, e bem destina;
Porque tudo ali tem em sombras merso
Na urna dos destinos do universo.

111.

Na urna estão por ordem successiva
As sortes, q' escreveo a Presciencia,
E, do Fado aos acenos attentiva,
Vai extrahindo a mão da Providencia.
Humas tira de côr brilhante, e viva,
Q'executa de Jove a omnipotencia:
Outras de negra côr pezada tira,
Que só delle executa a accesa ira.

112.

A voragem do Nada escura, e triste,
Debaixo de seus pés está-se abrindo
Sem cessar, onde o tempo, e quanto existe,
Imperios, e nações se vão sumindo.
De tudo o q'ali cáe nada persiste:
Tudo ali finda ao passo que sahindo
Vão da urna, envolvidos em mysterios,
Novos tempos, nações, novos imperios.

113.

A essa estancia do inscrutavel Fado
Chega o feroz Mavorte; fende o muro
Das nuvens tenebrosas, e apressado
Rompe arrojado até ao centro escuro.
Já ante o Fado está indignado,
A quem fallou n'hum tom severo, e duro,
Nos olhos fuzilando a irosa chama
Que bem mostra o rancor, em que s'inflama.

114.

A ti mesmo de ti queixar-me venho,
Queixar-me sim de ti, lhe diz Gradivo:
Como assim favoreces, com q'empenho,
O filho de Tydeo, q'existe vivo!
Existe vivo sim, quando inda tenho
Incutido em meu peito o atroz motivo
Da offensa, que me fez, e que vingára,
Se tua injusta lei mo não vedára.

115.

Não só lhe tens a vida protegido,
Mas até lh'alcançaste hum nome eterno:
Elle exalçado está, eu abatido,
Sendo elle mortal, eu Deos superno.
Não sei, ó Nume iniquo, e desabrido,
Que leis as tuas são, ou que governo
He esse, com que mandas, com que reges,
Que nunca o bom, mas sempre o máo, proteges.

116.

A Cidade, q'erguéo.... mais proseguira,
O Deos feroz, se o não interrompesse
O Fado em grave tom, e, cheio d'ira,
Desta maneira então não respondesse.
Louco Numen, d'aqui já te retira;
Teu maléfico intento acabe, e cesse;
Se me queres sondar, sou insondavel;
Se me queres mover, sou immutavel.

117.

O Tydide escolhei; salvei-lhe a vida
Só para fundador dessa Cidade:
Assim o decretei, pois concebida
Foi por mim desde toda a eternidade.
Ella será ditosa, e esclarecida;
Assim o quiz, e quer minha vontade:
Respeita os meus decretos; em ti cáe;
Sáe d'aqui já. Calou-se, e Marte sáe.

118.

Dôr grande a Marte fere, e Venus pura
Vendo, q'o Grego tem edificada
A Cidade, q'o Fado lhe assegura,
Tão ditosa será, quam sublimada.
Assim mesmo propunha la da altura
Marte baixar com a tenção damnada
De lançar c'o poder da divindade
Por terra os novos muros da Cidade.

119.

Mas eis do Olimpo as portas refulgentes
De par em par se abrirão magestosas;
Na ordem, que lhes cabe, os imminentes
Numens tomão as sédes luminosas.
Da vóz do summo Jove ali pendentes
Todos estão, o qual com poderosas
Palavras falla válido, e tremendo,
Aos Divos immortaes assim dizendo.

120.

A Cidade, q'o Fado m'encobria
Tendo-a la n'alta idéa projectada,
E meu saber divino só previa,
Está na lusa terra edificada.
O Tydide a fundou, q'o Fado guia
Áquella região afortunada:
Vós o sabeis, e agora declarar-vos
Quero minha vontade, e congrassar-vos.

121.

Juno, q'o grego heróe protege ufana,
Inimiga de Venus, e de Marte,
He minha esposa, e vossa soberana,
E no thoro os seus mimos me reparte.
Cesse entre todos pois a tão-insana,
Quam torva malquerença; e de tal arte
Reine aqui a armonia, que não possa
Enlutar-nos do enojo a nevoa grossa.

122.

Que dirão os humanos, se souberem,
Que nutrimos paixões, só proprias delles?
Ah! certo deixarão de nos temerem,
Vendo, que parelhamos nós com elles.
Porfiar c'os mortaes, que mal nos querem,
Que gloria temos, sendo nós imbelles?
Quando la nos offendão inimigos,
A carga estão do Averno os seus castigos.

123.

Finde o louco rancor sem mais detença;
São todos Numens, como taes se amem;
Em paz se troque a imiga desavença,
E sobre o grego heróe o bem derramem.
Sabeis, que tenho authoridade immensa?
Minha ira por tanto mais não chamem
As vossas parciaes inimizades,
Indignas das supremas divindades.

124.

Ordenó pois, que, todos congrassados,
Baixemos sobre o mundo, e que prendada
Seja por nós com dotes sublimados
Essa nova Cidade edificada.
Desd'hoje até aos evos appartados
A minha protecção lhe será dada,
Com q'hade ser igual em fama, e gloria,
Ás mais famosas, que pregôe a historia.

125.

Calou-se Jove, hum tanto desfranzindo
A preta carregada sobrancelha;
Armonizão-se os Deoses, annuindo
Á voz de Jove, que nenhum semelha.
Das resplendidas sédes já sahindo,
Dos Immortaes o bando se apparelha
A baixar sobre a terra venturosa,
Onde a Cidade jaz nova, e formosa.

126.

Na planice do ceo sereno, e puro,
Sôão os áureos carros luminosos;
Ant'elles fica o bello dia escuro,
E sem fulgor os astros radiosos.
Derrama-se nos ares o murmuro,
Com que d'hum salto descem pressurosos;
Longo tiro de luz, que os precedia,
A senda lhes prefaz na láctea via.

127.

Á parte occidental hum soberano
Monte, d'aspecto grato, e lisonjeiro,
No seu cume estirava hum largo plano;
Á Cidade assomando sobranceiro.
De relva alcatifado todo o anno,
Era á vista formoso, e prazenteiro;
Monte bello, e de bella, airosa, fronte,
Inda hoje chamado Bello-monte.

128.

Sobre elle então os Immortaes parárão;
E de la com a vista curiosa
A recente Cidade contemplárão,
Q'elles querem fazer em bens astrosa.
Todos então ali se concertárão
D'abrir sobr'ella a dextra dadivosa,
Prendando-a co'as virtudes, e costumes,
Que dar podia cada hum dos Numes.

129.

Então por cumula-la d'excelencia
Lhe dôão com munifica largueza
Jove o poder, Apollo a sapiencia;
Venus o amor, e Marte a fortaleza,
Minerva as artes uteis; e prudencia,
Mercurio o commercio a subtileza,
Juno a nobre altivez, e após de Juno
Do mar as chaves lh'entregou Neptuno.

130.

Assim que dotes taes lhe repartirão
Com a mão liberal, ao ceo luzente
Cheios de gosto os Déoses se retirão,
Estrada abrindo pelo ar patente.
E porque desde logo reluzirão
As virtudes na pura, e clara, gente;
O lugar, onde os Numens lhas dôárão,
C'o nome de virtudes decorárão.

131.

Já chega o dia, em q'o etólio bando
Partir-se tinha enfim determinado:
C'os seus na praia o Velho venerando
Por despedir-se está do Heróe ao lado.
Hum e outro das mãos então travando,
E com affecto tendo-se abraçado,
Nestas palavras, q'o dever lhe pede,
Do Chefe luso o Grego se despede.

132.

Vencendo o mar, e contrastando os ventos,
Cumpri as saeras ordens do Destino,
Que mandarão, lançasse os fundamentos
Deste nobre edificio peregrino.
Que torne a arar os mares turbulentos,
Tambem m'ordena, e quer; a fronte inclino
Ao seu mandado, a que ninguem resiste,
Ou traga alegre face, ou gesto triste.

133.

Ca vos deixo a Cidade edificada,
Que deve ter por armas as subidas
Torres, que da muralha levantada
Estão nas duas partes mais temidas.
Seja Porto de Cale appellidada,
Palavras, q'algum dia corrompidas
No vindouro serão, para q' o nome
De Portugal o reino todo tome.

134.

Eia pois, grão varão, a quem respeito,
Eu vo-la entrego á vós, e á vossa gente;
S'a obra he minha sim, he de direito
A terra vossa, em q'a fundei somente.
Gozai-a em paz, e o povo satisfeito,
Nella vivendo livre, e felizmente,
Possa hum dia amplia-la de tal modo,
Que cinte o horizonte em roda todo.

135.

Saudoso vou de vós, e, se não fosse
A ordem do Destino, que me obriga,
Comvosco della repartira a posse,
Todos formando huma familia amiga.
Porem ventura tão suave, e doce,
Não quer a lei do Fado, que consiga;
Assim ficai em paz, e venturosos
Dias sempre vos dem os ceos bondosos.

156.

Fallára o grego Rei, e os repetidos
Adeoses sôão com vivaz ternura
Entre os lusos, e gregos commovidos,
De dor em tão saudosa conjunctura.
Deixando os leitos, sempre humedecidos,
Então surdirão fóra da agua pura
As Dórides c'o Douro, q'a partida
Querem honrar da gente esclarecida.

157.

Já, sôlta a branca vela, que pendendo
Vai das negras antenas reforçadas,
As náos do rio as aguas vão bebendo
Com as do mar salgado misturadas.
Engólfão no Oceano, e vão fazendo
As prolixas derrotas costumadas,
Thé q'outra vez na Dáunia fundeárão,
Segundo he fama, aonde se ficárão.

158.

Só comvosco, Senhora, agora fallo
De Pedro Augusto, Filha Soberana,
Já q'ouvir-me não pode, e só chora-lo
Me cumpre, quanto cabe em dor humana.
Oh! quem podesse á vida revoca-lo
Para escutar a musa lusitana.
Que seu Nome tomou por ledo auspicio,
Quando as bases lançou deste edificio.

139.

Mas, de tão grande Pái tão digna Filha,
Já que delle no ser, Senhora, herdastêis
Dotes, q' o Ceo a raros em partilha
Prodiga, e que Vós n'alma enthezourasteis;
Já que sois mais q'humana maravilha,
Que Lisia co' a presença afortunasteis,
D'escutar, bem que pouco, ou nada, posso,
Meus concentos finaes o jus he vosso.

140.

Vós como Filha, e gloriosa herdeira
D'hum Pái, q' o Ceo formou quasi divino
Só para executar com mão guerreira
As altas ordens d'eternal destino,
Marchai na q'elle abrio nobre carreira,
Pois, qual do sol o raio matutino
Em Vós la mesmo da celeste esfera
A luz da sua gloria reverbéra.

141.

A luz da sua gloria em Vós resplende
Na C'rôa, que cingis, fulgente, e clara;
Brilha no nobre ardor q'em Vós se accende,
De sustentar a obra, que fundára;
Fulgura nesse laço, que vos prende
Ao bem commum da patria, e que o ligára
A ponto d'esquecer a doce vida
Entre a de Marte irado horrenda lida.

142.

Do vosso Nome a gloria auspiciosa,
Que desde o berço infantil vos sôa,
Foi precursora sim presagiosa
Dessa, que sobre o Sólio vos corôa.
Em torno á minha lyra sonorosa
Ella brilhante, e circumfusa, vôa,
Q'em sinal de respeito, e vassalagem,
Vos tributa esta ultima homenagem.

143.

Meu canto vai findar, Alta Monarca,
Radiante splendor do Luso Trono,
Cujo nomo, afrontando a lei da Parca,
A mudêz vencerá do eterno somno.
Se meu estro, q'estreita esfera abarca,
Mui pouco produzio em seu abono,
Senhora, bem sabeis, q'os genios claros
Forão, são, e serão, sempre mui raros.

144.

Bem sabeis, q'essa Grecia sabedora
Hum só unico Homero produzira,
A Ausónia hum só Virgilio, que sonora
Fez resôar a magestosa lyra.
Lisia, de grandes génios productora,
Só pelo seu Camões inda suspira;
Hum armónico Taço, hum Milton forte,
Só a duas nações mandou a sorte.

145.

Com timorato pé nesta carreira
Tão afanosa entrei, sempre lembrado
De que nunca bebeo aura fagueira
O Vate, quanto mais fosse elevado.
Em a nossa a Camões, e na primeira
Idade ao grande Homero celebrado,
Vio Lisia, e vio a Grecia, que o disputa,
Ás portas mendigar de gente bruta.

146.

Augustos, das sciencias protectores,
Ou sábios Poliões, sábios Mecenas,
Só vem de longe em longe, e seus favores
Então fazem vôar altas Camenas.
Se raros são insignes escriptores,
Q' a patria illustrão com illustres pennas,
He porque raros são sempre os Augustos,
Que os animão com dar-lhes premios justos.

147.

Oh! quam ditoso fôra, se vivera
Homero, quando o Macedónio ovante
Hum riquissimo cofre enobrecera
Co' a soberba Iliáda altisonante;
Quando os tectos de Pindaro venera
Em Thebas, q'arruinou com mão possante;
Porem o genio só dos Alexand'es
Valia sabe dar aos genios grandes.

148.

Mas comvosco, Senhora, luzir vejo
Dos Augustos, Duartes, e Dinizes,
Em Lisia, e não m'engana o meu desejo,
As épocas brilhantes, e felizes.
Sob o sceptro, q'alçaes, como prevejo,
Nunca serão as letras infelizes;
Não morreráõ Camões em pobres leitos,
Nem Pachecos, heróes de fortes peitos.

149.

Este reino, q'he vosso, tão famoso
No globo assomará, e tão luzente,
Que tem de florecer sempre abundoso,
Sempre em armas, e letras, excelente.
O sábio preiniando, e o valoroso,
Da máquina civil eixo potente,
Sempre affavel, piedosa, embrandecida,
Sereis bem mais amada, que temida.

150.

Espalhará a pródiga Amalthêa
Sobre Lisia a riqueza, e abundancia;
Virá, voltando ao mundo, a diva Astrêa
Da sacra Thémis habitar a estancia,
A luz da sapiencia, que fulgêa,
Dessipará as trevas da ignorancia,
Se o Ceo nos outorgar com mãos piedosas
Tempos melhores, éras mais ditosas.

151.

Opprimida será co'a lusa armada
Do rebramante mar a verde espalda;
Só para ser temida, e respeitada,
Entrega ao vento a vela, qúe desfralda.
Em Vós a esp'rança póem Lisia aditada,
Esperança, q'o Ceo não fará balda:
Comvosco a salvará, qual já salvára
Do naufragio oppressor, com que lutura.

152.

Se a inveja, contra mim enfurecida,
Lançar o seu veneno truculento,
Largando inteiramente a solta brida
A severo Aristarco virulento,
Abalo não me dá, q'em quanto ha vida,
Nunca se deo louvor, fosse a hum portento;
Porem, se o canto meu com brando afago
Olhardes, ficarei contente, e pago.

153.

Não aspiro a louvor, nem gloria anhelo,
Pois sei, que minha lyra mal-soada,
Inda q'a outras sirva de modelo,
Nem ditosa será, nem afamada.
Só meu empenho foi, foi meu desvelo
Do berço meu a gloria, que cantada
Ser devia na lyra mantuana,
Na trombeta meonia, ou na thebana.

154.

Se pude engrandecer a patria minha
Quanto cabia em mim, nenhuma esp'rança
De grata recompensa me mantinha,
Porq' em busca-la o Vate em vão se cança;
Nem a gloria lhe vem por certo asinha;
Que, para prova de que tarde a alcança,
Só hoje a gloria he, que circumda, e cobre,
Hum immortal Camões, que morreo pobre.

155.

Não incensei vãos idolos da terra,
Que só adora musa envilecida;
Na minha, tendo só o vicio guerra,
Nunca a lisonja encontrará guarida;
Posto que baixa, adulações desterra;
Vóz não dá de louvor desmerecida;
Immérito louvor he sempre nullo;
Merece o premio, que lucrou Marulo.

156.

Assim em quanto a inclita Cidade,
Que cantei, existir na vóz da Fama,
Qual Palidio da lusa lealdade,
Q' o Throno, e patrias liberdades ama,
Nos paços da perene Eternidade
Meu nome orne talvez de Phebo a rama,
Com q' a pósthuma gloria insigne e summa.
A musa não vulgar prendar costuma.

FIM.

ERRATAS.

CANTO 1.º

Oitavas	Versos.	Erros.	Emendas.
17	1	Vermos	Veremos
19	2	Bardania	Dardania
55	7	E mal toca	E mal que toca
61	3	Couto	conto

CANTO 2.º

19	3	Trague-me....	Traguem-me
106	8	ulcellos.....	ululos
110	4	e entregava....	o entregava
126	1	Esses.....	Esse

CANTO 3.º

33	3	maruthonio....	marathónio
34	7	no he.....	não he
72	4	ancioso.....	anciosa
87	2	arguias.....	aguias

CANTO 4.º

88	6	A palacio.....	Ao palacio

CANTO 5.º

30	6	Quem.....	Que
42	8	Qual.....	Quaes
69	1	couto.....	conto
»	5	mouto.....	monto

CANTO 6.º

8	3	Senteu-se....	Sentem-se
11	1	forca.....	força
33	4	Ullisses.....	Ullisse
38	3	tanto.....	tento
83	8	circulo.....	cérulo

CANTO 7.º

Oitavas	Versos.	Erros.	Emendas.
30	2	torno.....	trono

CANTO 8.º

5	5	o rodêa.....	a rodêa
108	2	Recobre.....	Recobra
110	5	Cadeno.....	Cádmo
124	7	nao he por.....	não he, que por &c.

CANTO 9.º

11	5	accessa.....	accesa
13	5	Filosophia.....	Filosóphica
13	5	accesso.....	acceso
71	5	odores.....	odoros

CANTO 10.º

5	7	consume.....	consome
16	5	Q'huma.....	Q'humas
22	7	á vida.....	ávida
31	6	amente.....	amante
32	5	no occidente...	ao occidente
33	4	refarçava.....	reforçava
99	5	menezes.....	Menezes
106	4	pezon.....	pezou
113	5	está indignado.	está todo indignado
117	4	escelhei.....	escolhi
119	5	inminentes....	emininentes
129	6	o commercio..	do commercio.